

DE CÂMARA DE LOBOS A CURRAL DAS FREIRAS

DA BAÍA À SERRA, POR ENTRE LOMBOS E LEVADAS

FÁBIA LUÍSA SOUSA DE FREITAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA
À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARQUITECTURA

ORIENTADOR(A): ARQUITECTA MARIA SOFIA SANTOS





*Do vale à montanha e do mar à serra,
Teu povo humilde [...]
Entre a rocha dura te lavrou a terra, [...]*

*Herói do trabalho na montanha agreste,
Que se fez ao mar [...]*

in Hino da Região Autónoma da Madeira

Agradeço àqueles que contribuíram para a concretização desta tese,

à professora Sofia pela dedicação e acompanhamento rigoroso e constante incentivo e motivação transmitidos ao longo de todo o processo de trabalho,
ao Engenheiro Duarte Costa e à DROTA, pela disponibilidade de informações cartográficas relativas ao concelho de Câmara de Lobos,
ao Rick pelo apoio e incentivo incondicionais,
aos meus amigos, Mariana, Juliana, Nuno e Lourdes, pela ajuda e acompanhamento nas diferentes fases do trabalho e sob as mais diversas formas,
aos meus pais e irmãs pela paciência, carinho e motivação contínuas.

LISTA DE IMAGENS	IX
GLOSSÁRIO	XIX
RESUMO	XXIX
ABSTRACT	XXXI
INTRODUÇÃO	1
ObjectoeTema.....	1
Objectivo e Motivação	3
Metodologia.....	5
I CÂMARA DE LOBOS NA ILHA	9
1 – A forma do território	9
1.1 A Ilha	9
- Orografia e Hidrografia	1
- Clima	13
1.2 Câmara de Lobos	13
- Orografia e Hidrografia	15
- Clima e exposição solar	17
2 – O território no tempo	17
2.1 Os primeiros assentamentos	19
2.2 Factores relevantes e determinantes para os assentamentos	23
2.3 Os assentamentos, a forma urbana e a rede de lugares	25
2.4 Poios, levadas e veredas	29
- Meios de apropriação do espaço e de organização do território	41
II DE CÂMARA DE LOBOS AO CURRAL: DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO	49
1 – A paisagem	49
1.1 A paisagem em meio urbano, rural e serrano	53
2 – O território sobre a alçada do(s) Facho(s)	57
3 – O território dos assentamentos	59
3.1 Por entre lombos	8
3.2 O anfiteatro natural sobre a baía	61
3.3 A <i>cratera</i>	63
III DE CÂMARA DE LOBOS AO CURRAL: OS LUGARES E A FORMA	67
1 – Estrutura e morfologia	67
1.1 Povoamentos	67
- Formas de relação por meio de aglomeração e de dispersão	69
1.2 Cordões de estrutura aproximadamente linear	73
- Formas de relação por meio de percursos	75
2 – Estrutura e espaço(s) público(s)	77
2.1 Do litoral ao serrano	77

3 – A forma dos povoamentos	89
3.1 Câmara de Lobos, núcleo piscatório	91
- Evolução no espaço e no tempo	91
Século XV	91
Séculos XVI e XVII	95
Século XIX	97
Século XX	101
3.2 Linhas de profusão no território	103
3.3 Curral das Freiras, núcleo serrano	111
- Evolução no espaço e no tempo	113
IV FORMA EDIFICADA	117
1– Edificado de excepção	117
1.1 Posicionamento e dinâmicas visuais	117
1.2 Capelas, Igrejas e Convento	121
Igreja de São Sebastião	123
Igreja de Nossa Senhora da Graça	123
Capelas do Espírito Santo e de Nossa Senhora da Conceição.....	125
Convento de São Benardino	127
1.3 Quintas	129
1.4 Forno da Cal	129
2 – Ao pé do mar	131
2.1 A casa de colmo	131
2.2 A casa na relação com as vivências piscatórias	133
2.3 A Rua Direita e a <i>torre</i>	133
3 – Nos lombos e na serra	135
3.1 A Casa de Prazer e o balcão	135
3.2 A casa em contextos rural e serrano	137
3.3 Os palheiros	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
REFERÊNCIAS DE IMAGENS	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	161
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS	165
ANEXOS	169

LISTA DE IMAGENS

Img. 01. Posição do Arquipélago da Madeira no Oceano Atlântico (2014)	8
Img. 02. Planta hipsométrica do Arquipélago da Madeira e divisões administrativas - Madeira, Porto Santo e Desertas (s/ Selvagens) (2014)	8
Img. 03. Planta esquemática de declives da ilha da Madeira (2014)	10
Img. 04. Planta esquemática de usos do solo (2014)	10
Img. 05. Hipsometria, (principais) ribeiras e linhas de festo (2014)	10
Img. 06. Localização e identificação dos povoados em estudo (2014)	12
Img. 07. Divisão administrativa de Câmara de Lobos.(concelho, freguesias e sítios),(2014)	14
Img. 08. Carta da exposição solar do Concelho de Câmara de Lobos (2014)	16
Img.s 09. e 10. Portulano de 1339, por Angelino Dulcert (1933)	18
Img.s 11. e 12. Portulano de c. 1413, por Mecia de Viladestes (1413)	18
Img. 13. Capitánias-donatárias da Madeira, na segunda metade do séc. XVII (a rosa - Funchal; amarelo - Machico), (segunda metade do séc. XVII)	20
Img. 14. Povoamentos da Ilha no tempo e no espaço (a maiúsculas as actuais sedes de concelho) (2014)	20
Img. 15. Povoamentos séc. XV (2014)	22
Img. 16. Povoamentos séc. XVI (2014)	22
Img. 17. Povoamentos séc. XVII (2014)	24
Img. 18. Povoamentos séc. XVIII e XIX (2014)	24
Img. 19. Assentamento linear, Santa Cruz (costa sudeste) (2011)	26
Img. 20. Cotas médias-altas de Câmara de Lobos e Funchal (2013)	26
Img. 21. Aglomerado do Caniçal (nascente) (2011)	26
Img. 22. Arco de São Jorge (costa norte) (2013)	26
Img. 23. Assentamento linear, Calheta (costa sudoeste) (2010)	26
Img. 24. Planta esquemática da distribuição do edificado (2014)	26
Img. 25. Cidade de Machico (2011)	28
Img. 26. Cidade do Funchal (2008)	28
Img.s 27. a 29. Construção dos poios (2014)	30
Img.s 28. a 35. Tipos de disposição de Muros de Suporte (2014)	30
Img.s 36. a 40. Acessos aos poios (2014)	30
Img.s 41 a 47- Construção da levada do Norte,(anos 40-50, do séc. XX)	32
Img. 48. Sistema de rega (exemplo) (2014)	34
Img. 49. Pico do Areeiro (2014)	36
Img. 50. Levada Nova, Tabua, Ribeira Brava (2014)	36
Img. 51. Levada dos Piornais (à direita a Ribeira dos Socorridos) (s.d.)	36

Img.s 52. e 53. Levada secundária, Ponta do Pargo (2014)	36
Img. 54. Caminho do Palheiro (hoje asfaltado), Funchal (s.d.)	36
Img. 55. Principal rede hidráulica: levadas e ribeiras (2014)	36
Img.s 56. a 58. Veredas (2013)	38
Img. 59. Principais veredas da Ilha (2014)	38
Img. 60. Rede de caminhos pedestres: levadas e veredas (2014)	38
Img. 61. Ribeira da Janela, Porto Moniz, 1940	40
Img. 62. Calheta, c. 1943	40
Img. 63. Vale de Machico, déc. 70 do séc. XX	40
Img. 64. Ribeira dos Socorridos, déc. 70 do séc. XX	40
Img. 65. Cruzinhas do Faial, Santana (s.d.)	40
Img. 66. Estreito de Câmara de Lobos (s.d.)	40
Img. 67. Câmara de Lobos (Picos da Torre e do Facho), 2013	40
Img. 68. Esquema geral do aproveitamento hidro-agrícola da ilha da Madeira (2014)	42
Img.s 69. e 70. (Antiga) Estrada Real 27 (Santo António - Curral das Freiras - Boaventura) (s.d.)....	44
Img. 71. Abertura da Estrada do Curral (c. 1960)	44
Img.s 72. e 73. Capela da Alegria, São Roque, Funchal (s.d.)	44
Img.s 74. a 76. Caminho, estrada e via-expresso entre São Vicente e Porto Moniz (Ribeira do Inferno) (s.d.)	44
Img.s 77. a 78. Pico do Rancho, Câmara de Lobos (s.d.)	44
Img. 79. Planta das áreas e densidades urbanas, na relação com as principais redes: viária (estradas e veredas) e hidráulica (ribeiras e levadas) (2014)	46
Img. 80. Principal rede de estradas da Madeira (2014)	46
Img. 81. Planta de áreas e densidades urbanas (2014)	46
Img. 82. Rede de caminhos pedestres na relação com as áreas urbanas (2014)	46
Img. 83. Câmara de Lobos: distribuição e organização (2013)	48
Img. 84. Caniço (1940)	50
Img. 85. Caniço (2014)	50
Img. 86. Estreito de Câmara de Lobos (c. 1949)	50
Img. 87. Estreito de Câmara de Lobos (2013)	50
Img. 88. Porto Moniz (c. séc. XX)	50
Img. 89. Porto Moniz (2012)	50
Img. 90. Machico (1968)	50
Img. 91. Machico (2014)	50
Img.s 92. a 94 Funchal visto do Pico dos Barcelos (década de 50, séc. XX)	52
Img. 95. Funchal visto do Pico dos Barcelos (2014)	52

Img. 96. Planta esquemática com a área de influência do Pico do Facho e relação com pontos notáveis, (2014)	52
Img. 97. Paisagem em meio urbano - Câmara de Lobos (2013)	54
Img. 98. Paisagem em meio urbano no litoral vs Paisagem em meio rural nos lombos e lombadas - Câmara de Lobos (2013)	54
Img. 99. Paisagem em meio serrano - Curral das Freiras (2013)	54
Img. 100. Paisagem em meio Rural - Estreito de Câmara de Lobos e Jardim da Serra (vista do Pico da Torre) (2013)	54
Img. 101. Planta esquemática com a área de influência visual do Pico do Facho e Identificação de outros pontos com toponímia (Pico, Cabeço...) relacionada com o sistema de Vigias e/ou notáveis(com eminência e relevância na percepção e defesa do território) - especial atenção na leitura da costa de Câmara de Lobos e baía do Funchal (2014)	56
Img. 102. Planta esquemática com a área de influência do Pico do Facho e relação com pontos notáveis (2014)	56
Img. 103. Planta esquemática de declives (2014)	58
Img.s 104. e 105. Cortes pela linha de profusão no território(que liga a vila de Câmara de Lobos ao Curral das Freiras) (2014)	58
Img. 106. Relações de orientação marítima por reconhecimento visual (2014)	60
Img.s 107. e 108. Relações de orientação marítima por reconhecimento visual	60
Img. 109. Relações de orientação marítima por reconhecimento visual, (1864)	60
Img. 110. Câmara de Lobos - anfiteatro natural (2014)	62
Img. 111. Corte pelo Pico da Torre e Ilhéu (2014)	62
Img. 112. Curral das Freiras - a cratera (2014)	64
Img. 113. Corte pela Achada, Curral das Freiras (2014)	64
Img. 114. Curral das Freiras, visto da Eira do Serrado (2013)	64
Img. 115. Câmara de Lobos – arruamentos (2014)	68
Img. 116. Ilhéu (2013)	70
Img. 117. Rua Direita e Ruas do século XIX (2013)	70
Img. 118. Ilhéu, visto do Caminho da Trincheira (2013)	70
Img. 119. Envolvente da Rua da Portada, a partir do Ilhéu (2013)	70
Img. 120. Baía de Câmara de Lobos, vista do Pico da Torre (2013)	70
Img. 121. Câmara de Lobos – estrutura (2014)	70
Img.s 122. a 127. Curral das Freiras – estrutura (2014)	72
Img. 128. Sítios da Seara Velha e do Lombo Chão, no Curral - edificado inserido em agrícola e meio serrano (2014)	74
Img. 129. Sítios da Balceira e da Capela, no Curral - edificado inserido em agrícola e meio serrano (2014)	74
Img. 130. Sítios da Achada e Casa Próximas, Curral - edificado inserido em estrutura agrícola e meio serrano (2014)	74
Img. 131. Ortofotomapa por entre lombos e lombada - cordões de estrutura aproximadamente linear	74

Img. 132. Por entre lombos (Este de Câmara de Lobos) - cordões de estrutura aproximadamente linear (2013)	76
Img. 133. Cordões de estrutura aproximadamente linear (dispersa), ao longo de estrada regional (Oeste de Câmara de Lobos (2013)	76
Img. 134. Sítio do Garachico, Estreito de Câmara de Lobos - cordões de estrutura aproximadamente linear (2013)	76
Img. 135. Câmara de Lobos - espaço público (2014)	78
Img.s 136. a 154 Espaços públicos de Câmara de Lobos (2014)	80
Img. 155. Estreito de Câmara de Lobos - Espaço Público (2014)	82
Img. 156. a 163. Espaços públicos do Estreito de Câmara de Lobos (2013)	84
Img. 164. Jardim da Serra (2014)	84
Img. 165. Curral das Freiras - Espaço Público (2014)	86
Img.s 166 a 175- Espaços públicos do Curral das Freiras (2014)	88
Img. 176. Câmara de Lobos - século XV (2014)	90
Img. 177. Câmara de Lobos - século XVI e XVII (2014)	94
Img. 178. Câmara de Lobos - século XIX (2014)	96
Img. 179. Câmara de Lobos - século XIX.Planta do Forte de São Sebastião de Câmara de Lobos (António Pedro de Azevedo Ten C.el, c.1864)	96
Img. 180. Câmara de Lobos - século XIX.Fortes da Ribeira dos Socorridos e Câmara de Lobos (António Pedro de Azevedo, c.1842-62)	96
Img. 181. Câmara de Lobos - final do século XIX	96
Img. 182. Câmara de Lobos, Frank Dillon, 1850	98
Img. 183. Câmara de Lobos, Robert White, 1851 (publicação)	98
Img. 184. Cabo Girão, John Fredrick Eckersberg, 1852	98
Img. 185. Câmara de Lobos - século XX (cerca de 1983) (2014)	100
Img. 186- Câmara de Lobos antes da construção das ruas dos Quintais e do bairro do Ilhéu - bilhete postal das primeiras décadas do séc. XX	100
Img.s 187. a 189. Praia do Vigário, (séc.XX)	102
Img. 190. Baía de Câmara de Lobos em meados do século XX	102
Img.s 191 a 193. Evolução do povoado ao longo do século XX	102
Img.s 194 a 196. Largo da República e Ilhéu, ao longo do século XX	102
Img. 197. Principal rede viária da Ilha da Madeira - Robert White, 1857	104
Img. 198.Principais vias de comunicação no século XIX por entre lombos-linhas de profusão (2014). 104	
Img. 199. Rua da Igreja e Largo do Patim, 1925	106
Img. 200. Igreja, antigo cemitério e rua Cónego Agostinho Faria, c.1920	106
Img. 201. Rua da Igreja, c. 1960	106
Img. 202. Rua da Igreja, antes de 1960	106
Img. 203. Rua da Igreja, 1960	106

Img. 204. Estreito, principais vias no século XIX e núcleos centrais dos séculos XIX a XXI (inseridos na estrutura actual) (2014)	106
Img. 205. Vista a partir do adro da Igreja do Estreito. Em cima à direita: caminho Velho do Fôro - via de ligação entre Estreito e Jardim da Serra. (s.d.)	108
Img. 206. Caminho da Azinhaga, actual rua Capitão Armando Correia, no Estreito - trecho de ligação ao Jardim da Serra, c.1920	108
Img. 207. Jardim da Serra, principais vias do século XIX, inseridas na estrutura actual; e marcação do núcleo central actual (2014)	108
Img.s 208. a 210. Curral das Freiras - no século XIX (2014)	110
Img. 211. Curral das Freiras no início do século XX	112
Img. 212. Curral, c. 1960	112
Img.s 213. a 215. Curral das Freiras em meados do século XX	112
Img.s 216. a 218. Curral das Freiras - final do século XIX	114
Img. 219. Edifícios religiosos no espaço e no tempo - dinâmicas espaço-visuais (2014)	118
Img. 220. Coroa de Igrejas Paroquiais e capelas pertencentes a fazendas - meados do século XX..	120
Img. 221. Coroa de Igrejas Paroquiais e capelas pertencentes a fazendas – 2014	120
Img. 222. Coroa de Igrejas Paroquiais - vista a partir da via-rápida no troço Funchal - Câmara de Lobos (2014)	120
Img.s 223. e 224. Capela da Vera Cruz (2014)	120
Img.s 225. e 226. Capela de N ^a Sr ^a da Conceição (2014)	120
Img.s 227. e 228. Capela de N ^a Sr ^a da Boa Hora (2014)	120
Img. 229. Capela e Solar de de N ^a Sr ^a da Nazaré (2014)	120
Img.s 230. e 231. Capela de N ^a Sr ^a das Preces (s.d.)	120
Img.s 232. e 233. Capela de São João (s.d. e 2013)	120
Img. 234. Solar e Capela de N ^a Sr ^a da Encarnação (s.d.)	120
Img. 235. Capela de N ^a Sr ^a da Consolação (2014)	120
Img. 236. Capela de São Cândido (2014)	120
Img. 237. Capela de Sant'Ana (2014)	120
Img. 238. Solar e Capela das Almas (2014)	120
Img. 239. Capela N ^a Sr ^a das Dores, (2014)	120
Img. 240. Quinta e Capela de Santo António (s.d.)	120
Img. 241. Convento e Capela de N ^a Sr ^a da Piedade (2014)	120
Img. 242. Capela de São Cristóvão, (2014)	120
Img. 243. Cap do Calvário (séc.XX e 2013)	120
Img. 244. Capela N ^a Sr ^a de Fátima (início séc.XX e 2013)	120
Img.s 245. a 256. Igrejas (2013)	122
Img.s 257. a 260. Igreja de São Sebastião, (2013)	124
Img.s 261. e 262. Igreja de N ^a Sr ^a da Graça (2013)	124

Img. 263. Capela do Espírito Santo (2014)	126
Img.s 264. a 267. Capela de N ^a Sr ^a da Conceição (2013)	126
Img. 268. Projecto de reabilitação e restauro do Convento de São Bernardino, de Victor Mestre	126
Img. 269. Convento de São Bernardino (actualmente em obras) (s.d.)	126
Img. 270. Quinta do Jardim da Serra, construída no início do séc. XIX (2013)	128
Img. 271. Quinta do Estreito, datada da primeira décadas do séc. XX (s.d.)	128
Img. 272. Solar da Quinta de São João, (possivelmente) do séc. XVII ou anterior (s.d.)	128
Img. 273. Forno da Cal (2013)	128
Img. 274. Casas de Colmo no Ilhéu (e Forte de São Sebastião). (final séc.XIX - início séc.XX) ...	130
Img. 275. Casas de Colmo no Ilhéu e bairro dos pescadores na Vila. (final séc.XIX - início séc.XX)..	130
Img. 276. Construções de Colmo, rua Nova da Praia. (bilhete postal em circulação em 1900) ...	130
Img. 277. Casas, edifícios de duas frentes (2014)	132
Img. 278. Edifícios de duas frentes, relação entre as composições dos alçados (2014)	132
Img.s 279. e 280. Edifício de duas frentes, Bar N ^o 2 (2014)	132
Img.s 281. e 282. Edifício de duas frentes, Bar do Mar (2014)	132
Img. 283. Meia-casa, Caminha, Viana do Castelo (s.d.)	132
Img.s 284. e 285. Edifícios da rua Direita, Câmara de Lobos (2013)	134
Img. 286. Principais arruamentos da Ribeira Brava, nos anos 60 - 70 do séc. XX	134
Img.s 287. e 288. Torre de ver o mar da antiga junta de freguesia de Câmara de Lobos (2013) ...	134
Img. 289. Casa de Prazer e Torre, Câmara de Lobos (2013)	134
Img. 290. Torres de ver o mar e Casa de Prazer, Funchal. (séc.XX)	134
Img. 291. Torres de ver o mar, nas proximidades do largo do Colégio, Funchal. (s.d.)	134
Img. 292. Casa de Prazer, casa com loja e balcão, trecho da antiga estrada real 25 (2014)	136
Img. 293. Casa de Prazer, cam. do Ribeiro Real, datada de 1944 (2014)	136
Img.s 294. e 295. Casas de Prazer, na rua Dr. António V. Castro Jorge, no Estreito de Câmara de Lobos (2014)	136
Img. 296. Balcões, Curral das Freiras - o de baixo: com banco corrido e sem vista para a paisagem	136
Img. 297. Balcão (pequeno) com banco corrido, Estreito de Câmara de Lobos (2014)	136
Img.s 298. a 304. Casas nos lombos (2014)	138
Img.s 305. a 306. Casas na serra, (2014)	138
Img.s 307. a 309. Palheiro adossado e embutido em muro de poio, Curral das Freiras (2014)	140
Img.s 310. a 313. Palheiro de duas águas com aproveitamento do desvão, Curral das Freiras (2014)	140
Img.s 314. e 315. Palheiro de duas águas com aproveitamento do desvão e acesso lateral, Curral	140
Img. 316. Casa na serra com palheiro adossado, Curral (2014)	140
Img.s 317. a 320. Furnas no Curral das Freiras (2014)	142
Img.s 321. a 325. Palheiros nos lombos, Ponta do Pargo (Calheta) (2014)	142

GLOSSÁRIO

Geografia

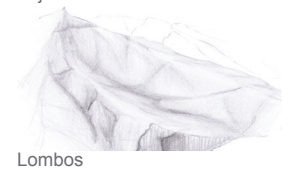
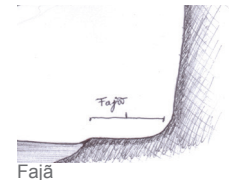
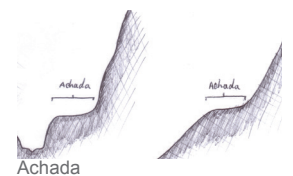
ACHADA: Planalto/chã/planície pouco extenso(a) encostado(a) ao flanco de uma montanha ou vertente de um vale. Muito utilizado toponimicamente.

FACHO (Pico): Associado à actividade do **facheiro**. É o local onde, antigamente, se localizava um ponto de VIGIA marítima – geralmente num ponto alto à beira-mar e visível de vários pontos do território e, eventualmente, do mar. Fazia parte de um vasto e elaborado sistema de vigia e sinalização (por fogo/fogueiras – os **fachos**) que funcionava por comunicação visual – pico a pico.

FAJÃ: Terreno baixo e plano (muitas vezes junto à costa), de maior ou menor extensão, resultante de desprendimentos de uma encosta ou arriba, sendo geralmente bastante productivo. Muito empregado toponimicamente, em toda a Ilha.

LOMBADA: Encosta de um monte ou outeiro. – pequena elevação de terreno.

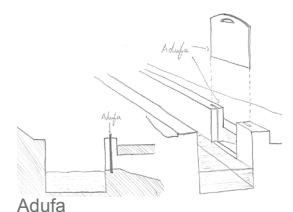
LOMBO: Encosta ou vertente de terrenos elevados. É muito usado toponimicamente: Lombo de...



Estruturas e Mecanismos

ADUFA: Pequena comporta ou abertura no **mainel das levadas** para dar vazão à água nos pontos de irrigação.

BUCHA DO POÇO: estrutura muito frequente construída no interior do solo, normalmente com início no muro de um **poio**, onde se fazem as descargas



das águas anteriormente armazenadas (em poços), a partir *donde* são encaminhadas para os **poios** de uma determinada fazenda. = **MINA DE ÁGUA (COM TANQUE)**.

CAIXA DA LEVADA: É o próprio canal, excluindo o seu caudal.

CAIXA DIVISÓRIA: Local de repartição rigorosa de canais que acarretam um caudal abundante, destinado a ser dividido em dois, três e quatro **lanços** ou canais secundários para a irrigação em diversos pontos.

CALÇADA PÉ-DE-BOI: Tipo de calçada aplicada em vias (por vezes só numa faixa central da via) com inclinação superior a 10%. Tem esta denominação pelo facto da distância entre degraus ser equivalente à das passadas do boi – este sistema surgiu com a necessidade de se facilitar: a subida dos bois, em grandes ladeiras, aquando da sua utilização para tarefas de tracção; e a descida das mesmas, evitando que o animal escorregasse.

ESPLANADA: É a **vereda** (pequeno caminho) adjacente e paralela à **levada** que, geralmente, a acompanha em quase toda a sua extensão e que serve para se fazerem as necessárias vistorias e reparações. Na maior parte das vezes, é aproveitada como caminho para os moradores das proximidades e pelos agricultores que a utilizam nas deslocações e transporte de produtos. São também, num panorama mais actual, utilizadas por caminhantes em descoberta das paisagens, cultura e *belezas naturais* madeirenses.

FURADO: Túnel. Expressão adoptada para designar pequenos túneis ou estreitos caminhos subterrâneos destinados à passagem dos canais.

GIRO (levadas): O período de tempo da irrigação e o que decorre entre uma rega e a seguinte, sendo que pode ser dividido em **giro pequeno** e **giro grande**. No entanto, num sentido mais vasto, **giro** corresponde ao período inteiro da irrigação que normalmente vai do mês de Abril ou Maio ao fim de Setembro.

LANÇO: A cada uma das divisões de um caudal que se reparte para se proceder a irrigações em distintos pontos, aplica-se a designação de **lanço** ou **ramal** – por vezes, susceptível de subdivisão.

LEVADA: Canal, corrente, rego ou canaleta (pequeno canal) construído para conduzir a água. Estes canais, na sua maioria (–os mais antigos), com cerca de 50 centímetros de profundidade e 70 (ou mais, mas nunca mais de um metro) de largo, conduzem a água (que vai brotando em diferentes pontos) desde lugares muito altos para mover engenhos, para os tanques ou para a irrigação. As **levadas** partem quase todas de pontos centrais da Ilha, a cotas altas ou médias-altas que, através de vários ramais, acabam por levar a água até as cotas mais baixas. Umas são de pendente acentuada (quando no cimo de lombos e lombadas), outras de pendente estável (quando acompanhando as curvas de nível). Na sua maioria, partem dos caudais das ribeiras e algumas delas medem dezenas de quilómetros de comprimento. Inicialmente, alguns dos seus trechos eram construídos em madeira, outros em pedra; as mais recentes já foram construídas em betão ciclópico. Desde sempre, a sua construção acarretou perigos e trabalhosos custosos: em Saudades da Terra, Frutuoso faz a seguinte descrição: *Perto da fonte onde nasce a agoa desta ribeira dos Socorridos, se tirou a levada della [...]* e dizem que do lugar donde a começaram de tirar até donde se começam a regar os canaviais há bem quatro legoas, por se tirar de tão grande fundura da ribeira em voltas [...] da qual altura, que he muito



ingreme, se tira a agoa em cale de páo em voltas, até se pôr na terra feita, e sem falta custou [...] muitas mortes de homens que trabalhavam nela em cestos amarrados com cordas pendurados pela rocha [...] Tem duzentos e outenta lanços por onde vai esta agoa, que postos enfiados hum diante do outro terão hum quarto de legoa de comprido: são de taboado de til, que pela mayor parte tem cada taboa vinte palmos de comprido, e dous e meyo de largo; e depois de assentadas estas cales na rocha, fazem o caminho por dentro dellas os levadeiros, que continuamente tem cuidado de as remendar e concertar, alimpandoas também da sugidade e pedras que acontece cahir nellas, e fazer outras cousas necessárias á levada[...].¹

MADRE DA LEVADA: Designação dos seus locais de origem ou pontos de confluência com outros canais. Paredes de alvenaria ou de barro que formam as levadas. Esta terminologia parte do facto de, noutros tempos, na Madeira, designar-se de “madre de água” o ponto em que germinavam as nascentes.

MAINEL: Parede(s) da levada que forma(m) o aqueduto/canal das levadas e, particularmente, a parte que avança acima do solo adjacente.

POÇO: Denominação dada aos tanques: de rega, de abastecimento (das habitações) e de lavagem de roupa.

POIO: Porção plana de terreno numa encosta, sustida por um muro. = **SOCALCO**.

VEREDA: Caminho estreito, geralmente em terra batida ou em cascalho/seixo, que percorre e acompanha o território e que era utilizado para actividades pastorícias e agrícolas e/ou como meio de ligação/acesso a várias localidades isoladas(ou não) – por vezes também faziam a ligação entre as costas Norte e Sul da Ilha. Caminho secundário que permite encurtar caminho ou chegar mais rapidamente. = **ATALHO**

VIGIA: 1-Operacionada por vários indivíduos que, percorrendo as margens das levadas, têm como missão manter livre a passagem do caudal e o seu correcto funcionamento. 2- Estação militar e fiscal da qual se vigiava o mar, as costas e praias e a partir da qual se dava alarme de navios inimigos e se evitava contrabandos. Estas tinham sede em pequenas casas fortes (resistentes ao mar) e cabia aos populares fazer as vigias (por sistema de rotação). Quando instaladas em pontos altos da faixa marítima ou do interior e cujo alarme era dado aos habitantes por meio de fachos ou fogueiras, eram denominadas **FACHOS**.

Funções e Actividade

BORRACHEIRO: Aquele que conduz o borracho de pele de cabra – transportando o mosto, nestes odres, desde o lagar até ao local onde se faz o vinho. Associam-se, a ele, cantares tristes e ritmados que acompanham o seu passo – por vezes penoso – enquanto transporta o **borracho**. É, portanto, do **borracho** que advém o nome pelo qual ficou conhecido.

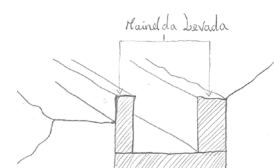
BORRACHO: Odre destinado ao transporte do mosto, feito de pele de cabra devidamente tratada e preparada. O resultado final é um recipiente que se adapta ao dorso do homem que o carrega.

CABREIRO: Alcinha dos curralenses (habitantes do Curral das Freiras) que advém

1- Transcrição de AUGUSTO DA SILVA, Fernando; MENESES, Carlos Azevedo. *Elucidário Madeirense*, vol.II, p. 462



Madre da Levada



Mainel



Borracheiros e borracho.

da sua origem associada/ligada à pastorícia.

CHARNOTA ou **CHERNOTA**: Uma das alcunhas por que é conhecido o habitante de **Câmara de Lobos** e, principalmente, a sua classe piscatória. Terá origem no facto dos pescadores camaralobenses utilizarem estes termos para denominarem os chernes pequenos.

CURRALEIRO: Expressão utilizada pelos demais madeirenses quando se referem ao curralense.

FACHEIRO: No primitivo sistema militar de defesa da costa madeirense, havia o cargo de **facheiro**, encarregado de acender fogueiras no cimo dos picos para avisar as povoações de que embarcações inimigas estavam à vista. Este sistema durou até o governo do Capitão-Geral D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho (1777-1781).

FAQUISTA: Alcinha dos habitantes do **Estreito de Câmara de Lobos**. No Estreito, as cenas de agressão com utilização de “armas brancas” vêm de longa data, o que valeu o rótulo de faquistas aos seus habitantes.

HERÉU: O proprietário de uma qualquer fracção de água de uma **levada**, herdada de geração em geração desde os primeiros construtores das chamadas: **LEVADAS DO POVO** – propriedade comunitária de camponeses.

JUÍZ DA LEVADA: *O Estado considerou-se durante séculos o único proprietário das águas destinadas ao uso comum dos cultivadores das terras, estando a cargo dos donatários, dos governadores gerais e dos governadores e capitães-gerais a direcção de todos os serviços respeitantes às mesmas águas, que para isso nomeavam um “Juiz”, geralmente escolhido entre pessoas qualificadas do nosso meio social. Os “heréus” foram-se a pouco e pouco libertando dessa tutela e adquirindo a propriedade das águas, passando à nomeação de comissões administrativas, que uma lei tornou autónomas e com vida jurídica própria, quando fossem observadas determinadas cláusulas. [...] este regime respeita somente às levadas particulares, pois as do Estado, que contam pouco mais de um século de existência, são administradas pelas respectivas repartições de obras públicas.*²

LEVADEIRO: Pessoa que distribui, rege e faz a manutenção das águas de irrigação e das **levadas**.

PESQUITO: Termo/alcinha depreciativo relacionado com o pescador camaralobense e atribuído aos camaralobenses em geral.

ROCHEIRO: aquele que trabalha a rocha, a pedra.

TANGERINO: Uma das alcunhas por que é conhecido o habitante de **Câmara de Lobos**. Tem origem na palavra Tânger, e quererá traduzir a relação entre os traços fisionómicos de alguns pescadores locais e os habitantes de Tânger, ou do Norte de África – o que nos leva a admitir a hipótese de alguns dos primeiros pescadores que se fixaram em **Câmara de Lobos** terem ascendência árabe.

VIGIA: Aquele que se encarrega das vigias (na costa marítima)

XAVELHA: Denominação por que é conhecido o habitante de **Câmara de Lobos**. Esta estará relacionada com um tipo de barco – o xavelha – utilizado pelos pescadores deste centro piscatório.

2- AUGUSTO DA SILVA,
Fernando; MENESES,
Carlos Azevedo. *Elucidário
Madeirense*, vol. II

Geral

AO PÉ: Ao lado de... À beira de...

BALCÃO: Mirante. Varanda larga – por vezes acompanhada por banco corrido.

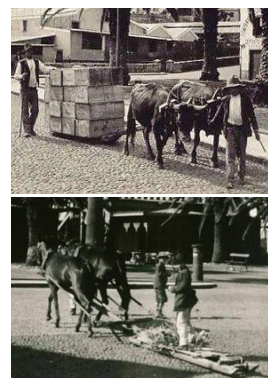
BALCEIRA: Vinha estendida nos ramos de castanheiros e/ou de outras árvores, correspondendo a uma antiga técnica de cultivo da vinha, possivelmente, importada da região do Minho aquando da colonização da Ilha. Esta técnica seria frequente em toda a costa norte da Madeira e no **Curral das Freiras**. Denominação de um sítio que resulta de uma divisão administrativa da freguesia do **Curral das Freiras**.

CORSA ou CORÇA: meio, veículo de transporte de carga que é puxado (de arrasto) por bois (tipicamente) ou mulas. É composto por uma prancha de madeira, com cerca de dez palmos de comprimento e dois de largura puxada através de: uma correia que passa por uma abertura num dos seus extremos; ou de um pau rolado fixado nesta.

FAZENDA: designação que se dá a uma porção de terreno utilizado para a prática da agricultura e/ou da pastorícia, onde se incluem estruturas e edifícios de apoio às mesmas.

GATA: Peixe pescado a uma profundidade de 150 a 900 braças. É também, tal como a sapata, conhecida por bacalhau de **Câmara de Lobos** – dada a sua semelhança, depois de seco, com esta espécie e ao facto de ser **Câmara de Lobos** o seu único local de secagem e preparação.

SESMARIA: Precederam, no arquipélago, os contratos coloniais, respeitando um conjunto de leis que, inicialmente, terão surgido com a finalidade de tornar produtivas as terras que se encontravam ao abandono dos seus proprietários. Posto isto, as leis das **Sesmarias** determinavam que os reis ou capitães-donatários deveriam doar, a particulares que se comprometessem a cultivá-los, os terrenos sem culturas ou abandonados. Muitas vezes, estas terras acabavam por tornar-se morgadios e os seus proprietários deixavam-nas aos cuidados de colonos livres, com o apoio de escravos africanos. **O direito sesmeiro implicava, inicialmente, a construção de uma ermida à volta da qual se fixava a população de cada novo núcleo.**



Corsa

BIBLIOGRAFIA de apoio:
AUGUSTO DASILVA, Fernando;
MENESES, Carlos Azevedo.
Elucidário Madeirense, 3
volumes. Funchal: Secretaria
Regional do Turismo e Cultura,
1998.

AUGUSTO DA SILVA,
Fernando. *Vocabulário popular
do Arquipélago da Madeira*.
Funchal: Junta Geral, 1950.

PEREIRA, Eduardo. C.N.. *Ilhas
de Zargo*. Funchal: Câmara
Municipal, 1940.

RESUMO

Câmara de Lobos e **Curral das Freiras**, são o ponto de partida (e de chegada) de todas as análises que se pretendem expor neste trabalho, tendo em conta que estas não se confinam aos seus limites administrativos e se estendem ao território insular onde se inserem, do qual dependem e fazem parte integrante. Desta feita, faz-se uma aproximação gradual ao objecto de estudo, partindo do geral para o particular, procurando, assim, fazer uma passagem por todas as escalas de e com influência neste. Da mesma forma, abordam-se as várias épocas que se sentiram prementes para a compreensão e análise da forma como (ao longo do tempo) se tem feito a ocupação, estruturação deste território. Assim, esta leitura de escalas e épocas é apresentada em quatro capítulos, onde se aborda cada aspecto com o grau de aprofundamento considerado adequado, necessário a este estudo.

No primeiro capítulo, faz-se uma contextualização geográfica da Ilha da Madeira e **Câmara de Lobos**, descrevendo as suas condições orográficas e climáticas. Faz-se, ainda, uma abordagem histórica do território, incidindo sobre o (re)descobrimento, colonização e povoamento da Ilha. Apresenta-se, também, uma alínea com destaque para três elementos indissociáveis da história, cultura e paisagem madeirenses e com um papel fundamental na estruturação deste território: os **poios** (socalcos), as **levadas** (canais de transporte de água) e as **veredas** (caminhos de pé-posto).

No capítulo dois, faz-se uma inicial aproximação aos objectos de estudo: partindo de uma (tentativa de) análise das *paisagens* e meios, contextos em que se inserem; e terminando com uma descrição do território dos assentamentos e das suas características favoráveis à fixação e às distintas actividades aí desenvolvidas.

O terceiro capítulo, é onde se entra, efectivamente, na análise dos povoados de **Câmara de Lobos** e **Curral das Freiras** e das linhas de profusão no território que ligam estes dois núcleos e englobam o **Estreito de Câmara de Lobos** e **Jardim da Serra**. Aqui, apresenta-se um estudo das *formas* dos assentamentos e das estruturas que os relacionam (entre si) e conformam (individualmente) – sendo que estas resultam das condicionantes e características do território onde se inserem. De seguida faz-se uma breve passagem pela análise dos espaços públicos inerentes a estes núcleos, finalizando-se este capítulo, com uma *investigação* sobre o processo evolutivo (no espaço e no tempo) dos povoados aqui em estudo.

O último capítulo abarca uma pequena análise sobre o edificado encontrado na faixa de território em estudo, tendo em conta: que não se pretende apontar tipos ou tipologias, mas sim a relação que este apresenta com o território; e que as observações aí descritas também podem ser transpostas para o restante território madeirense.

ABSTRACT

Câmara de Lobos and **Curral das Freiras** are the basis of all kinds of analysis to be presented on this work, having in mind the fact that they don't only confine to their administrative boundaries. They expand through the island, where they belong to, depend on and are full part of. This way, we make a gradual approach to the object of study, from a general perspective to a particular one, trying to establish a bridge between the different aspects. This approach applies to the different phases we felt fundamental to both the understanding and analysis of the way this territory has been occupied and structured (throughout the times). Thus, this analogy between scales/grades and times is developed through four chapters; in each chapter, a specific aspect is observed.

In the first chapter, it is done a geographical contextualization of Madeira island and **Câmara de Lobos** describing their orographic and climatic conditions. Furthermore, there is an historical approach of the territory, focusing on the (re)discovery, colonization and settlement of the island. An item will cover three indivisible historical elements from the history, culture and landscape of Madeira island, which play a major role in the definition of this territory: the "**poios**" (terracing), "**levadas**" (aqueducts, waterways) and "**veredas**" (pathways).

In chapter two, there is a first approach to the definition of study: starting with an attempt of analysis of the landscapes and means and ending with a description of the territory, the favourable conditions for the settlement, as well as the development of the various activities there.

Chapter three is about the study of the places/locations **Câmara de Lobos** and **Curral das Freiras** and the line that connects them which also embraces the **Estreito de Câmara de Lobos** and **Jardim da Serra**. Here, a study of the forms of settlements and the structures between themselves and each one individually, as these result from the territory where they are located. Moreover, there is also a brief analysis of public spaces in these areas. To sum up, a study on the evolution of the process (both in space and time) of the studied areas is presented.

The last chapter refers to a small analysis of the construction on the territory. The goal is not to present types or patterns but the relationship between the construction and the territory; the conclusions to be drawn from there are transposable to the rest of the island.

INTRODUÇÃO

Objecto e Tema

O caso de estudo sobre o qual recai a presente dissertação, consiste numa faixa de território com características orográficas e hidrográficas muito específicas e marcadas e na forma como, ao longo dos tempos, tem vindo a ser ocupada pelo Homem – como consequência das actividades e vivências por ele desenvolvidas. Esta faixa territorial pertence à Ilha da Madeira e insere-se no concelho de **Câmara de Lobos** não se cingindo, no entanto, aos limites administrativos do mesmo.

Como objecto de estudo tem-se as *linhas de profusão* que ligam a costa sul ao interior da Ilha, bem como a área de influência destas no território. Estas linhas têm como pólos os povoamentos de **Câmara de Lobos**, no litoral, e de **Curral das Freiras**, no interior da Ilha, num vale com uma configuração que se assemelha a uma boca vulcânica. Tratam-se de duas unidades espaciais demarcadas e conectadas por **levadas** por entre **lombos** e picos e sob a alçada de **fachos**. Apoiados nestas linhas que relacionam **Câmara de Lobos** e **Curral das Freiras**, estarão outros lugares como **Estreito de Câmara de Lobos** e **Jardim da Serra**.

Orograficamente, esta porção de território não possui, particularmente, características muito distintas das encontradas no resto da Ilha, no entanto tem especificidades que a distingue, nomeadamente: o facto de abranger o maciço montanhoso central do qual fazem parte os picos mais altos da Ilha e o facto de ter-se desenvolvido a partir de uma pequena baía natural – onde se fixou uma das primeiras povoações criadas na Ilha da Madeira (1430). **Câmara de Lobos** enquadra-se, assim, no conjunto de primeiros

núcleos de domínio colonial português, dos quais extraem-se singulares princípios de assentamento e de ocupação do território que, por diálogo franco com o lugar, são distintos dos restantes.

Nesta faixa territorial, e dependendo dos seus aspectos e particularidades orográficas, a ocupação humana adopta diversas formas e, portanto, dá lugar a vários tipos de assentamento e utilização do território. É esta relação e constante dualidade entre forma do território e forma construída e de vida, que serve de suporte ao estudo e análise que se apresenta.

Objectivo e Motivação

A arquitectura madeirense, na sua relação com o território – essencialmente dispersa – é tabuleiro de estudo sobre a paisagem domada, constituindo um vínculo de ligação entre Homem e Natureza. Posto isto, o que se propõe nesta prova é, não só, uma análise da *paisagem*, mas também o estudo dos lugares, dos seus tecidos e das suas diferentes dinâmicas no espaço e no tempo, em paralelo com as vivências e *usos* que se foi dando ao território.

O lugar e as características do mesmo têm muita influência nas formas dos assentamentos. Por sua vez, as actividades e acções que se reconhecem no mesmo são, também, um factor determinante na construção da sua identidade. Uma vez que a faixa de território em análise é muito marcada pelos elementos naturais que a constituem, as formas dos assentamentos e seu edificado são muito condicionadas por estes mas, ao mesmo tempo, foi-se sentindo a necessidade de os *trabalhar* de forma a adaptarem-se às actividades do Homem – trata-se de uma constante dialética entre: o Homem a adaptar-se ao lugar e o lugar a ser adaptado e apropriado pelo Homem.

Portanto, tendo como objecto de estudo os lugares de **Câmara de Lobos**, pretende-se estudar as formas de estar e de apropriação no e do território madeirense, condicionadas pela sua situação orográfica e geográfica e enquadradas com as vivências diárias da sua gente – por vezes relacionadas com o mar e por outras com a agricultura.

A escolha destes lugares (Câmara de Lobos, Estreito de Câmara de Lobos, Jardim da Serra e Curral das Freiras) prendeu-se, exactamente, com o facto de a **Vila de Câmara de Lobos** ter constituído um dos primeiros núcleos de povoação da Ilha e com o facto de cada um destes representar uma fase e tipo distintos de assentamento realizados em diferentes épocas do povoamento deste território. Da mesma forma, apesar do **Curral das Freiras** se ter encontrado, inicialmente, sobre o domínio administrativo da freguesia de Santo António (Funchal) e de, por isso, manter uma maior relação de proximidade económica, religiosa e social com esta – mesmo actualmente, é através desta que se faz a única ligação por estrada até ao **Curral** –, denota-se, claramente, que os assentamentos resultantes da *entrada no território* a partir da **Vila de Câmara de Lobos**, tomaram as *linhas*, direcções seguidas pelos percursos (inicialmente somente pedestres) que ainda hoje fazem a ligação entre a costa sul e o interior da Ilha (e a costa norte). Do mesmo modo, optou-se por centrar os estudos nos seus núcleos *históricos*, visto constituírem

pontos de referência no território e no tempo e devido a abarcarem um maior número de funções, actividades.

Um factor de relevante importância é o de este estudo partir de alguém que faz parte da *gente madeirense*: disponho de vivências, conhecimentos e interesses pessoais que, não só, me serviram de motivação para esta análise como também me permitem transpor-lhe mais-valias – como o facto de não se pretender uma análise à distância, mas sim por experiência e reconhecimento *in loco*, com investidas para levantamento do objecto em estudo.

Método e Estrutura

A análise da evolução da malha e forma da paisagem é efectuada segundo a seguinte ordem e Método de trabalho:

1. Reconhecimento da paisagem, dos núcleos piscatórios e serranos, bem como dos seus tecidos e das suas formas construídas, habitacionais e excepcionais, a partir de duas ferramentas: memória do lugar e leitura de mapas e plantas.

2. Preparação de viagens de (re)conhecimento a **Câmara de Lobos**, educando o olhar em função de determinados princípios de assentamento extraídos com base numa análise directa de documentos adquiridos e de desenhos processados.

3. Realização da viagem, onde se vivencia a confrontação de um anterior olhar inocente, destreinado e até mesmo desinteressado, com um saber ver mediado por determinados objectivos, conteúdos e instrumentos inerentes à disciplina da Arquitectura.

4. Descrição e análise da(s) linha(s) de profusão que liga(m) o mar à serra e dos núcleos de assentamento que se encontram coincidentes com esta(s) ou na área de influência da mesma, tendo em atenção questões relativas ao quotidiano e cultura locais e aos conhecimentos técnicos e/ou populares que, ao longo dos tempos, se tem vindo a desenvolver e implementar no território em estudo; e utilizando bibliografia diversa como base de aprendizagem, estudo, comparação e comprovação dos estudos, reflexões e conclusões alcançadas.

5. Sistematização dos princípios de assentamento e construção de um discurso, a partir da escrita, do desenho e da fotografia e que figure uma estruturação e organização coerentes pelo que se pretende uniformizar questões como a escala e o grafismo a utilizar. Posto isto, os elementos cartográficos (plantas, etc.) serão tratados e apresentados às escalas 1:450.000 e 1:80.000; em situações que se requeira uma leitura urbana de pormenor, utilizar-se-á a escala 1:2500; – de referir que estas são as escalas apontadas como gerais e poderão ser utilizadas, pontualmente, outras que se afigurem necessárias.

6. Formalização da tese, ponderação gráfica e revisão.

Estruturalmente, este trabalho organiza-se do seguinte modo:

.A primeira parte recai sobre um curto enquadramento histórico-territorial, onde se faz uma breve passagem pelas formas de assentamento e morfologia geográfica do território Madeirense e do objecto de estudo na Ilha; Aqui, faz-se ainda, a análise e descrição dos princípios de ocupação e processos de desenvolvimento do(s) lugar(es)

de assentamento, ao longo do tempo, na Ilha da Madeira, onde também é debatida a importância dos **poios**, **levadas** e **veredas**;

.Depois analisa-se o território de assentamento dos lugares em estudo – sobre a alçada de **Facho(s)** – apontando as suas características favoráveis à fixação e ao desenvolvimento de determinados tipos de actividades económico-sociais; Do mesmo modo, e na sequência desta análise, tenta-se perceber quais as dinâmicas entre povoados e as relações entre estes e o território que habitam – evidenciadas na paisagem que conformam.

.Aprofunda-se em seguida, o estudo da(s) forma(s) e morfologia(s) urbana(s) que engloba(m) estes lugares e os sistemas em que se inserem – tendo em conta que o que se pretende analisar não é, propriamente, toda a estrutura e rede urbana por estes conformadas, mas sim alguns dos elementos e características que as compõem, definem (às várias escalas); Do mesmo modo, procura-se fazer uma leitura destes povoados no tempo e, portanto, da sua evolução no espaço;

.Finaliza-se com a análise de edifícios excepcionais e de tipos/tipologias de casas e construções inerentes às diversas realidades morfológicas dos lugares em estudo e às actividades humanas aí desenvolvidas.

De referir que, ao longo desta prova, se pretende fazer paralelos e comparações entre as diversas realidades e aspectos em análise, bem como (e caso se afigure necessário e exequível) com outros exemplos/modelos externos ao objecto de estudo.

Uma vez que não existem muitas informações cartográficas relativas à origem e evolução da estrutura urbana em estudo, a análise da evolução e desenvolvimento da mesma terá como principal apoio o conjunto de relações que surgem ao longo do tempo e que organizam o território. Relações essas, que poderão estar sob o domínio de diferentes escalas – do território à unidade edificada.

Guião de leitura:

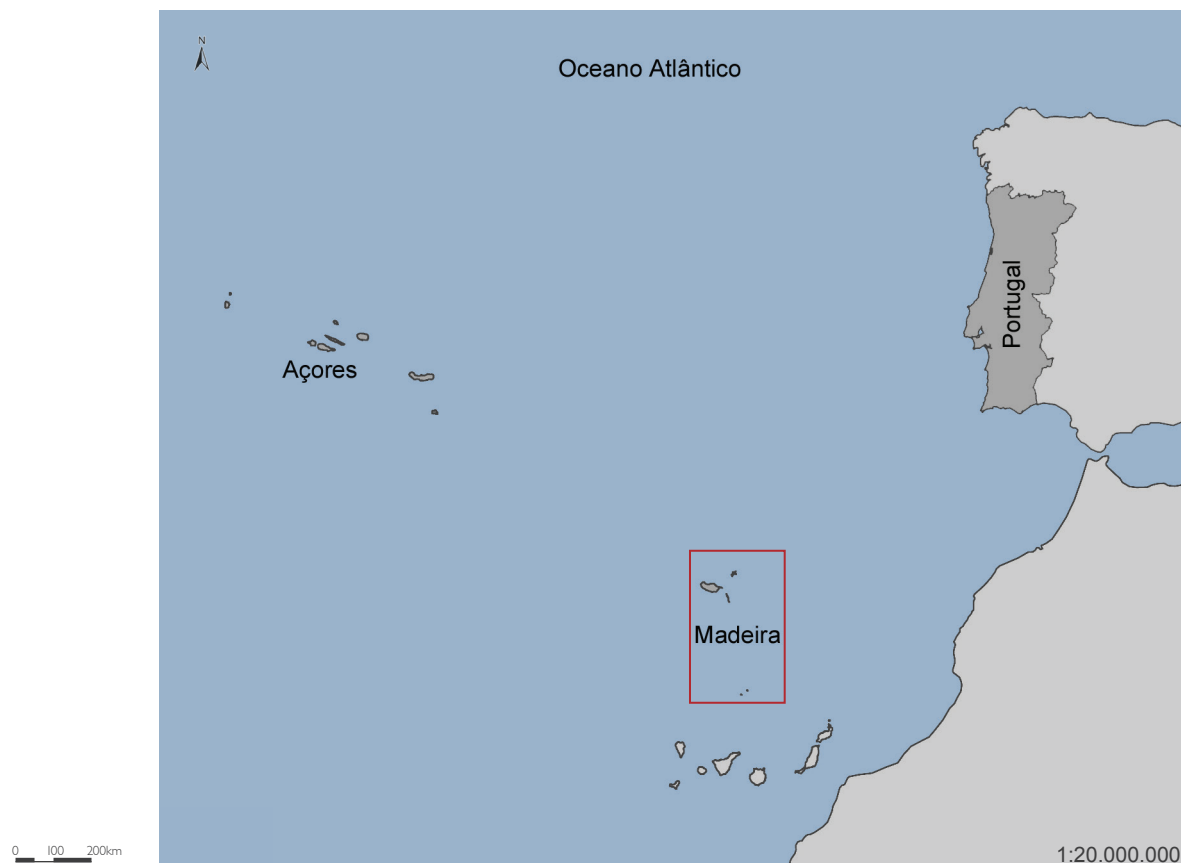
As notas estão dispostas lateralmente, paralelamente ao texto, para uma maior facilidade, fluidez na leitura deste trabalho.

As palavras-chave ou palavras, expressões que remetem ao Glossário, encontram-se a negrito.

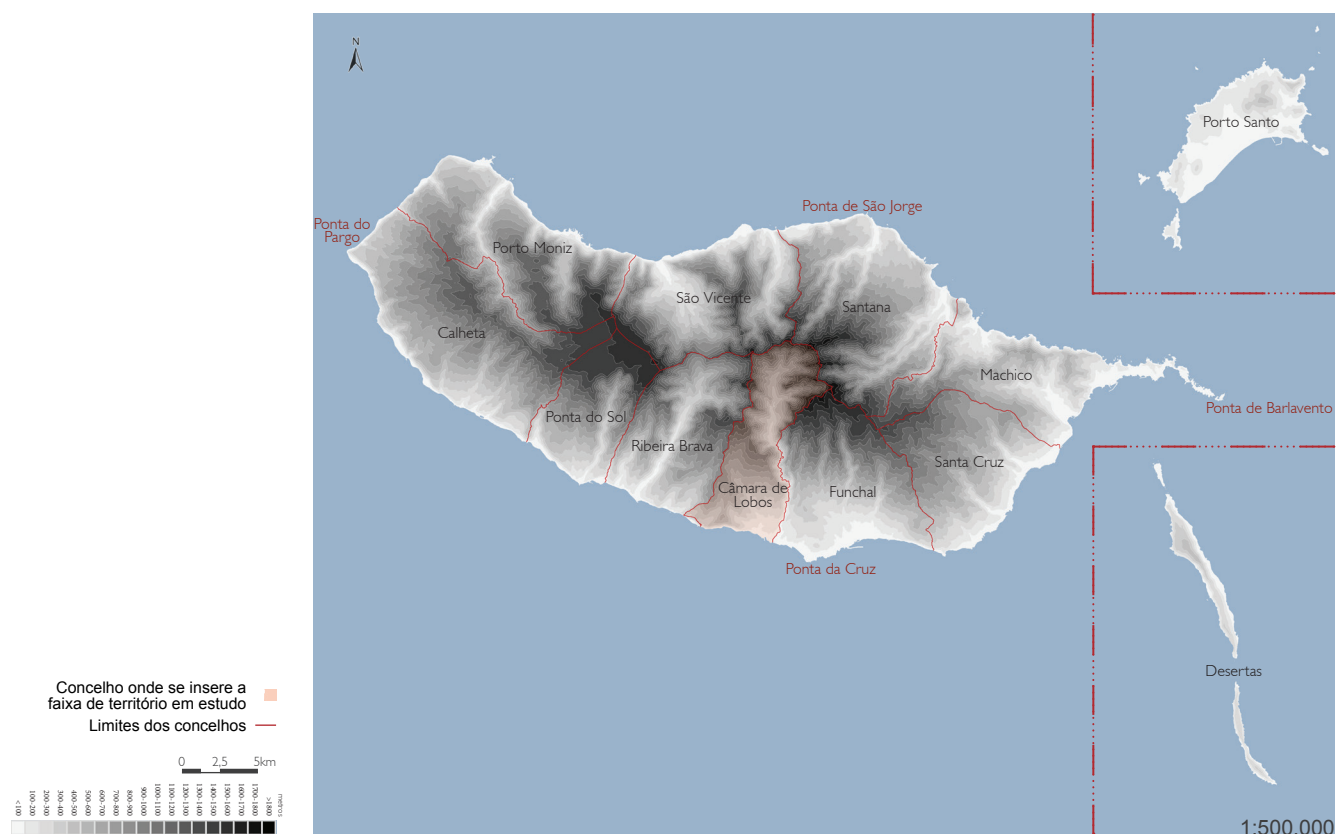
A itálico estão expressões mais pessoais, correntes ou com duplo sentido e/ou metáforas.

As citações também se encontram em itálico, mas a cinza.

*Este documento **não obedece** às normas do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990*.



01- Posição do Arquipélago da Madeira no Oceano Atlântico.



02- Planta hipsométrica do Arquipélago da Madeira e divisões administrativas - Madeira, Porto Santo e Desertas (s/ Selvagens).

I CÂMARA DE LOBOS NA ILHA

1 – A forma do território

1.1. Ilha

No sentido de melhor se perceber e situar o objecto de estudo, torna-se pertinente fazer um prévio e breve enquadramento geográfico do Arquipélago e da Ilha da Madeira. Posto isto, far-se-á uma análise genérica procurando expor, principalmente, o essencial.

O Arquipélago da Madeira, localiza-se no Oceano Atlântico-Norte, entre Portugal (a 980km de Lisboa), os arquipélagos dos Açores (850km de Santa Maria) e das Canárias (500km) e a cerca de 600km da costa de Marrocos. É constituído por um total de oito ilhas, sendo que a Madeira e o Porto Santo são as únicas habitadas e que as restantes correspondem a dois grupos de ilhotas: as Desertas e as Selvagens. Política e administrativamente, o arquipélago constitui a Região Autónoma da Madeira, com sede distrital no Funchal.

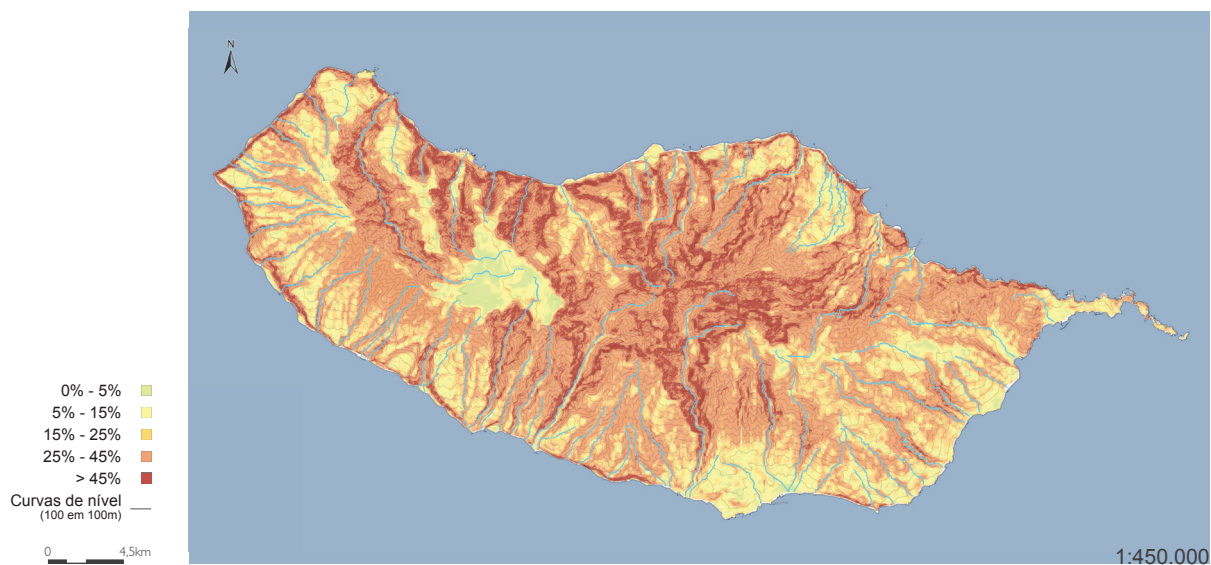
A Ilha da Madeira é a maior do Arquipélago e uma das maiores da Macaronésia¹. Desenvolve-se, principalmente, na direcção nascente-poente, tendo o maior comprimento de 57km (da Ponta do Pargo à Ponta de Barlavento) e a sua *linha* de maior largura mede, cerca de, 27km (da Ponta da Cruz à Ponta de São Jorge). Perfaz um total de, cerca de, 785,6km² de superfície terrestre limitada por uma linha de costa com 180km.² Administrativamente encontra-se dividida em dez concelhos (cuja toponímia tem relação directa com as características presentes, nesses lugares, aquando do seu surgimento ou com a sua origem de cariz religioso): Calheta, **Câmara de Lobos**, Funchal, Machico, Ponta do Sol, Porto Moniz, Ribeira Brava, Santa Cruz, Santana e São Vicente.



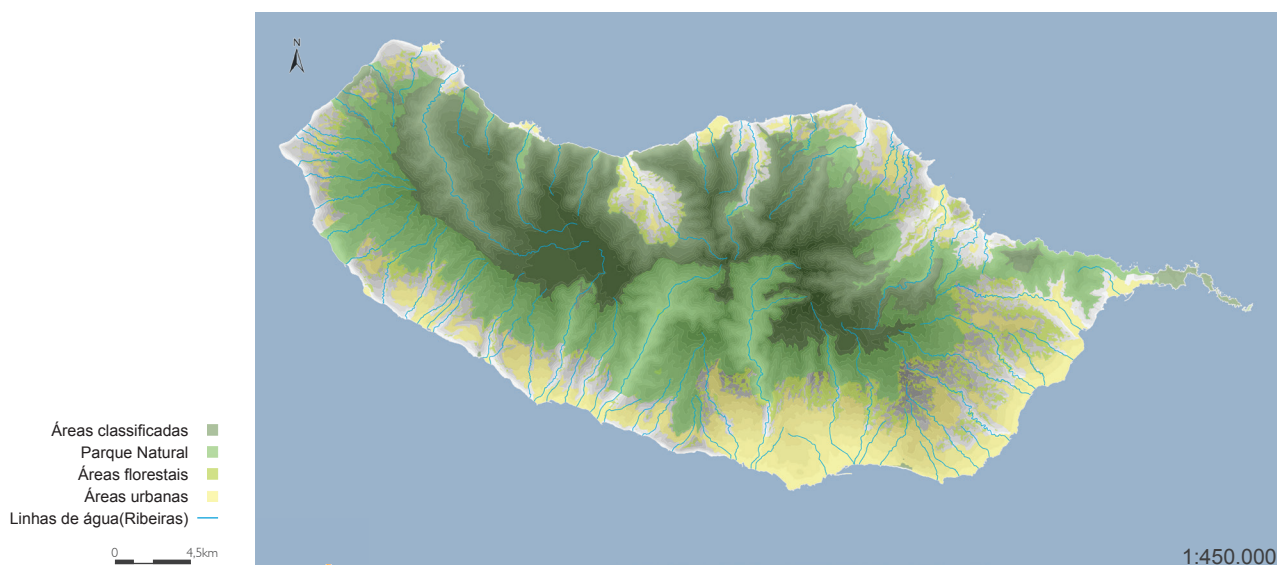
1- Macaronésia

1- Macaronésia é o nome que designa um conjunto de arquipélagos do Atlântico-Norte – Açores e Madeira (Portugal), as Ilhas Canárias (Espanha) e Cabo Verde (país independente) – e uma extensa faixa costeira do Noroeste da África, fronteira a esses grupos de ilhas, que se estende desde Marrocos até ao Senegal.

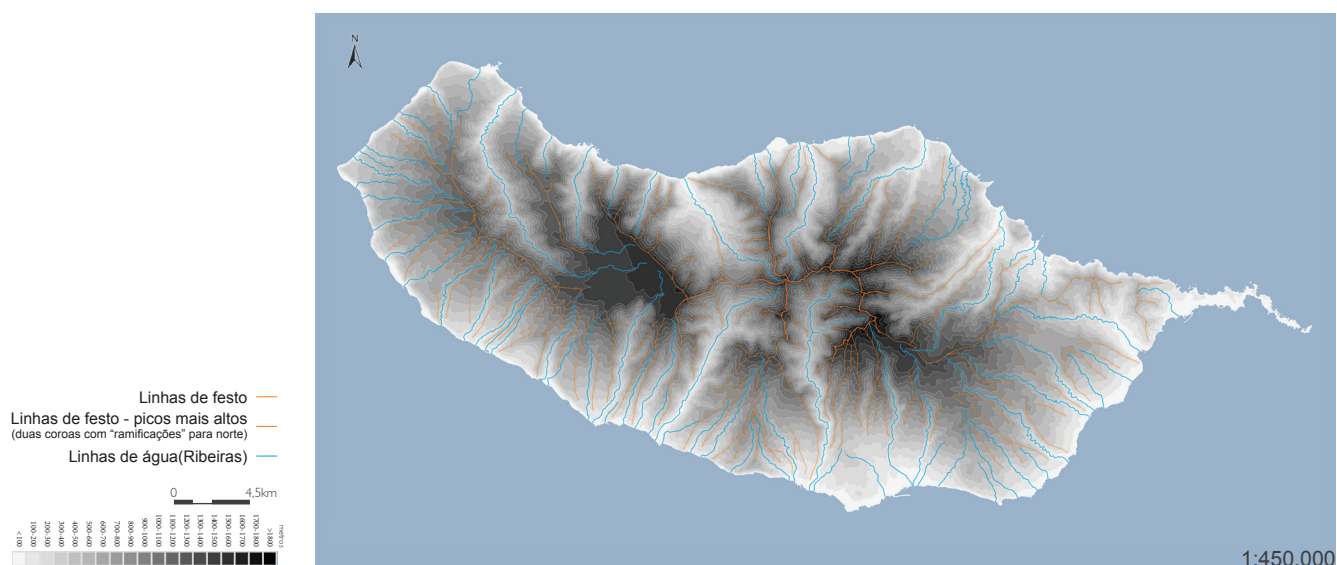
2-Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. 2011. p.25..



03- Planta esquemática de declives da ilha da Madeira.



04- Planta esquemática de usos do solo.



05- Hipsometria, (principais) ribeiras e linhas de festo.

- Orografia e Hidrografia

Geologicamente, a Ilha da Madeira é de formação vulcânica e o seu maciço central (no sentido nascente-poente) é resultante do acumular de camadas de lava proveniente dos vários focos de erupção aqui presentes, sendo que o mais expressivo corresponde àquele que terá dado origem à cratera onde se situa o **Curral das Freiras**.

Apresenta um relevo muito acentuado, onde 65% da ilha possui declives superiores a 25% e apenas 12% tem declives inferiores a 15% (img.03). Detém 35% da sua superfície acima dos 1000m e 90% acima dos 500m de altitude, conferindo-lhe um cariz montanhoso.³(img.03) Posto isto, na costa sul, é nestas zonas de menor declivo que se situam os povoamentos e/ou áreas mais ou menos agrícolas. Na costa norte, as zonas de declive suave não são tão abundantes quanto as de sul e algumas delas, cortadas por escarpas, não permitem acesso directo ao mar, pelo que nos deparamos com um forte contraste entre as *manchas urbanas* das costas norte e sul (img.04). Os planaltos das zonas montanhosas centrais, não favorecem o assentamento de povoados, uma vez que são terrenos mais arenosos e com escassez de água.

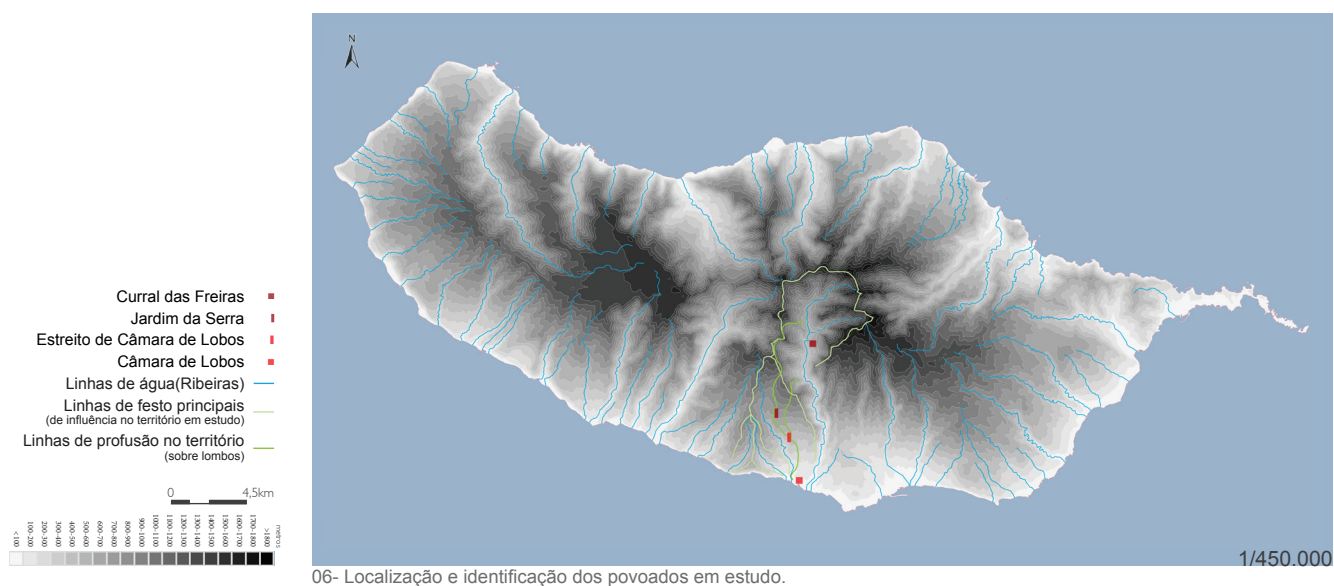
Pode-se distinguir, no já referido maciço central, dois momentos distintos, assinalados por duas coroas e delineados por depressões fluviais que permitem a profusão no território e ligação das costas Norte e Sul (img.05) – vales da Ribeira Brava e de São Vicente; e vales da **Ribeira dos Socorridos** e da Boaventura (a primeira coroa já é atravessável via automóvel, a segunda só é possível ser transposta por caminhos de pé-posto). Estas coroas, com destaque para a segunda, ganham relevo por abrangerem os picos mais altos da Ilha – a partir dos quais vê-se e é-se visto de vários pontos do território, do mar e povoamentos. Sobressaem os picos: Ruivo (1862m), das Torres (1851m), do Areeiro (1818m) e do Cidrão (1802m). Por sua vez, a partir destas surgem frestas, estreitos, **achadas**, **lombos**, **fajãs** e vales, como a **achada** onde assenta o **Curral das Freiras** e o imponente **Vale da Ribeira dos Socorridos**. Ainda no maciço central, o Paúl da Serra corresponde à maior planície (planalto) da Ilha, com cerca de 24km² e uma cota média de 1500m.

Em forte contraste com estas montanhas e planaltos, temos as zonas de cota média-baixa e baixa onde surgem as, referidas, **lombadas**, **achadas** e **fajãs**, na maior parte das vezes, direccionadas rumo à linha da costa. Como já se viu, a costa Norte possui um relevo muito mais acentuado que a do Sul, sendo que muitas vezes a sua aproximação ao Oceano faz-se em arribas, quase cortadas a machado. No entanto é na costa Sul, em **Câmara de Lobos**, que se encontra a falésia mais alta, com 580m de altura – o Cabo Girão.

Do maciço central e, em especial, devido à actuação e comportamento naturais das chuvas, brotam estes e outros vales, com iguais ou menores dimensões, que albergam ribeiras que se precipitam em direcção ao mar e às povoações litorais.

Posto isto, tem-se as profundas ribeiras de regime torrencial, como são o caso das mais importantes: a da Janela, do Seixal, do Inferno, de São Vicente e a de Boaventura (com desembocadura na costa Norte) e a de Machico, dos **Socorridos** e Brava (com confluência a Sul). No entanto, o carácter sazonal destes cursos de água (em especial no Sul), suscitaram a necessidade de criar as **levadas** – *elementos naturalizados* estruturantes

3-Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. 2011. p.26.



do território, onde as **veredas** também têm relevante importância – e entre elas destacam-se: a dos Piornais (uma das mais antigas, com registos desde 1562), a das 25 Fontes (que sustenta a Central da Calheta), a do Galhano (que alimenta a Central da Ribeira da Janela), a da Serra do Faial (que sustém a Central da Fajã da Nogueira), a do Caldeirão do Inferno, a do **Curral e Castelejo**, a da Negra, a do **Norte** e a do Caniçal.

É importante referir que, estando-se a falar de uma ilha, o *elemento água* ganha relevante importância, pois corresponde, ao mesmo tempo, a um limite físico e psicológico e a um meio de infinitas ligações e possibilidades – não só no que se refere a vínculos inter-regionais/continentais, como também no que toca à subsistência e sobrevivência locais.

- Clima

O clima madeirense tem semelhanças com o clima mediterrânico, no entanto, devido à sua latitude, situação, percentagem de precipitação e variação do grau de humidade, apresenta as características do clima das ilhas subtropicais. Por outro lado, observa-se que o clima da Ilha da Madeira pauta-se por duas realidades distintas: o Norte e o Sul. No Norte, o clima caracteriza-se pelos seus ventos fortes e dominantes e por maiores níveis de precipitação. Enquanto no Sul, com a protecção do maciço central, as temperaturas são amenas e verifica-se menos pluviosidade. Posto isto, estas constituem outras características que reforçam a dualidade de densidades urbanas entre as costas Norte e Sul: a primeira, muito exposta aos ventos, é de difícil navegação e ancoragem de embarcações; a vertente Sul, resguardada dos ventos, é mais propícia às actividades piscatória e agrícola.

Por outro lado, as temperaturas mudam consoante a altimetria varia. Desta feita, são amenas e constantes durante todo o ano nas plataformas e encostas de baixa altitude, sendo que junto às cumeadas mais altas neva no Inverno e as zonas próximas a estas apresentam temperaturas baixas e neblinas cerradas. Regra geral, as nuvens permanecem à cota 500 no Inverno, subindo um pouco mais durante o Verão – esta característica origina situações interessantes, pois nas zonas mais altas vê-se as *nuvens* abaixo de nós; esta é, também, uma circunstância que dificulta a visibilidade de e para os cumes mais altos.

1.2- Câmara de Lobos

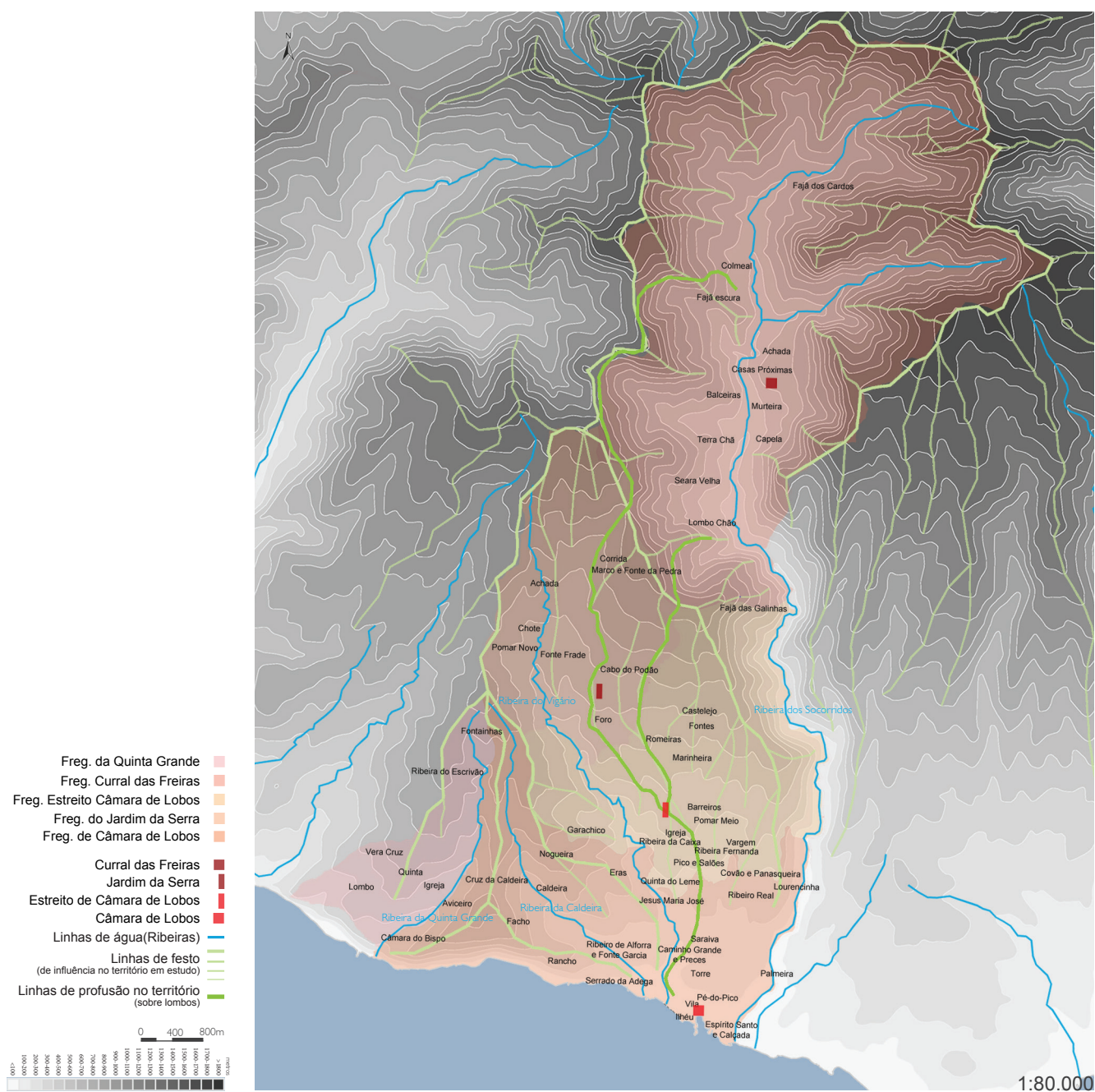
Câmara de Lobos é (desde 1835) um dos dez concelhos em que a ilha da Madeira se encontra, administrativamente, dividida. Tem sede na cidade (desde 1996) e freguesia do mesmo nome e desenvolve-se essencialmente no sentido Norte-Sul. Com perto de 13km de comprimento, 6,5km de largura e um perímetro de 46km, perfaz uma área total de cerca de 52km².⁴

Geograficamente, faz fronteira com os municípios de São Vicente (norte), Santana (nordeste), Funchal (este) e Ribeira Brava (oeste), sendo que a Sul é limitada pelo Oceano Atlântico.

No que toca à sua organização espacial e administrativa é composto por cinco freguesias:

Câmara de Lobos que conta com uma área de cerca de 7,7km² e está subdividida em vinte e cinco sítios;

4-Georisco_ *Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos*. 2011. p.31.



07- Divisão administrativa de Câmara de Lobos.(concelho, freguesias e sítios)

.**Estreito de Câmara de Lobos** com uma área de 7,9km² e conta com vinte sítios;

.**Jardim da Serra** que compreende uma área de 7,3km² e é composta por onze sítios;

.Quinta Grande que contabiliza uma área total de 4,1km² e subdivide-se em nove sítios;

.**Curral das Freiras** que possui uma área total de 25km² e é constituída por doze sítios.⁵

É importante referir que, neste trabalho, faz-se a análise de apenas quatro dos *núcleos centrais* destas freguesias (Câmara de Lobos, Estreito, Jardim da Serra e Curral), contudo isto não invalida a importância que também teria um estudo que abarcasse Quinta Grande. Não se a incluiu porque, como já se referiu, o estudo que aqui se apresenta, pretende fazer uma leitura (de uma) da(s) forma(s) como se *entrou* no território madeirense, pelo que optou-se por uma *linha de profusão* que acaba por não incluir o povoado da Quinta Grande.

5-Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. 2011. p.32.

- Orografia e Hidrografia

O estudo de um lugar, de uma cidade, requer a análise do seu processo de origem (orgânica ou planeada) com base na sua estrutura e rede urbana, no entanto, este é indissociável do seu suporte físico: o seu território de assentamento, fixação. Posto isto, torna-se imperativo perceber (um pouco mais de perto) as características da faixa de território em estudo.

Embora o objecto de estudo deste trabalho, não recaia sobre **Câmara de Lobos** enquanto município – porção de território com limites administrativos – torna-se premente perceber o contexto (administrativo) em que se inserem os *lugares* em estudo. Assim, observa-se que o concelho de **Câmara de Lobos** é caracterizado por grandes contrastes morfológicos e tem como principais limites físicos a cumeada do vale da Quinta Grande(oeste), o vale da **Ribeira dos Socorridos**(este), o maciço montanhoso central(norte) e o Oceano Atlântico(sul)(img.07).⁶

Possui uma altitude média de 775m e apresenta uma altimetria elevada – o que se justifica por abranger alguns dos picos mais altos do maciço vulcânico central da Ilha.

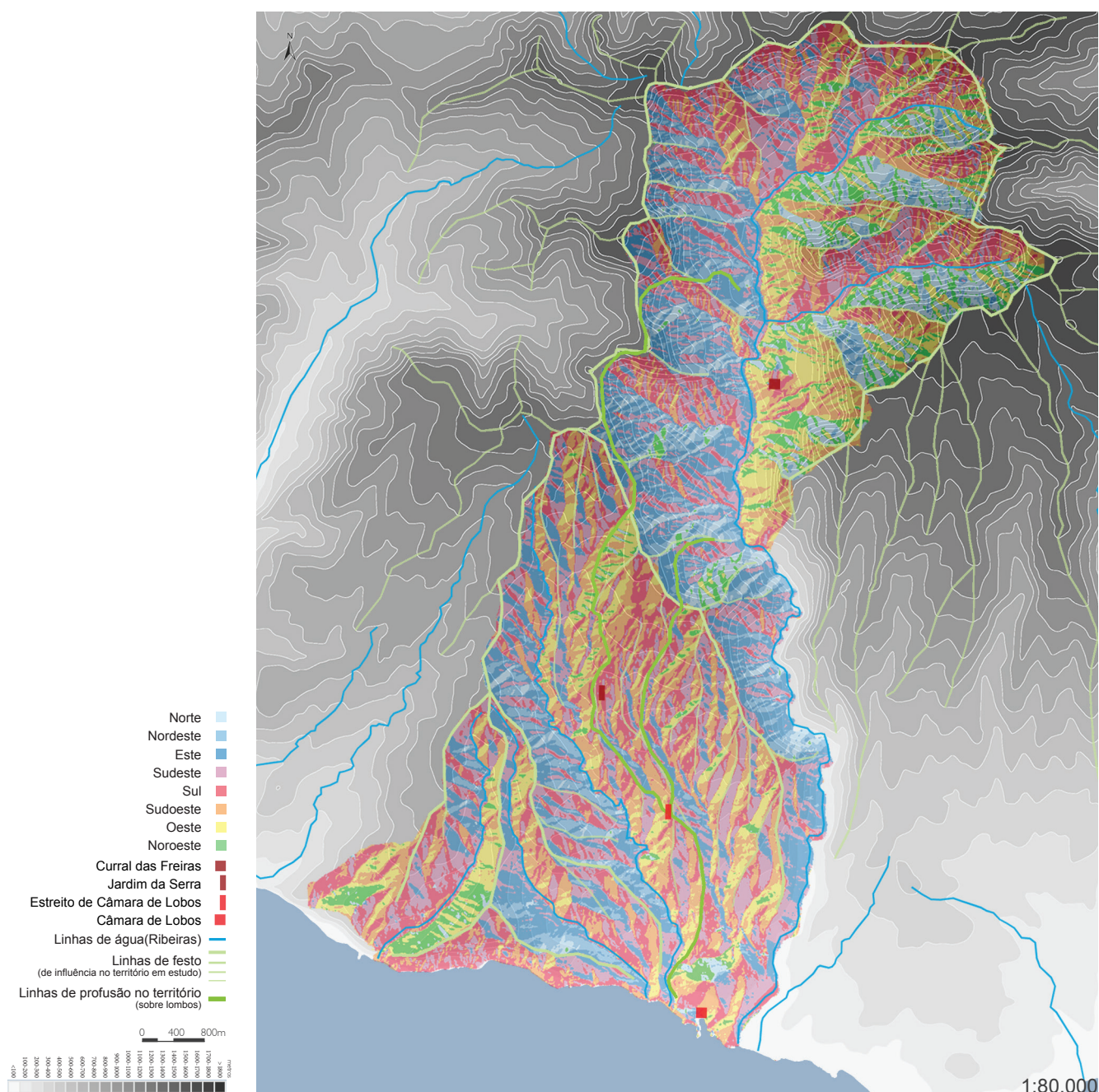
Por sua vez, também apresenta um relevo relativamente acentuado, podendo ser classificado, tal como na restante Ilha, como montanhoso⁶. A classe entre os 25% e os 45% de declive é a mais predominante e as inclinações superiores a 45% encontram-se associadas aos taludes e falésias costeiras (**Cabo Girão**) e/ou fluviais (**Ribeiras dos Socorridos** e do **Vigário**) e à envolvente do **Curral das Freiras**(img.03).⁷

6-Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. 2011. p.41.

Devido às características do seu relevo, **Câmara de Lobos** possui alguma variedade de recursos hídricos, onde ganham realce as já referidas ribeiras dos **Socorridos** e do **Vigário**(img.07) – de entre as ribeiras: da Caixa, da Saraiva, da Quinta Grande e da Caldeira e o Ribeiro da Alforra e Fonte do Garcia. Ainda assim, a **Ribeira dos Socorridos** é a que se destaca mais, principalmente, por ser a mais ampla – com uma extensão de 17km, uma altitude média de 600m e ladeada por encostas com declives acentuados.⁸ A **Ribeira do Vigário**, por sua vez, possui uma extensão de 9km.⁸

7-Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. Município de Câmara de Lobos. 2011. p.40.

8-Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. 2011. p.54.



- Clima e exposição Solar

Tendo conhecimento do tipo de clima que se pode encontrar na ilha da Madeira, aqui o que terá maior impacto na variabilidade do clima e que merece mais atenção, é a observação e a análise da exposição solar e da influência da morfologia do território – onde *a orientação e a inclinação da vertente influencia a percentagem de radiação recebida ao longo do ano*⁶. Aquelas que se encontram expostas a Sul, recebem mais radiação do que as expostas a Norte. Do mesmo modo, o estar orientado a Nascente ou a Poente, permite uma exposição intermédia e variável ao longo do dia, sendo que nas vertentes expostas a Poente as temperaturas são superiores às das a Nascente.⁶ Desta feita, através da elaboração de uma planta esquemática sobre a incidência solar na faixa territorial em estudo (img.08), pode-se retirar ilações relativas às zonas de melhor ou pior exposição solar.

A partir destas e atendendo à sua localização, posição geográfica e características orográficas, observa-se que **Câmara de Lobos** possui as suas vertentes, essencialmente, expostas a Sul (sudeste e sudoeste), o que se torna um importante factor para a localização e posicionamento dos assentamentos e lugares a estudar, bem como de terrenos agrícolas.

Tal como em todo o território Madeirense, os meses com maior registo de pluviosidade são os considerados *meses-frios* (de Outubro a Março) e os de menor precipitação correspondem aos da *estação-quente* (de Junho a Agosto).⁹ Da mesma forma, os valores das temperaturas máximas e mínimas não variam muito ao longo de todo o ano,⁹ sendo que é nos pontos mais altos do concelho que se verificam as temperaturas mais elevadas e/ou baixas – daí as suas características pouco propícias à fixação de povoados.

Posto isto, é possível, também, perceber o porquê desta ter sido, ao longo de vários anos, uma das faixas de território com maior produtividade agrícola, nomeadamente no que toca às culturas de cana-de-açúcar, vinha, bananeira e de algumas árvores de fruto (no interior) – cada uma com o seu grau de importância e destaque em diferentes épocas temporais. Não só devido às suas condições climatéricas, mas essencialmente às características orográficas nas quais se inserem.

9-Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. 2011. p.68.

2 – O território no tempo

O território aqui em estudo abarca, essencialmente, o núcleo piscatório de **Câmara de Lobos**, o núcleo serrano do **Curral das Freiras** e a área (rural) compreendida entre estes. No entanto, como já referido, esta corresponde a uma porção/mostra de um território e de uma vasta rede de lugares, que não pode ser compreendida isoladamente e que, antes de mais, é o espaço de influência e ocupação humana, de colonização e de povoamento. Este território inclui, portanto, as *estruturas* (em, na condição) *urbana* e *rural* – portanto, nesta tese a expressão *estruturas em meio urbano* deverá ser entendida enquanto *redes de lugares* e formas que os seus vários sistemas adquirem, bem como das relações entre estes; e quando se fala de *estruturas em meio rural*, faz-se referência a povoações, a caminhos sulcados, a áreas de construção dispersa, linear ou aglomerada.

Por entre os relatos, da maioria dos autores, da História da Madeira, é unânime a convicção de que esta não foi encontrada, descoberta verdadeiramente pelos navegadores portugueses. Defendem-no tendo como justificação a análise de algumas cartografias (dos sécs. XIV e XV) e o facto de, aquando do seu (re)descobrimento, haverem testemunhos que davam como certo que os portugueses teriam tomado conhecimento da existência destas ilhas através dos relatos de cativos ingleses, em Marrocos, que o transmitiram, aí, a um piloto Castelhana. Este, vendo-se liberto por portugueses, ter-lhes-á dado a conhecer as informações obtidas dos ingleses.

(Transcrições da *Relação*, de Francisco Alcoforado, em: PITA. *Notas para a história da ilha da Madeira, Descoberta e início do povoamento*. (aqui também lê-se que Francisco Alcoforado era escudeiro do Infante D. Henrique e terá participado na primeira ou primeiras expedições à Madeira))



09 e 10- Portulano de 1339, por Angelino Dulcert.



11 e 12- Portulano de 1413, por Mecia de Viladestes.

Devido ao seu forte e complexo carácter sócio-cultural, os povoamentos, os lugares e, por conseguinte as cidades, têm vindo a ser palco de vastos estudos por parte de diversas áreas e ciências, sempre com o intuito de um melhor conhecimento das civilizações e, em suma, do Homem nas suas mais variáveis épocas, vivências e suportes físicos – *habitats*. Posto isto, acredito que seja possível afirmar que, as cidades e os seus sistemas sócio-culturais, são a forma mais fidedigna de estudar a evolução, mudança do Homem no espaço e no tempo. Da mesma forma que a cidade pode ser estudada e analisada sob os mais diversos pontos de partida e perspectiva – José Manuel Fernandes, em “Cidades e Casas da Macaronésia”(p.20), cita Chueca Goitia que, em “Breve História do Urbanismo”, terá referido que *pode-se estudar a cidade sob um número de ângulos infinito: o da história: ‘a história universal é história de cidades’, disse Spengler; o da geografia: ‘a natureza prepara o local e o Homem organiza-o de maneira a satisfazer as suas necessidades e desejos’, afirma Vidal de la Blache; o da economia: ‘em nenhuma civilização a vida das cidades se desenvolveu independentemente do comércio e da indústria’ (Pirenne); [...] o da arte e arquitectura: ‘a grandeza da arquitectura está ligada à cidade, e a solidez das instituições costuma avaliar-se pela dos muros que as protegem’ (Alberti).*

Faz-se, portanto, uma breve passagem pela História deste território. Não no seu sentido lato, mas sim no que toca à *leitura* da mesma, de forma a compreender a carga genética da porção de território em estudo – dotado das suas próprias regras e matriz. Assim, fala-se de uma leitura, no tempo, do território e da presença do Homem neste, para que se compreenda o que lhe é vital e essencial – no fundo, o *espírito do lugar*. Deste jeito, passa-se pela História de um modo operativo, no sentido de perceber o que se perdeu e/ou o que se mantém – no que toca às formas de tomar, viver e habitar um território virgem.

2.1. Os primeiros assentamentos

A leitura, no tempo, do desenvolvimento do território em estudo, começa (obrigatoriamente) com a (re)descoberta¹⁰ das ilhas do Porto Santo em 1418 – pelos navegadores João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira – e da Madeira em 1419 – acompanhados de Bartolomeu Perestelo.

O povoamento da Ilha da Madeira iniciou-se, segundo o cronista Gomes Eanes de Zurara, no ano de 1420, pelos seus (re)descobridores e Capitães Donatários (Zarco, Vaz Teixeira e Perestelo) com suas famílias, companheiros de embarcação e outras pessoas que se ofereceram para esse efeito (a maioria do Algarve); o Rei terá oferecido, a Zarco, os criminosos do reino, mas este só aceitou os *isentos de culpas de fê, traição e latrocínio*.¹¹ Esta moção inicial, terá sido de iniciativa própria (dos navegadores), uma vez que só em 1425, segundo se deduz duma carta escrita a 18 de Setembro de 1460 à Ordem de Cristo pelo Infante D. Henrique, é que este mandou proceder oficialmente ao [seu] povoamento [...]: «Comecei a povoar a minha Ilha da Madeira haverá agora trinta e cinco anos e isso mesmo a do Porto Santo...».¹² Por esta altura, na costa Sul da ilha, o povoamento foi feito, maioritariamente, por gente do Alentejo e Algarve e por nobres e fidalgos nacionais e estrangeiros (essencialmente alemães, italianos, belgas, polacos, franceses e britânicos);

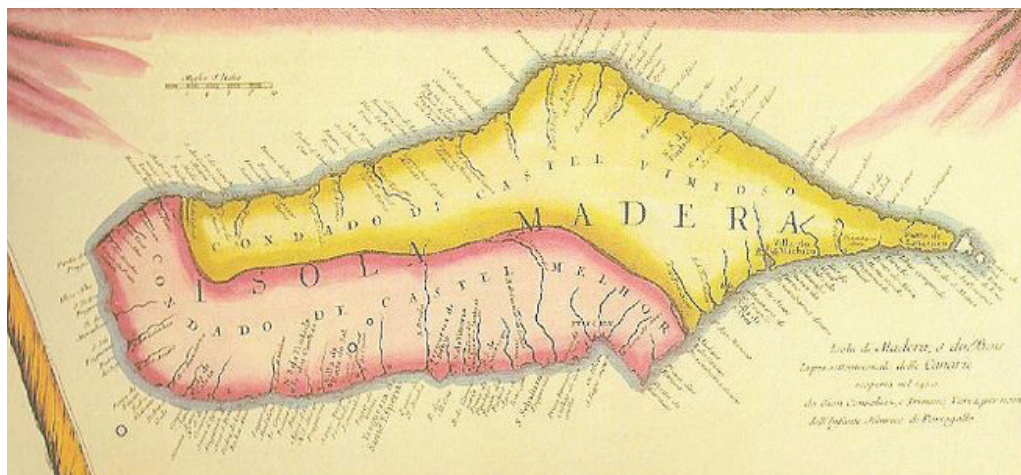
10- No século XIV já existiam cartografias com a indicação, localização das ilhas Madeirenses (img.s 09 a 11).

11- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. 1940. Vol.I. p.108.

12- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. 1940. Vol.I. p.219.

O sistema de capitanias-donatárias, terá derivado da forma de organização do império colonial das repúblicas italianas no Mediterrâneo Oriental e serviu de base para colonização do território Português extra-mar (inicialmente nas ilhas atlânticas, depois no Brasil e em algumas praças em Marrocos).

(FERNANDES. *Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. p.70-71)



13- Capitanias-donatárias da Madeira, na segunda metade do séc. XVII (a rosa - Funchal; amarelo - Machico).

Nesta planta, datada da segunda metade do século XVII, utilizam-se as denominações Condado de Castel Melhor (para a capitania do Funchal) e Condado de Castel Vimioso (para a de Machico), contudo e apesar da sua possível pertinência, não se fez um estudo sobre a origem, razões destas denominações, nem sobre as possíveis implicações ou relações que a alusão a estes *lugares* podem adivinhar – uma vez que este foi, também, o único momento (nas aferições sobre a história e processo de desenvolvimento da Ilha) em que se encontrou referência a estes.



14- Povoamentos da Ilha no tempo e no espaço (a maiúsculas as actuais sedes de concelho).

enquanto isso, na costa Norte, os colonos (camponeses, pastores e vaqueiros) terão vindo, principalmente, de Entre-o-Douro-e-Minho e Norte de Portugal.¹²

Dividida em duas capitânias-donatárias (Funchal e Machico) ou condados (de Castelo Vimoso e de Castelo Melhor)(img.13), a povoação e colonização da Ilha, segundo a maioria dos autores, terá sido iniciada, respectivamente: no Funchal, seguindo-se **Câmara de Lobos**, Calheta, Caniço, Ribeira Brava e Ponta do Sol; e em Machico, sucedendo-se Santa Cruz, Porto da Cruz, Faial, Porto Moniz, São Jorge, São Vicente e Ponta Delgada(img.14e15).¹³

13- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. 1940. Vol.I. p.180.

Vendo que os colonos iniciais não tinham número suficiente para dar vazão aos trabalhos e colonização da Ilha, os donos das terras (nobres e fidalgos) terão recorrido a *cativos*: mouros (das praças de África) – empregados no desbravamento das terras; negros (de Arguim e Angola) – colocados nos canaviais, no transporte de vinho (**borracheiros**) e em serviços árduos; e escravos da Índia.¹³ Muito dificilmente se consegue saber ao certo quais as datas do início de todos os núcleos de povoação, no entanto, é certo que se começou a fazer os povoamentos a partir da orla marítima e, só depois, se foram estendendo pelas montanhas com declives menos acentuados(img.14). Os dados existentes só permitem ter conhecimento das datas de criação das paróquias e/ou freguesias e da existência, em data anterior a isso, de casas e capelanias nesses lugares.

As capelas terão tido um relevante papel no início da colonização e na criação dos povoamentos, pois: *Nos núcleos fundados e distribuídos por Gonçalves Zargo a seus filhos, herdeiros e companheiros do Descobrimento, primeiro se erigiam templos, congregando em sua volta os colonizadores; e as outras povoações da Capitania de Zargo, [bem como as restantes povoações do Norte da ilha] criadas até fins do século XVI, tiveram origem em capelas de fazendas povoadas por fidalgos, morgados e outros, como exigia o sistema de Sesmaria*(Glossário).¹⁴

14- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol.I. 1940. p.219-220.

Julga-se que, na capitania de Zarco, depois do Funchal, **Câmara de Lobos** foi um dos primeiros lugares de desembarque dos navegadores e de povoamento e cultivo das terras, como o vemos descrito no “Elucidário Madeirense”: *Quando Gonçalves Zarco, depois de ter fixado residência no Funchal, procedeu a uma nova exploração dos terrenos da sua capitania, chegando a uma pequena eminência sobranceira à baía de Câmara de Lobos, aí traçou a fundação duma igreja [capela] dedicada ao Espírito Santo, que mandou construir à sua custa*.¹⁵ Enquanto isso, na capitania de Vaz Teixeira, Santa Cruz terá sido um dos primeiros e mais importantes núcleos de povoamento, chegando mesmo a igualar e mais tarde a suplantar o vizinho Machico, que tinha a vantagem de ser sede de capitania.¹⁶

15- AUGUSTO DA SILVA; MENESES. *Elucidário Madeirense*. 1998. Vol. VI. p.407.

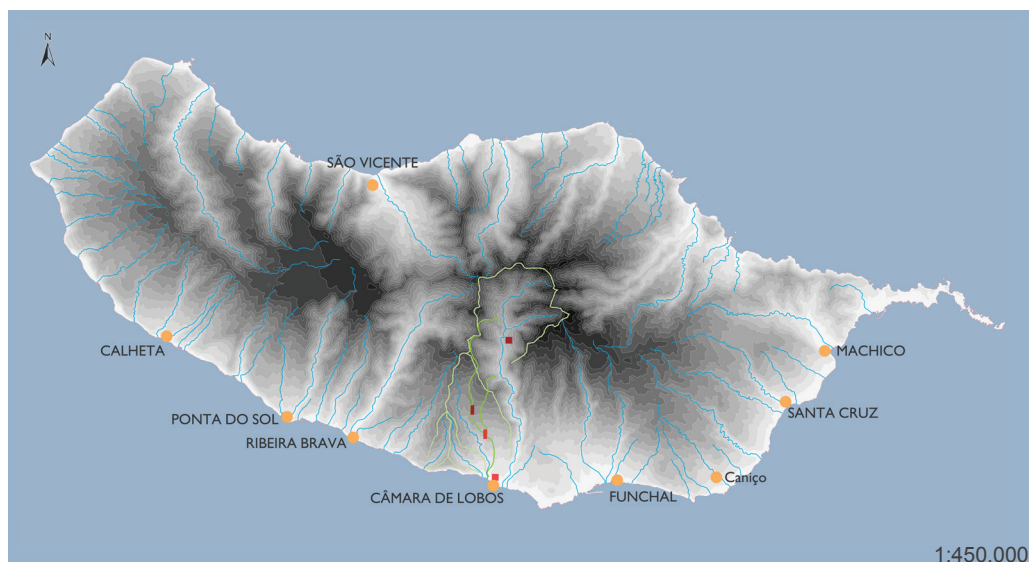
16- AUGUSTO DA SILVA; MENESES. *Elucidário Madeirense*. 1998. Vol.VI. p.429.

Como já mencionado, a versão atrás transcrita é a mais defendida pelos autores, historiadores quando se referem aos primórdios da Ilha. No entanto, há quem defenda que o primeiro sítio a ser povoado (na capitania do Funchal), terá sido **Câmara de Lobos**, onde Zarco permaneceu durante os anos/tempo em que se procedeu às queimadas no Funchal (e afins)¹⁷; e onde, em 1420, terá erigido a capela de N.ª Sr.ª do Calhau(da Conceição), tendo esta sido a primeira a ser construída na Ilha e onde os *clérigos e frades franciscanos, vindos com Zargo na viagem de 1420 [...] exerciam o seu ministério sacerdotal*¹⁸ Posto isto, neste trabalho, considero prudente (e necessário) ter em conta estas duas versões da *história madeirense*.

17- MONTEREY. *Câmara de Lobos (Ilha da Madeira)*. 1976. p.18.

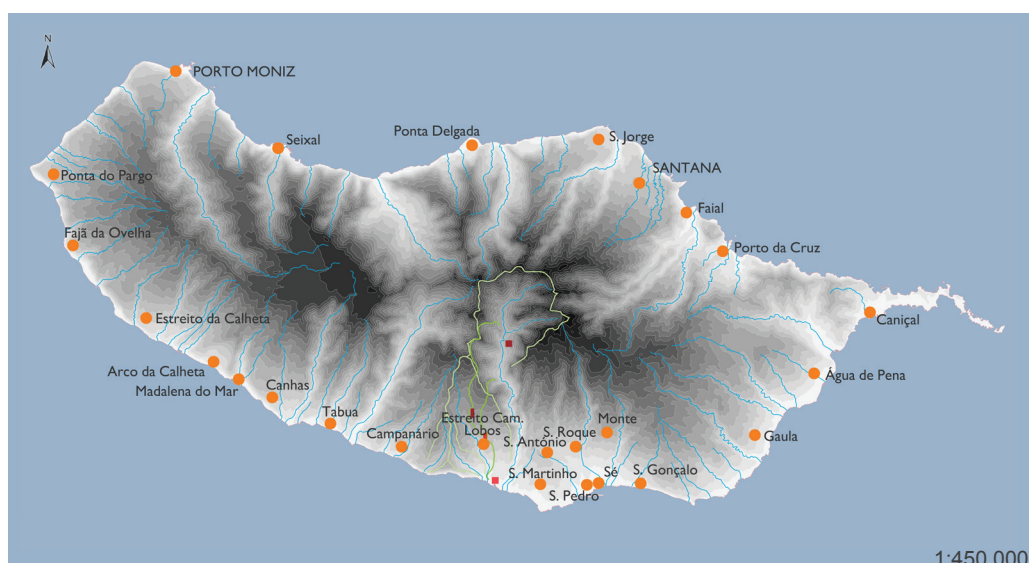
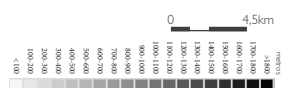
18- FERREIRA. *O Infante D. Henrique e a descoberta e povoamento do Arquipélago da Madeira*. 1960. p.35.

- Séc. XV ●
 - Curral das Freiras ■
 - Jardim da Serra ■
 - Estreito de Câmara de Lobos ■
 - Câmara de Lobos ■
 - Linhas de água(Ribeiras) —
 - Linhas de fecho principais
(de influência no território em estudo) —
 - Linhas de profusão no território
(sobre lombos) —
- 0 4,5km



15- Povoamentos séc. XV.

- Séc. XVI ●
 - Curral das Freiras ■
 - Jardim da Serra ■
 - Estreito de Câmara de Lobos ■
 - Câmara de Lobos ■
 - Linhas de água(Ribeiras) —
 - Linhas de fecho principais
(de influência no território em estudo) —
 - Linhas de profusão no território
(sobre lombos) —
- 0 4,5km



16- Povoamentos séc. XVI.

2.2. Factores relevantes e determinantes para os assentamentos

A viagem de descoberta e, ao mesmo tempo, de ocupação da Ilha (em 1420) foi, no fundo, uma jornada de exploração do território com o intuito de reconhecer os lugares mais propícios às aportagens e à fixação imediata dos colonos. Desta feita, é compreensível o facto de os primeiros núcleos de povoamento se terem localizado junto ao mar. Mas, para estes, contribuíram também muitos outros factores, tais como as suas características orográficas e hidrográficas e as suas posições geográficas.

Escolhendo as pequenas enseadas junto ao mar, a proximidade de linhas de água também se revelou importante, uma vez que seriam estas a abastecer os povoados e a alimentar os moinhos e engenhos. Assim, a foz das ribeiras ganham destaque e servem de lugar de assentamento a vários núcleos com carácter urbano.

Nesta altura, o posicionamento geográfico não terá tido grande relevância, uma vez que a sua distribuição ainda seria muito pontual e sem uma visão global da rede de lugares. No entanto, é na costa Sul que se fixam as primeiras e mais importantes povoações, essencialmente, devido às suas características orográficas mais favoráveis do que as da costa Norte – como já referido. Da mesma forma, denota-se que a colonização da Ilha ocorreu de Nascente para Poente, num movimento de afastamento da *Terra-mãe*. Posteriormente, a situação geográfica e as consequentes condições climáticas, acabam por ter influência nos locais e tipos de assentamento, bem como nas actividades desenvolvidas nesses lugares.

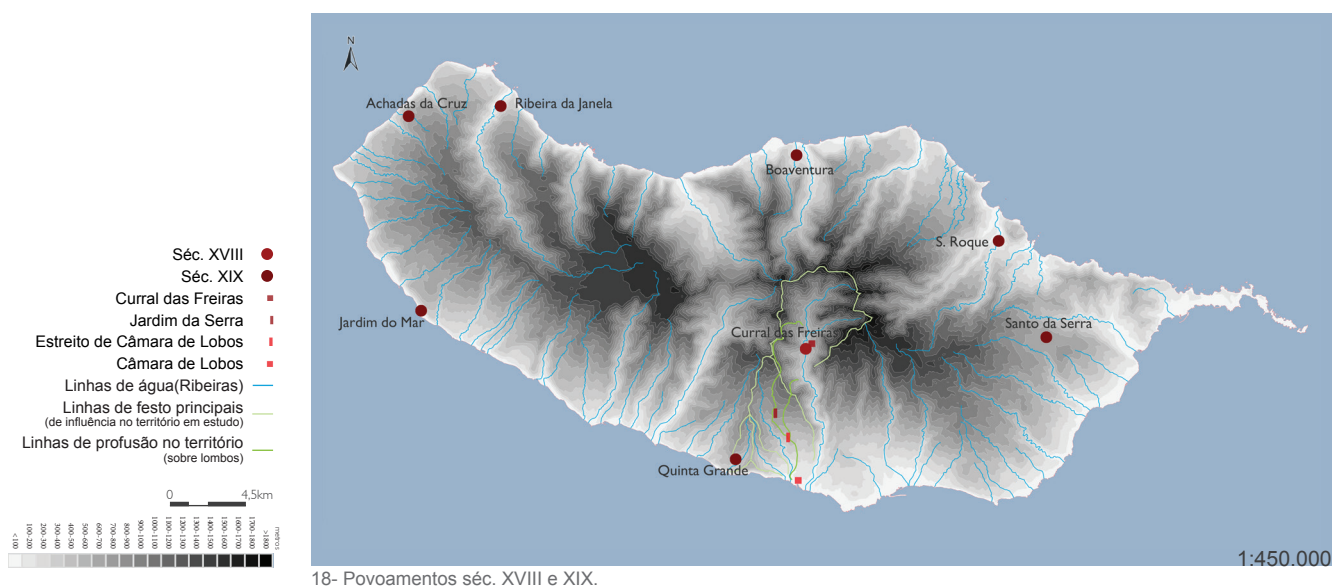
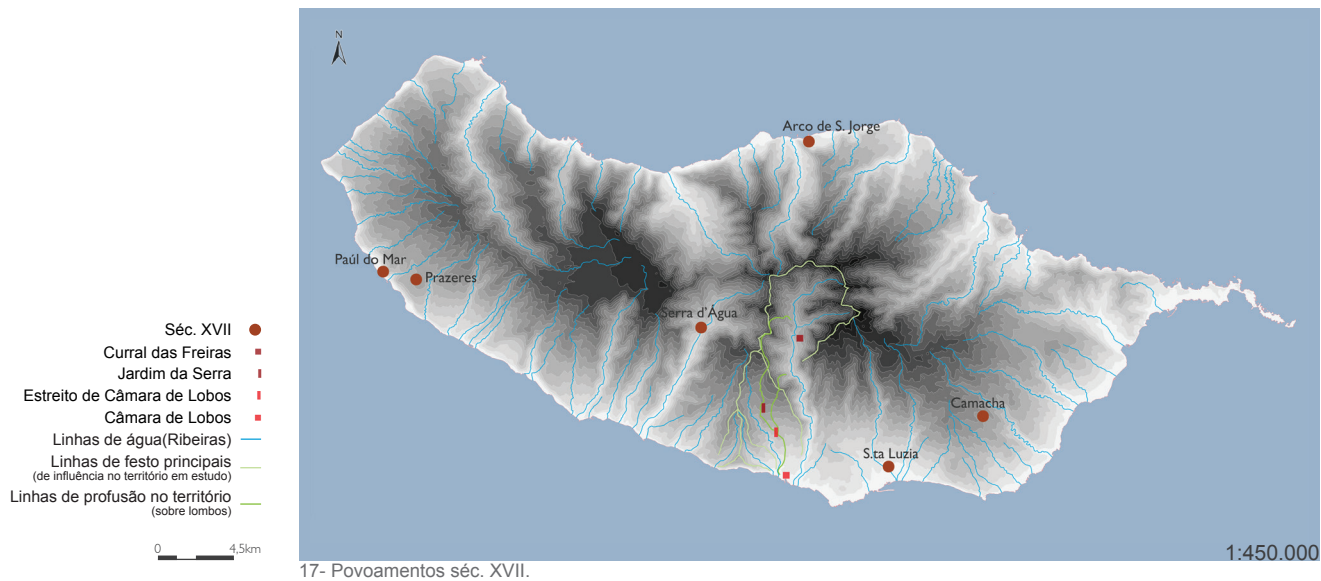
Apesar da sua proximidade ao mar, a verdade é que, de modo geral, no início da colonização, a maioria dos povoadores manifestavam grande desinteresse pela pesca, pelo que desenvolviam actividades e vivências ligadas à terra e à sua faina.¹⁹ Posto isto, é de admitir que as condições do solo e, mais uma vez, a proximidade a cursos de água terão tido, num segundo momento, uma grande importância na selecção dos lugares de fixação. Da mesma forma, aceita-se esta como uma das razões pela qual, gradualmente, as povoações se foram expandido para o interior da Ilha.

A investida no interior da Ilha, também tem no relevo um factor determinante e é aqui que os **lombos**, as **achadas** e as **fajãs** ganham destaque na eleição dos lugares de fixação – os dois primeiros constituem os territórios predominantes de assentamento, pois estima-se a existência, na Ilha, de cerca de quarenta lugares com o nome de **achada** e oitenta com o de **lombo**.²⁰ Mas aqui, mais uma vez, a existência de água é determinante, pois é ela que vai abastecer as habitações e regar as terras cultivadas. No entanto, há situações em que o acesso à água é dificultado pela orografia do território – principalmente nos **lombos** – é aqui que ganham destaque os grandes empreendimentos das, já mencionadas, **levadas**.

Em geral, o facto de toda a costa da Ilha ser muito recortada, oferece abrigo seguro em portos e enseadas. As maiores preocupações e condições a ter em conta, estão relacionadas com os elementos naturais, nomeadamente, as enxurradas, as quedas de quebradas e os sedimentos de solo.

19- FERNANDES. *Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. 1996. p.76.

20- FERNANDES. *Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. 1996. p.95.



2.3. Os assentamentos, a forma urbana e a rede de lugares

Expostas as condições favoráveis e de eleição aos e para os assentamentos, é importante tentar perceber quais as relações entre as características dos povoados e o território onde se inserem e como é que estas se terão desenvolvido e evoluído ao longo do tempo.

Tendo em conta o mencionado anteriormente, são mais do que claras as escolhas dos primeiros e principais núcleos de fixação, por parte dos (re)descobridores da Ilha:

.a baía de Machico, na foz de um vale e, conseqüentemente, de uma ribeira e protegida, delimitada por elevações rochosas, convida a uma aportagem fácil e a uma fixação imediata;

.o anfiteatro natural do Funchal, aberto sobre o mar, com uma orografia pouco acentuada e atravessado por três ribeiras, propicia o desembarque de navios e adivinhava a possibilidade de fixação, exploração e expansão no território;

.a localização dos primeiros povoados, para além de se fixarem em pontos com as características já discriminadas, também tinham em consideração condicionantes relacionadas com a protecção do território – proximidade a pontos que *miram* sobre o mar e território – e com a navegabilidade marítima e facilidade de aproximação à terra – através de pontos e elementos naturais de referência (picos, relações visuais, etc.)

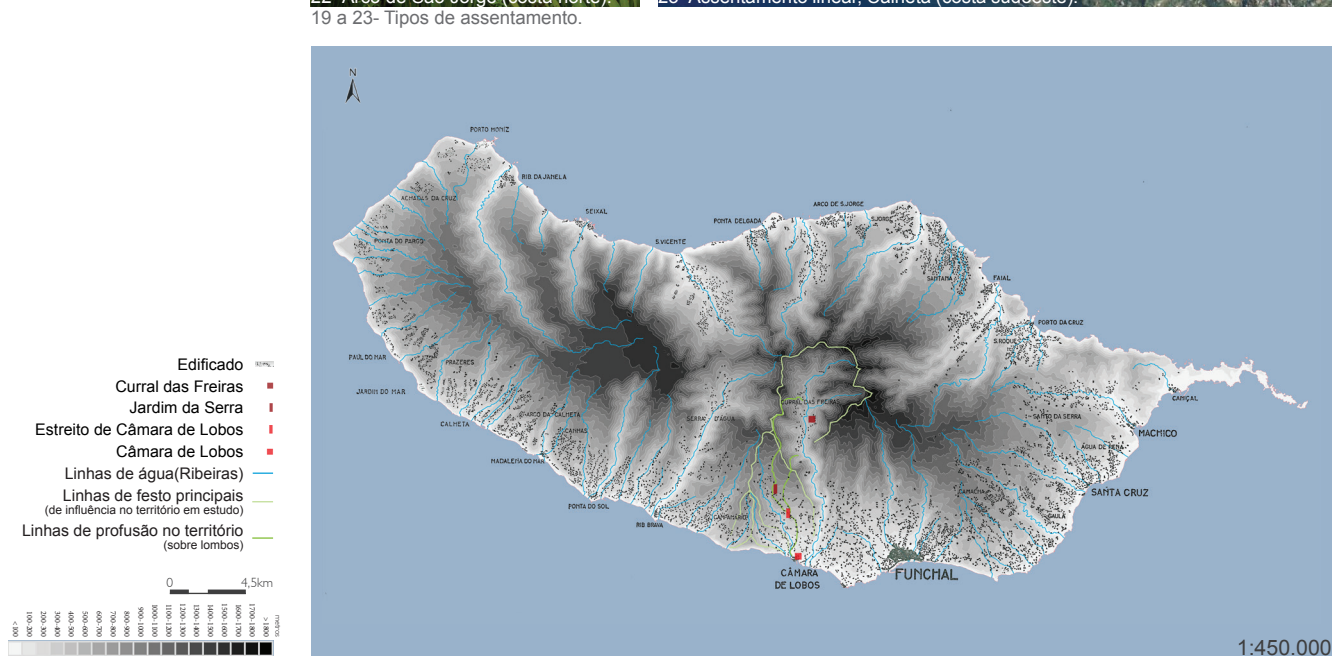
Eleitos os melhores lugares para a fixação de gente, coube aos colonos apropriar-se do território segundo as suas necessidades, intuítos, vivências e actividades. Posto isto, é possível verificar três fases de abordagem e ocupação do território:

.no séc. XV, numa primeira abordagem ao território e como já referido, a fixação fez-se próximo da linha da costa e em locais mais ou menos estáveis e de fácil acesso, de preferência próximo a linhas de água (Santa Cruz, Caniço, Santa Maria Maior(Funchal), **Câmara de Lobos**, Ribeira Brava, Ponta do Sol, Calheta, S. Vicente);

.do séc. XV para o séc. XVI, verificou-se uma segunda fase de povoamento, caracterizada pela consolidação da colonização e onde se iniciou a expansão dos povoados para um interior relativamente próximo da costa, originados e originando lugares de exploração marcadamente rural. Surgiram, assim, os chamados “*Cordões*” de *estrutura aproximadamente linear*²¹ que, na Ilha da Madeira completa, quase na totalidade, uma cintura à volta da mesma, interrompida unicamente pelas condicionantes do território (por exemplo, entre o Caniçal e o Porto da Cruz, existe uma evidente quebra nessa cintura) – nestes incluem-se: Gaula, S. Gonçalves, S. Roque, S. António, S. Martinho, Monte, **Estreito de Câmara de Lobos**, Campanário, Canhas, Arco da Calheta, Estreito da Calheta, Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo, S. Jorge, Santana, Faial, Água de Pena. Nesta fase, assiste-se também a um *processo de hierarquização dos núcleos litorais*,²¹ onde se: (re)define a importância dos povoados litorais – conferindo-lhes melhores defesas e condições de desenvolvimento no território (Funchal e Santa Cruz); e/ou se cria outros com algum tipo de potencial (Madalena do Mar, Porto Moniz, Seixal, Ponta Delgada, Porto da Cruz);

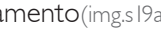
.no decorrer dos séc. XVII e XVIII, presenciou-se a terceira fase de ocupação do território Madeirense, que caracterizou-se pelo *desenvolvimento gradual das “áreas de influência” das cidades mais importantes, com ocupação crescente dos seus territórios*

21- Expressão, definição de José Manuel Fernandes, patente em: *Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. 1996.



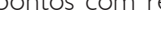
24- Planta esquemática da distribuição do edificado.
O edificado aqui representado remonta a um estudo realizado em 1949, pelo que não se trata de uma planta actualizada; no entanto, o pretendido é ter-se uma percepção geral das “formas urbanas” do e no território; apesar da grande evolução sofrida nos últimos anos, a matriz urbana ainda se mantém mais ou menos inalterada.

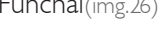
envolventes²² (Funchal); Verifica-se também uma nova progressão para o interior da Ilha, dando origem a um *povoamento mais disperso*²³ (zona de Santana) e por aglomeração (Serra D'Água, **Curral das Freiras** e bem mais tarde Santo da Serra).

Estas fases de desenvolvimento acabam por resultar em várias formas de assentamento. Paralelamente a isto, os diversos modos de utilização e apropriação do território também contribuem, directamente, para essa diversidade.

Inicialmente procedeu-se à fixação humana em *terras além-mar*, tendo por base motivações de cariz económico, religioso e, essencialmente, estratégico. No entanto, num curto espaço de tempo e respondendo às necessidades do reino, a colonização das Ilhas acabou por ter um papel relevante no sector da exploração e exportação agrícola, devido às suas terras férteis e condições climáticas propícias ao cultivo de trigo, canas-de-açúcar, vinhas, etc. – a Ilha da Madeira transformou-se, portanto, *numa horta*²⁴. Por sua vez, a natureza do território Madeirense dificultou, durante muitos séculos, a construção de uma rede de caminhos e estradas que pudesse servir de apoio às actividades agrícolas (e não só)²⁵.

Os portos tinham relevante importância na economia insular e continental, pois estes eram, muitas vezes, os únicos meios de escoamento e entrada de produtos nos povoados. O sistema de cabotagem foi, portanto, durante muito tempo o meio de transporte e de deslocação de eleição na Ilha, o que pode, também, justificar as características das formas de assentamento na Madeira: a necessidade de transporte e deslocação no território e entre populações – quer de produtos agrícolas, quer de pessoas – exigia uma relação directa com o mar, logo, com os portos, o que pode legitimar a linearidade dos assentamentos ao longo de caminhos, **veredas** (com ligação ao mar) no cimo das **lombadas** (orientadas para a costa) onde, não só se encontravam numa posição protegida contra derrocadas e enxurradas, como tinham uma visão privilegiada sobre as suas terras e, ao mesmo tempo, localizavam-se em pontos estratégicos de relação com os portos de cabotagem (e afins); por sua vez, estes portos tornam-se importantes núcleos e centros económicos à volta dos quais se agrupam os aglomerados urbanos – numa fase posterior, a proximidade ao mar e às suas riquezas naturais, terá dado origem a novas actividades e, por isso, a novas vivências e formas de estar no território: aí surgem núcleos piscatórios, salinas, estaleiros, etc..

Posto isto, observando toda a Ilha, pode dizer-se que, de forma geral, estamos perante quatro tipos de assentamento: núcleos densos e de aglomeração junto à costa e em pontos com relação directa ao mar; *cordões de estrutura aproximadamente linear*(img.s19, 20e23), nos **lombos** e **lombadas** a cotas médias-altas e acompanhando as linhas de fecho; assentamentos dispersos, a cotas médias-altas e/ou em pontos estratégicos do território; e assentamentos por aglomeração, no interior da Ilha, em meios de origem rural e/ou serrana.

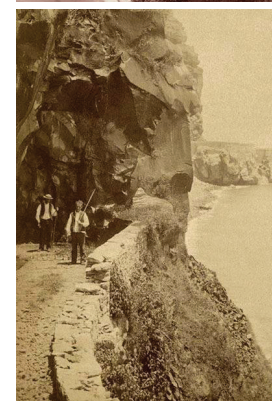
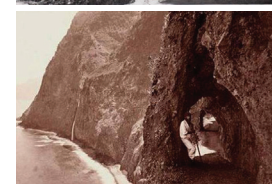
Funchal e Machico (como já mencionado) correspondem aos primeiros sítios de assentamento na Ilha da Madeira, no entanto, e ao longo do tempo, foram desempenhando papéis e percursos muito distintos, sendo que estes reflectem-se na importância que acabam por vir a assumir. Enquanto o Funchal e as suas respectivas

22- FERNANDES. *Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. 1996. p.88.

23- FERNANDES. *Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. 1996. p.89.

24- Como a chamou Simão Gonçalves da Câmara, segundo o Padre Pita Ferreira em: *O Infante D. Henrique e a descoberta e povoamento do Arquipélago da Madeira*. 1960. p.36.

25- Em 1777, [registar-se] esta referência dum apologista do Governador e Capitão_Geral João António de Sá Pereira: «não havia... caminhos alguns por onde, sem bem evidente perigo de vida, se pudesse passar de uma para outras freguesias, e ainda sair da cidade mais de meia légua...; era quase possível a comunicação da Capital com as Vilas e Lugares de toda a Ilha que não fosse unicamente pelo mar que, no inverno, era bravíssimo. (PEREIRA. *Ilhas de Zargo*, Vol. II. 1940. p. 10.)





25- Cidade de Machico.



26- Cidade do Funchal.

características orográficas e a dinâmica das actividades aí desenvolvidas possibilitaram e potencializaram o seu desenvolvimento, o mesmo não se verificou em Machico.

Como já referido, as características dos territórios destes assentamentos foram fundamentais para a sua escolha imediata – à semelhança do sucedido com outras ilhas de colonização Portuguesa. No entanto, são essas mesmas características que acabam por condicionar a forma como se vêm a desenvolver as povoações. O anfiteatro natural onde se situa o Funchal tem algumas semelhanças, por exemplo, com a *cratera* onde se localiza o lugar da Povoação, na ilha de São Miguel, onde os navegadores portugueses desembarcaram pela primeira vez em 1427. No entanto, as condições orográficas mais favoráveis de outros pontos desta ilha (nomeadamente Ponta Delgada), fez com que este passasse a desempenhar um papel secundário no desenvolvimento da mesma.²⁶ Pode-se, com isto, apreender que a confrontação entre os vários lugares de um mesmo território, também condiciona a forma como os mesmos se desenvolvem no espaço e no tempo – o facto de, na Madeira, o grande anfiteatro natural, onde se localiza o Funchal, corresponder à área de maior extensão onde a aproximação ao mar é feita de forma suave e gradual, faz com que seja compreensível o facto de ter-se fixado (e desenvolvido) aqui a *capital* da Ilha (e Arquipélago).

26- LEITE. Os Lugares da Povoação. 2004.

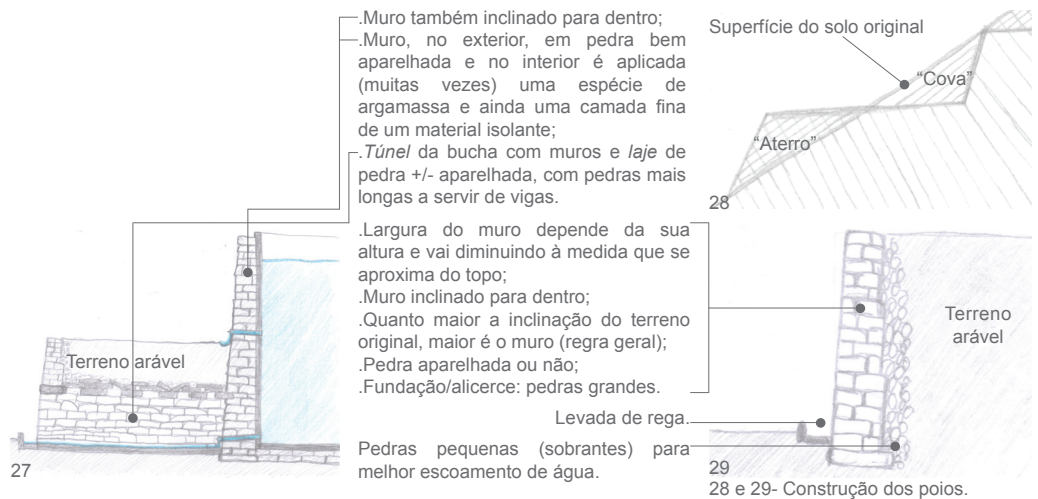
Por sua vez, as ligações à *cidade* (como ainda hoje os madeirenses referem o Funchal) tinham relevante importância (por questões óbvias), pelo que a proximidade à mesma também corresponde a um factor potenciador de desenvolvimento.

Noutros Arquipélagos (como os Açores), as relações de proximidade física e visual entre as várias ilhas que os constituem, também correspondem a um elemento que proporciona o assentamento e desenvolvimento dos povoados, no entanto, na da Madeira não se verifica esta situação, uma vez que a topografia das ilhas assim não o permite.

2.4. Poios, levadas e veredas

Os colonos madeirenses, com a sua chegada à Ilha, depararam-se com dificuldades: viram-se *subvertido[s], duas vezes isolado[s] entre a montanha e o mar*²⁷. No entanto, tiveram o engenho e a destreza física para edificar uma *enorme* paisagem cultural que chegou aos dias de hoje sobre **achadas, lombos, fajãs** e arribas. Neste território trabalhado pelo Homem, o que se tem vindo a destacar, desde sempre, são as íngremes escadarias de pequenos tabuleiros de solos aráveis – **poios** – e as linhas de água e sistemas de rega que os atravessam – **levadas**. Esta estratificação do território, surgiu das carências que as actividades agrícolas impuseram – sentiu-se a urgência de tornar arável o terreno antes rochoso e instável, tal como se sentiu a premência de fazer chegar a eles a tão necessária água. Para além disto, esta intervenção representou outro tipo de mutações na imagem do território, pois (por exemplo) o facto de se ter feito chegar a água às terras mais secas do sul, alterou a fauna e aridez dos solos nesta costa. Da mesma forma, os processos de florestação de algumas das serras madeirenses, acabaram por mudar por completo zonas onde antes só havia *deserto*.

27- BRANDÃO. As ilhas desconhecidas: notas e paisagens. 1926. p.152.



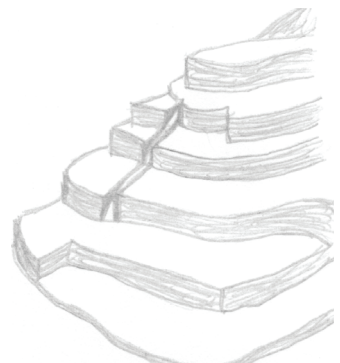
30 a 35- Tipos de disposição de Muros de Suporte.



30- Disposição paralela descontínua.



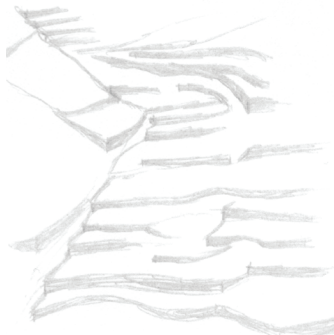
31- Disposição paralela.



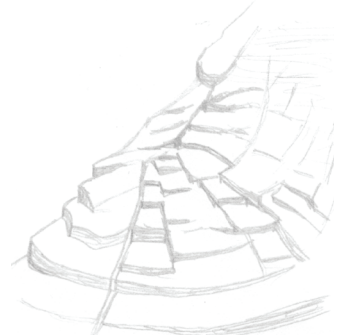
32- Disposição concêntrica convexa.



33- Disposição concêntrica côncava.

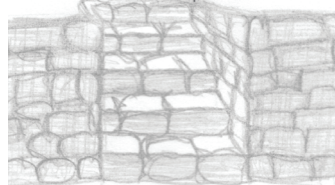


34- Disposição ortogonal.

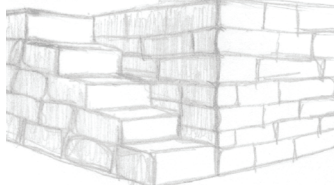


35- Disposição radial.

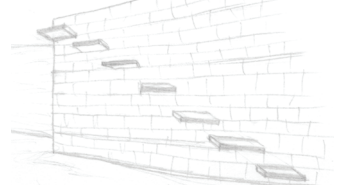
36 a 40- Acessos aos poios.



36- Escadaria em negativo.



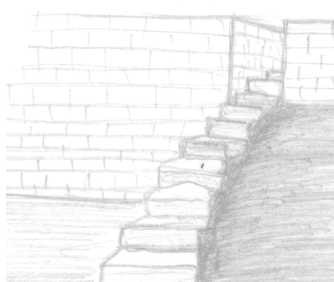
37- Escadaria paralela.



38- Escadaria de laje destacada.



39- Escadaria directamente trabalhada em pedra, terra ou ambas.



40- Escadaria comprometida por muros e terreno.

De igual modo, encontrou-se a necessidade de deslocação no espaço, não só para o transporte dos materiais a utilizar na construção dos **poios** e **levadas**, como para todas as mais diversas actividades com que os madeirenses se foram deparando ao longo de bem mais de cinco séculos. Estando perante um território com características topográficas tão particulares, estas deslocações dificilmente conseguiam ser feitas por meio de qualquer outro tipo de transporte que não o de pé-posto (como já mencionado) – pois tanto se é conduzido a descer até um profundo vale, como logo de seguida se impõe uma íngreme subida. É assim que surgem as **veredas** – caminhos de pé-posto que percorrem a Ilha de uma ponta à outra, por entre **lombos**, montanhas, **fajãs**, vales, etc.

A edificação dos **poios** acarretou muitas dificuldades e, para além de ter resultado numa paisagem cultural de enorme importância para a história e património local, também serviu de modelo na configuração e estruturação de outros locais²⁸ com condições semelhantes às desta *porção de terra* rodeada pelo oceano – no entanto, é de referir que em nenhum outro sítio se encontra o trabalho de conquista de terra com o grau de extensão que aqui se observa (img.s 61 a 67_p.40).

As primitivas explorações agrícolas nasceram na linha litoral, próximo a linhas de água ou nascentes de modo a poder-se cultivar o solo adjacente aos primeiros povoamentos da Ilha. Da mesma maneira que a vertente Sul, o seu declive menos acentuado e o seu clima mais ameno facilitam a fixação de gente, também facultam condições mais propícias à produção agricultura, pelo que é para os **lombos** e vales desta costa que os **poios** se vão alargar. Posteriormente, em todo o sítio onde se afigurou possível (dependendo de questões orográficas, hidrográficas e de acessibilidade), construíram-se terraços aráveis.

As vertentes, com declive mais ou menos acentuado, só podem ser transfiguradas em terreno arável depois da construção de mecanismos que fixem a terra cultivável (img.s 28 e 29). Por conseguinte, depois de desbravadas as terras, procedeu-se à construção dos **poios** para a qual se viu necessário o partir do basalto e o dismantelar dos montículos vulcânicos e, pedra sobre pedra, foi-se erigindo muros a perder de vista. A construção destes muros obedece uma técnica rigorosa (img.29): feito o alicerce, constrói-se o muro de maneira a adquirir inclinação para dentro, à medida que ganha altura; as pedras (rígidas e de basalto) anteriormente talhadas têm de estar perfeitamente moldadas e sem qualquer irregularidade ou ranhura, pois, de outra forma, não se consegue que a terra encharcada não escorra por entre as pedras dos muros e, ao mesmo tempo, que a água escoe. Erguidos os muros, é necessário arranjar terra de boa qualidade para encher o **poio**, o que obriga o madeirense a ir buscá-la aos sítios onde abunda que, normalmente, são no fundo dos vales, *aonde* se fixam depois dos temporais e enxurradas. Assim, o transporte desta é feito em cestos trazidos às costas por íngremes caminhos de pé-posto e sob um enorme esforço físico.

Este penoso processo de construção é ou foi repetido, quase teimosamente, centenas de vezes, dando origem a imensas escadarias de **poios** (img.s 30 a 35). Porém, a sua pequenez e o ainda difícil acesso a muitos deles, faz com que seja necessário trabalhá-los quase exclusivamente *à mão*, criando, assim, novas dificuldades aos agricultores no trato das



Fontainhas, Santo Antão, Cabo Verde.



Porto Silvado, Arganil, Coimbra.

28- Poderá ter servido de modelo, por exemplo, na colonização e estruturação (1548) da Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde. No entanto, a sua técnica de construção, certamente, que chegou à Ilha juntamente com os seus colonizadores.



41 a 47- Construção da levada do Norte.

As primeiras levadas, durante séculos, foram construídas por homens ágeis com o auxílio de ferramentas rudimentares. Eram conhecidos por *rocheiros* e trabalhavam pendurados por cordas atadas em troncos de árvores ou em rochas. Amarrados nestas cordas ou enfiados em cestos, furavam as rochas até se abrir o sulco para a passagem das águas.

Afonso de Albuquerque, governador da Índia de 1508 a 1515, distinguiu-se entre os que lutaram para destruir a navegação árabe e enfraquecer os seus principais pólos comerciais. Para atingir esses objectivos propôs ao Rei D. Manuel I um plano para conquistar o Egito. Chegou mesmo a escrever uma carta, solicitando o envio de homens dos que trabalhavam na abertura das levadas da Madeira, porque com eles seria possível desviar o curso do Nilo e deixar o Cairo sem pinga de água. Destruído o Cairo, o Egito seria conquistado em dois anos (Cartas de Afonso de Albuquerque, 1884).

D. Manuel nunca chegou a satisfazer o pedido de Afonso de Albuquerque e o Nilo continuou a fertilizar as terras do Cairo. No entanto, este curioso episódio revela muito bem como já no início do século XVI era grande a fama da valentia dos trabalhadores que construíam as levadas da Madeira.

(QUINTAL. *Levadas da Madeira: Caminhos da Água, Caminhos de Descoberta da Natureza*. (s.d.) p.5-6)

terras e transporte dos produtos da terra – ser agricultor nunca foi uma tarefa fácil e na Madeira as dificuldades parecem crescer exponencialmente. Estas dificuldades têm vindo a contribuir para o abandono de muitas explorações, o que, por si só, corresponde a um inconveniente para a estabilidade das encostas madeirenses (como se tem vindo a observar nos últimos anos): os **poios** em abandono, antes *instrumentos* de infiltração de grande percentagem da água das chuvas e da diminuição da erosão, acabam por degradar-se e, dessa forma, os riscos de deslizamentos, desmoronamentos e enxurradas aumentam, como também fazem aumentar os caudais enlameados dos ribeiros e ribeiras.²⁹

29- *Daqui se depreende que o madeirense constrói terraços, não só para segurar o solo, mas, de igual forma, para criar espaços de aproveitamento agrícola em sítios onde as condições extremamente rochosas do solo, inicialmente, jamais permitiriam a produção.* (BRANCO. *Camponeses da Madeira, as bases materiais do quotidiano no Arquipélago. (1750-1900)* 1987. p.27.)

Não obstante, as **levadas** não podem ser dissociadas do modo como o espaço da Ilha tem sido utilizado ao longo do tempo.

A proximidade às linhas de água dos primeiros núcleos de produção agrícola, permitia o fácil acesso e uso da água, porém, cedo estas explorações alargaram-se montanha *adentro* e daí resultaram as primeiras dificuldades na condução das águas a maiores distâncias e até pontos mais elevados – surgiram, assim, as primeiras **levadas** que só se consegue pressupor onde poderá ter sido a sua presença. Assim, supõe-se (sem certezas ou registos) que os primeiros trechos de terrenos irrigados por **levadas** encontram-se nas margens da Ribeira de Santa Luzia (no Funchal), e nas de Machico e **Câmara de Lobos** nos pontos que delimitam a costa.³⁰

30- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol. II. 1940. p.461.

Assim, supõe-se também que as primeiras **levadas** terão surgido logo depois do povoamento da Ilha no séc.XV, no entanto foi no séc. XVI que se construíram as mais importantes³¹ – das que chegaram aos nossos dias contam-se: a de Santa Luzia, a **da Ribeira dos Socorridos**, a dos Piornais e a do Castelejo³² (a primeira no Funchal(a nascente), as restantes no limite deste com Câmara de Lobos); desde aí, muitas mais surgiram e outras se foram dissipando e/ou transformando.

31- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol.II. 1940. p.462.

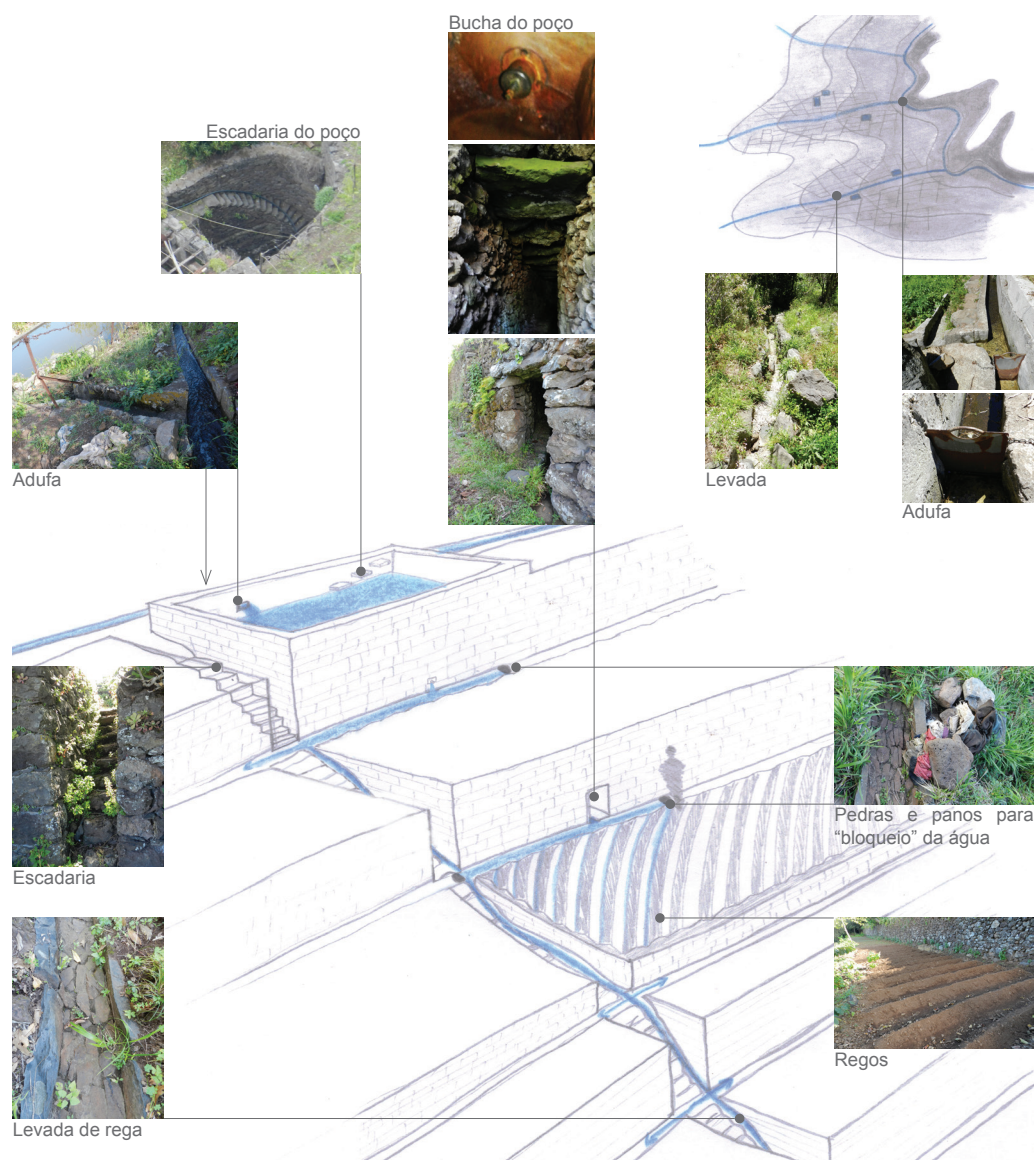
32- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol. II. 1940. p.489.

Da mesma forma, (como já referido) a água na costa norte da Ilha é abundante e constante ao longo de todo o ano mas, durante algum tempo, uma parte dos solos do sul dependia da sazonalidade das chuvas para fazer singrar as sementeiras (alguns ainda dependem) – *regime de sequeiro*. Por conseguinte, mais uma vez, surgiu a importância da construção de canais que encaminhassem a água de onde esta existia em abundância para as áreas com falta dela, através de canais e aquedutos – **levadas**.

*Em si, o sistema usado na Madeira não oferece novidade tecnológica, pois é o velho princípio de aproveitar as nascentes naturais a níveis elevados e conduzir a água pela força da gravidade aos campos situados em níveis mais baixos. O que é invulgar é o arrojo e proporções do empreendimento.*³³ Este arrojo advém, mais uma vez, das condições topográficas e climáticas da ilha: as **levadas** nascem em lugares altos e vão buscar, muitas vezes, a água às vertentes norte, pelo que tornou-se necessário cavar túneis – **furados** – no terreno montanhoso; as falésias rochosas por onde cavalgam as **levadas**, tornam-nas empreendimentos com origem em elevada e perigosa empreitada e resultam em fantásticas *linhas* que, ao longe, vê-se ondular por entre **lombos**, arribas, montanhas e **achadas**.

33- DIAS; GALHANO. *Aparelhos de Elevar a Água de Rega*. (1953) 1986. p.27.

Supõe-se que, inicialmente, as **levadas** não passavam de canais de pouca extensão



48- Sistema de rega (exemplo):

- . no cimo das escadarias de poios (muitas vezes a acompanhar as linhas de festo dos lombos ou no cimo das arribas e achadas) existem ramais e/ou lanços (secundários) que se subdividem, junto à levada principal, através das chamadas caixas divisórias;
- . por sua vez, estas ramificações ou voltam a subdividir-se, ou encaminham as águas até os poços de rega existentes numa determinada porção de terra – fazenda – pertencente a um certo proprietário (cada fazenda tem, quase sempre, o seu próprio poço). A passagem da água destes ramais para os poços é feita através da utilização de adufas nos mainéis destas; Aqui é importante fazer caso, abastecimento do poço) e a duração da mesma (p.e.2h);
- . no momento em que a água chega ao tanque de rega, passa a ser propriedade do dono do mesmo e é este quem a gere consoante as suas necessidades;
- . os poços estão munidos de um sistema a que os madeirenses chamam de bucha do poço, a partir do qual se faz a abertura da água para a rega das plantações nos poios;
- . aberta a bucha, há que fazer chegar a água aos trechos de poio que se quer regar e, mais uma vez, recorre-se às levadas para esse efeito. Contudo, aqui, estas são sob a forma de pequenos canais, por vezes, pouco profundos e de terra batida e/ou limitados/revestidos por pedras (quase como nas calçadas);
- . estes canais têm várias ramificações possíveis, pelo que para encaminhar a água para o sítio pretendido utilizam-se técnicas de barragem rudimentares: interrompem-se os ramais em determinados pontos estratégicos com pedras, panos velhos e/ou mato;
- . chegada a água à levadinha de um poio, ainda há que fazê-la chegar aos regos e às raízes dos produtos agrícolas, por isso, volta-se a utilizar a técnica referida na alínea anterior.

escavados na rocha e com alguns segmentos feitos de grossas tábuas em forma de calha.³⁴ As mudanças e implementação de novas produções, plantações (em abundância), fez crescer a necessidade de água e, por isso, de estender as áreas de *domínio* das **levadas**, bem como de serem erigidas através de técnicas mais seguras e duradouras – passa-se a construir os canais em alvenaria e usa-se explosivos na abertura de **furados**.

Os primeiros e mais antigos canais de alvenaria, teriam cerca de cinquenta centímetros de profundidade e setenta (ou mais, mas nunca mais de um metro) de largo. As **levadas** mais recentes constroem-se em betão ciclópico e a sua altura varia entre um metro e um metro e vinte centímetros, enquanto a sua largura mede um pouco mais de um metro – é pretendido que as **levadas** continuem a ser estreitas de modo a evitar a perda da água, por evaporação, nas épocas mais quentes.

A construção destas primeiras **levadas** encontrava-se a cargo de particulares ou dos próprios agricultores, que dedicavam o seu tempo, suor e, por vezes, vidas à tarefa de erigir os enormes empreendimentos que representam estes canais (img.s 41 a 47). Segundo Eduardo C. N. Pereira, em “Ilhas de Zargo” (Vol. I, p.682), entre os seus *primeiros obreiros [...] contam-se escravos negros e mouros, empregando-se estes em traçá-los e aqueles em perfurar a rocha, britar a pedra e arrumá-la*. Nesta altura, era tão primário o seu traçado e nivelamento que se chegava a alguns insucessos, como a inutilização de alguns canais (depois de muito trabalho), por estes virem a sair acima da cota da nascente – em certos sítios ainda se vê, ao longe, nas montanhas poentes do **Curral das Freiras**, o traçado de um desses insucessos.

Desta forma, no início, as águas eram propriedade comum da população, sendo que os proprietários dos terrenos onde as **levadas** nasciam, não tinham qualquer direito sobre as suas águas, nem podiam desviar o curso das mesmas. Acabou-se por aceitar que este método era de difícil execução e, no final do século XVIII, a água era, na sua maioria, pertença da Coroa e era esta quem tratava da sua distribuição.

Actualmente, as principais e mais recentes **levadas** são do Estado ou de particulares e são estes que fazem a repartição das águas e a manutenção dos canais. Além disso, os agricultores pagam-lhes a água de que necessitam. Todavia, existem ainda as **levadas do povo**, das quais os camponeses são co-proprietários – **heréus** – por terem herdado o direito à água das **levadas** construídas pelos seus antepassados.

Só a partir da primeira metade do séc. XIX é que estas construções passaram a estar sob a alçada do Estado: pelo interesse na multiplicação e variabilidade dos produtos produzidos na Ilha e pela importância que, nessa altura, se começou a atribuir à água como instrumento de produção de energia eléctrica. Em 1947, à data do traçado do plano de construção de canais da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos, existiam cerca de duzentas **levadas** e a rede de canais rondava os mil quilómetros. Hoje em dia, tem-se uma extensão de mais de mil e quatrocentos quilómetros de aquedutos.³⁵

Apesar das **levadas** serem um dos principais enfoques da cultura e paisagem da ilha da Madeira, a verdade é que esta faz parte de um, bem mais complexo, sistema de rega (img.48), pelo que mesmo depois de construídas as **levadas**, os

34- QUINTAL. *Levadas da Madeira: Caminhos da Água, Caminhos de Descoberta da Natureza*. (s.d.) p.9.

AUGUSTO DA SILVA; MENESES. *Elucidário Madeirense*. vol.II. 1998. p. 462

35- QUINTAL. *Levadas da Madeira: Caminhos da Água, Caminhos de Descoberta da Natureza*. (s.d.) p.13.



49- Pico do Azeiro.



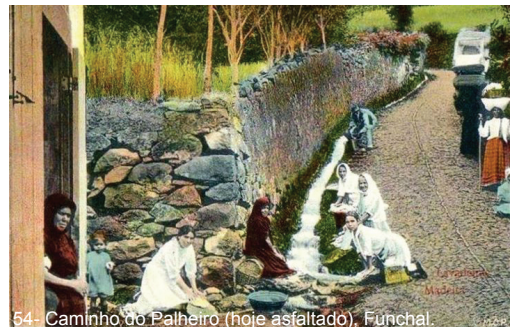
50- Levada Nova, Tabua, Ribeira Brava.



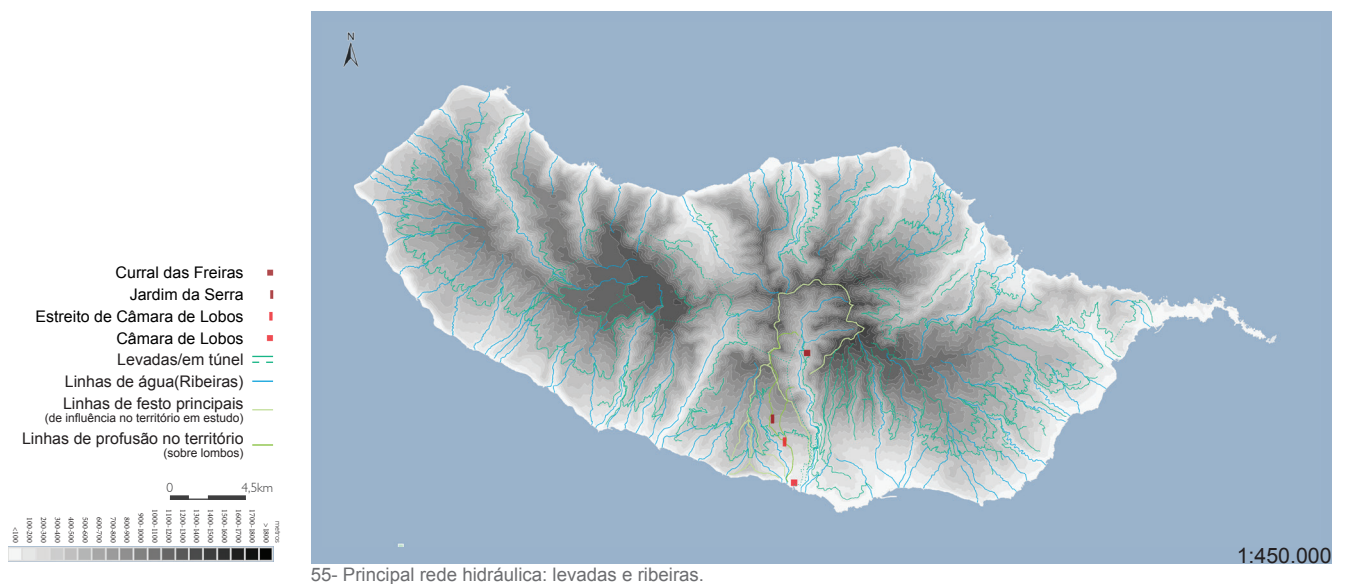
51- Levada dos Piornais (à direita a Ribeira dos Socorridos).
49 a 54- Levadas.



52 e 53- Levada secundária, Ponta do Pargo.



54- Caminho do Palheiro (hoje asfaltado), Funchal.



madeirenses continuam a deparar-se com um árduo trabalho de cada vez que é preciso regar uma plantação. Note-se, igualmente, que a estratificação dos terrenos em **poios**, tem importante relevância neste sistema de regadio, pois foi a partir daquela que este surgiu e se foi aperfeiçoando ao longo de vários séculos.

As **levadas** trazem as águas das suas **madres** (em ribeiros ou nascentes) e conduzem-nas por longos trajectos com perfil longitudinal traçado com rigor, de forma a adoptar um declive mais ou menos suave permitindo o movimento da água; estes trajectos, regra geral, ondulam por entre montanhas e arribas e no cimo de **lombadas** a cotas médias-altas, de modo a poderem servir uma maior área de terreno de regadio (a cotas mais baixas).

Depois do levantamento cartográfico da (principal) rede de **levadas** da Ilha, pôde-se tirar algumas ilações que nos levaram a determinar que estas apresentam-se segundo dois tipos:

1. As de pendente mais acentuada – perpendiculares às curvas de nível e, geralmente, paralelas a linhas fluviais, no cimo de **lombos** e **lombadas**;

2. As de pendente estável – coincidentes com as curvas de nível e de dois sub-tipos: 2.1.- estabelecidas entre linhas de feito e linhas fluviais; 2.2.- traçadas entre linhas de feito e linha de costa.

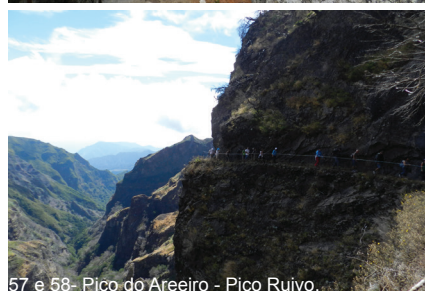
De referir, ainda, que as de tipo 1 e 2.1. configuram eixos e as de tipo 2.2 ganham a forma de anéis. As últimas, por vezes, *alimentam* algumas das do tipo 1, através de subdivisão em **ramais**, **lanços**. A grande maioria dos canais encontra-se na vertente sul da Ilha, uma vez que servem os domínios propícios ao cultivo. No entanto, algumas destas, (como já referido) vão buscar as suas águas às ribeiras do norte, pelo que o seu atravessamento pelo maciço central é feito através de **furados**.

Através da imagem 55 é possível perceber, de uma forma geral, qual a abrangência e importância destes canais no território em estudo. Contudo, é importante mencionar, mais uma vez, que esta representa unicamente a principal rede de **levadas** da Ilha, pois não inclui os (muitos) mais pequenos **ramais** cuja identificação e desenho (em planta) obrigariam a um levantamento exaustivo, que não se vê necessário, nem exequível no decorrer deste estudo, trabalho.

Por último, é importante dizer que as **levadas**, são quase sempre acompanhadas por **esplanadas** – **veredas** – adjacentes e paralelas a estas que, primeiramente, foram feitas com o propósito de possibilitar as suas vistorias e manutenção, mas passaram a ser utilizadas, também, como caminhos para os moradores das proximidades e pelos agricultores que as utilizam nas deslocações para os seus terrenos e no transporte dos produtos neles cultivados; e como trilhos de exploração (turística) das paisagens madeirenses. Estas **esplanadas**, o seu perfil e planta, dependem das condicionantes da topografia, pelo que tanto ganham uma largura considerável, como se estreitam a tal ponto de quase não se ter onde pousar os pés; umas vezes é ladeada por vegetação, conferindo-lhe uma sensação de segurança, outras é flanqueada por um precipício cortado a direito; noutras ainda, passam por *dentro das rochas*, pelos **furados**.



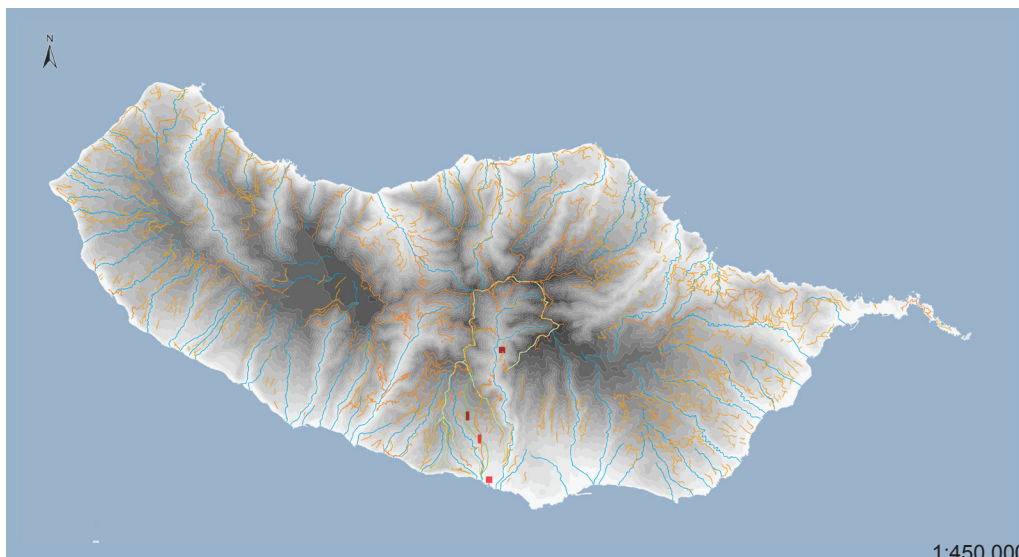
56- Vereda que fazia a ligação entre o antigo porto da Praia de São Jorge (um dos principais portos da costa norte) e Santana.
56 a 58- Veredas.



57 e 58- Pico do Areeiro - Pico Ruivo.

Veredas
Linhas de água(Ribeiras)

0 4,5km



59- Principais veredas da Ilha.

1:450.000

Veredas
Levadas/em túnel
Curral das Freiras
Jardim da Serra
Estreito de Câmara de Lobos
Câmara de Lobos
Linhas de água(Ribeiras)
Linhas de fecho principais
(de influência no território em estudo)
Linhas de profusão no território
(sobre lombos)

0 4,5km



60- Rede de caminhos pedestres: levadas e veredas.

1:450.000

O termo **vereda**, na Ilha, é utilizado para designar um caminho estreito de pé-posto, geralmente em terra batida ou em cascalho, seixo (pontualmente sobre rochas e pedra escavada em calços), que percorre e acompanha o território e que seria utilizado, inicialmente, para a recolha de madeiras, produção de alimentos, criação de gado e posteriormente para peregrinações religiosas e comércio, fazendo também ligações entre vários pontos do território mais ou menos isolados. Muitas vezes, esta era a única forma de aceder a determinados lugares, como é o caso, por exemplo do **Curral das Freiras**. Da mesma maneira, por vezes, figuravam os únicos meios de ligação terrestre entre as costas norte e sul.

Estes caminhos, eram (e são) feitos por entre montes e vales, atravessando arribas e percorrendo várias dezenas (por vezes centenas) de quilómetros. É, ainda, possível testemunhar o ziguezaguear destes trajectos (img.56), montanha acima ou rocha abaixo, que permitiam mudar consideravelmente de altitude num curto espaço (não em comprimento, mas em área).

Noutras situações eram utilizados, unicamente, para chegar aos terrenos agrícolas, muitas vezes situados em lugares remotos e, até mesmo, à beira de precipícios.

Além disso, uma das variantes de **veredas**, devem a sua origem e utilização aos pastores, para fazerem chegar os seus rebanhos aos terrenos propícios ao pasto – muitas vezes a cotas altas, onde a vegetação é mais rasteira. A estas chamavam-se, por vezes, de *caminhos de cabras*.

Há ainda, uma variante das **veredas** um tanto ou quanto mais *urbanizada*, ou pelo menos com um carácter menos rural, rudimentar e isolado. Estas percorrem menores distâncias e servem, na sua maioria, de acesso a habitações. Por vezes, vencem grandes desníveis, pelo que são conduzidas por trechos de longas escadarias.

Procedeu-se, também, ao levantamento da principal rede de **veredas** actualmente existente na Ilha (img.59) e o que se pode concluir, é que estes caminhos andam sobretudo coincidentes com as linhas de fecho dos cumes dos montes e/ou das **lombadas** e que são, essencialmente, de dois tipos:

1. As que serpenteiam ao longo de vários quilómetros, fazendo a ligação entre dois (ou mais) pontos do território – são as deste tipo que atravessam a coroa montanhosa do **Curral da Freiras**, fazendo a ligação entre as costas Norte e sul;

2. As de pequenas dimensões que são utilizadas para vencer cotas.

Assim, tem-se que as primeiras são pensadas à escala do território e as segundas à escala do lugar.

Nas de tipo 1, incluem-se: as **veredas** que surgiram como *caminhos de cabras* e aquelas que, desde muito cedo na história da Madeira, foram traçadas com fins turísticos, através das quais se serpenteia ao longo de várias e muito distintas paisagens (mais ou menos naturais) e se faz a ligação entre pontos considerados de grande atracção turística.

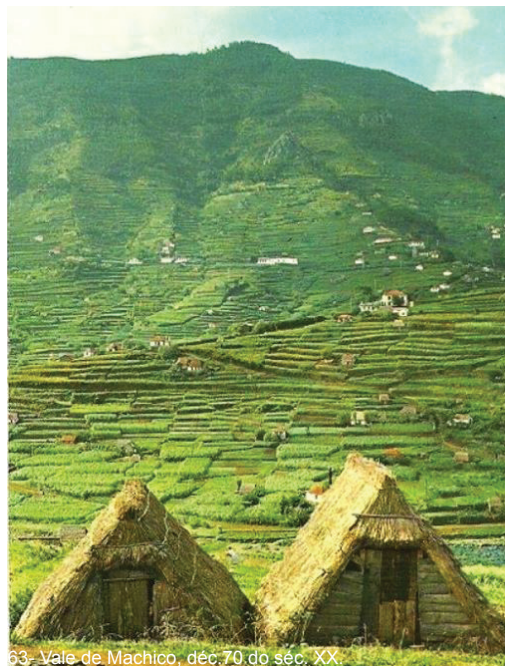
Nas de tipo 2, incluem-se: as utilizadas para actividades relacionadas com a agricultura; e as que, actualmente, servem de acesso a habitações que se encontram em encostas, onde o trânsito automóvel é inexistente e/ou impossibilitado.



61- Ribeira da Janela, Porto Moniz, 1940.



62- Calheta, c.1943.



63- Vale de Machico, déc.70 do séc. XX.



64- Ribeira dos Socorridos, déc. 70 do séc. XX.



65- Cruzinhas do Faial, Santana.



66- Estreito de Câmara de Lobos.



67- Câmara de Lobos (Picos da Torre e do Facho), 2013.
61 a 67- Poios a perder de vista.

- Meios de apropriação do espaço e de organização do território

Tornou-se premente estudar e explicar, aqui, o processo de construção, evolução, expansão e utilização destes componentes, porque estes são dos elementos mais antigos da história e vida dos madeirenses e estão sempre presentes nos seus quotidianos – fazem parte do *espírito do lugar* que é a ilha da Madeira. Da mesma forma, observa-se – por experiência, conhecimento próprio e por meio de várias investigações, minhas e não só – que estes têm parte activa e fundamental na génese, origem e evolução da estrutura do território em análise.

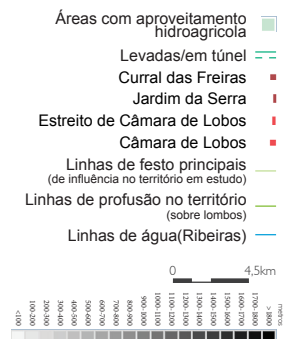
Inicialmente edificados a pensar na conquista de mais solo para a expansão de explorações agrícolas, os **poios** chegaram a todas as partes e recantos da Ilha – onde o seu acentuado declive assim o permitiu (img.s 61a67). Por outro lado, em alguns locais, só se justificou a fixação de terraços aráveis, depois da construção de determinados canais de água, pelo que aqui, são as **levadas** que têm um papel *desencadeador* e estruturador do território. Seja como for, a estratificação do território em terraços aráveis, permitiu que o madeirense conseguisse alcançar e fixar-se em zonas antes instáveis, pelo que se percebe que o seu principal papel na estruturação do território, prende-se com o facto de servirem de palco, de plataforma de recepção das actividades e vivências do Homem.

De uma forma muito generalista, poderíamos dizer que os **poios** estruturam uma grande parte do território madeirense, não só no que toca a *estruturas urbanas*, como também no que toca à paisagem em si – e a tudo o que se inclui nesta. Isto porque os processos de construção e de selecção dos locais de implantação dos socalcos obedecem a uma série de premissas também tidas em conta nos *projectos*, na construção de edifícios, tais como a preferência por zonas onde: seja possível fixarem-se fundações sólidas; o declive não seja muito acentuado; e o efeito de chuvas, ventos, enxurradas, deslizamentos de terra e afins não seja (muito) sentido.

Por outro lado, é a partir destes terraços que se faz, regra geral, as divisões, separações de porções de terreno (a nível cadastral), pelo que se justifica que sejam os limites destes a definir as áreas e limites das eventuais construções que um determinado proprietário pretenda erigir.

No entanto, é em ambientes marcadamente rurais ou serranos que se verifica uma maior influência, desta estratificação, nos assentamentos – uma vez que, por se encontrarem inseridos, de forma dispersa, em áreas agrícolas, ainda não têm outro tipo de influência, referência que não as do território em si e dos muros dos socalcos – muros que, em determinadas situações, são aproveitados como paredes de um qualquer abrigo (de ferramentas, animais, produtos agrícolas ou mesmo habitações) – como se verificará mais tarde.

Construídas com o fim de transportar as águas para a irrigação dos terrenos agrícolas, as **levadas**, acabaram por resultar num elemento determinante na estruturação do território madeirense (img. 68).



Como já referido, estas levavam a água até onde era necessária mas, pelo caminho, acabaram por dar origem à construção de novos **poios** e por mudar as paisagens por onde passavam. Pelo que, aqui, já se descortina parte da importância que tiveram na organização e desenvolvimento físico da Ilha. Do mesmo modo, estas constituem o principal elemento da prosperidade da agricultura, economia, evolução e desenvolvimento da Ilha da Madeira, já que a riqueza do seu solo e a possibilidade de aproveitamento do mesmo, só se viram potencializados com a construção destes canais de rega.

Para além da sua importância para a agricultura, o que fez (e faz) das **levadas** as *artérias por onde circula o sangue*³⁶ que deu vida a estas terras, é o facto de estas transportarem água potável até sítios onde antes não a havia. A presença de água potável possibilita o abastecimento de casas, quintas, poços, tanques e afins. Assim, os terraços, que antes serviam de palco às plantações de sequeiro, passaram a servir, também, de tabuleiros de assentamentos e fixação de pessoas.

36- FRUTUOSO. *Livro Segundo das Saudades da Terra*. (1586-1590) 1968.

Do mesmo modo, as **esplanadas** das **levadas** têm a vantagem de poderem ser utilizadas como caminhos; e a proximidade a estes canais possibilitava o desvio das suas águas para utilização diária; pelo que se percebe o facto de, em determinados trechos, terem dado origem à fixação de habitações.

Outro aspecto onde estes canais ganham importância, é na produção de energia eléctrica, uma vez que são os caudais de alguns deles que alimentam as centrais hidro-eléctricas da Ilha.

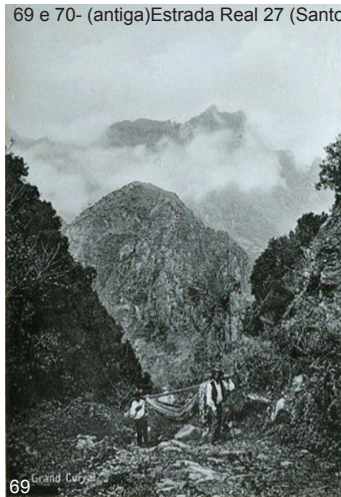
Como se vê, as **levadas** têm grande influência na forma como se faz a organização e ordenamento do território – sendo que esta é mais visível nas proximidades dos canais e nas zonas que as acompanham, a cotas mais baixas (por razões óbvias de efeito da gravidade).

A água é indispensável para a subsistência do Homem, por isso pode dizer-se que as **levadas** (de uma forma ou de outra) estão sempre presentes no quotidiano do madeirense e dos visitantes da Ilha, como Raul Brandão refere, várias vezes, em “Ilhas Desconhecidas: notas e paisagens”(p.157-160):

[...] e água que corre, água que salta e vem ao nosso encontro pela calçada abaixo e nunca mais nos deixa até lá acima, regando ora uma, ora outra quinta, distribuída por canais – água que vem da serra e todas as manhãs dá os bons dias casa a casa – olá, olá, olá! – fala a todas as árvores e presta novo viço às flores exaustas [...] pela calçada, entre o ruído das regas – as águas correm sempre na valeta ao lado do caminho estreito [img. 54_p.36] [...] e encontro logo a água minha amiga numa levada que gela e refresca todo o caminho [...] Vamos descendo sempre, e sempre a levada nos acompanha ao lado do paredão a pique. [...] E a água segue-nos sempre [...] Caminho por uma rocha entreaberta (e a água cá vai) [...] Só o ruído da levada a meu lado teima, chamando-me ao sentido da realidade.

As **veredas** (caminhos de pé-posto) constituíram a primeiríssima rede de percursos existentes na Ilha e, tal como os primitivos e rudimentares caminhos, terão sido construídas por cada núcleo populacional, conforme as suas necessidades, interesses, juízos e recursos. Eduardo Pereira escreve que, durante muito tempo, *a maior parte das estradas eram carreiros de pé-posto, e as que tinham o nome de nacionais não passavam de «restreitas veredas praticadas no solo, de penoso e difícilíssimo piso, sobranceiras a insondáveis abismos,*

69 e 70- (antiga) Estrada Real 27 (Santo



69

Antônio - Curral das Freiras - Boaventura).



70



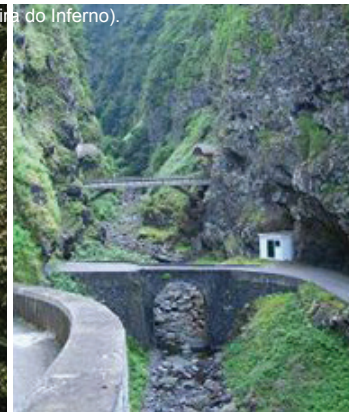
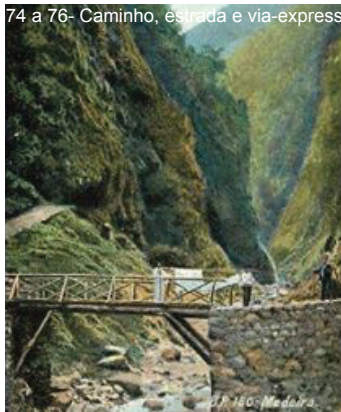
71- Abertura da Estrada do Curral



72 e 73- Capela da Alegria, São Roque, Funchal.



74 a 76- Caminho, estrada e via-expresso entre São Vicente e Porto Moniz (Ribeira do Inferno).



77 e 78- Pico do Rancho, Câmara de Lobos.



69 a 78- Veredas/Caminhos de pé-posto e evolução no tempo.

costeando flancos de elevadas montanhas e oferecendo quase sempre aos viandantes os mais graves incómodos e perigos» [...] não permitiam o trânsito senão a pé, a cavalo ou em rede. [...] Exist[ia] lanços de caminhos e estradas reais da Monarquia e nacionais da República, com piso apenas para a passagem de peões a um de fundo, cavadas em ângulo agudo na rocha escarpada [...] encharcadas num ou noutro ponto por quedas e nascentes de água [...] eram quase proibitivos para quem não os pudesse fazer a pé.³⁷ Segundo o mesmo autor, só em 1815 é que se projectou e começou a construir uma estrada de nascente a poente, com ramificações de Norte a Sul, que passou a cobrir (quase) toda a costa sul da Ilha – cujo traçado ainda se mantém até hoje (estrada Monumental).³⁸

37- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol. II. 1940. p.9.

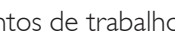
38- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol. II. 1940. p.11.

Acredito que muitas das **veredas**, atrás referidas, tenham sido aproveitadas (alargando-as e melhorando os seus pavimentos) para a construção de caminhos que permitissem, inicialmente, o trânsito de carros de bois, **corsas**, etc. e, mais tarde, de automóveis – principalmente nos trajectos que seguiam as cumeadas de **lombos** e **lombadas**, na medida em que já eram fortemente utilizados, *urbanizados*, tinham um traçado adaptado às características do território e faziam a ligação (já mencionada) com os núcleos, centros costeiros. Digo isto pelo facto de ser possível identificar alguns caminhos que, ainda hoje, têm uma dimensão (em largura) reduzida; e pela constatação de memórias (minhas e de populares) em que caminhos antes em calçada³⁹, por onde se faziam deslizar **corsas** e **carros de cesto**, são agora asfaltados e vêem desfilar automóveis (embora num só sentido).

39- Utilizavam-se dois sistemas de calçadas: liso ou ressaltado aos degraus abaulados – calçada pé-de-boi (glossário).

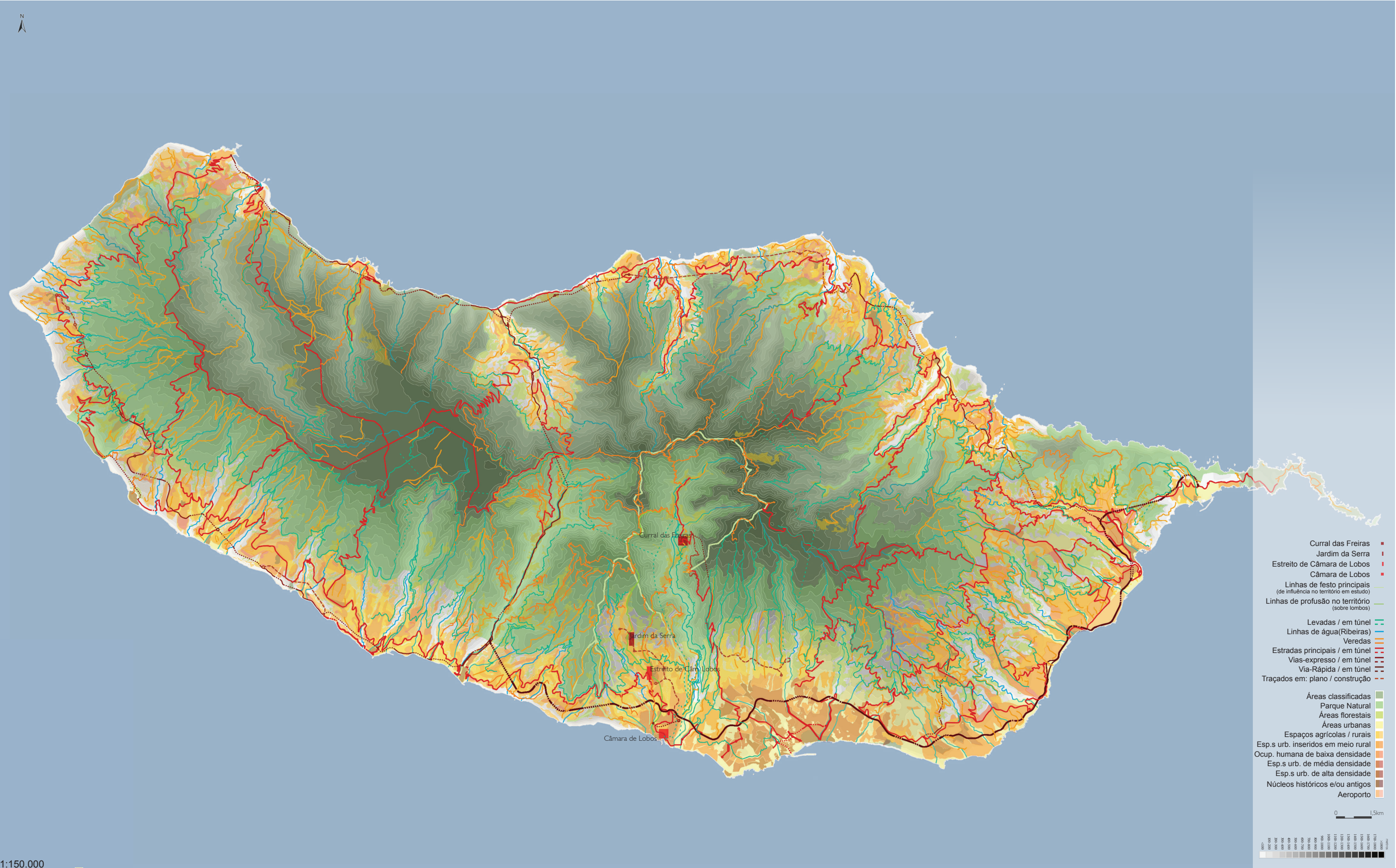
Uma vez mais, é difícil dizer como e quais os caminhos de pé-posto deram origem ou tiveram influência no traçado da rede de estradas actual. Partirei, assim, da premissa de que os caminhos que encimam **lombos** e **lombadas** (como já referido) têm forte probabilidade de deverem a sua origem a **veredas**.

De modo geral, pode-se dizer que a importância das **veredas** recai sobre o facto de serem assumidas como um primeiro estágio da rede viária da Ilha e estruturarem assentamentos de povoados de desenvolvimento linear (ao longo de lombos e lombadas).

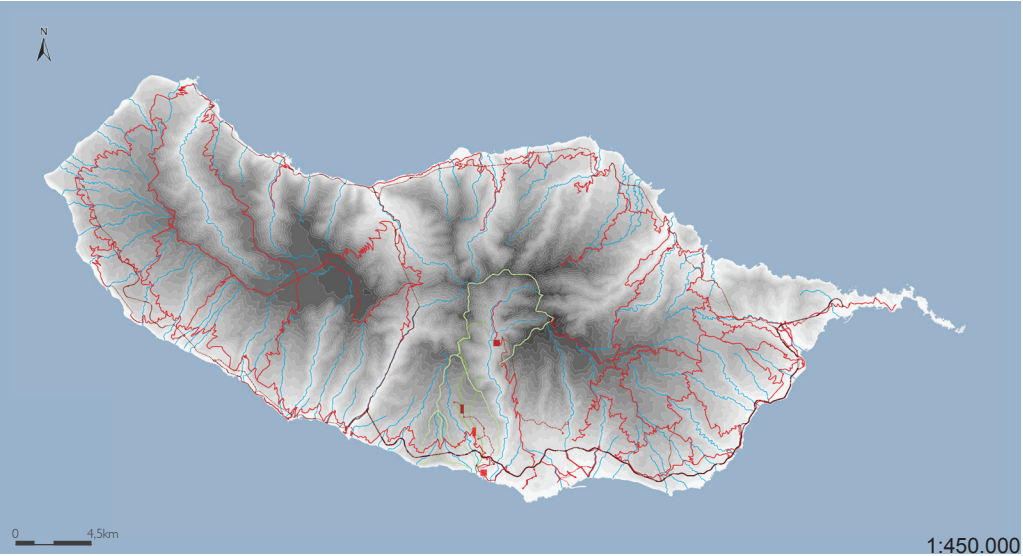
Em suma (e voltando à afirmação com que se começou este *tópico*, *ponto* do trabalho) os **poios**, **levadas** e **veredas** têm parte activa e fundamental na génese, origem e evolução da estrutura do território em análise. O que se veio a (re)confirmar com a análise das imagens 79 e 82, que fazem uma síntese destes componentes na relação com os tipos de uso do solo e de ocupação, assentamentos no território. A partir destes elementos de trabalho, pode-se completar a informação (até) aqui discutida:

.analisando o actual *desenho do território*, observa-se que, como já mencionado, as áreas urbanas, de assentamento encontram-se essencialmente junto à linha da costa, ganhando a forma de um anel, uma cintura (quase completa) e sendo a vertente Sul a mais povoada;

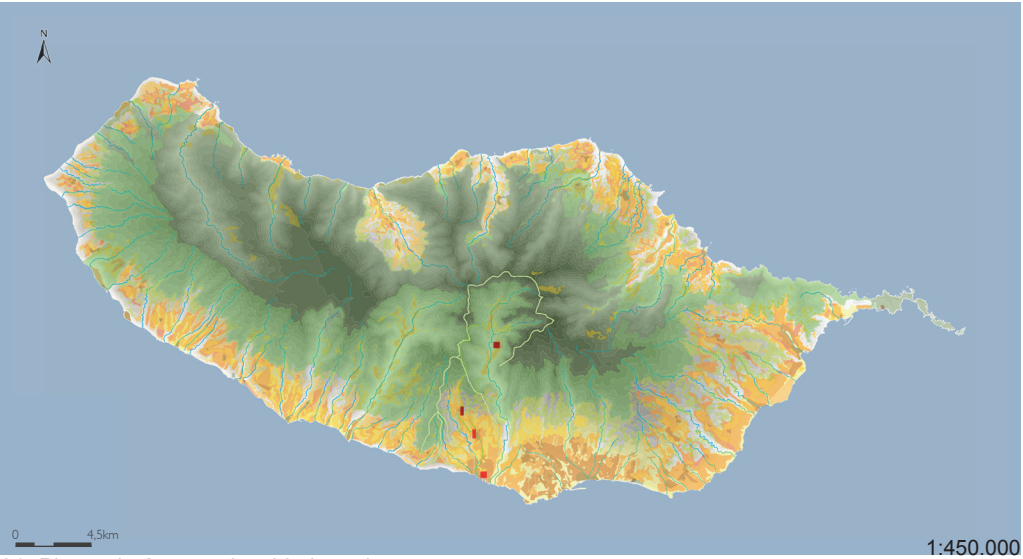
.denota-se, que as duas depressões fluviais que permitem a profusão no território e ligação das costas Norte e Sul (antes feita por caminhos de pé-posto) deram, também, lugar a dois assentamentos de carácter serrano (Serra de Água e **Curral das Freiras**) – estes, juntamente com o Santo da Serra, correspondem aos únicos *lugares*, em que os



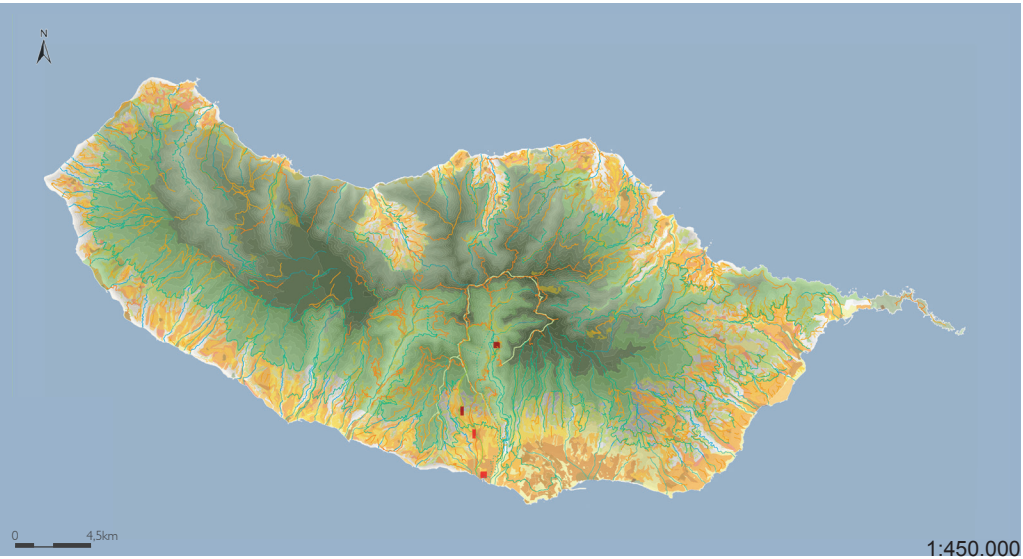
79- Planta das áreas e densidades urbanas, na relação com as principais redes: viária(estradas e veredas) e hidráulica (ribeiras e levadas).



80- Principal rede de estradas da Madeira.



81- Planta de áreas e densidades urbanas.



82- Rede de caminhos pedestres na relação com as áreas urbanas.

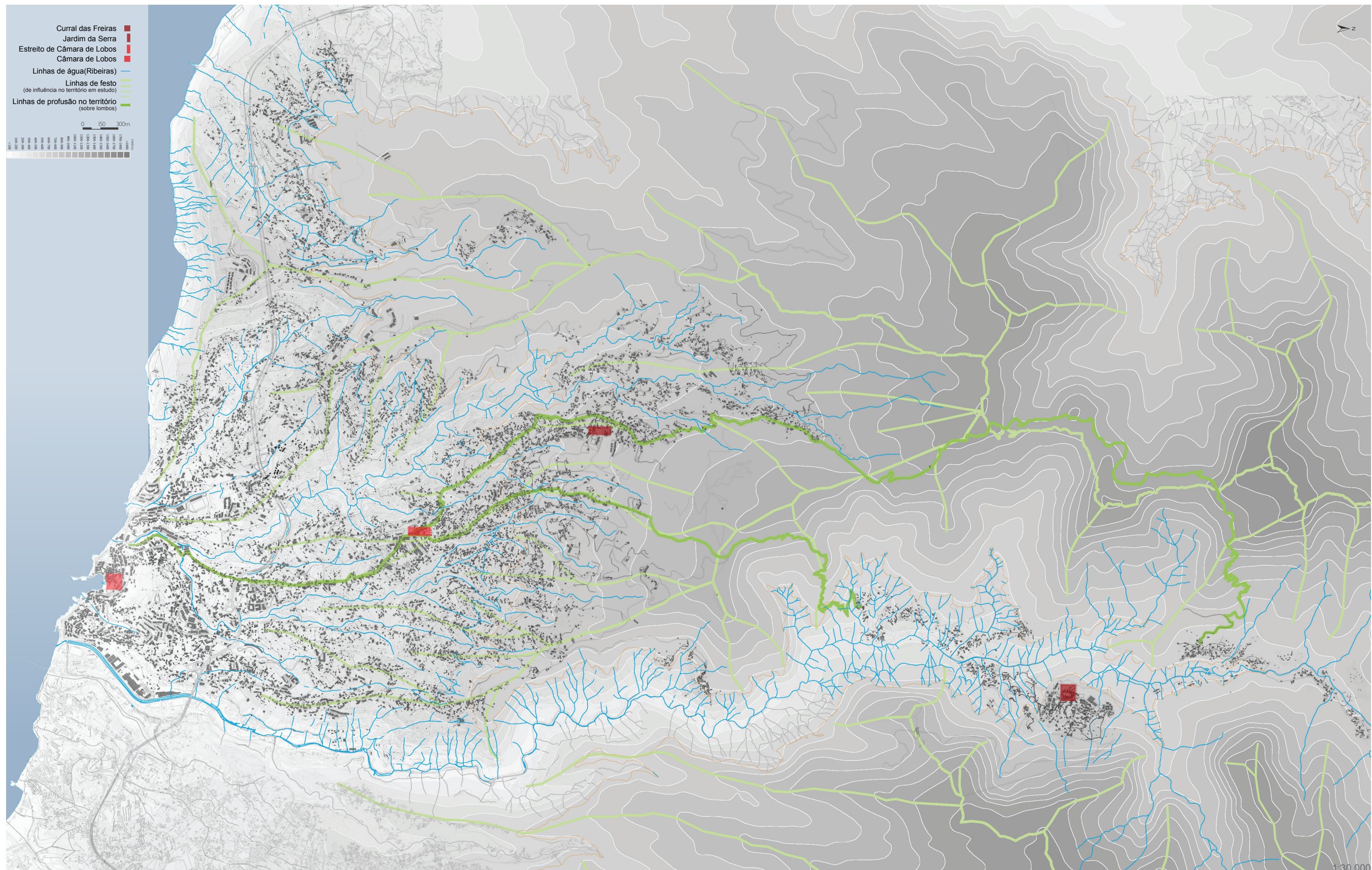
assentamentos se fazem no interior do território e sem qualquer relação (visual) com a linha de costa (a diferença é que os primeiros encontram-se num vale, enquanto o último fixou-se num planalto);

.as áreas em que se tem uma leitura (mais) clara dos *cordões de estrutura aproximadamente linear* encontram-se em Santana, Ponta do Sol e principalmente na Calheta;

.nestas plantas, o que sobressai é a constante presença de **levadas** a acompanhar os assentamentos ou a cotas acima destes – os povoamentos localizam-se, portanto, entre três tipos de linhas de água: as ribeiras (a ladeá-los ou a irrompê-los), as **levadas** (a encimá-los ou a acompanhá-los) e a linha da costa, do mar (a limitá-los);

.as **veredas** encontram-se, na sua maioria, perpendiculares à linha de costa e junto às áreas urbanas, a cotas superiores a estas (e algumas acham-se mesmo dentro das malhas urbanas) – tomando a forma de um segundo anel que circunda toda a Ilha – permitindo um meio de profusão imediata no território, até os cumes mais altos, onde, por sua vez, deparamo-nos com um outro tipo de **veredas**;

.quanto aos terrenos agrícolas e, portanto, aos **poios**, observa-se que estes (à semelhança das áreas urbanizadas), encontram-se nas proximidades das **levadas**, geralmente a cotas inferiores a estas; fixam-se em zonas onde o declive é menos acentuado, dando primazia aos **lombos** e **lombadas** (uma vez que se encontram entre ribeiras ou córregos que também possibilitam a sua irrigação).



II DE CÂMARA DE LOBOS AO CURRAL: DISTRIBUIÇÃO E ORGANIZAÇÃO

1 – A paisagem

O termo *Paisagem* é largamente utilizado, diariamente, por uma enorme diversidade de disciplinas, e todas elas atribuem-lhe um sentido e significado consoante o âmbito e a situação em que o inserem. A paisagem é o que a determina varia, portanto, em função de cada sujeito que a observa. Devido à sua realidade multifacetada, este é um conceito que, cada vez mais, é objecto de incertezas e interrogações, quer esteja inserido em questões relacionadas com a geografia, a arquitectura, a pintura, o urbanismo, a política, ou etc..

Na *linguagem comum*, o conceito paisagem é atribuído à perspectiva que se tem em cada ambiente ou ponto de um determinado território – é, assim, tudo aquilo que poderíamos apreender por meio de todos os nossos sentidos (visão, audição, etc), num determinado lugar – trata-se de uma visão muito simplificada, ainda que seja esta a definição que se lhe atribui *comumente* e que clarifica o termo paisagem quando utilizado para referir o espaço que nos circunda.

Porém, há disciplinas que defendem que a palavra paisagem não define apenas uma perspectiva, um cenário. Em “O Retorno da Multifuncionalidade da Paisagem”, Rute Sousa Matos afirma que há quem descreva paisagem como o reflexo das relações que o homem estabelece, ao longo do tempo, com a natureza (Lizet e Ravignan); para outros, ainda dentro da mesma lógica, o termo paisagem corresponde a *um sistema de espaços construídos pelo homem à superfície da Terra* (Jackson).

84 a 91- Processo de desruralização na Ilha.



84- Caniço (1940).



85- Caniço (2014).



86- Estreito de Câmara de Lobos (c.1949).



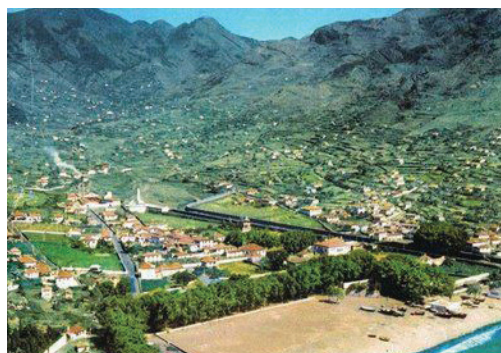
87- Estreito de Câmara de Lobos (2013).



88- Porto Moniz (c. séc. XX).



89- Porto Moniz (2012).



90- Machico (1968).



91- Machico (2014).

Para Cosgrove, o magnetismo despoletado pela paisagem, sobre as mais diversas áreas, está associado ao facto desta conseguir *combinar elementos dialécticos, nomeadamente forma e processo, natureza e cultura, terra e vida*.⁴⁰

A dialéctica *natureza-cultura* dá origem a diversas posições e divergências, pois, por exemplo, alguns autores distinguem duas realidades: a *paisagem natural* e a *paisagem cultural*. Já Spiri, entre outros, *considera que chamar a algumas paisagens naturais e a outras artificiais ou culturais não é correcto, uma vez que as paisagens nunca são totalmente uma ou a outra*⁴¹. A paisagem inclui as diversas formas possíveis de interactividade num lugar entre: os elementos naturais (clima, etc), as relações humanas, a natureza e as suas respectivas estruturas. Posto isto, observa-se que a maior dificuldade, daqueles que tendem a separar estas duas *realidades*, está na definição da *paisagem natural*, pois deparam-se com o facto de a paisagem (enquanto conceito) só existir devido à presença do homem, logo, só a presença humana já pressupõe que ela seja humanizada. É, então, mais correcto encarar o facto de que todas as paisagens registam um maior ou menor grau de intervenção, presença humana e que aquelas em que a componente cultural é menos acentuada, acabam por ser consideradas como paisagens naturais. Da mesma forma, associa-se a paisagem cultural (ou humanizada) ao registo resultante da acção e presença do homem, durante um período de tempo contínuo ou intervalado, sobre o território – é encarada como construção humana, onde o homem se apropria do território ora modificando-o e adaptando-o às suas necessidades, ora impondo as suas vontades, usando sempre como ferramentas: a intuição, a experiência e os seus conhecimentos⁴².

Por sua vez, dentro das *paisagens humanizadas*, temos a *paisagem rural* e a *paisagem urbana* – onde, mais uma vez, surgem muitas contradições e dúvidas aquando da atribuição das características inerentes a cada conceito. Seguindo a linha geral de pensamentos, conceptualização: na primeira destacam-se as relações entre o natural e as vivências, cultura e actividades relacionadas com a pastorícia e/ou com a agricultura (tendo nestes o suporte da sua economia); enquanto a segunda engloba cidades, centros urbanos (podendo, ou não, incluir-se as suas periferias) onde se encontra enraizada uma sociedade cultural e economicamente urbana e onde as actividades predominantes recaem sobre o sector terciário.

No entanto autores como Álvaro Domingues, consideram esta, uma *falsa dicotomia*⁴³ e defendem a existência de um terceiro conceito, um *híbrido* destes dois – o *rural* como o *urbano*, hoje por nós conhecidos (falando de Portugal), *perderam as [suas] linhagens “puras”*⁴⁴ – a que este autor chama de Paisagens Transgénicas, mas salienta que: *Um coelho fluorescente não é um pirilampo, mas também não deixou de ser um coelho por ser fluorescente. É um produto kitado*.⁴⁵ Com isto, transmite a ideia de que, apesar de em processo de alteração, mutação, estas paisagens continuam a deter características que evidenciam as suas origens.

Ainda dentro deste terceiro conceito, estaríamos (genericamente falando) perante duas situações distintas: aquelas que derivam de um processo de urbanização fora da cidade; e as que resultam de um processo de *desruralização*⁴⁴ (img.s84a9l) ou de *rurbanização*⁴⁴ – o urbano não se cinge às cidades enquanto Centros Históricos (demarcados, ou não, por

40- MATOS. A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano – Reflexões. 2010. p. 40.

41- Nota 62 de Rute Sousa Matos, em A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano – Reflexões. 2010. p. 49.

42- MATOS. A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano – Reflexões. 2010. p. 52.

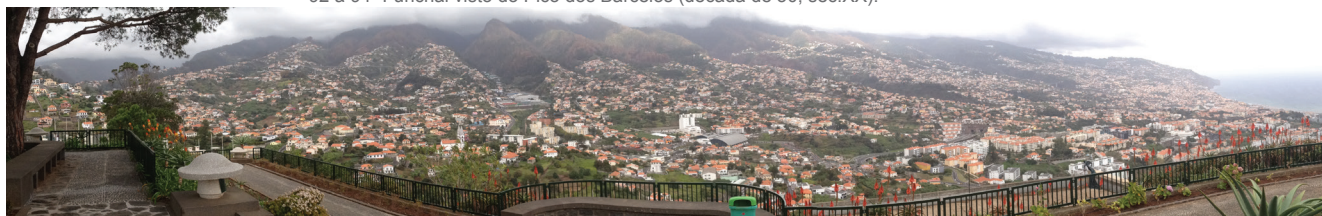
43- A falsa dicotomia entre o rural e o urbano de Álvaro Domingues, em <http://voltaparauso.blogspot.pt>. 28/03/2012. (consult. 11/02/2014).

44- Álvaro Domingues.

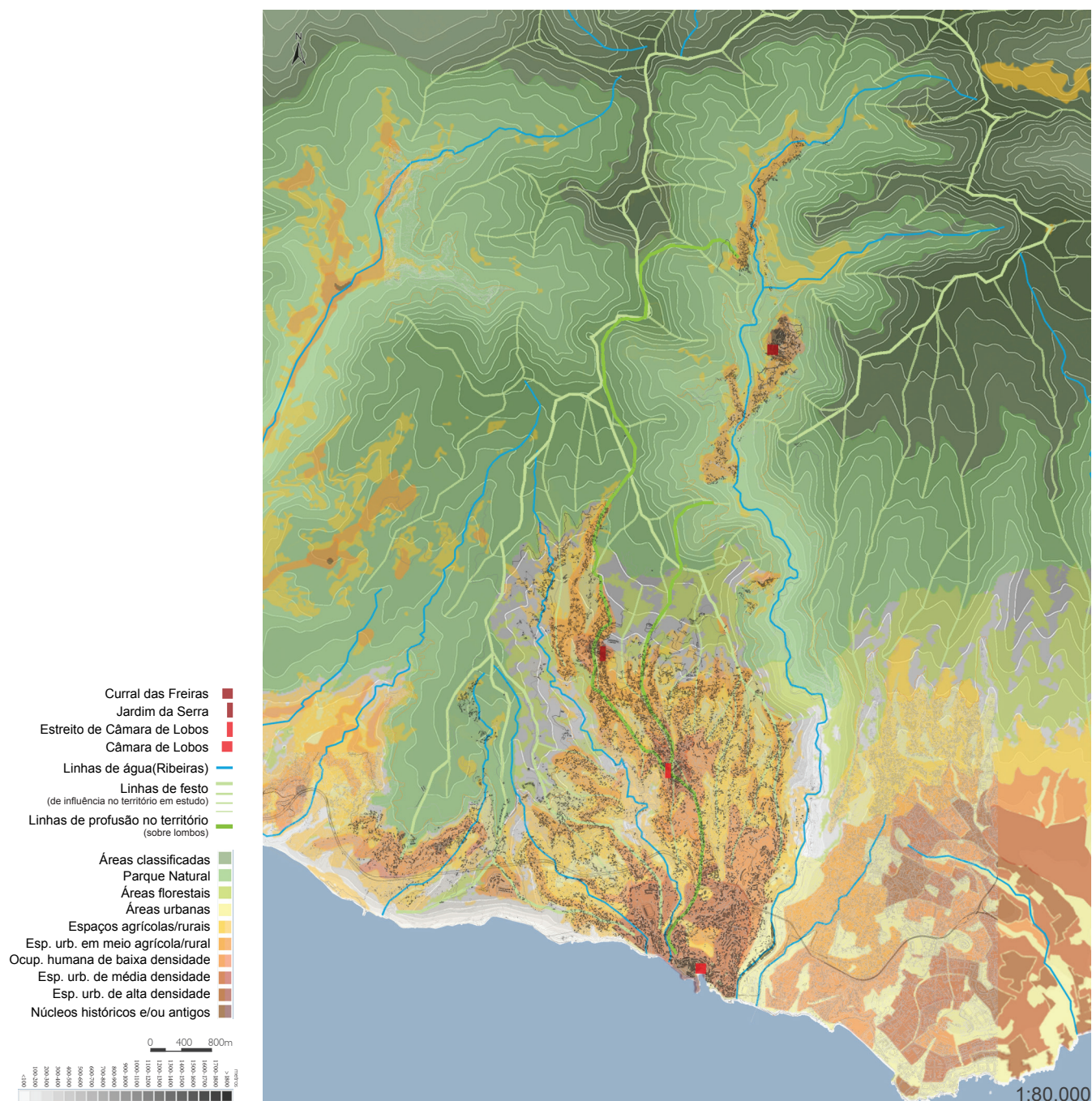
45- Alvarinho o bom, em <http://www.correiodoportu.pt/cultura> 20/03/2012. (consult. 11/02/2014).



92 a 94- Funchal visto do Pico dos Barcelos (década de 50, séc.XX).



95- Funchal visto do Pico dos Barcelos (2014).



96- Planta esquemática com a área de influência do Pico do Facho e relação com pontos notáveis.

muralhas), nem o rural é exclusivo às aldeias típicas.

A paisagem não é, portanto, estática: *Como a língua ou a história, a paisagem é um poderoso marcador identitário, uma casa comum. E não há paisagens para sempre. Elas são o registo de uma sociedade que muda [...]*⁴⁵.

1.1 A paisagem em meio urbano, rural e serrano

Antes desta passagem por alguns dos debates em torno do conceito *paisagem*, procurei fazer a minha própria leitura das paisagens a que me propus estudar neste trabalho. Inicialmente, tinha-as distinguido como sendo de três tipos – paisagem urbana, paisagem rural e paisagem serrana – mas depois da maturação, reflexão atrás exposta e ao deparar-me com a premência da *definição dos seus limites*, acabei por perceber que era impossível vê-las, defini-las de forma tão linear.

Não raras as vezes, Álvaro Domingues afirma que *para ganhar a paisagem, [segundo] o professor [Orlando Ribeiro], basta ganhar cota, subir a um ponto alto para olhar em volta*.⁴⁶ E, do cimo de um qualquer pico, consegue-se perceber o impacto que o Homem tem vindo a ter neste território e a forma como este tem condicionado o primeiro. Contudo, não é fácil perceber e definir, à primeira vista, a morfologia e taxionomia dos povoamentos madeirenses, uma vez que este território, em geral, pauta-se por uma paisagem marcadamente *híbrida*, onde **poios** misturam-se com terraços, varandas, alpendres e jardins e *centros urbanos* e/ou urbanizações fazem fronteira com terrenos agrícolas. Percebe-se, mesmo assim, que esta *hibridez* deve-se maioritariamente ao território acidentado e às construções de livre arbítrio, bem como à cultura, génese do povo madeirense que, como já se viu, desde sempre se dedicou à faina da terra – como o confirma a referência à Ilha como a *horta do reino*.

Até há relativamente pouco tempo, não era esta a imagem que se contemplava neste território. Por exemplo (em 1924), de um dos picos sobranceiros à cidade do Funchal (Pico dos Barcelos) era esta a descrição que se fazia: *Tudo que se avista à excepção dos cumes denegridos, foi dividido em hortas, em poios de cana muito verdes, em quintalejos de rama, donde irrompem tufos de bananeira, numa amplidão que entontece e deslumbra. São léguas de fertilidade, de jardins, de campos e culturas, que nos impõem o recolhimento e o silêncio*.^(img.s92a95) [Mesmo assim, já se fazia adivinhar aquela que é hoje a paisagem Madeirense:] *À direita, a serra estende-se até Câmara de Lobos [...] distingo os riscos violetas das encostas, as vivendas lá no alto entre vinhas e pomares, os prédios rústicos pendurados na rocha e agarrados à montanha, aberta ao meio por um rasgão violento e romântico* [Ribeira dos Socorridos].⁴⁷ Pode-se, assim, deduzir que é a partir de um processo continuado de desruralização e/ou de rururbanização que a paisagem madeirense se tem vindo a alterar.

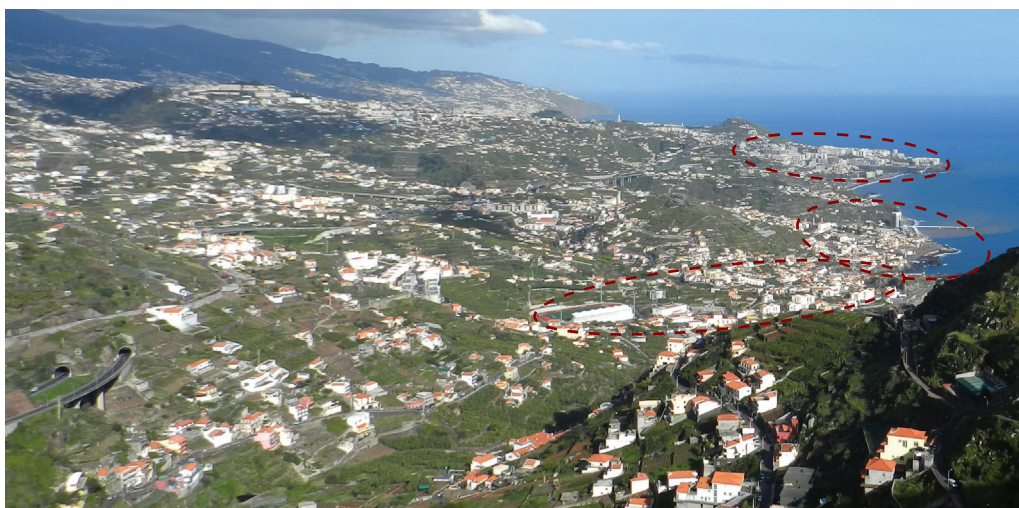
Desta forma, percebe-se o porquê de ser (cada vez mais) difícil distinguir o rural do urbano, o campo da cidade – chego a duvidar se realmente se pode definir como urbanas as estruturas em que se inserem os lugares de **Câmara de Lobos**. No entanto, admitindo que o *ser urbano* é definido *pela presença de uma sociedade cultural e economicamente urbana, onde as actividades predominantes recaem sobre o sector terciário*, pode-se dizer

46- Entrevista a Álvaro Domingues: *Neste país já não há montanhas sagradas*, de Lucinda Canelas, em <http://ipsilon.publico.pt/artes/>. 07/03/2012. (consult. 11/02/2014).

47- BRANDÃO. *As ilhas desconhecidas: notas e paisagens*. 1926. p.154.



97- Paisagem em meio urbano - Câmara de Lobos.



98- Paisagem em meio urbano no litoral vs Paisagem em meio rural nos lombos e lombadas - Câmara de Lobos.



99- Paisagem em meio serrano - Curral das Freiras.



100- Paisagem em meio Rural - Estreito de Câmara de Lobos e Jardim da Serra (vista do Pico da Torre).

que estamos perante uma *estrutura urbana*: com maiores ou menores densidades e graus de dispersão; onde se distinguem várias centralidades; sujeita a múltiplas dinâmicas, conexões; e pautada por diversos tipos de paisagem – é um espaço de fluxos, mobilidade das PIBE (pessoas, informação, bens e energia)⁴⁴.

Analisando as plantas de ordenamento do território e de usos do solo⁴⁸, observa-se que se faz uma (mais ou menos) clara delimitação, separação entre *espaços urbanos* e *espaços agrícolas/rurais*. No entanto, no que toca aos espaços urbanos, faz-se diferenciações com base em densidades e na inserção ou não em meio rural⁴⁹. Todavia, acredito que, para além desta análise, definição referente, unicamente, ao tipo de uso dado a cada porção desta *região*, pode-se observar este território sob o ponto de vista da relação dos assentamentos com a morfologia e posicionamento do e no território, e, por conseguinte, da relação entre os diversos sistemas (de mobilidade, económico, etc.) e centralidades. Posto isto, diria que, na faixa de território em estudo, estamos perante uma paisagem transgénica, onde é possível identificar três realidades, universos distintos que se diferenciam pelo meio em que se inserem – **paisagem em: meio urbano, meio rural e meio serrano**:

.a primeira, onde predominam uma cultura, economia e estrutura (mais) urbanas, situa-se essencialmente numa faixa próxima à linha e cota do mar – na **Vila de Câmara de Lobos**(img.s 97e98) e nos núcleos históricos (do **Estreito** e do **Jardim da Serra**) – e é onde se encontra o maior número de sistemas, e serviços [não se situassem, aqui, as sedes de concelho e freguesias]. Nesta, observam-se várias centralidades (dispersas) compostas por equipamentos e/ou serviços – bairros sociais, escolas, fábricas, hipermercados, centro de saúde, etc.. Por sua vez, devido ao seu posicionamento (próximo da costa e do Funchal) esta é uma zona com grande facilidade de acesso às PIBE – inicialmente por mar, agora através de uma vasta rede de infraestruturas;

.na segunda, o edificado insere-se num ambiente de contexto rural, agrícola, embora em evidente processo de desruralização (principalmente ao longo das vias), pelo que se encontram diversos graus de ruralidade. É o tipo de paisagem que predomina ao longo de **lombos e lombadas** – com o edificado a acompanhar as linhas de festo e os terrenos agrícolas distribuídos pelas suas vertentes;(img.s 98e100)

.a última, abarca toda a *cratera, ferradura* do **Curral das Freiras**, bem como o seu centro histórico, e também se encontra em processo de desruralização(img. 99). Apesar das semelhanças com o centro histórico do **Jardim da Serra**, os sítios da **Achada e Casas Próximas**(centro histórico) vêem-se numa posição muito mais isolada – demarcada pela morfologia do lugar e consequente défice de acessos e mobilidade das PIBE. Por sua vez, é possível reconhecer a individualidade das várias unidades, núcleos de assentamentos que povoam esta *cratera* – apesar das suas proximidades e interligações. Isto, na relação com a cultura e vivências locais, é o que lhe confere, a meu ver, um carácter serrano.

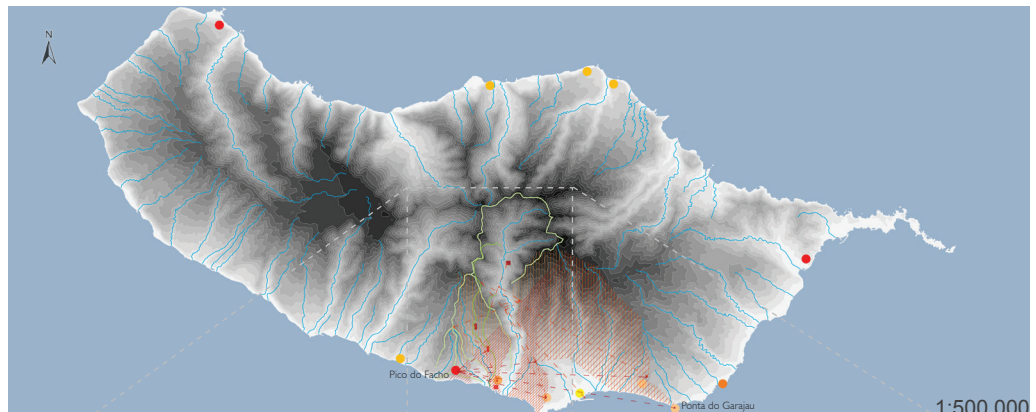
Quando digo que estamos perante uma *paisagem inserida em meio rural ou em meio urbano*, não a equiparo às (efectivas) *paisagens rurais*, típicas das aldeias, nem às *paisagens urbanas*, presentes nas cidades. Utilizo estas terminologias para definir, descrever o **meio**, universo predominante nas

48- Imgs. 79 a 82 e 96.

49- É nestes espaços urbanos que se denotam (aqueles a que chamámos) os processos de desruralização – sob os mais variados estágios, fases.

- Facho ●
- Atalaia ●
- Vigia ●
- Pico da Torre ●
- Pontos notáveis(naturais) ●
- Quinta Vigia ●

0 2,5 5km



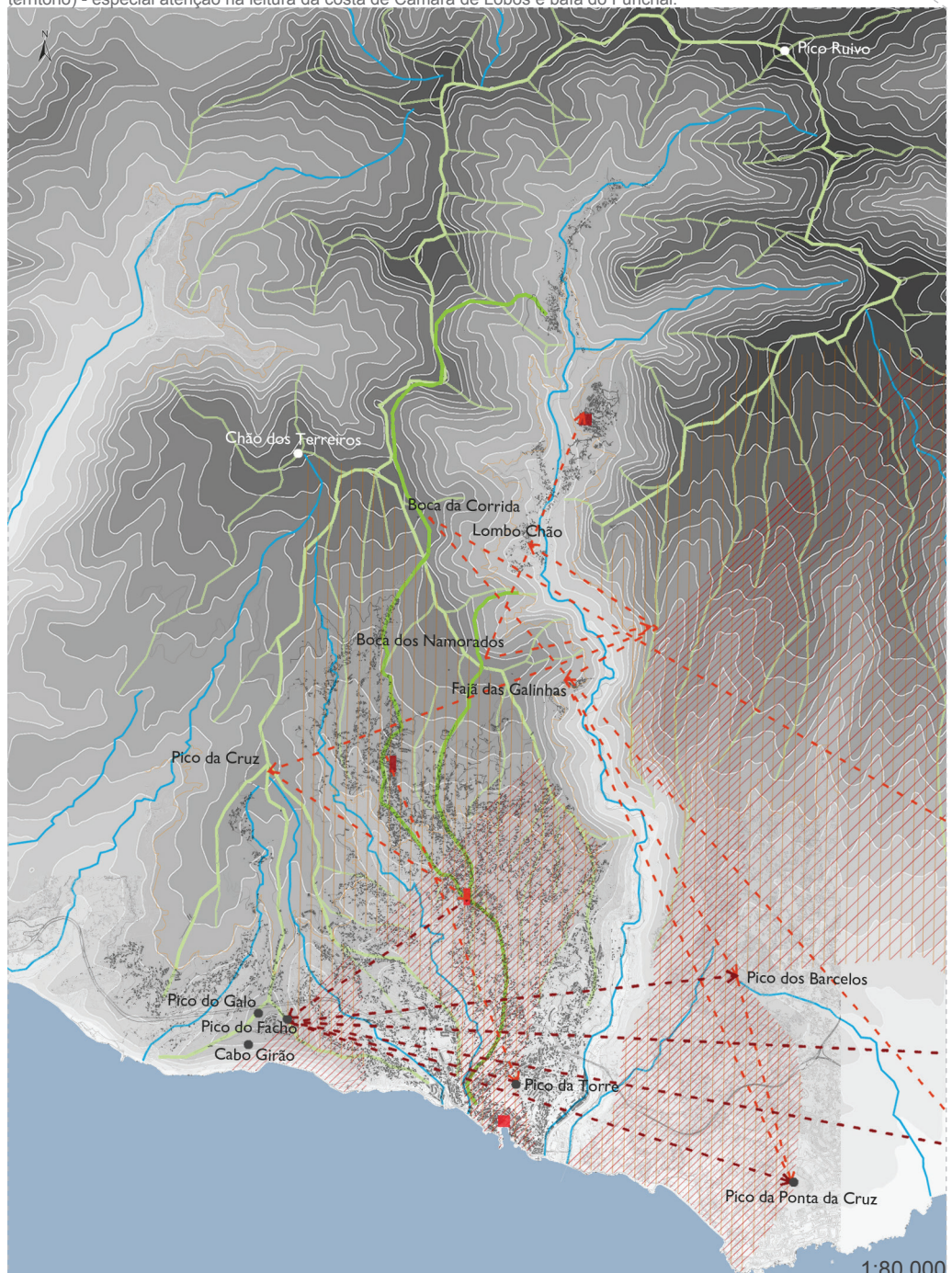
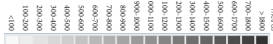
101- Planta esquemática com a área de influência visual do Pico do Facho e Identificação de outros pontos com toponímia (Pico; Cabeço...) relacionada com o sistema de Vigias e/ou notáveis(com eminência e relevância na percepção e defesa do território) - especial atenção na leitura da costa de Câmara de Lobos e baía do Funchal.



Importante referir que a **Fajã das Galinhas**, durante muito tempo, foi um sítio votado de grande isolamento (acesso automóvel a partir da última década do séc. XX).

- Áreas vistas do P. do Facho
- Áreas que avistam o P. do Facho
- Pico do Facho - eixos visuais
- Eixos visuais
- Curral das Freiras
- Jardim da Serra
- Estreito de Câmara de Lobos
- Câmara de Lobos
- Linhas de água(Ribeiras)
- Linhas de fecho (de influência no território em estudo)
- Linhas de profusão no território (sobre lombos)

0 400 800m



102- Planta esquemática com a área de influência do Pico do Facho e relação com pontos notáveis.

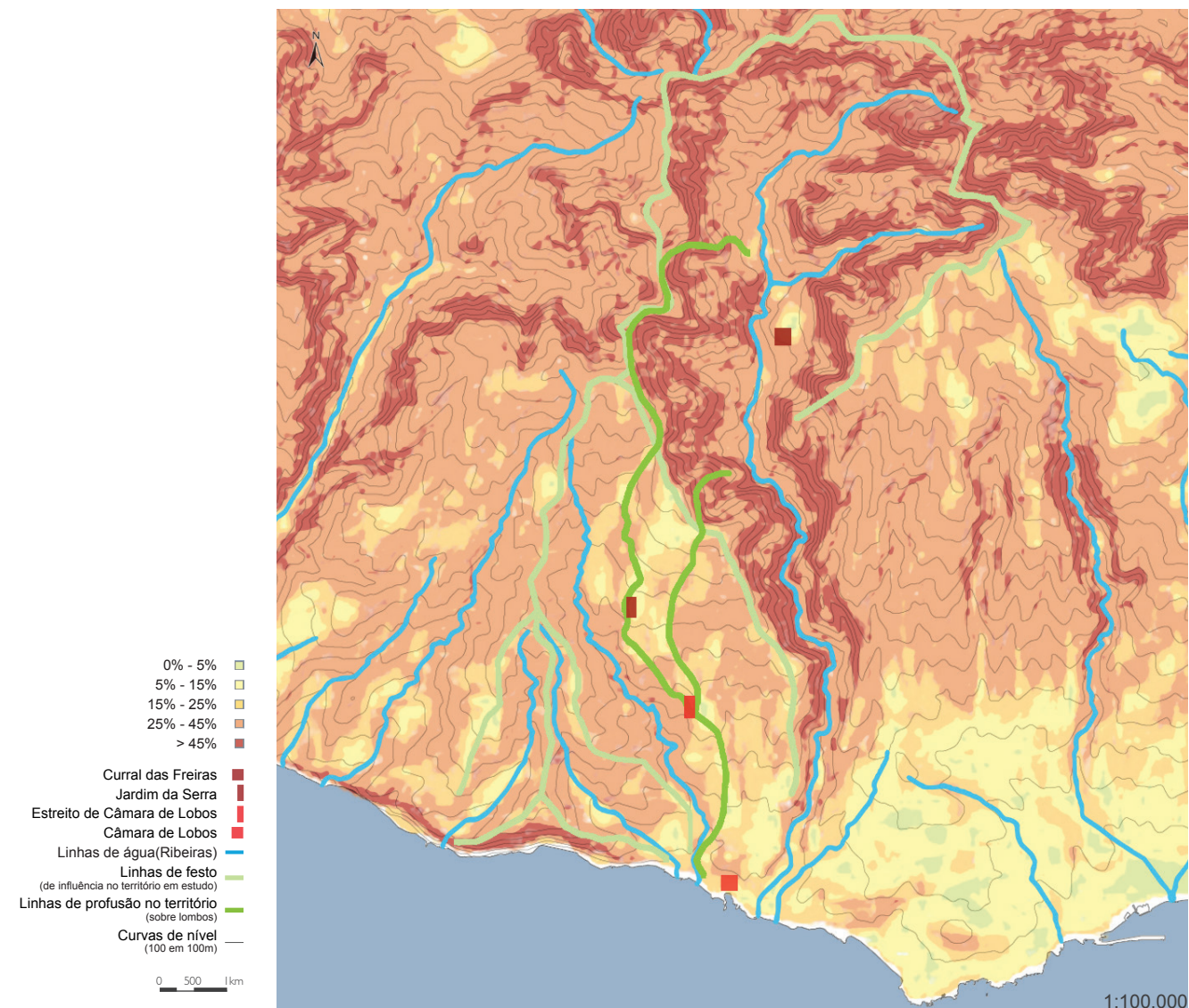
diversas variantes de paisagens transgénicas madeirenses – tal como na metáfora do *coelho fluorescente* de Álvaro Domingues, o facto de se estar perante uma estrutura urbana, não implica que esta seja homogénea... pelo contrário, uma estrutura urbana é assim definida pela complexidade de formas, sistemas e (sub)estruturas que abarca.

Nem sempre é possível, porém, diferenciar estas paisagens à distância – a partir de uma planta ou de um *ponto alto* – pelo que para perceber as subtilezas das suas diferenças, às vezes, é necessário *fazermo-nos à estrada*, ou seja, percorrer os vários lugares. Aí percebe-se claramente: que as principais estruturas de comunicação são *quem* tem o papel principal no processo de desruralização deste território; que a morfologia do território em que se inserem também se afigura fundamental na qualificação das paisagens; e que, por conseguinte, o grau de maior ou menor isolamento dos povoados, também determina o seu carácter mais ou menos rural, urbano e serrano. Da mesma forma, observa-se que a agricultura é apontada, por várias entidades (responsáveis pela administração do concelho), como a actividade mais característica ou predominante no concelho, ainda que se faça referência ao facto de este ser um sector que não possibilita uma grande percentagem de criação de postos de trabalho (devido à pequena dimensão das empresas ou indústrias locais), pelo que a população acaba por procurar no mercado citadino oportunidade de emprego e melhoria de condições financeiras. No **Estreito e Jardim da Serra** (e um pouco por todo o Câmara de Lobos excepto no sítio da Caldeira) é a vinha quem tem um papel dominante no panorama da produção agrícola. Já no **Curral** o destaque vai para o sector hortícola com maior notoriedade para a castanha e a ginja.

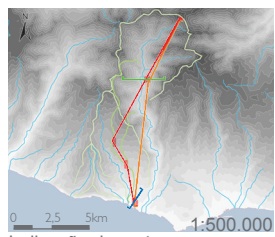
2 – O território sobre a alçada do(s) Facho(s)

Estando-se perante um território rodeado por oceano, as principais (se não únicas) preocupações relacionadas com a defesa desta região, prendiam-se com as ameaças vindas do mar. Por isso, inicialmente, o sistema de defesa da Ilha resumia-se a uma rede de **Vigias** a partir das quais se fazia a vigilância da orla marítima. Estas **Vigias** foram surgindo e se posicionando pelo território tendo em conta a importância e interesse económico (e não só) que cada povoado pudesse representar – quanto maior fosse o seu *valor*, maior era a premência de se fixar, formar uma **Vigia**. Este sistema funcionava através de relações, comunicações visuais: não raras vezes, procurava-se que estas se situassem em pontos altos que vissem e se fizessem ver de vários pontos do território e mar e, quando assim era, utilizavam-se sinais luminosos – através de **fachos** ou fogueiras – como aviso de perigo, ameaça; estes **fachos** serviam não só para alertar as populações contíguas, como também (algumas) **Vigias** próximas – num sistema *pico a pico*.(img.101)

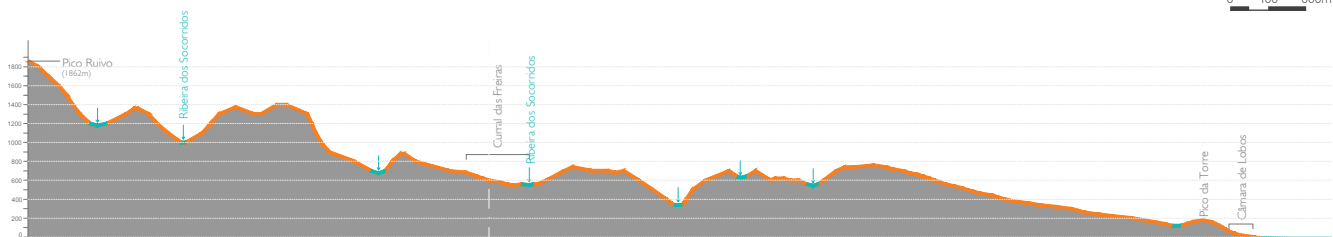
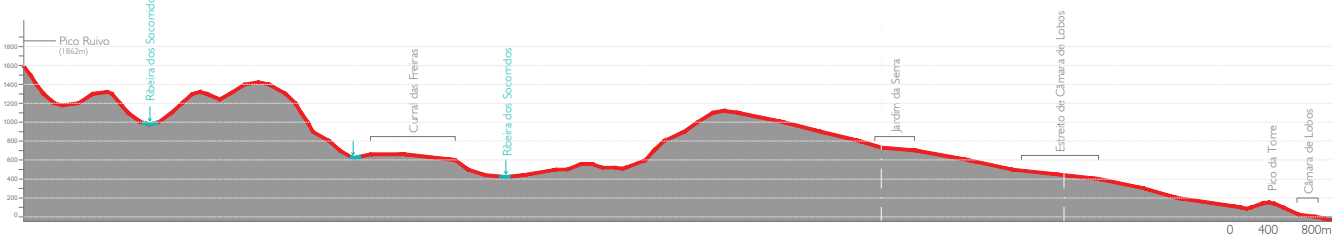
Por outro lado, e voltando um pouco atrás, procurava-se que os locais escolhidos para implantação de um (novo) povoado fosse em zonas onde era possível criar um sistema defensivo em lugares estratégicos – nos extremos da baía e/ou em ponto(s) elevado(s). Não se quer, com isto, dizer que os povoados devem a sua origem à existência de um ponto de **Vigia**; quer-se antes explicar, que o facto de haver a possibilidade de controlo e proteção de um determinado trecho de território, representava uma



103- Planta esquemática de declives.



Indicação de cortes.



104 e 105- Cortes pela linha de profundão no território(que liga a vila de Câmara de Lobos ao Curral das Freiras). 1:80.000

mais-valia para os povoados assentes neste.

A faixa de território em estudo encontrou-se sobre a alçada de um **Facho**, sito no **Pico do Galo**. Posto isto, e antes de mais, pode-se depreender que esta região teria algum interesse no panorama geral da economia, sociedade, vivências da Ilha. No entanto, afigurou-se necessário tentar perceber qual a abrangência, alcance visual deste (Pico do) **Facho** de forma a compreender quais as relações que este conferiu à faixa de território em estudo, pelo que elaborou-se o esquema representado na imagem 102. Uma vez que este se encontra *voltado* a nascente, percebe-se que tinha como *função* proteger, defender as terras que para esses lados se distribuíam, incluindo, portanto, as baías de **Câmara de Lobos** e do Funchal – apesar de não ter *vista directa* de e para a última, o seu ângulo de visão abarca a extensão de mar que a rodeia, bem como outros pontos notáveis, de referência a partir dos quais facilmente se faria passar os sinais acima referidos.

Da mesma forma, denota-se que, através deste mesmo sistema (mais ou menos complexo) de *pico a pico*, existe a possibilidade de comunicação entre os vários pontos, povoados, áreas aqui em estudo (img. 102).

Observa-se, também, que parece haver uma espécie de métrica entre os pontos notáveis deste território, passíveis de utilização como pontos de vigia, sinalização, observação – observando a área que se optou por aprofundar um pouco mais (entre o Pico do Facho e Ponta do Garajau) (img. 101). No entanto, neste trabalho, não se afigura necessário uma maior análise e aquisição de conhecimentos sobre esta questão.

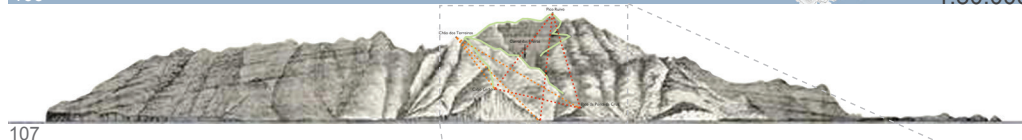
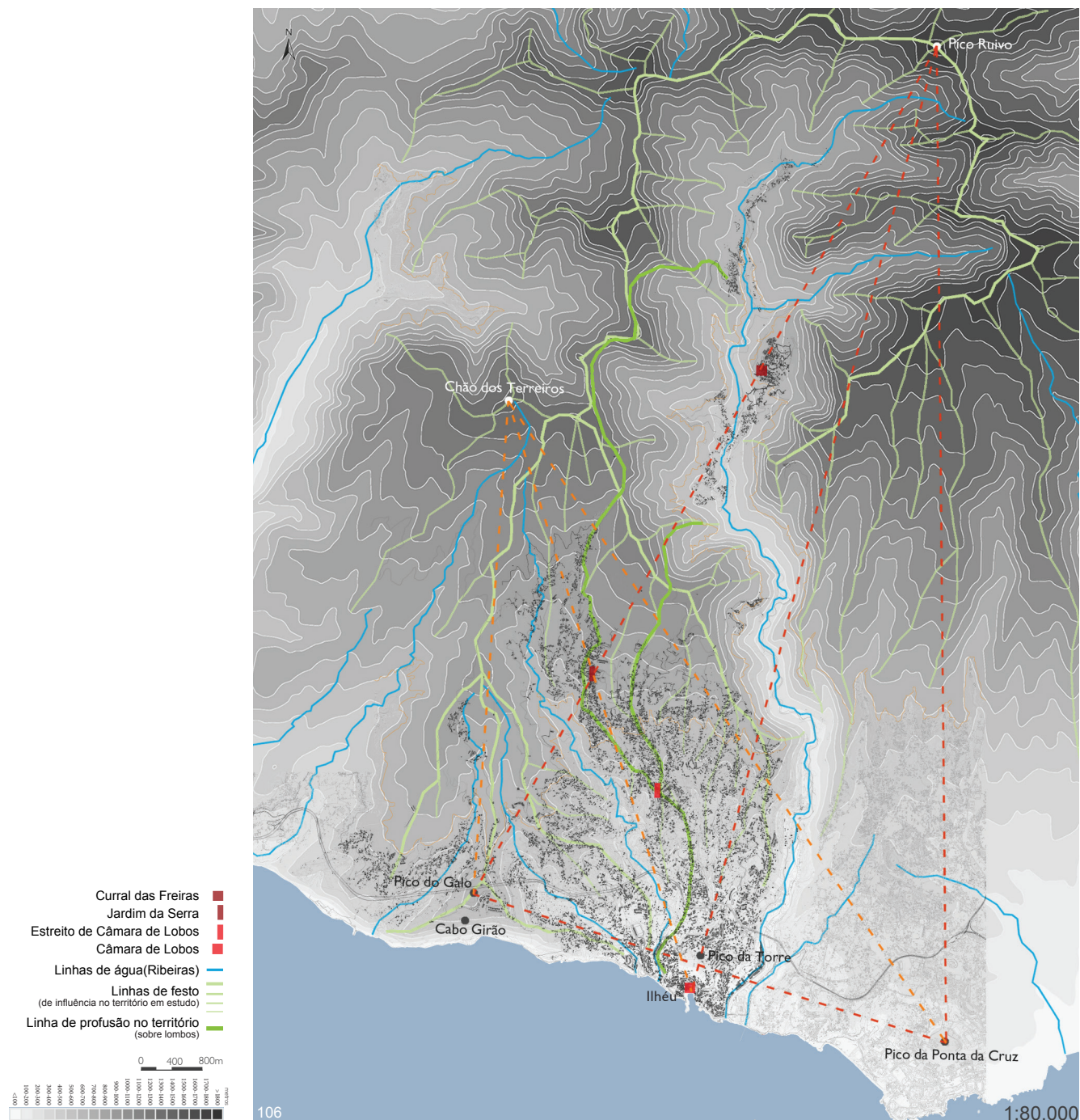
3 – O território dos assentamentos

A análise de vários documentos de diferentes autores, sobre o (re)descobrimento da ilha da Madeira e a forma de aproximação a esta por parte dos navegadores portugueses, leva-nos a concluir que para a definição dos primeiros lugares de assentamento considerou-se, quase unicamente, as condicionantes já referidas – relacionadas com as características do território propícias à fixação de pessoas. No entanto e numa fase posterior, as particularidades dos vários *momentos* do território, acabaram por definir o tipo de actividades e vivências que aí se desenvolveriam.

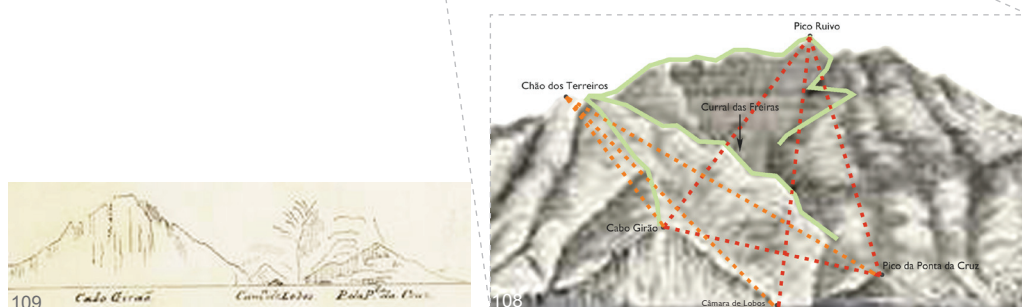
3.1 Por entre lombos

Observando a carta de declives da faixa que abrange **Câmara de Lobos** e **Curral das Freiras** (img. 103), denota-se uma *mancha de território* – **lombos** – que se destaca em relação à sua envolvente, devido à presença de um declive suave, que varia entre os 0 e os 15% (embora vença um desnível que vai dos cerca de 150m aos 1100m de altitude). Esta encontra-se compreendida entre a **Ribeira dos Socorridos** e a **Ribeira do Vigário**, segue o trajecto da segunda e tem como limite a cumeada sobranceira ao vale do primeiro.

Na sua proximidade, a nascente, adivinham-se outras pequenas elevações de território – **lombadas** – com declive igualmente pouco acentuado. Desenvolvem-se (quase) perpendicularmente ao **lombo** (paralelo à Rib. do Vigário) e ao vale dos **Socorridos** e culminam num segundo **lombo** (que segue até à costa) paralelo e adjacente a este vale.



107



108



109

106 a 109- Relações de orientação marítima por reconhecimento visual.

A poente da **Ribeira do Vigário**, tem-se uma terceira proeminência do território. Aqui, o declive é mais acentuado do que nos montículos anteriores (entre os 15% e os 45%) e é onde se situam os **Picos do Galo** e do **Facho**. A sua morfologia permite que o sítio da **Caldeira** (muito conhecido pela sua abundante produtividade agrícola), se encontre protegido dos ventos de sul e dos *ares* vindos do mar.

Devido às suas características orográficas, estes **lombos** e **lombadas**, situados a cotas médias-altas e/ou médias-baixas, serviram de palco ao desenvolvimento, expansão e fixação do domínio humano nesta área do território madeirense. Aqui, por tanto, o tipo de assentamento verificado ganha maioritariamente a forma de *cordões de estrutura aproximadamente linear*, verificando-se situações pontuais de assentamento por aglomeração. Por sua vez, estes, na sua maioria, possuem uma orientação (oeste, sudoeste, sul, sudeste, este) que lhes permite usufruir de uma boa exposição solar ao longo de grande parte do dia.

Nos **lombos** paralelos à **Ribeira do Vigário** encimam as (principais) *linhas de profusão* que ligam o centro urbano e piscatório de **Câmara de Lobos** ao núcleo serrano do **Curral das Freiras**. É nestas mesmas *linhas* que se fixam as aglomerações correspondentes aos núcleos centrais do **Estreito de Câmara de Lobos** e do **Jardim da Serra** – pelo que denotam e reforçam estas *linhas*.

Tal como em toda a Ilha, os **poios**, aqui presentes, conferem-lhes um carácter marcadamente agrícola, fazendo com que o seu edificado encontre-se, maioritariamente, inserido em meio rural.

3.2 O anfiteatro natural sobre a baía

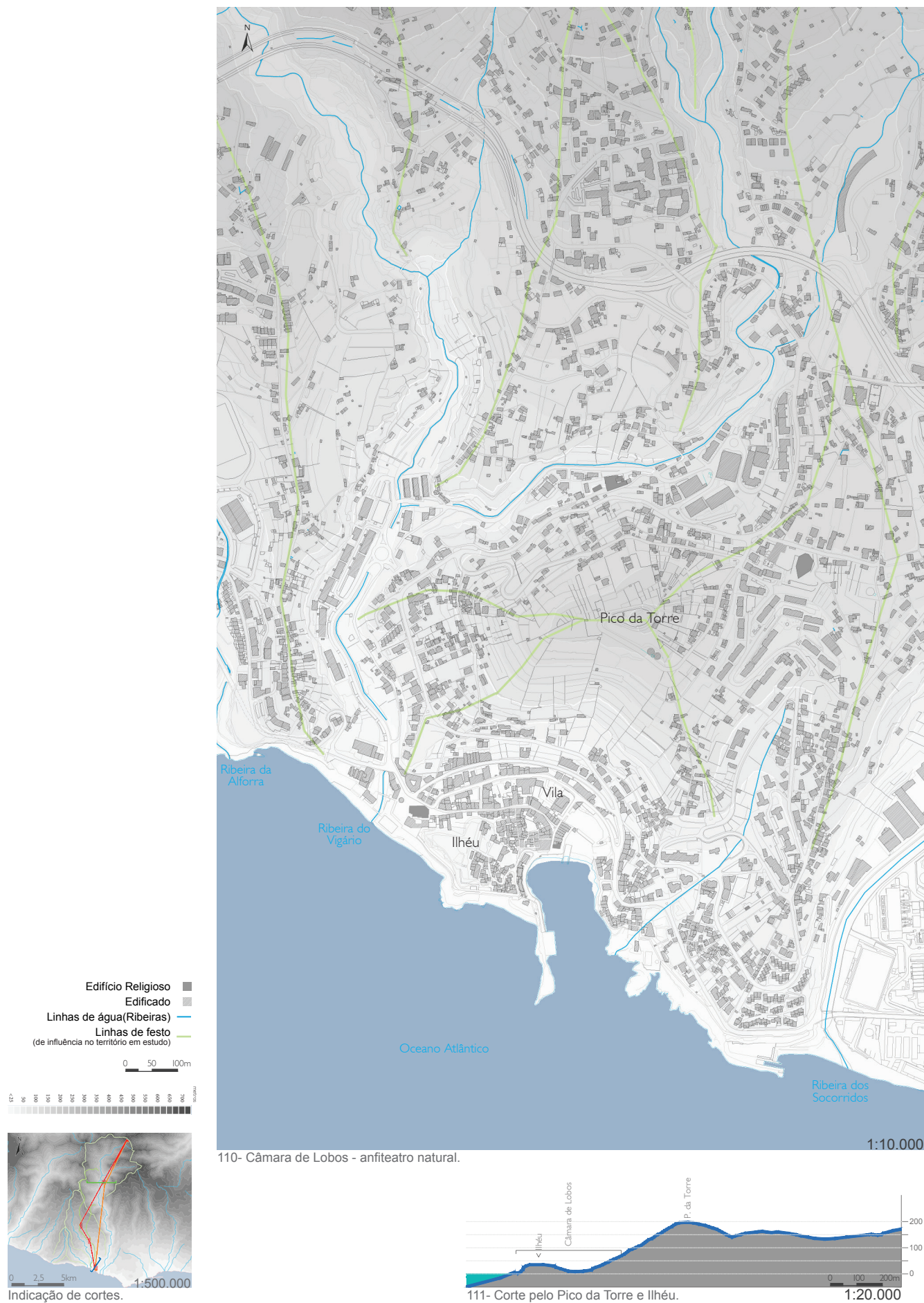
Referiu-se o facto de **Câmara de Lobos** dever a sua origem (enquanto povoado) à edificação de uma capela de invocação ao Espírito Santo e que esta se situaria numa *pequena eminência sobranceira à baía de Câmara de Lobos*⁵⁰. No entanto, o núcleo central do povoamento veio a fixar-se no sopé do pequeno anfiteatro natural que se prolonga até ao mar – onde também se localiza a capela de N.ª Sr.ª da Conceição (também considerada como um dos seus pontos de *origem*). Este é limitado, definido: a norte pelo **Pico da Torre**; a poente pela **Ribeira do Vigário**; a sudoeste por um *penedo* a que se deu o nome de **Ilhéu**; e a nascente por uma **lombada** que se estende desde o **Pico da Torre** até ao litoral (img.s110e111).

Em “Freguesias da Madeira”, Alberto Artur Sarmiento descreve assim a Vila: *O lugar de Câmara de Lobos agrupa-se no sopé e encosta dum pico mediano que o ampara do norte, aninhado denso pela base, onde um cabeça de rocha, embora não molhada, chamado – Ilhéu – aplanado ao cimo em talhe de palmilha é como que uma colmeia de pescadores onde enxameiam garotitos cheirando a peixe e sabendo nadar.*(p.35)

Com esta descrição, adivinha-se que, aqui, ganha destaque a actividade piscatória. Da mesma forma, ao analisar-se o território onde se inscreve, percebe-se que a sua orografia poderá ter tido um papel fundamental na fixação, criação deste aglomerado de pescadores.

O maciço central da Ilha, devido ao seu carácter montanhoso e à sua elevada

50- AUGUSTO DA SILVA;
MENESES. *Elucidário*
Madeirense, vol.I. 1998. p. 407.



altitude, torna-se um importante ponto de referência para a navegação marítima (principalmente) ao largo da costa sul. A sua *associação* a outros pontos do território permite, por meio de relações visuais, um claro posicionamento das embarcações e localização dos portos de aportagem.

Posto isto, analisando a planta hipsométrica e perfis (panorâmicos) da Ilha, observa-se e distingue-se alguns pontos notáveis, na faixa estudada, que permitem essas relações, triangulações e orientação marítima.

As relações acima descritas e identificadas nos esquemas da página anterior, permitem-nos apreender as claras características, deste ponto do território, que se adivinham favoráveis às actividades marítimas e que levaram à fixação, aqui, de um núcleo piscatório:

.pequena enseada onde é possível aportar, carregar e descarregar as embarcações de forma segura;

.relações de orientação por reconhecimento visual;

.pequeno anfiteatro de declive pouco acentuando que permite o assentamento dos edifícios de apoio à pesca, navegação e de habitação dos pescadores, navegadores;

.permite a criação de terrenos agrícolas dos quais se tira o suficiente para a subsistência da comunidade e, até mesmo, para o comércio exterior (utilizando o porto como meio de escoamento).

Um aspecto também interessante, é o facto dos povoados de **Câmara de Lobos**, **Jardim da Serra** e **Curral das Freiras**, se encontrarem localizados no enfiamento de alguns dos eixos que compõem as triangulações aqui descritas [atenção que na triangulação a laranja os pontos que se alinha são os do Pico Ruivo com o Pico da Torre, e não com a baía]..

3.3 A cratera

O núcleo central do **Curral das Freiras** situa-se numa **achada** sita na margem nascente da **Ribeira do Curral das Freiras** (Ribeira dos Socorridos, que ganha esta denominação nas imediações desta freguesia), no sopé das altaneiras montanhas pertencentes ao maciço central da Ilha (onde se incluem os picos mais altos). Rodeada quase na totalidade por uma orla montanhosa com a forma de uma ferradura (aberta a sul), pode-se dizer, também, que a depressão morfológica onde se situa o **Curral das Freiras** adopta um aspecto que se assemelha a uma cratera vulcânica – há mesmo quem a considere uma caldeira vulcânica com um colapso interno^{51 52}  – no entanto, sabe-se que este aspecto e características resultaram, apenas, de longos processos de erosão.

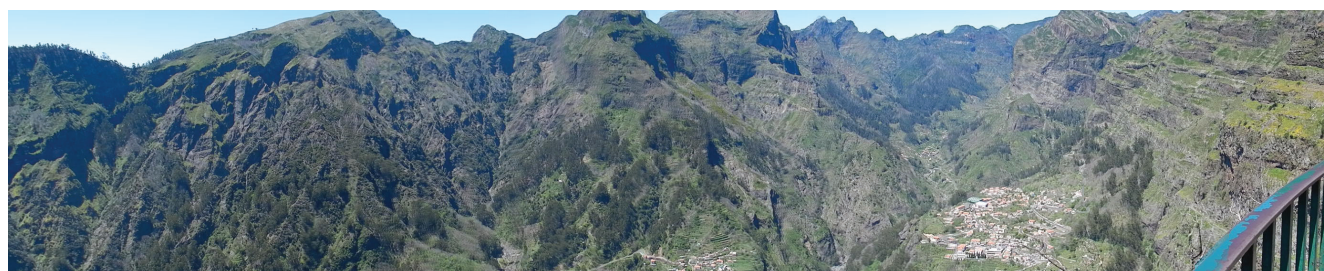
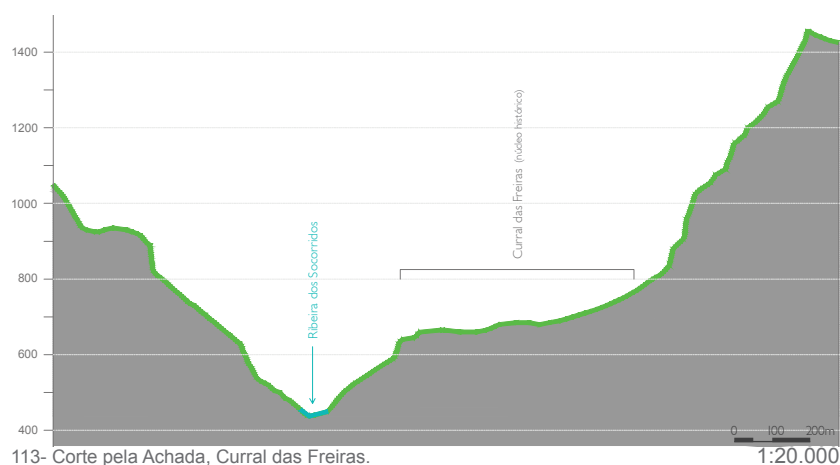
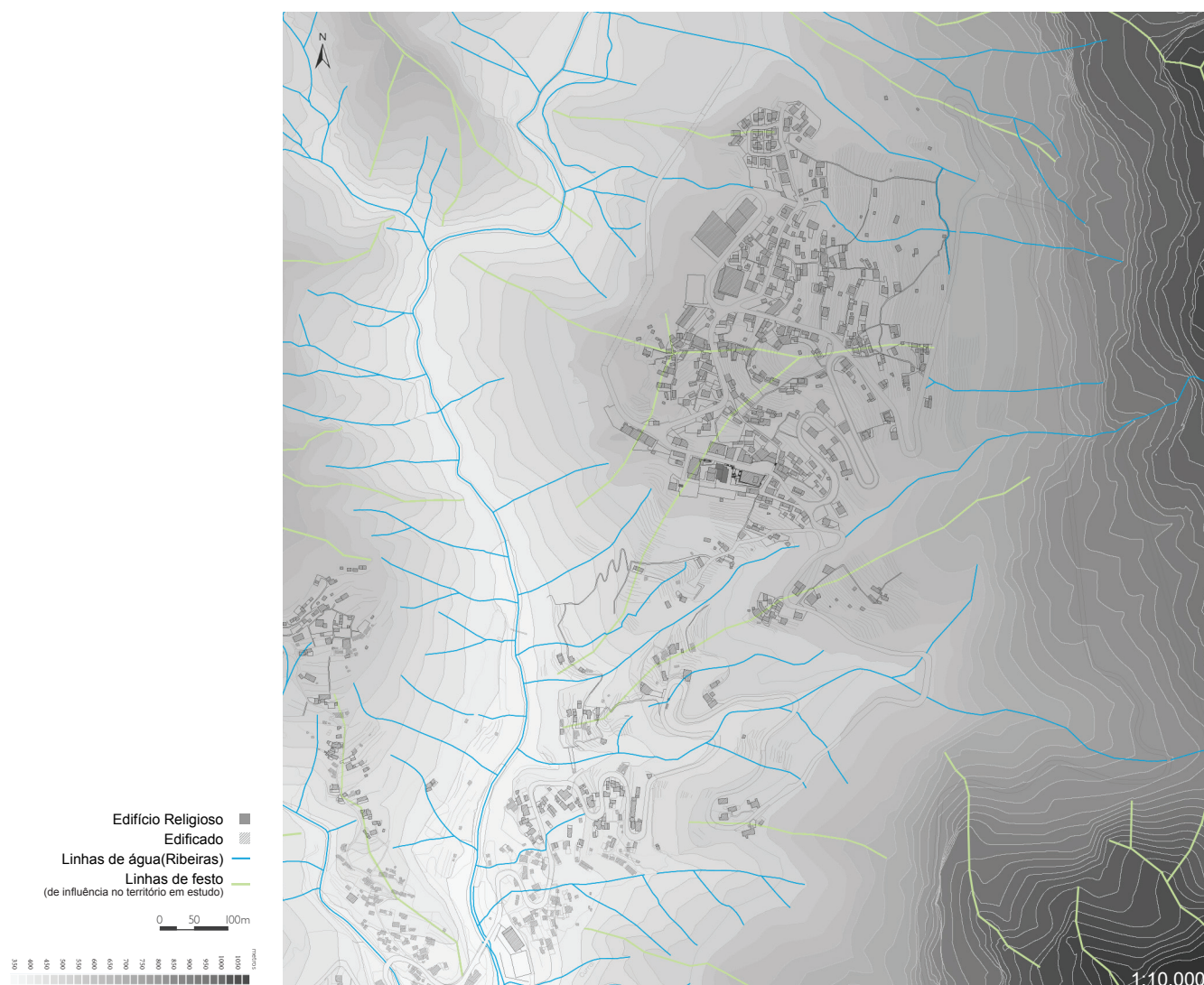
Sobre **Curral das Freiras**, Alberto Artur Sarmiento remata: *Estupendas muralhas, num círculo mutilado, cerram o horizonte deste cofre aberto ao tampo do céu, estatelado em profundezas*⁵³; pelo que é evidente o grau de isolamento que se tem experienciado durante vários séculos neste ponto do território madeirense, especialmente devido às dificuldades que se impõem (ou opõem) ao seu acesso.

Primeiramente este povoado terá tipo apenas o nome de **Curral** ou **Curral da**

51- Georisco_Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos. 2011. p.45.

52- *Encurralado pela natureza, agasalha-se um povoado no aluído fogão corrupto duma remota cratera, a principal da Madeira.* (SARMENTO. *Freguesias da Madeira*. 1953. p.61).

53- SARMENTO. *Freguesias da Madeira*. 1853. p.63.



Serra, pois acredita-se que a sua origem tenha sido determinada por este ser, inicialmente, um vasto *centro de pastagens, frequentado unicamente por pastores com vida semi-nómada*⁵⁴. Aqui, a expressão *vida semi-nómada* pode gerar alguma confusão com a *ocupação sazonal* típica em alguns povoados serranos portugueses. No entanto, é importante esclarecer que ambas descrevem modos de vida distintos: o primeiro é assim designado pelo facto de os locais de pasto não serem fixos, podendo alterar-se consoante a altura do ano ou simplesmente por mudanças nas, então, áreas de montados – arrendadas, definidas e reguladas pelos donos das terras onde se situavam; o segundo pauta-se por um *estilo de vida* em que as famílias possuem duas habitações e terras em lugares distintos (mas próximos), entre as quais vão alternando a sua permanência – consoante a época do ano.

O seu carácter *esconso*, despoleta também uma sensação de proteção e envolvimento, pelo que acabou por servir de lugar de abrigo para escravos e foragidos.⁵⁵ Estes formaram um pequeno núcleo populacional de habitação permanente e no final do século XV já estava, legalmente constituída. Mais tarde (em 1566), também serviu de refúgio para as freiras do Convento de Santa Clara, que detinham a posse destes terrenos,⁵⁶ aquando do saque do Funchal por parte de corsários franceses. A partir de 1790, ganha estatuto de paróquia independente, libertando-se assim da freguesia de Santo António, da qual fazia parte até à data.⁵⁴

A primeira estrada a chegar ao **Curral**, só foi construída em (cerca de) 1960⁵⁷ pelo que até a essa altura o acesso a este era feito apenas através de caminhos (de pé-posto), pelos quais só se conseguia transitar a pé, a cavalo ou em rede.

Localizado numa **achada**(img. II3), acima do nível do vale por onde corre o caudal da ribeira, as terras onde se assenta o núcleo central deste povoado ter-se-ão acumulado neste ponto devido a alguns deslizamentos de terras, pelo que o seu solo revela-se fértil e, assim, potencializa a produção e actividade agrícolas. Desta feita, e devido ao défice de acessibilidade aqui referido, a agricultura, juntamente com a pastorícia, terão correspondido ao único meio de subsistência desta vila durante séculos.

54- Site: Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico (consult. 01/01/2014).

55- *Tão difícil era o ingresso ao Curral no tempo da colonização, que se tornou local de guarida para onde fugiam os escravos, de lombo quente pela vergasta de seu impiedoso amo.* (SARMENTO. *Freguesias da Madeira*. 1953. p.62).

56- *Eram terras de algares e pastagens dum Teixeira do Campanário, a quem o segundo capitão João Gonçalves as comprou para dote de suas filhas, as madres Elvira e Joana, quando as meteu no convento de Santa Clara, que acabava de se edificar. Como bens da comunidade, passou o Curral a ser então – das Freiras.* (SARMENTO. *Freguesias da Madeira*. 1953. p.62).

57- Imagem 71 na página 44.

III DE CÂMARA DE LOBOS AO CURRAL: OS LUGARES E A FORMA

1 – Estrutura e morfologia

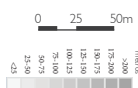
Da mesma forma que se discute a paisagem madeirense ou a existência, ou não, de um *modelo* de cidade portuguesa, questiona-se a *estrutura urbana* nos e dos assentamentos, povoados da Madeira. Pois a meu ver (e como já se fez aqui uma breve referência), seria difícil associar o termo cidade, aos *núcleos centrais*, da maior parte destes; uma vez que do ponto de vista da *forma*, dimensão e *organização espacial* não afiguram as características que se atribui, comumente, ao conceito de cidade. Por outro lado, e tendo em conta que não existe um padrão geral de definição e conceptualização de cidade, há que admitir que este é um conceito que adopta diversas variantes – como se tem vindo a observar ao longo deste trabalho.

Estando-se perante uma Ilha e um território relativamente pequeno, mais do que definir os seus modelos de cidades, *centros urbanos*, há que entender a *estrutura urbana* como um todo – com mais ou menos laivos de ruralidade – e os sistemas que a ela pertencem. Do mesmo modo, é importante perceber o que estrutura e relaciona os vários núcleos de povoados (mais ou menos lineares, aglomerados ou dispersos) e qual a influência, papel dos espaços públicos nestes.

1.1 Povoamentos

Já se viu que na faixa de território em estudo, tal como em toda a Ilha, a ocupação humana depende dos seus aspectos e particularidades orográficas e, por isso, adopta

- | | |
|-----------------------------------|----------|
| Igreja Paroquial de São Sebastião | a |
| Capela de N.ª Sr.ª da Conceição | b |
| Câmara Municipal | c |
| Antigos Paços do concelho | d |
| Junta de Freguesia | e |
| Convento de São Bernardino | f |
| RUA DE SÃO JOÃO DE DEUS | A |
| Rua da Portada | 1 |
| Rua Brito Capelo | 2 |
| Rua da Administração | 3 |
| Rua Roque de Agrela | 4 |
| Rua Almeida Garret | 5 |
| Travessa da Administração | 6 |
| Rua de N.ª Sr.ª da Conceição | 7 |
| Caminho da Trincheira | 8 |
| Rua Serpa Pinto | 9 |
| Caminho do Ilhéu | 10 |
| Rua Nova da Praia | 11 |
| Rua da Alegria | 12 |
| Rua Padre Eduardo C.N. Pereira | 13 |
| Rua da Carreira | 14 |
| Rua Dr. João Abel Freitas | 15 |
| Estrada Monumental | 16 |
| Caminho de São Bernardino | 17 |
| Caminho do Vigário | 18 |
| Rua do Espírito Santo | 19 |
| Largo da República | 20 |
| Largo do Poço | 21 |
| Largo de São Sebastião | 22 |
| Edifício Religioso | ■ |
| Edificado | ▨ |
| Linhas de água(Ribeiras) | — |



diversas formas, dando lugar a vários tipos de assentamentos e utilização do território.

Desta feita, procurar-se-á, agora, perceber o conjunto destas relações entre: território, sítios, lugares de povoamento; estrutura e malha dos povoados; actividades e vivências por relações de proximidade (ao mar ou à serra); e forma (da *cidade*, das estruturas).

- Formas de relação por meio de aglomeração e de dispersão

Segundo alguns autores, como a arquitecta e urbanista Teresa Madeira da Silva, as (principais) cidades atlânticas de origem portuguesa devem a sua origem à fixação de dois ou mais núcleos, pólos onde se situavam edifícios relevantes, significativos (como igrejas, alfândegas, portos, fortificações); e por uma via, caminho que os unia. Desta forma, a mesma autora afirma que a origem, crescimento e desenvolvimento destas cidades foi, inicialmente, do *tipo linear* (paralela ou perpendicularmente à costa) e que esta via, mais tarde, teria servido de base à definição das suas *malhas urbanas* (através do traçado de novas ruas paralelas ou perpendiculares a esta). Actualmente e regra geral, a presença desses eixos quase não se fazem notar, ou por se encontrarem enredados nas malhas urbanas ou, simplesmente, por terem perdido a importância e centralidade iniciais.⁵⁸

58- MADEIRA da SILVA. *As Cidades das Ilhas Atlânticas de Origem Portuguesa e a Transferências de Modelos Urbanos do Continente Europeu*. em <http://www.anpur.org.br/>. (consult. fev. 2014).

No aglomerado correspondente ao núcleo central da cidade de **Câmara de Lobos**, é possível identificar, claramente, uma via que apresenta um perfil e traçado que se pode associar a esse tipo de eixo centralizador e convergente de pólos – Rua de São João de Deus continuando pela Rua de N.ª Sr.ª da Conceição – uma vez que alberga as instalações da Junta de Freguesia e dos antigos Paços do Concelho, o antigo poço da Vila e, nas suas extremidades, a Igreja de São Sebastião e a capela de N.ª Sr.ª da Conceição. O mesmo se comprova (reforça) pelo facto deste eixo, em tempos, ter tido a designação de Rua Principal ou Rua Direita e corresponder a *um dos segmentos por que era conhecida a estrada real 23 que ligava o Funchal à Ribeira Brava*.⁵⁹ De referir, também, que a travessia da **Ribeira do Vigário** é, ainda, feita pelo extremo poente deste arruamento e é onde, junto ao largo da República e à Igreja Paroquial, se situa (actualmente) a Câmara Municipal do concelho de **Câmara de Lobos**. É, também, no extremo poente deste, que se localiza aquela que, um dia, foi uma das *portas* de entrada, profusão no território – Caminho do Vigário. Posto isto, pode dizer-se que, o *centro urbano* de **Câmara de Lobos**, deve a origem da sua *malha* a este eixo.

59- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 03/01/2014).

Na malha deste aglomerado, abrangido pelo pequeno anfiteatro da baía de **Câmara de Lobos**, é possível identificar dois tipos de assentamento: linear, ao longo de ruas, vias seguindo a linha das curvas de nível; e por aglomeração, em proeminências do território, onde quase não se distinguem arruamentos e os que existem (quase sempre perpendiculares à rua principal) são em escadaria e/ou em rampa e de reduzidas dimensões, permitindo apenas o acesso pedonal e, em alguns momentos, de motociclos.

Da mesma forma, é possível reconhecer três momentos distintos: o aglomerado do ou dos núcleos piscatórios dos sítios da Vila e do Ilhéu; a Rua Direita, com alçados e



116- Ilhéu.



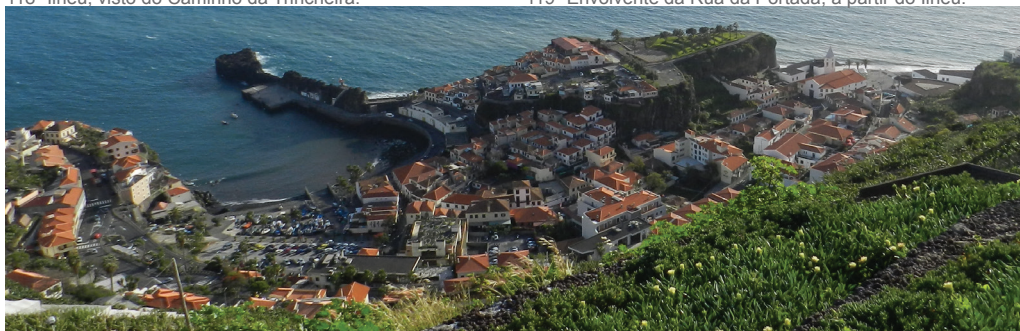
117- Rua Direita e Ruas do século XIX.



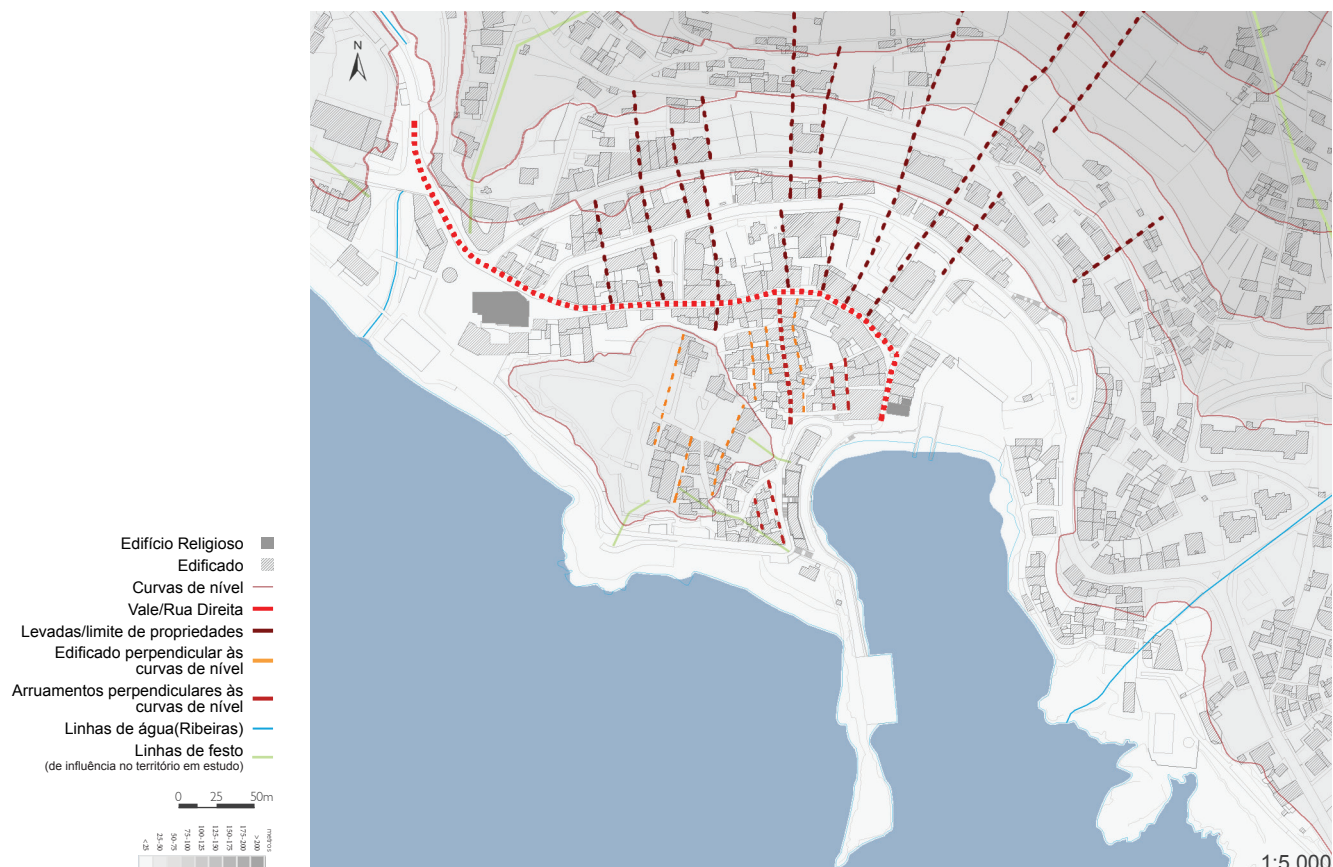
118- Ilhéu, visto do Caminho da Trincheira.



119- Envolvente da Rua da Portada, a partir do Ilhéu.



120- Baía de Câmara de Lobos, vista do Pico da Torre.



121- Câmara de Lobos - estrutura.

traçado que nos remete ao século XIX; e os dois arruamentos do século XX (paralelos ao anterior) que são ladeados por edifícios mais *modernos*, recentes (img.I20). Entre estas três ruas só existe dois arruamentos perpendiculares (a estas): uma que vai do Largo do Poço(img.II5_21) à Rua Padre Eduardo Clemente Nunes Pereira(img.II5_13), no seguimento da Rua de N.ª Sr.ª da Conceição; outra transversal às ruas São João de Deus e Padre Eduardo Clemente Nunes Pereira.(img.II5_12)

Faz igualmente parte da estrutura deste núcleo urbano, a Estrada João Gonçalves Zarco(img.II5_16) – denominação atribuída à estrada Regional 101 (que atravessa grande parte do território da costa sul da Ilha) no seu trajecto pelo interior do concelho de **Câmara de Lobos**. Ao longo desta, também se observa um assentamento do tipo linear, ganhando, no entanto, um carácter mais disperso. Nesta predominam edifícios, construções com a função de habitação.

A estrutura desde aglomerado *à beira mar (im)plantado*, é claramente influenciada e demarcada pelas características do seu território de fixação(img.I21):

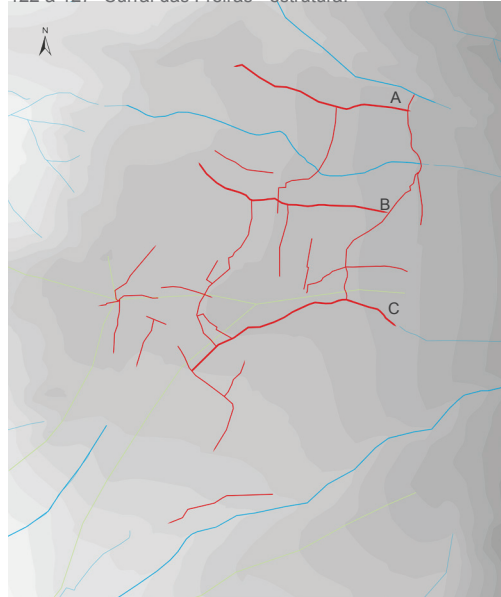
.a rua, ainda hoje, Principal – embora por motivos e características distintas das iniciais – acompanha uma espécie de vale, moldado pela *linha* onde se unem os *sopés* do Pico da Torre e do Ilhéu, seguindo até ao vale da foz da Ribeira do Vigário;

.as *ruas novas* (do séc.XX), acompanham o movimento da primeira e das curvas de nível conformadas pela proeminência do referido Pico; Da mesma forma, também acompanham o traçado da **levada da Castanheira** (com origem na Ribeira da Caixa, sítio da **Quinta do Leme**) que, no século XIX (pelo menos) irrigava as terras, quintas aqui existentes; Já a estrada Monumental (ou Regional 101), contorna este Pico pelo sul, oeste e norte;

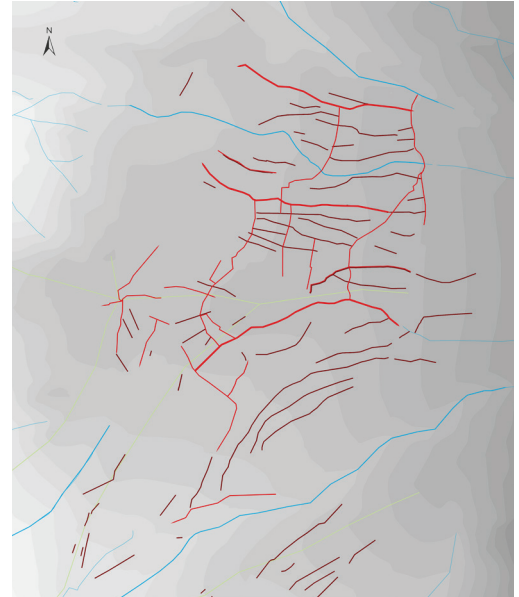
.o caminho do Ilhéu, serpenteia desde o seu cimo (plano) até à zona baixa da Vila, contornado os rochedos que o alicerçam e desembocando em três outros arruamentos – Rua da Administração(img.II5_3), Rua Serpa Pinto(img.II5_9) e caminho da Portada(img.II5_1) (atravessando esta última);

.por sua vez o edificado também acompanha estes eixos e, portanto, o *movimento* do território: nas ruas Direita e do século XX, para além destes eixos, as **levadas** de rega que limita(va)m e atravessa(va)m perpendicularmente os **poios** existentes, acabam por marcar o limite das propriedades, edifícios – possivelmente por questões relacionadas com limites de propriedades, como já mencionado; da mesma forma, o edificado do Ilhéu e da envolvente da rua da Portada – onde se fixam os núcleos de pescadores –, para além de seguir o alinhamento das vias que o acompanha e de se conseguir identificar claras relações de paralelismo (uma espécie de tentativa de estruturação regular), adapta o seu assentamento às características irregulares que o território adquire, pelo que apresenta um aspecto um tanto ou quanto caótico, desorganizado – muito contribuído pela sucessão de ampliações e *próteses* que se foram anexando aos edifícios (apesar destes paralelismos, na rua da Portada, o acesso ao edificado a poente é feito através de estreitos becos perpendiculares a esta).

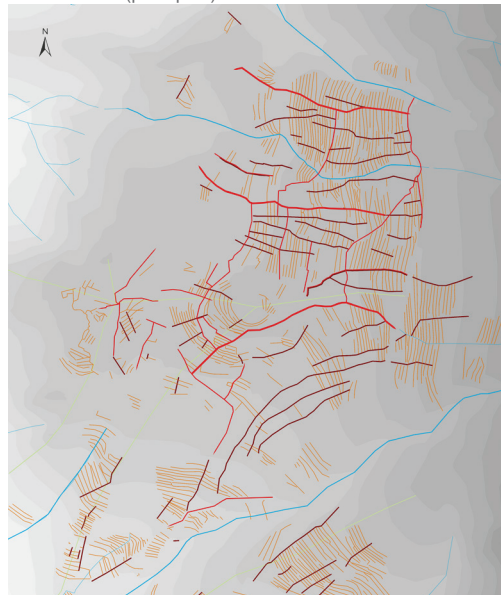
122 a 127- Curral das Freiras - estrutura.



Principais eixos estruturais
A
B
C

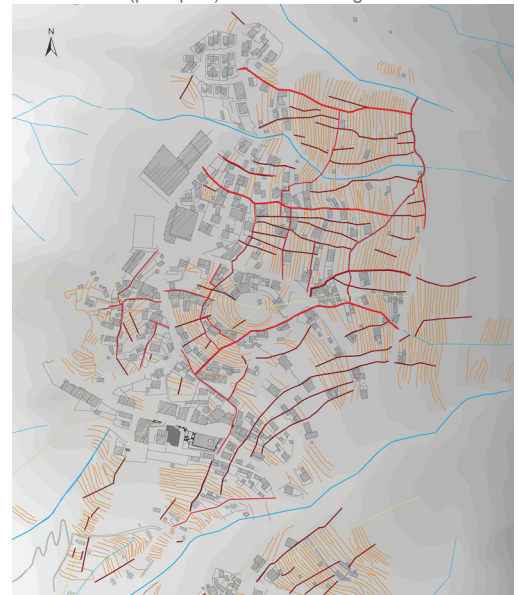


122- Veredas (principais).



124- Veredas, levadas de rega e muros dos poios.

123- Veredas (principais) e levadas de rega.



125- Edificado na relação com estrutura agrícola.



126- Paralelismos entre edificado e estrutura agrícola.



127- Estrutura agrícola, edificado e rede viária.



Analisando o núcleo edificado correspondente aos sítios das **Casas Proximas** e **Achada**, no **Curral das Freiras**, observa-se que a sua estrutura, assentamento é essencialmente disperso. No entanto, depois de se despendar mais tempo sobre a sua planta, acaba-se por perceber lógicas, padrões de assentamento menos aleatórios, casuais do que o inicialmente suposto (img.s122a127).

Denota-se, então, que a fixação e desenvolvimento deste povoado foi feito segundo *estrutura linear*, onde se percebem três variantes, tipos: 1- disposição linear por meio de percurso pedestre, **vereda** paralela às curvas de nível, onde o edificado é, também, paralelo a estas; 2- fixação ao longo de **veredas** perpendiculares às curvas de nível, em que os assentamentos são feitos paralelamente a estas; 3- assentamento ao longo de um eixo, arruamento que liga dois (ou mais) *pólos*.

.tipo 1- Aqui os *caminhos* e o edificado seguem as linhas dos **poios** que, por sua vez, são paralelos às curvas de nível. Da mesma forma, muitas vezes, os *limites* das edificações são balizados pelas pequenas **levadas** de rega que atravessam as fazendas, perpendicularmente aos socacos.

.tipo 2- Esta é a variante mais verificada nesta porção de território, no entanto, destacam-se três eixos A, B e C (img.122), que atravessam, quase na totalidade, a **achada** onde se assenta esta estrutura. Estes eixos são estreitas **veredas** de acesso às **fazendas**, perpendiculares aos muros dos **poios**, ao longo das quais se foi fixando o edificado, também ele, perpendicular (ou mesmo coincidente) a estas e, portanto (mais uma vez) paralelamente às paredes dos terraços aráveis.

.tipo 3- Dentro deste tipo podemos, ainda, identificar duas variantes: desenvolvimento, organização linear acompanhando a rede viária local, onde não se identifica *pólos* específicos de ligação, identificando-se, contudo, pequenos pontos de fixação de estabelecimentos comerciais e/ou turísticos; e arruamentos, caminhos, sem trânsito automóvel, que fazem a ligação entre dois núcleos – neste caso entre os terrenos agrícolas e/ou de pastagem e a Igreja de N.ª Sr.ª do Livramento (única na freguesia). Estes ganham um carácter mais ou menos rural(izado) consoante a proximidade, ou não, ao templo. Nesta última, inclui-se um caminho pedestre através do qual se fazia/faz a ligação entre: a Igreja; o ponto onde se acredita que se iniciou o povoamento do vale do **Curral das Freiras** (no sítio da Capela); e a Terra Chã.

De modo geral, pode dizer-se que, aqui, os **poios**, **veredas**, **levadas** e a sua estratificação estão na génese do posicionamento e da forma do edificado, o que se justificaria, não só pelo já exposto anteriormente, como também pelo facto de este ser um povoado de origem marcadamente rural e serrano.

1.2. Cordões de estrutura aproximadamente linear

A profusão no território madeirense foi feita, como já mencionado, por meio de estruturas lineares que liga(va)m a costa às montanhas interiores. Já se viu, também, que estas estruturas, eixos encimavam **lombos** e **lombadas**, devido às suas características orográficas. Viu-se, da mesma forma, que foram estes que possibilitaram e potencializaram



128- Sítios da Seara Velha e do Lombo Chão, no Curral - edificado inserido em agrícola e meio serrano.



129- Sítios da Balceira e da Capela, no Curral - edificado inserido em agrícola e meio serrano.



130- Sítios da Achada e Casa Próximas, Curral - edificado inserido em estrutura agrícola e meio serrano.



131- Ortofotomapa por entre lombos e lombada - cordões de estrutura aproximadamente linear.

a expansão urbana para e no interior da Ilha. Posto isto, torna-se premente perceber: como é feita esta entrada no território? qual a relação do edificado com estes eixos e com o território? onde e como se estruturam os núcleos centrais destas estruturas?

- Formas de relação por meio de percursos

Atribui-se, ao tipo de assentamento existente nos **lombos** e **lombadas** deste território, a designação de *Cordões de estrutura aproximadamente linear*, pelo facto de que, apesar de seguir um eixo, o edificado não é feito de forma consistente, contínua ao longo deste. Salvo muito raras excepções, não se encontram caminhos, estradas que sejam ladeadas por um cordão contínuo de edificado (img.s131a134). Não se pode considerar, estes, como eixos rurais, nem como ruas – são uma espécie de *híbrido*⁶⁰ dos dois – uma vez que não se inserem (totalmente) em meios campestres, nem em meios urbanos; não se pode dizer que sejam campo, aldeia mas também não são cidade – como já referido; fazem sim, parte de um todo, de uma *estrutura urbana* que abrange vários núcleos, eixos, actividades, sectores.

60- Álvaro Domingues.

A maior parte dos trajectos que seguem as linhas de fecho destes montículos, são de dimensões reduzidas – devido à sua origem mais antiga – pelo que são utilizados, quase exclusivamente, para fixação de residências, de quintas, de pequenas urbanizações (em poucas situações) e de edifícios de apoio a actividades agrícolas. É, contudo, no enfiamento destes que se vão fixar os principais *aglomerados urbanizados*, que servem de sede a freguesias e sítios como: **Estreito de Câmara de Lobos**, **Jardim da Serra**, Garachico e Vargem. Nestes, as igrejas, edifícios de carácter religioso ganham grande destaque; talvez, por terem sido estes a darem início a estes aglomerados – tendo em conta o facto de se admitir que os núcleos de povoamento, na Ilha, tiveram origem na fixação de um edifício, elemento religioso à volta do qual se iam agregando edificações.

As, já referidas, dimensões reduzidas (em perfil) de muitos destes arruamentos, faz com que só se possa fazer a sua travessia num único sentido – isto quando com extensão suficiente para abarcar um automóvel –, por meio de motociclo – quando não intercalada com escadarias – ou caminhando.

Por outro lado, a juntar a estes eixos, temos várias ramificações que partem e/ou atravessam estes e seguem paralelamente às curvas de nível. O tipo de assentamento existente ao longo destes ramais, também é do tipo *aproximadamente linear* e adoptam, sensivelmente, as mesmas características dos anteriores (img.l33). A principal diferença é que estes são de traçado mais recente e abarcam, portanto, um perfil de maiores dimensões. Por entre estes, distinguem-se, também, estradas regionais, reais que durante muito tempo corresponderam ao único meio de atravessamento, ligação entre os vários pontos do território – como a Estrada Real 25 (que fazia a travessia do Funchal a São Vicente) e a Estrada João Gonçalves Zarco (estrada Regional 101). Da mesma forma, outra diferença assinalada, é a de que, não raras as vezes, surgem ladeadas por escolas, bares, restaurantes, oficinas ou stands de automóveis, etc.; posto isto, penso que as poderíamos incluir nas *ruas-da-estrada*, de Álvaro Domingues.

No que toca à relação do edificado com estes eixos e com o território, pode-se



132- Por entre lombos (Este de Câmara de Lobos) - cordões de estrutura aproximadamente linear.



133- Cordões de estrutura aproximadamente linear (dispersa), ao longo de estrada regional (Oeste de Câmara de Lobos).



134- Sítio do Garachico, Estreito de Câmara de Lobos - cordões de estrutura aproximadamente linear.

dizer que não há propriamente um padrão geral. No entanto, podem identificar-se características, mais ou menos, comuns entre estes: tal como no **Curral das Freiras**, os edifícios fixam-se paralelamente aos muros dos **poios**, às curvas de nível ou, até mesmo, aos eixos, vias que acompanham; aproveitando o facto de se situarem em pontos altos, tenta-se orientar o edifício e abrir o maior número de vãos e terraços, varandas para a *paisagem* (quer para os vales, quer para o mar); por outro lado, temos as pequenas quintas que, não estando adjacentes a estes eixos, fazem-se aceder por pequenos ramais que seguem, também eles, as curvas de nível.

Por sua vez, e seguindo a mesma premissa defendida pela arquitecta e urbanista Teresa Madeira da Silva (de dois núcleos e um eixo de ligação), poderíamos dizer que a *estrutura urbana* compreendida por entre **lombos** (aqui em análise), funciona como uma espécie de grande(s) eixo(s) que atravessa(m) o território e liga(m) dois povoados de origens, formas e localizações muito distintas – um na linha litoral (Câmara de Lobos), outro num vale montanhoso (Curral); e, ao mesmo tempo, abarca dois outros núcleos que o(s) reforça(m) e estruturam(Jardim da Serra e Estreito) – também eles, ligados entre si.

Em suma, observa-se que nos encontramos perante um tipo de assentamento que adapta ou vai adaptando a sua estrutura à forma do território.

Da mesma forma, não se viu a necessidade de amuralhar os povoados da Ilha, com a excepção da cidade do Funchal que, no século XVI, se encontrou cercada de muros – construindo-se, para o efeito e nessa data, três troços de muralha.⁶¹



Excerto da planta do Funchal de Mateus Fernandes, 1567-1579.

61- *Muralha da cidade*, em www.cm-funchal.pt. (consult. 10/05/2014)

2 – Estrutura e espaço(s) público(s)

Os povoados aqui em estudo possuem, portanto, diferentes estruturas e cada uma depara-se com uma distinta relação com o espaço público e com as vivências aí desenvolvidas, não só devido às suas diversas situações, localizações, mas também devido às suas origens e grau de maior ou menor desenvolvimento, progresso. Da mesma forma, observa-se que a maior ou menor confluência de serviços e diversificação de actividades, tem grande impacto na forma como se vivem os espaços públicos destes povoados – não fossem uns indissociáveis dos outros.

2.1 Do litoral ao serrano

No que toca aos espaços públicos e sua organização, no litoral, estes também adquirem três momentos claramente distintos, coincidentes com os três tipos de assentamento já identificados.

Ao longo das ruas Direita e da Conceição (img.s136a139), é onde se encontra o maior número de dinâmicas, de situações e actividades a acontecer ao mesmo tempo. Do mesmo modo, são ruas que convidam a *estar* – uma vez que têm um desenho e dimensão *acolhedores*:

...estas ruas são de reduzidas dimensões e ladeadas, na sua maioria, por edifícios do século XIX (ou anteriores) que, pela sua continuidade, uniformidade – de cérceas (geralmente, piso térreo mais um) e do ritmo compositivo dos alçados – e escala conferem um sentimento de estabilidade;



.o seu pavimento é calçado por paralelos de pedra basáltica (predominante na Ilha) na faixa destinada ao trânsito automóvel (limitado) e os passeios são num tipo de calçada típica das actuais ruas madeirenses que terá (possivelmente) evoluído a partir da calçada de calhaus rolados (típica das antigas ruas e estradas madeirenses quando empedradas) – a principal diferença é que a primeira é mais regular, nivelada do que a segunda⁶²;

.na confluência com a rua Padre Eduardo C. N. Pereira, situa-se o Largo de São Sebastião a partir do qual se faz o acesso à Igreja Paroquial de São Sebastião, pelo que ganhou este mesmo topónimo. Este, não é mais do que um alargamento da rua Principal, exactamente devido à presença deste edifício religioso;

.no *cruzamento* destes dois arruamentos, temos o Largo do Poço que é o local de eleição de concentração dos pescadores quando não se encontram na faina piscatória e onde, à noite (principalmente) se reúnem as camadas mais jovens da população, ao redor dos bares aí existentes;

.na rua de N^ª Sr^a da Conceição, o edificado na sua *margem* poente abarca, actualmente, uma série de bares e restaurantes que, no piso térreo, permitem o acesso à baía, ancoradouro do Canavial;

.no extremo sul desta rua, existe um outro *alargamento*, largo a partir do qual se tem acesso a uma porta lateral da Capela do Calhau e à referida baía e varadouro.

De referir, que estes arruamentos possuem, também, uma pendente pouco acentuada, pelo que as cérceas do edificado encontram-se, sensivelmente, alinhadas. Isto, acrescido do facto de os edifícios se encontrarem *anexados* uns aos outros, confere-lhes a continuidade das *linhas* (horizontais) dos seus alçados. Por sua vez, percebe-se uma estreita relação entre as diferentes escalas das ruas: a altura dos edifícios quase nunca ultrapassa a largura dos arruamentos e mesmo quando assim não é, nunca a excede por muitas unidades. Os seus vãos, rectangulares e verticais, correspondem a uma quebra das linhas horizontais das ruas e fachadas.

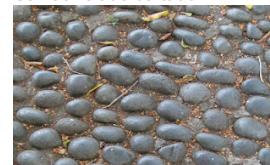
Como já se referiu, em tempos, estes corresponderam aos eixos centrais, centralizadores da Vila, uma vez que abarcavam os edifícios mais importantes (Paços do Concelho, biblioteca, etc.) e a principal fonte de abastecimento de água da Vila, no entanto, actualmente continuam a deter um papel central nesta estrutura, principalmente devido à presença de pequenas lojas e estabelecimentos (comércio local, bares, restaurantes, Casa da Cultura, centro comercial, farmácias, etc.) e importantes edifícios religiosos. Mesmo assim, algumas das instalações (comerciais) que aqui existem, encontram-se fechadas e votadas ao abandono. Suponho que, em tempos, os pisos superiores a estas eram utilizados como habitações (com acesso aos seus quintais), no entanto, creio que actualmente a grande maioria dos edifícios se encontram sem uso, devolutos.

A partir destes dois arruamentos tem-se acesso, através de becos e caminhos estreitos, aos núcleos interiores (piscatórios) deste aglomerado, no entanto, as suas dimensões ainda mais reduzidas do que as destas e o seu carácter (aparentemente) esconso, fá-los passar despercebidos e tem-se a (clara) sensação de se estar a entrar, a olhar para um espaço privado.

O(s) núcleo(s) piscatórios têm uma configuração, estrutura deveras interessante,



Calhau rolado cortado.



Calhau rolado.
62- Calçada madeirense.

136 a 154- Espaços públicos de Câmara de Lobos.



136- Rua Direita - fachadas na relação com a rua.



136- Rua Direita ou de São João de Deus.



138- Rua Direita.



139- Largo do Poço e e rua Nª Srª da Conceição.



140- Largo da República.



141- Rua Dr. Abel de Freitas.



142- Rua Padre Eduardo Clemente Nunes Pereira.



143- Largo de São Sebastião e rua Direita.



144- Largo de São Sebastião e Igreja de São Sebastião.



145- Largo da República e de São Sebastião.



146- Ruas Dr. Abel Freitas e P. Eduardo C. N. Pereira.



147- Varadouro e esplanadas do Canaval.



148- Esplanadas do Canaval.



149 - Beco dos Quintais.



150 - Rua Brito Capelo.



151 - Rua da Portada - norte.



152 - Rua da Portada - sul.



153 - Travessa da Administração.



154 - Caminho do Ilhéu.

com os seus *arruamentos-corredor* e com a sobreposição de quintais, varandas e telhados. Como já mencionado, caminhar por estas ruas é quase como estar a entrar nos quintais das casas – não raras as vezes, vêem-se mulheres sentadas nos beirais das suas respectivas portas (frente a frente) a conversar, a servir-se da rua como se de uma sala de estar se tratasse. Da mesma forma, é por entre estas ruas que os pescadores prepara(va)m as redes e apetrechos para a pesca.⁶³ Aqui os pavimentos são empedrados (com paralelos de pedra basáltica) – salvo os becos de acesso às casas *interiores*, aí o pavimento é em betão. Por sua vez, as habitações que ladeiam as ruas da Porta, da Administração e Capelo Brito apresentam um relevante nível de degradação – muito provavelmente devido à maresia e às (baixas) condições financeiras inerentes à actividade pesqueira. Ao longo do caminho do Ilhéu, esta degradação também é um pouco sentida, mas aqui a rua é *rua*. No entanto, sendo esta a zona onde, por excelência, vivia a classe piscatória, até há relativamente pouco tempo esta era uma zona considerada de total degradação, imundice e de enorme pobreza – esta situação só viria a ser contornada com a demolição do Bairro do Ilhéu (no seu topo) no decorrer do ano de 2004. Com isto, grande parte das famílias aqui instaladas viriam a ser transferidas para outros bairros (como o do Espírito Santo, no sítio deste nome), diminuindo com isso, o número de pessoas ligadas à *faina* piscatória, resultando, ao mesmo tempo, num desenraizamento de costumes, cultura, vivências e referências espaciais.

Nos arruamentos do século XIX, o ambiente e vivências são muito distintas destas, primeiro por se encontrarem mais distanciados dos núcleos piscatórios, depois devido às características do tipo de edificado e tratamento do espaço público. Nas ruas anteriores percebe-se o cuidado em manter uma determinada imagem (que remonta aos *tempos antigos*)⁶⁴ e que tem no turismo o sua principal motivação, finalidade. Já nestas ruas, começa-se a entrar no século XXI e nas dinâmicas que isso acarreta:

.aqui os pavimentos já são em materiais mais *modernos*, como asfalto e betão;

.na rua Padre Eduardo C.N. Pereira, encontram-se as entradas (principais) para a Junta de Freguesia de Câmara de Lobos (no mesmo prédio que a Casa da Cultura), o Mercado Municipal e o Baía Shopping; dando espaço também para um supermercado e vários bares, mercearias, farmácias, sede da empresa de Electricidade da Madeira e edifícios de habitação colectiva.

.a rua Dr. João Abel Freitas (a mais recente) possui, sensivelmente, as mesmas características que a anterior, contudo apresenta uma menor afluência de pessoas. Aqui o edificado é mais disperso, onde predomina o sector habitacional, uma vez que a maioria das instalações comerciais se encontram em desuso, fechadas. É, ainda, nesta rua que se encontram as instalações do Centro de Saúde e da estação de correios. A poente é, também, atravessada pelo caminho de São Bernardino que fazia e faz a ligação entre o convento desta invocação e a Igreja da Vila.

Mesmo assim, nestes arruamentos, ainda se encontra uma ou outra habitação com o seu quintal que remontam ao século XIX e que produzem uma *quebra*, nesta dinâmica *citadina*, urbana.

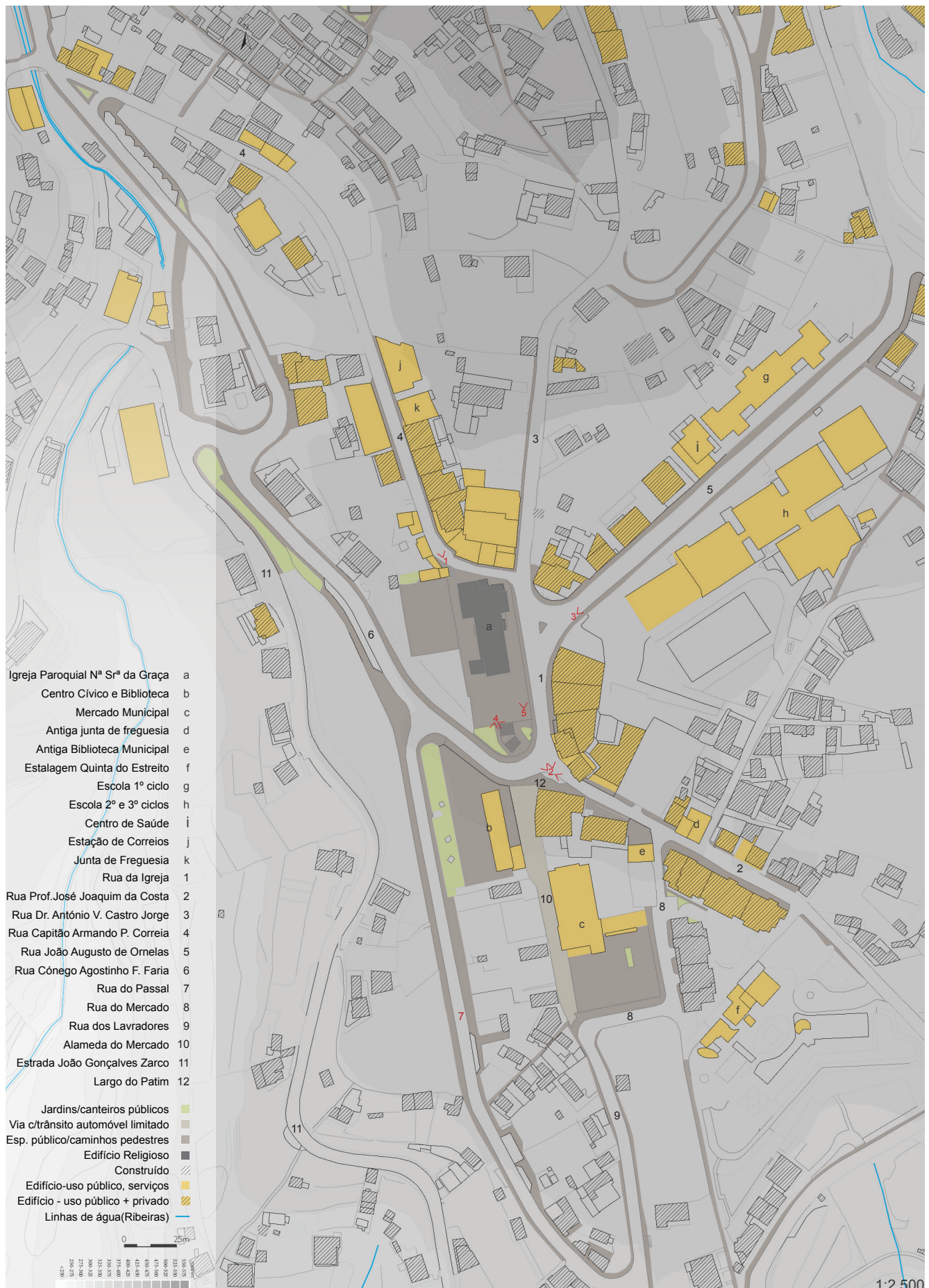
Passando das vias para os espaços de estar, destacam-se, a meu ver, quatro



63- Rua da Portada, séc. XX e actualidade.



64- Como o exemplifica o facto de, apesar de um dos edifícios do século XIX ter-se deteriorado e o seu *recheio*, interior ter sido totalmente removido, demolido, procurou-se deixar intacta a fachada que se volta para a rua Direita.



elementos (para além do já referido largo do Poço): o largo da República, o largo de São Sebastião (vagamente mencionado), o jardim do Ilhéu e a zona do ancoradouro do Canavial:

.o primeiro, é considerado o principal espaço público da cidade e funciona como uma espécie de miradouro sobre o mar, limitado: a sul pelo calhau da praia do Vigário; a poente pela ribeira do mesmo nome, pela esplanada do café República e pelo edifício que o alberga; a norte pelo prolongamento da Avenida Nova Cidade e pelo edifício da Câmara; e a nascente pelas traseiras de Igreja de São Sebastião e pelo restaurante Coral Bar. Neste espaço, ganha algum destaque, evidência a presença de um Coreto de ferro fundido, de 12 colunas, datado de 1883 (apesar de só se encontrar na Vila desde 1942);

.dando acesso à Igreja da Vila, o largo de São Sebastião também ganha um papel importante neste pequeno núcleo urbano, pois a igreja e a religião são algo que(ainda) se encontra implícito na cultura e vida madeirense;

.o jardim do Ilhéu é relativamente recente (posterior a 2004) e apesar do seu aspecto cuidado, a verdade é que a vontade de transformar este num ponto turístico, a meu ver, não foi bem sucedida pois, na maior parte das vezes, este espaço encontra-se deserto. Seja como for, este surgiu com o intuito de *resolver* um problema social e urbano da Vila – a, já referida, degradação do Bairro dos pescadores(a qual refere-se mais tarde);

.o ancoradouro, varadouro da praia do Canavial é onde se encontram *estacionadas* as embarcações pesqueiras quando não em serviço(ou em reparação), e onde se desembarca o *produto* resultante das idas ao mar e onde o peixe gata é deixado a secar, ao sol.⁶⁵ Com a transformação das antigas habitações dos pescadores (aqui presentes) em bares, restaurantes e bazares turísticos, parte deste espaço também é utilizada como esplanada. Por sua vez, com a crescente publicitação desta Vila como um dos pontos turísticos da Ilha, é aqui que se *acumulam*, reúnem os visitantes vindos de todas as partes (da Ilha inclusive). No extremo sudeste deste espaço, vem afluir o caminho do Calhau e/ou da Trincheira que, depois de algumas obras de requalificação, integra uma longa *promenade*, passeio marítimo, que liga **Câmara de Lobos** ao Funchal (até ao Lido).



65- Peixe gata a secar num barco no varadouro do canavial. Peixe gata é um tipo de peixe que depois se seco se assemelha muito com o bacalhau e é conhecido como típico de Câmara de Lobos, por este ser o único sítio, na Ilha, onde se seca e prepara este tipo de peixe.

Nos **lombos**, como já referido várias vezes, os assentamentos e desenvolvimentos das *malhas*, estruturas *(r)urbanizadas* é feito, essencialmente, ao longo de eixos e ao observarmos de perto o núcleo central do **Estreito de Câmara de Lobos**, comprovamos isso mesmo.⁶⁶ Pois este núcleo tem uma estrutura claramente radial, sendo a Igreja o ponto para onde convergem os vários eixos. Vindos de vários pontos do território, o *momento* em que se cruzam acaba por ganhar um papel central(izador) na vasta estrutura que abarca. Contudo, estes eixos possuem características distintas entre si, essencialmente, por remontarem a diferentes épocas.

As ruas prof. J. Joaquim da Costa, da Igreja e Dr. António V. de Castro Jorge são, provavelmente, as de traçado mais antigo – integrando o troço da antiga estrada real 25, que ligava o Funchal a São Vicente –, no entanto, isto não é sentido ao longo de toda a(s) sua(s) extensão(s), principalmente na segunda, pois a abertura da rua João A. de Ornelas veio irromper a sua margem nascente e,

66- É importante referir que optou-se por centrar este estudo (referente aos espaços públicos nos povoados dos lombos), principalmente, no *núcleo histórico* do Estreito, colocando (um pouco) de parte o do Jardim da Serra, porque só em 1996, é que este se desanexou do Estreito, passando a constituir uma freguesia. Pelo que assim, o Estreito, tinha(tem) um papel muito mais centralizador, convergente do que este.

156 a 163- Espaços públicos do Estreito de Câmara de Lobos.



156- Rua Capitão Armando Pinto Correia.



157- Rua José Joaquim da Costa.



158- Ruas da Igreja e Dr. António Vitorino de Castro Jorge.



159- Rua João Augusto de Ornelas.



160- Largo do Patim e escadaria do adro.



161- Alameda do Mercado e Centro Cívico.

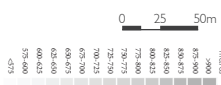


162- Largo do Patim e ruas da Igreja e Cónego A. F. Faria.



163- Adro da Igreja e ruas da Igreja e João A. de Ornelas.

- Igreja Paroquial de São Tiago a
- Antiga Igreja b
- Centro Cívico do Jardim da Serra c
- Caminho do Lombo do Fôro 1
- Rua da Igreja 2
- Rua das Corticeiras 3
- Edifício Religioso ■
- Edificado ▨
- Linhas de água(Ribeiras) —
- Linhas de feúdo (de influência no território em estudo) —



164- Jardim da Serra.

Aqui os espaços públicos (*de estar*) resumem-se, essencialmente, aos adros da Igreja nova (de acesso limitado por muros e portões) e do templo antigo, sendo que (tal como no Estreito) *funcionam* como miradouro sobre o seu território de *domínio*. Por sua vez, destacam-se dois eixos (1, 2 e 3), um correspondente à antiga estrada real 25 e outro que faz a (actual) ligação com o Estreito. A Junta de Freguesia, Centro de Saúde, Casa do Povo e delegação local da Segurança Social reúnem-se num único ponto, edifício - no Centro Cívico do Jardim da Serra.

com isso, fez surgir novas edificações e dinâmicas. A primeira tem (actualmente) um papel secundário nesta estrutura radial, onde predominam edifícios de habitação colectiva, intercalados com *casas particulares* (que remontam, no mínimo, ao séc. XIX), na sua maioria com pequenas instalações destinadas a comércio, no piso térreo. Na rua da Igreja o destaque vai, obviamente, para o edifício religioso (a poente), ainda que em parte da sua margem nascente (na continuação com a de J. Joaquim da Costa) se encontrem alguns estabelecimentos comerciais e mais edifícios de habitação colectiva. Já a segunda, no seu *arranque* (a partir da rua da Igreja), encontram-se ainda alguns edifícios destinados a serviços (nomeadamente duas instituições bancárias), mas segue ondulando por entre pequenas quintas, habitações e terrenos agrícolas.

A rua Cónego A. F. Faria () serve (quase) unicamente de ligação, deste núcleo, à estrada João Gonçalves Zarco que, vinda do extremo oeste do Funchal e passando pelo centro de **Câmara de Lobos**, atravessa (quase na totalidade) o **lombo** onde se situa o centro histórico do **Estreito** e segue, serpenteando por entre **lombos**, até à Ribeira Brava.

Por trás da Igreja(a noroeste), passa a rua Cap. Armando P. Correia( e ) onde se encontram sitiados uma pequena clínica, a estação de correios e telecomunicações, a junta de freguesia e Casa do Povo, para além de outros estabelecimentos comerciais.

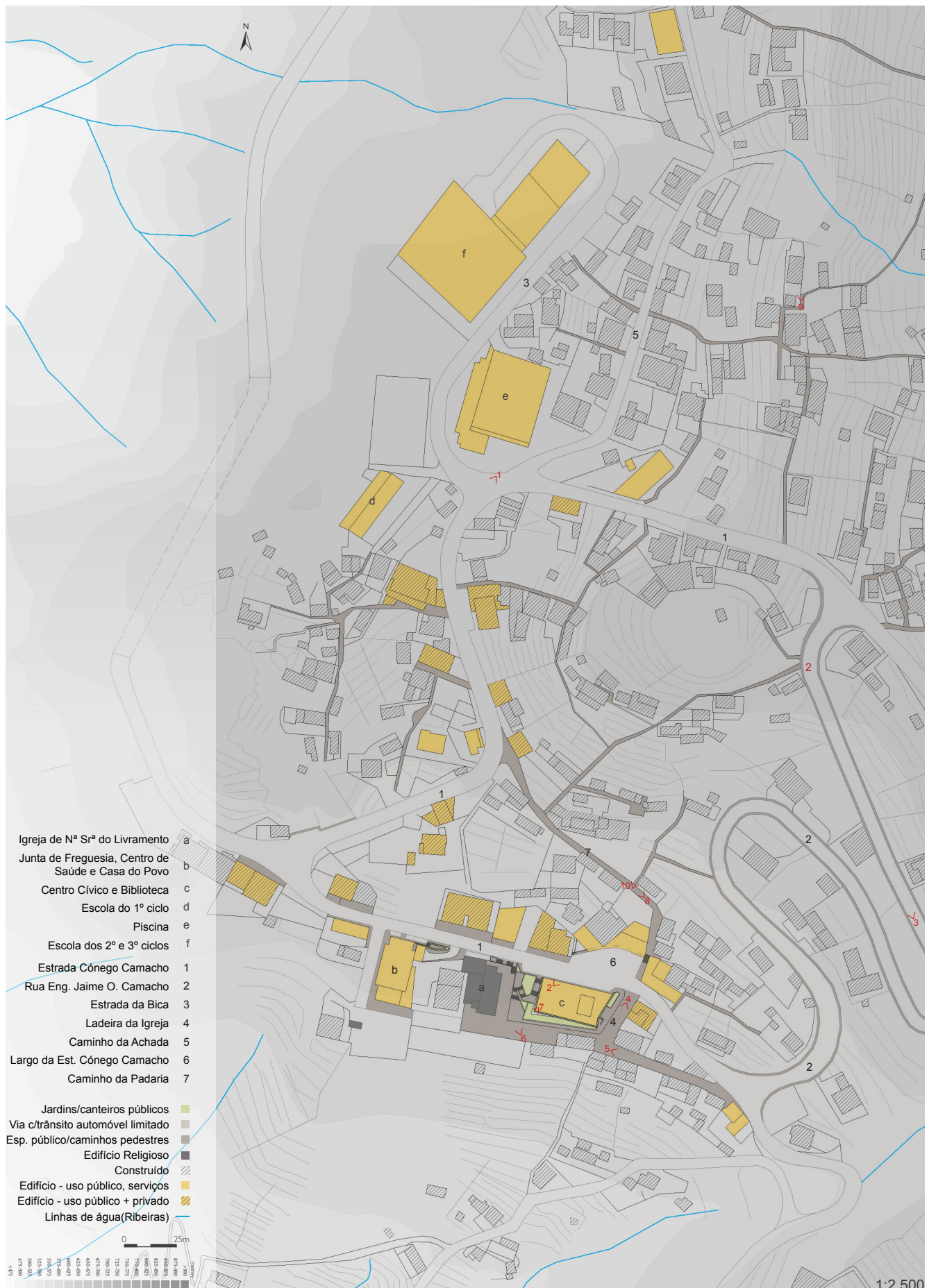
Em frente à Igreja, forma-se um pequeno largo (do Patim)( e ) através do qual se tem acesso ao adro daquela (por uma imponente escadaria) e onde confluem alguns dos arruamentos atrás transcritos, bem como o eixo da Alameda do Mercado e a entrada para o Centro Cívico e Biblioteca Municipal. O edifício que alberga estas duas *instituições*, encontra-se assente numa plataforma que funciona como miradouro sobre a *paisagem* camaralobense – tal como o adro. Este espaço, juntamente com o adro (da Igreja) e praça do mercado, constituem os únicos *espaços públicos* existentes neste *centro*.

As vias, aqui transcritas são, na sua grande maioria, asfaltadas e acompanhadas de passeios laterais. Com excepção da Alameda do Mercado () que, por ser de trânsito limitado, é calçada com paralelos de pedra basáltica. No adro da Igreja, o pavimento é em calçada de calhau rolado, disposta em *rabo de pavão*⁶⁷; no espaço adjacente ao Centro Cívico o piso é empedrado com calçada portuguesa (em pedra basáltica), tal como na (maior parte da) praça do Mercado com o acréscimo de ter um padrão quadriculado com dois tons.

O facto de este ser um ponto de confluência de várias vias e a forma como as ruas se encontram *tratadas*, desenhadas, demonstra a primazia dada ao trânsito automóvel, pelo que o *tráfego de peões*, pessoas é relegado para os passeios, onde se caminha lado a lado com as viaturas (quando estas não os invadem). Por sua vez, os espaços do adro do Centro Cívico e Mercado, proporcionam a oportunidade de se desfrutar de um *ambiente estável* (mais tranquilo), tendo como pano de fundo a paisagem envolvente, onde o verde dos **lombos** e **poios**, e o azul do mar (lá ao fundo), ganham protagonismo. Posto isto, dificilmente se consegue encarar esta como uma estrutura urbana... é (aproxima-se de) um *nó viário* que se formou à volta de um edifício religioso e que acabou por gerar um núcleo potencializador, central(izador) – com atenção para o facto da Igreja ter surgido em simultâneo, se não primeiro, que as primitivas vias aqui traçadas. Isto é algo que se verifica um pouco por toda a Ilha.



67-



165- Curral das Freiras - Espaço Público.

No *núcleo serrano* do **Curral**(img.l65), os eixos viários(img.s l66a l70) têm um papel *quase* secundário na estruturação do edificado que o conforma – pois, aqui, consegue-se percorrer, praticamente, todo o aglomerado através de **veredas** e **levadas**(img.s l73a l75). No entanto, acabam por ganhar relevante importância, na medida em que potenciam outros tipos de dinâmicas locais (e com o restante território). Por sua vez, é ao longo destes que se fixam serviços indispensáveis (no modelo de sociedade actual) ao dia-a-dia da população local.

O arruamento que, aqui, detém maior importância é a estrada Cónego Camacho (img.l65_1), que configura um dos segmentos do único eixo viário que liga o **Curral** à restante Ilha. Na aproximação ao *núcleo central* foram-se fixando (ao longo deste) habitações e alguns estabelecimentos como: restaurantes, bares, um pequeno supermercado, uma oficina de automóveis, uma padaria, um Posto Florestal, entre outras. Do mesmo modo, é esta via que, chegando às traseiras da Igreja, sofre um pequeno alargamento que é, por excelência, o ponto de convergência de visitantes e populares, por ser aqui que se encontra o maior número de lojas, estabelecimentos destinados ao turismo – atualmente uma das *actividades económicas* deste aglomerado – e por se encontrar nas imediações da Igreja, Centro Cívico, Centro de Saúde e demais serviços. Este é um eixo que conserva as características típicas, habituais das estradas regionais madeirenses, pelo que não se faz acompanhar de passeio, mas nas suas bermas encontra-se (sempre) presente a **levada** (coberta ou a descoberto) por onde correm águas de rega e/ou pluviais.

A rua Eng. Jaime O. Camacho(img.l65_2), corresponde a um eixo alternativo de ligação ao centro da freguesia, possui um declive mais acentuado (e maior perfil transversal) do que a anterior e – talvez por isso (e por ser mais recente) – não é tão densamente *povoada* por edificado.

A estrada da Bica(img.l65_3) é muito recente, é acedida a partir da estrada Cónego Camacho e é nesta que se faz o acesso às (principais) escolas da freguesia. Por sua vez, o caminho da Achada(img.l65_5) atravessa dois dos três eixos que (como já vimos) estruturam esta porção de território.

Tem-se ainda três outros arruamentos (secundários): o Caminho da Padaria(img.l65_7), a Ladeira da Igreja(img.l65_4) e a rua no prolongamento do adro da Igreja. O primeiro é quase exclusivamente de acesso pedonal e é empedrado; o segundo é um pequeno segmento que permite a ligação à Igreja e parque de estacionamento do Centro Cívico; o terceiro desenvolve-se perpendicularmente à igreja e, tal como no primeiro, o edificado que o acompanha remonta ao século XIX. O carácter secundário destes é confirmado e/ou resultante do estado de abandono a que estes edifícios se encontram votados.

Mais uma vez, os dois (únicos) *espaços públicos* (ditos) *de estar*, encontram-se numa posição privilegiada do território ganhando, também, o carácter de miradouros. Um é conformado pelo adro da Igreja e pela área, zona de acesso ao Centro Cívico(img.l65_c); o outro corresponde à cobertura deste último edifício.

As **veredas** e **levadas** serpenteiam por entre casas, **poios**, palheiros e quintais e grande parte das habitações(deste núcleo) só são acessíveis através destes carreiros. Por sua vez, alguns deles já se encontram regularizados, pavimentados (em betão e derivados), mas outros existem, que ainda são estreitos *sulcos* no solo(pedra ou terra batida) que os recebe.

166 a 175- Espaços públicos do Curral das Freiras.



166- Estrada Cônego Camacho e Estrada da Bica.



167- Estrada Cônego Camacho.



168- Rua Eng. Jaime Ornelas Camacho.



169- Ladeira da Igreja.



170- Rua transversal à Ladeira da Igreja.



171- Adro da Igreja.



172- Vista a partir da cobertura do Centro Cívico.



173- Caminho da Padaria.



174- Vereda da Achada.



175- Caminho do Pico.

Apesar da presença dos serviços, vias e espaços atrás referidos, a verdade é que este continua a ser um povoado onde o isolamento físico, territorial está bem presente. Por um lado, pela paisagem montanhosa que o abrange, rodeia (e isola) e que lhe confere um carácter serrano (juntamente com as actividades e dinâmicas aqui desenvolvidas). Por outro lado, é um núcleo onde a componente agrícola (a pastorícia já não se faz sentir) continua sobejamente enraizada e isso faz-se notar claramente – apesar da (relativamente) recente inserção do ramo turístico é a agricultura que continua a ter um papel fundamental na economia local; mesmo aquela praticada por questões de subsistência.

Em suma, é de notar que as Igrejas e os espaços exteriores que as conformam detêm um papel fundamental na estruturação, organização e definição dos povoados aqui em estudo (e na Ilha em geral), quer se encontrem à beira mar ou nas *profundezas* da serra. O inicial afastamento, dos colonos, da sua *terra-mãe* e daquilo que lhes era conhecido e a situação de isolamento em que se encontraram aquando da chegada à Ilha, fizeram com que o povo madeirense se refugiasse na Igreja, religião e no *conforto* que lhes transmitia. Esta profunda ligação com o mundo religioso, ainda se mantém nos dias de hoje – pelo menos nos povoados votados a maior isolamento (no interior e norte insular).

Por sua vez, a grande maioria das praças, largos, pracetas e afins, existentes na Ilha, encontram-se associados a algum tipo de edifício religioso – encontrando-se anexados a estes ou nas suas proximidades, sendo que por vezes, não são mais do que o adro, o espaço de recepção exterior destes.

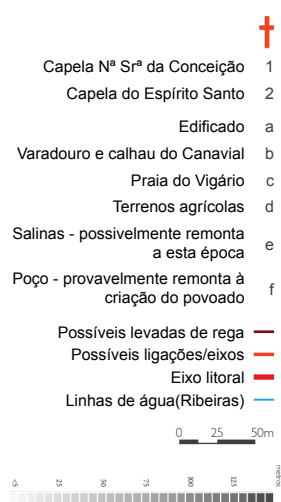
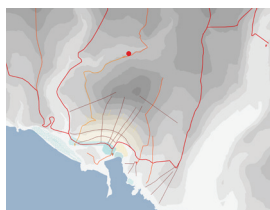
No que toca às vias que organizam e conformam estas estruturas, não raras as vezes são eixos com ligações *inter-povoações* que, ao se aproximarem de/ou ao passarem por um povoado, *núcleo central* ganham o nome de rua e passam a ser (mais) densamente edificadas.

Do mesmo modo, os povoados aqui estudados, têm em comum o facto da agricultura e (principalmente) os terrenos agrícolas, estarem sempre presentes na sua disposição, composição: quer seja como cenário de fundo; quer seja na definição, limitação sectorização dos seus *lotes*, *balizas*.

3 – A forma dos povoamentos

Um dos principais (senão o principal) focos deste trabalho é a forma como o homem se foi adaptando às várias condições e características de um território que encontrou *virgem*, adaptando-o, em simultâneo, às suas necessidades. Assim sendo, a melhor forma de conseguir estudar este aspecto é fazendo uma (tentativa de) leitura espaço-temporal... de modo a, também, compreender um pouco melhor a estrutura e organização actuais deste território insular.

Os estudos e representações que aqui se seguem, foram feitos com base na análise de vários documentos e imagens que relatam, não só a história madeirense, como as visões, experiências de vários visitantes à Ilha (em diferentes épocas) – dando-se, assim, um seguimento (aprofundado) à anterior observação, relato da História (geral) do



povoamento do território madeirense. Assim, devido ao carácter incerto, impreciso de algumas das informações, optou-se por elaborar desenhos, plantas esquemáticas (na grande maioria das situações).

3.1 Câmara de Lobos, núcleo piscatório

Tendo-se conhecimento de que o povoamento das Ilhas Atlânticas foi feito partindo da linha de costa, o estudo da evolução, desenvolvimento do núcleo piscatório de **Câmara de Lobos** torna-se fulcral na percepção e compreensão daquele. Por sua vez, o facto de este ser considerado um dos primeiros pontos de fixação na Ilha, torna esta análise, ainda mais importante, relevante, não só para este trabalho, como também (a meu ver) para a História da Arquitectura e urbanismo.

- Evolução no espaço e no tempo

Século XV

A tentativa de reconstituição da forma, estrutura deste povoado à época da sua criação (img.176), afigurou-se a mais complicada. Primeiro pela escassa informação encontrada, depois pelas várias versões que constam, pelo que optou-se por considerar todas as hipóteses e, ao mesmo tempo, focar-se atenções nos aspectos que as tornam verosímeis.

A informação que se tem como certa, é a de que a freguesia, paróquia de **Câmara de Lobos** data de 1430 e, uma vez que se defende que o povoamento da Ilha tomou início algures entre 1420 e 1425, é evidente o facto de este núcleo ter tido um desenvolvimento significativo em relativamente pouco tempo.

Por sua vez, como já se fez referência, as capelas do Espírito Santo e de N^{ra} Sr^a da Conceição (ou do Calhau) são dadas como umas das primeiras edificações religiosas a terem sido erigidas na Ilha – uma com mais certezas do que a outra: a origem e autoria da capela de N^{ra} Sr^a da Conceição geram muitas controvérsias, no entanto, é dado como certo o facto de ter sido construída, pela primeira vez, algures no século XV. Contudo, são evidentes as diferenças encontradas na escolha dos lugares de assentamento destas ermidas: a do Espírito Santo acha-se numa pequena eminência do território, onde se encontra numa posição privilegiada de *observação* sobre a baía (e não só); a segunda, encontra-se junto à linha da água, no centro (palco) do pequeno *anfiteatro natural* e, portanto, ganha um papel central neste aglomerado. Acredito que esta diferenciação se prende com as razões, funções para as quais foram traçadas: a do Espírito Santo é mandada construir por Zarco como um marco territorial⁶⁸, enquanto a segunda terá sido construída com o propósito de servir a comunidade pesqueira (segundo a maioria das vozes). Mesmo assim, aquando da criação da paróquia de São Sebastião, em 1430, é na capela do Espírito Santo que se instaura a sua sede.

Outra questão que se levanta é a do porquê da fixação deste núcleo no sopé deste anfiteatro e não num dos pequenos montes que a conformam, uma vez que aqui encontram-se mais vulneráveis – quer às intempéries, quer a possíveis ataques, saques. Uma das possíveis justificações prende-se com a imponente da vegetação que aqui se

68- *Chegando a um alto sobre Câmara de Lobos, [João Gonçalves Zarco] traçou ali onde se fizesse uma igreja do Espírito Santo. Passado mais abaixo a umas serras muito altas, ali traçou outra igreja da Vera Cruz e todos estes altos tomou para seus herdeiros. FRUTUOSO. Livro Segundo das Saudades da Terra. (1586-1590) 1968.*

encontrou (à chegada) e que, na maior parte das situações, se estendia até ao mar, dificultando, assim, a *entrada* no território. Outra apologia é a de as características desta enseada formada por rochas, afigurarem-se, desde o início, favoráveis à fixação de um núcleo piscatório (pelas razões já mencionadas e pela existência de um espaço que permite a recolha das embarcações) e, assim sendo, regra geral os aglomerados de pescadores, procuram a maior proximidade e facilidade (possível) de acesso ao mar. Por sua vez, a proximidade a linhas de água (potável) já foi aqui mencionada como uma das características fundamentais à fixação dos assentamentos, pelo que a contiguidade com os vales que as conformam também se afigura imprescindível. Assim temos (*possivelmente justificada*) a escolha deste local para a fixação de um núcleo pesqueiro.

Por esta altura o povoado do Funchal⁶⁹ já se mostrava soberano em relação aos restantes espalhados pela costa da Ilha, pelo que o acesso e ligação a este afiguravam-se prementes. Da mesma forma, apesar da maior parte das movimentações, deslocações, nesta altura, serem feitas por meio de cabotagem, também mostrou-se necessário a existência de ligações terrestres, por isso, aproveitando o facto dos assentamentos se localizarem todos junto à costa (e maioritariamente na vertente sul), as primeiras vias de ligação seguiam paralelamente à linha da costa, atravessando no seu trajecto, os vários núcleos, lugares. Deste modo, o primeiro arruamento (e único durante séculos) do povoado de **Câmara de Lobos** passou a integrar este longo eixo. Contudo, não saberia dizer com toda a certeza *qual deles chegou primeiro: o eixo litoral ou o arruamento* (local).

69- Elevado a Vila em 1451.

A definição do traçado deste pequeno segmento (rua Direita) certamente que se afigurou óbvia, pois limitou-se a acompanhar o movimento do território no momento em que o seu declive se mostra menos acentuado, permitindo contornar as elevações sem esforços de maior. Por sua vez, o facto de, o *vale* que este acompanha, atravessar o da ribeira do Vigário, permite que se fizesse encaminhar a água ao longo do arruamento.

Quanto à inicial localização do edificado desde povoamento, só se podem fazer suposições⁷⁰, mas uma vez que este foi eleito como um núcleo piscatório, assume-se que o edificado se posicionou junto à zona de aportagem das embarcações – neste caso no calhau do Canavial. Assim, o local que mais se afiguraria propício à fixação, encontra-se na base nordeste do Ilhéu, uma vez que aí o território ganha uma pequena elevação (ao longo do alicerce rochoso daquele) com um declive relativamente estável:

70- Com base num olhar instruído pelas ferramentas e instrumentos do campo disciplinar da Arquitectura.

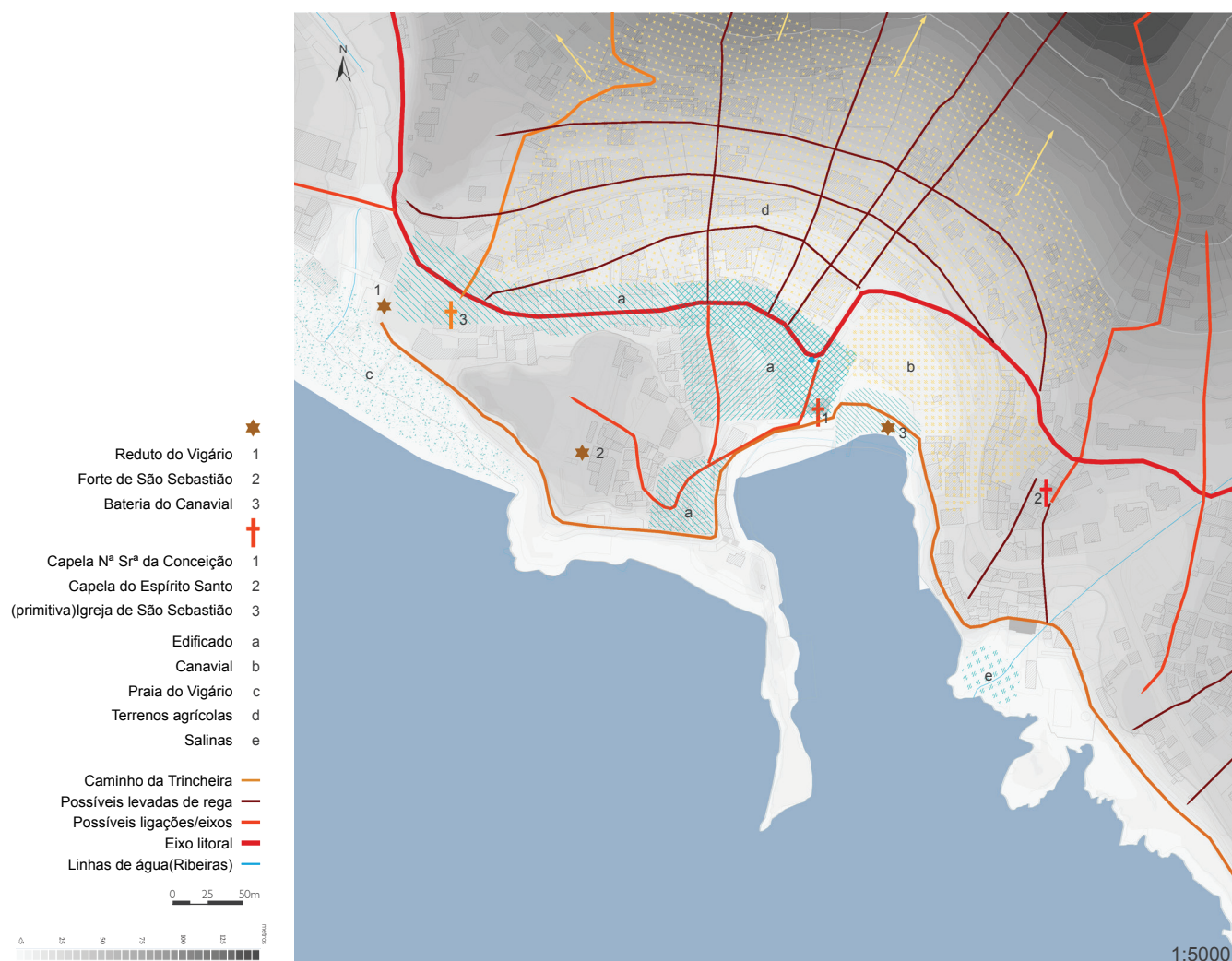
.esta elevação proporcionava, conformava um ponto seguro;

.por sua vez, a configuração dos (actuais) arruamentos aí existentes também nos leva a supor isso e é, muito possível, que a rua da Portada tenha sido um dos primeiros eixos a surgir neste aglomerado;

.do mesmo modo, o facto de ter-se construído, desde logo, a capela de N^a Sr^a da Conceição na sua actual localização, leva-nos a assumir que os pescadores se encontravam nas imediações;

.por fim, este posicionamento permitia que os pescadores conseguissem, facilmente, observar e controlar as entradas e saídas dos barcos.

Ainda em relação ao Ilhéu, a verdade é que este chegou aos nossos dias como o lugar de fixação, por excelência, da comunidade piscatória de **Câmara de Lobos**. E, por outro



177- Câmara de Lobos - século XVI e XVII.

lado, há ainda quem defenda que este constituiu a primeira morada de Zarco aquando da sua chegada à Ilha e durante as queimadas que aqui se verificavam – procurando neste penedo proteção contra os eventuais ataques de animais selvagens.⁷¹ Segundo consta, os autores que defendem esta teoria, justificam-se com: *o facto do navegador assinar como João Gonçalves de Câmara de Lobos e não do Funchal ou de outro sítio*⁷¹; do mesmo modo afigura-se curioso que na história da toponímica camaralobense encontramos a denominação de Vila Zargo [pois] por deliberação camarária de 28 de Agosto de 1890 é dado ao antigo Bairo Alto a denominação de Vila Zargo [no entanto e] Infelizmente hoje não se sabe onde se situava esta Vila, uma vez que nenhuma destas denominações chegou aos nossos dias, nem na deliberação em causa se encontram justificadas as motivações que levaram a esta alteração toponímica e por isso também a dificuldade em relacioná-la ou não com a opinião daqueles que apontam o ilhéu como primeira morada de Zarco⁷².

Um outro aspecto a mencionar, é o facto de no decorrer deste século, já existir nas proximidades do aglomerado um convento franciscano⁷³ que, no entanto, e devido às doutrinas desta congregação, se encontrava isolado, afastado do povoado (img.90_nota).

Por último, mas não menos importante, é de referir a (grande) possibilidade de já nesta altura existirem algumas (variantes de) **levadas** e, certamente, de **poios**. Assim, também é importante referir (em jeito de confirmação) que, segundo Rui Cáritas, em “Visitas Guiadas: Vila de Câmara de Lobos”, formou-se este *pequeno burgo de pescadores com gente vinda do Algarve* [e] *as terras aráveis eram distribuídas aos fidalgos vindos do reino, em regime de sesmaria, entre os cursos de água e «do mar até à serra»*.

Séculos XVI e XVII

Relativamente à estrutura do núcleo piscatório de **Câmara de Lobos** nos séculos XVI e XVII (img.177), já se tem um pouco mais de informação do que na época anterior, no entanto, continua-se no campo das suposições.

Para a reconstituição relativa a estes séculos, muito contribuiu a descrição, referente a este núcleo, encontrada no “Livro Segundo das Saudades da Terra”, de Gaspar Frutuoso, datado do final do século XVI: *Tem esta aldeia como duzentos fogos e uma só rua principal e muito comprida, e no cabo dela a igreja, muito boa e bem consertada. Tem dois engenhos de açúcar [...] e muitas canas e vinhas de boas malvasias, e muitas frutas de toda sorte, e muita água*.

Só com esta pequena passagem, já se consegue ter uma visão geral sobre a forma como se encontrava organizado e estruturado o povoado: a igreja de que fala remonta ao início-meados do século XVI e em 1560, já se faz referência à sua existência⁷⁴; os engenhos, acredita-se que sejam os mesmos (ou nos mesmos locais dos) que chegaram ao início do século XX e que se situavam na rua da Carreira; do mesmo modo, percebe-se que as primeiras e principais culturas desenvolvidas nesta zona foram a cana-de-açúcar e a vinha, o que também se comprova com a toponímia da Praia do Canavial – junto à qual existiria uma plantação de canas.

Nesta época, já existiriam pelo menos duas **levadas** a irrigar os terrenos aráveis desta área: a das Preces e a da Castanheira, com nascentes no **Estreito**. A primeira é tida como

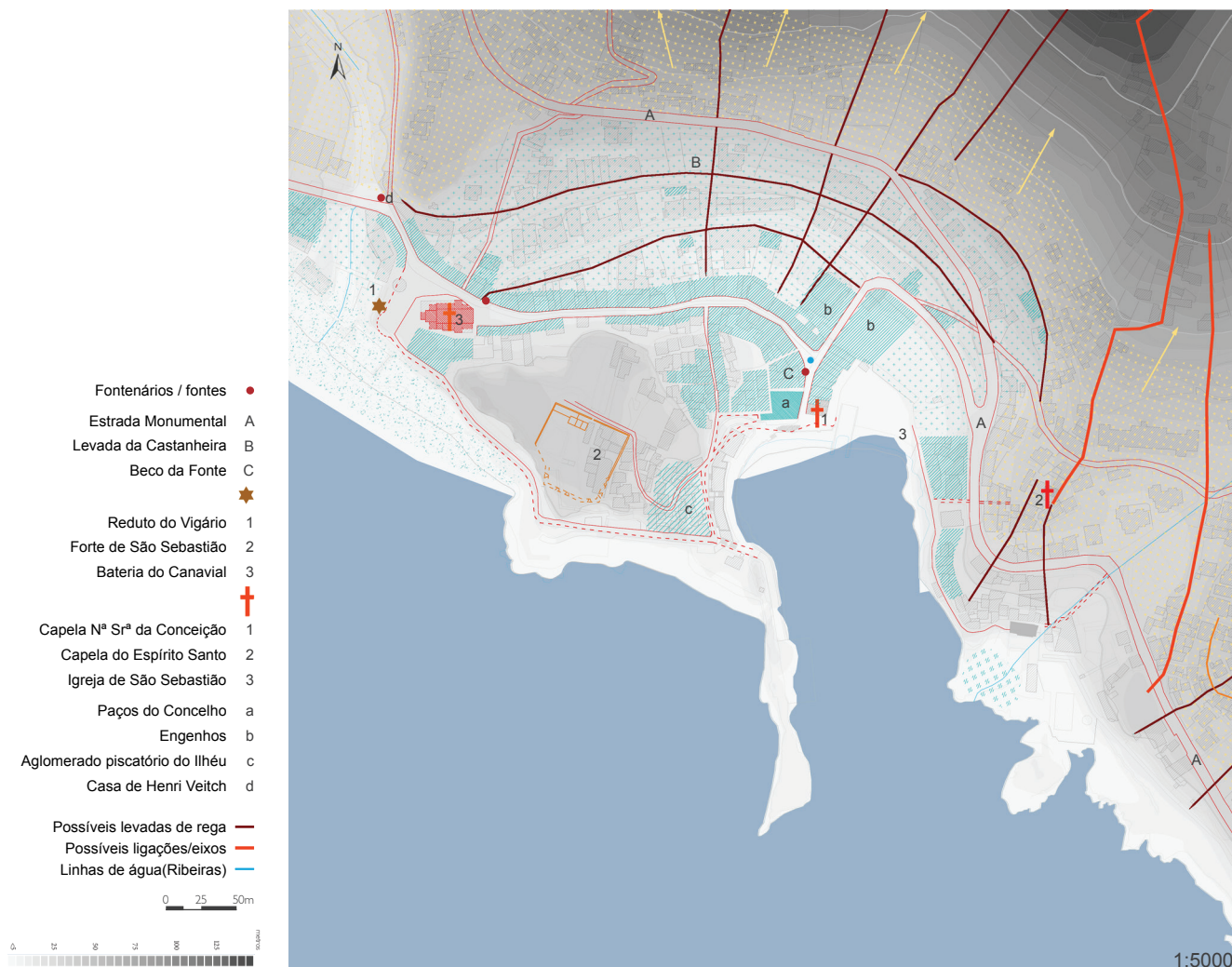
71- Professor José Hermano Saraiva, segundo Manuel Pedro da Silva Freitas. em: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 13/05/2014).

72- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 13/05/2014).

73- Convento de São Bernardino, cuja existência remonta, pelo menos, ao ano de 1459.

Em SIPA: <http://www.monumentos.pt/> (consult. 13/05/2014)

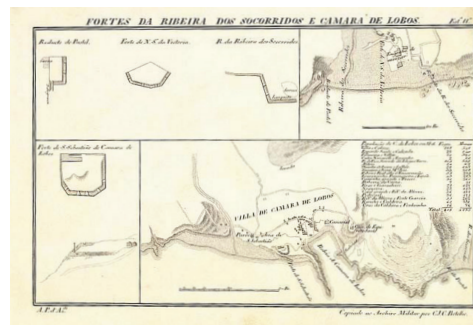
74- SIPA: <http://www.monumentos.pt/> (consult. 13/05/2014).



178- Câmara de Lobos - século XIX.



179- Câmara de Lobos - século XIX.
Planta do Forte de São Sebastião de Câmara de Lobos (António Pedro de Azevedo Ten C.el, c.1864).



180- Câmara de Lobos - século XIX.
Fortes da Ribeira dos Socorridos e Câmara de Lobos (António Pedro de Azevedo, c.1842-62).



181- Câmara de Lobos - final do século XIX.

a **levada** mais antiga do concelho (como o atesta um relatório elaborado em 1863)⁷⁵ A da Castanheira também era conhecida como **levada** dos quintais, pois nascendo na zona do sítio da Quinta do Leme seguia encosta abaixo (acompanhando o curso da ribeira do Vigário) dirigindo-se para o centro da Vila; aí passava por trás das actuais instalações da Câmara Municipal e seguindo, depois, um percurso que seria coincidente com a berma norte da actual rua Dr. João Abel de Freitas; Assim, este seria o canal que irrigava os terrenos adjacente à rua Direita e cujas águas, também, seriam utilizadas nos dois engenhos aqui mencionados.

Gaspar Frutuoso faz, ainda, referência à existência de dois outros engenhos na ribeira dos Socorridos, ao longo do qual haveria, também, muitas vinhas e canas-de-açúcar.

Por sua vez, segundo Rui Carita, no século XVI o caminho da Trincheira já *bordeava o mar e a linha de fortificações deste aglomerado populacional até ao Funchal e o seu trajecto deveria nascer ainda na margem direita do Vigário [com o Reduto do Vigário], contornar o Ilhéu, logo contornar o antigo forte de São Sebastião [...], contornar a capela de N^a Sr^a da Conceição, seguir ao longo do calhau da enseada, logo passar junto da antiga bateria do Canavial [...] seguindo depois pelos penhascos para Este e bordeando as salinas*⁷⁶ em direcção ao Funchal, passando ainda pelo Reduto do Pastel e Fortes da Vitória e da Praia dos Socorridos – os três nas margens do ribeiro deste nome. Este autor afirma ainda, que *o porto desta freguesia foi fortificado antes do Funchal*, numa data anterior a 1572.

Sabe-se ainda que os fornos da cal com as dimensões do existente em **Câmara de Lobos** (sobre as antigas salinas), são por certo dos finais do séc. XVII, princípios do XVIII.⁷⁶

Não se tendo conhecimento da data de construção do poço da Vila, só é possível supor que a importância que estes elementos tinham nos povoados, faz com que a sua datação possa ser remetida aos primórdios da fundação deste núcleo.

Século XIX*

Para a planta esquemática de reconstituição da estrutura do século XIX (img. 178), já foram utilizados dados, informações mais consistentes do que nas anteriores – tendo por base, essencialmente, desenhos e litografias do início de meados deste século, bem como algumas plantas (gerais) referentes à mesma data e fotos do início do século XX.

Em “Vila de Câmara de Lobos”, de Rui Carita, pode ler-se a seguinte descrição, por parte do então Sargento-Mor Paulo Dias de Almeida, sobre o “Lugar de Câmara de Lobos” no princípio do século XIX: *Fundado nas fraldas de um alto pico e ao lado da Ribeira dos Frades junto de um penhasco levantado que envolve as casas do lugar, na superfície dele tem um plano, que fecharam com uma arrumação de pedra, a que chamam Forte. No alto do pico também puseram 1 peça de 12, reprovada, e sem reparo, a que chamam Bateria do Pico. Tem um pequeno reduto ao lado da ribeira do Vigário [...] e o dito reduto abatido. Ao lado do porto há outro reduto, do Canavial, também arruinado [...]. O porto é muito bom, porém pequeno; serve de abrigo aos barcos da costa; e é o único que se encontra fora da cidade para o Oeste. [...] Sendo este um dos lugares mais bem povoados e o mais próximo da cidade [...] Fica distante do Funchal uma légua e gasta-se pela estrada 1 hora e 15 minutos.*⁷⁶

Esta descrição é corroborada pelas plantas da Vila, do Tenente-Coronel António Pedro de Azevedo, de meados deste século (img.s 179 a 180) e percebe-se que a

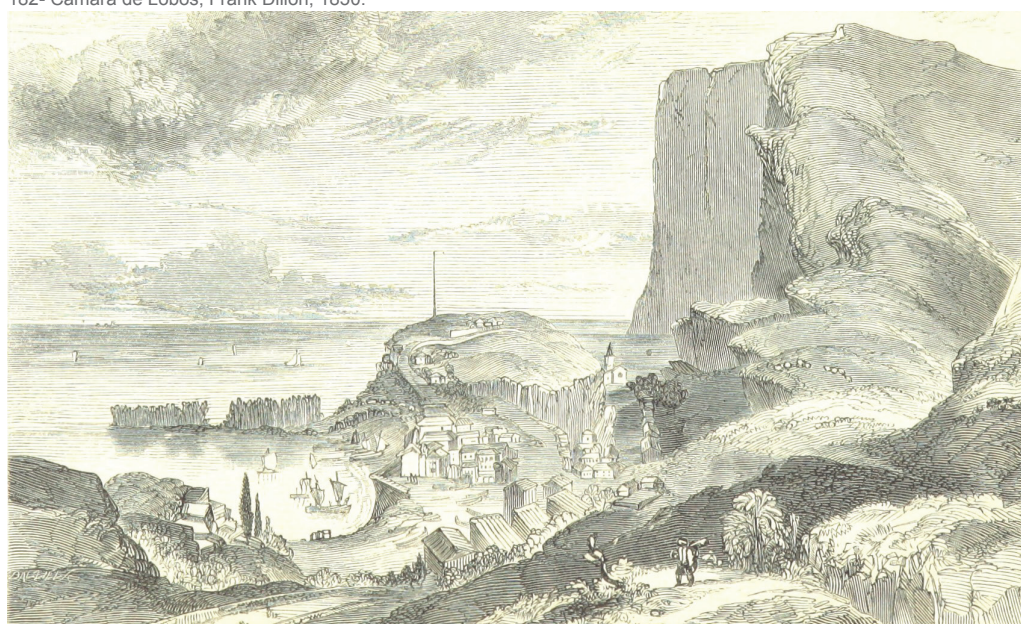
75- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 13/05/2014).

76- CARITA. Vila de Câmara de Lobos/Centro Regional de Cultura. 1983.

*É importante referir que, neste século houve um grande aumento da afluência de estrangeiros na Madeira – tanto para fins turísticos como para fixação de residência. Assim, é com este *boom* que emerge uma nova potência económica na Ilha – o turismo – que, por sua vez, veio a tornar-se num importante impulsionador do progresso e desenvolvimento insular – com o surgir, por exemplo, da necessidade de se construir novas estradas com melhores condições e que permitissem chegar aos diversos pontos de interesse; ou com a criação de novos postos de trabalho e formas de vida (já não exclusivamente ligadas à lida da terra).



182- Câmara de Lobos, Frank Dillon, 1850.



183- Câmara de Lobos, Robert White, 1851 (publicação).



184- Cabo Girão, John Fredrick Eckersberg, 1852.

fortificação deste povoado se encontrava, quase na totalidade, em ruínas.

Por sua vez, ao observar-se as ilustração, pinturas realizados nesta data por visitantes estrangeiros, denota-se que o núcleo conformado pelas ruas Direita e de N^a Sr^a da Conceição já tinha sensivelmente o mesmo *desenho* que actualmente. Mostra-se também, de forma consistente, a presença de um aglomerado (disperso) no Ilhéu. A par disso, em 1865 o geólogo e explorador Moritz Alphons Stübel terá publicado na revista alemã *Globus* um artigo intitulado “Cabo Girão e Câmara de Lobos na Madeira”, onde sobre o Ilhéu afirma que *a parte mais indigente da população ou vive em cabanas pobres num pequeno planalto, próximo ao mar, ou preferiu até cavar apenas cavernas no tufo mole a fim de as habitar [...] Crianças nuas, mulheres mandrionas agachadas, porcos, cães e galinhas, que procurando custosamente comida, são incomodadas frequentemente por frequentes pedradas. Sobre a Vila, diz que as ruas são estreitas e sujas e que as crianças pobrementemente (ou não) vestidas, cercam o forasteiro pedindo dinheiro.*⁷⁷ Assim, pela primeira vez, nos relatos aqui apresentados, temos: uma pequena visão da forma como esta classe piscatória se encontrava organizada; e um pequeno vislumbre daquela que é, dentro das populações piscatórias, uma cultura muito própria (típica desta Vila).

O povoado de **Câmara de Lobos** foi elevado à categoria de cidade (sede de concelho), no ano de 1835, pelo que no ano de 1840, as instalações dos Paços do Concelho encontravam-se num edifício situado em frente à Capela de N^a Sr^a da Conceição e aí permaneceu até o ano de 1992, altura em que foi transferido para a actual morada. Contudo, este edifício terá sofrido vários processos de melhoramentos, reconstruções e pelo menos uma reedificação. Aqui, também terão funcionado outras dependências, como uma escola público e algumas lojas no piso térreo.⁷⁷

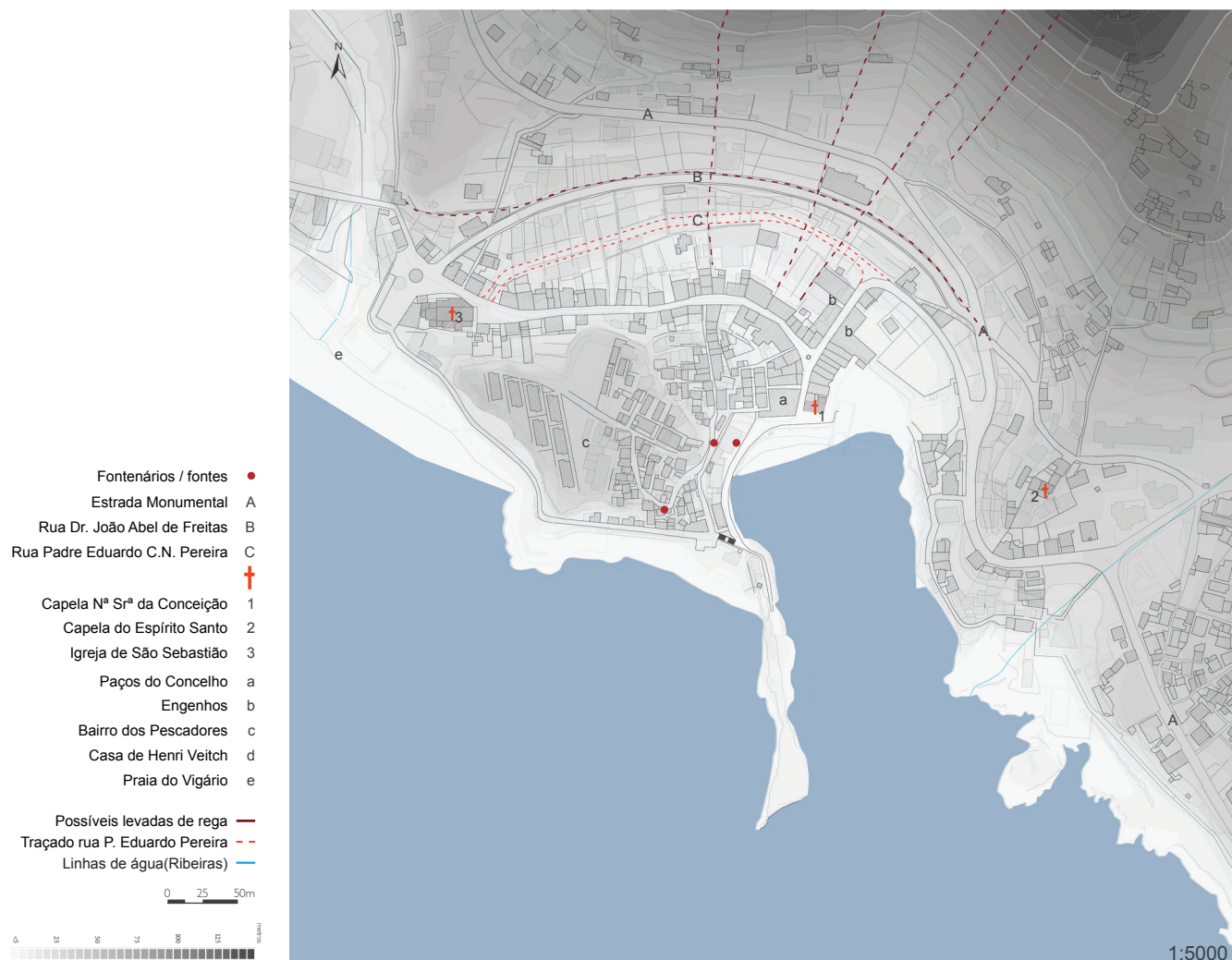
Por sua vez, um empreendimento que, decerto, veio a mudar por completo este núcleo (que à época ainda era considerado rural), foi a construção da estrada Monumental que se viu completa no ano de 1851, depois de uma longa empreitada, cujo maior problema se fixou na construção do último arco (poente) da nova ponte da **ribeira dos Socorridos** (devido à robustez do caudal deste) – em processo de construção desde 1790.⁷⁸

Outro assunto que terá ganho destaque no rol de preocupações, problemas locais, é o abastecimento de água: à data de 1856, o Poço (do largo deste nome) seria o mais importante abastecedor da Vila, apesar das suas águas não serem muito propícias ao consumo; neste século, há ainda a notar a existência dos Fontanários: de São Sebastião, no largo deste nome e, sensivelmente, no ponto em que a actual rua P. Eduardo C. N. Pereira *toca* neste largo; da casa de Henri Veitch⁷⁹; e da rua de N^a Sr^a da Conceição, construído na entrada, passagem de um antigo Beco (de acesso à travessa da Administração), em 1875, cujas águas seriam aproveitadas do poço da Vila. Existiria ainda, nos finais do século, um fontanário (denominado de Chafariz) no cruzamento da rua da Portada com a da Administração.⁷⁷ A água destas fontes era utilizada, maioritariamente, para alimentação e higiene pessoais, sendo que para a lavagem das roupas utilizar-se-iam os lavadouros públicos (com águas das levadas), os leitos das ribeiras, ou até mesmo as **levadas** [em muitos locais da Ilha, a única fonte de abastecimento de água eram as **levadas**, onde num momento (do seu curso) se fazia a lavagem de roupas e no momento a seguir

77- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 13/05/2014).

78- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol. II. 1940. p.14.

79- A sua fixação na Ilha terá acontecido, pelo ano de 1809, na sequência da sua nomeação como agente e cônsul geral britânico na Madeira - aquando da sua segunda ocupação por tropas inglesas. (Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 14/05/2014))



alguém retirava a água em baldes e aguadores para consumo doméstico e, logo a seguir, eram utilizadas para rega – percebe-se assim, o grau de importância e de influência que estes elementos têm na organização e distribuição (do edificado) deste território].

Em 1863, ter-se-ão realizado importantes obras de melhoramento na Vila – ano em que também se terá construído o referido chafariz da rua da Portada.⁷⁷

Segundo Joaquim Pestana, na “Revista Girão”(nº9), em 1882 existiriam, em **Câmara de Lobos**, quatro engenhos de moer cana-de-açúcar⁸⁰ e supõe-se que um deles seria uma fábrica existente na rua da Carreira (à qual, em 1907, se juntou um segundo).

80- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 14/05/2014).

Século XX

Tratando-se, este, de um período mais *próximo à actualidade*(img.l85) e tendo em conta as várias *ferramentas* disponíveis nesta época, esta viagem ao passado, mostrou-se ser a mais fácil ou, no mínimo, a menos custosa. Aqui utiliza-se um tipo de representação mais *assertiva*, uma vez que foi elaborada a partir da planta representada na “Vila de Câmara de Lobos”, de Rui Carita, datada de cerca de 1983.

No decorrer deste século, a Vila ganhou, praticamente, toda a configuração que apresenta actualmente – no que toca à estruturação, definição, traçado dos seus arruamentos e *sectorização* dos vários núcleos edificados que a configura. É, aqui, portanto, que decorrem as maiores transformações deste povoado, passando a deixar de ser visto, sentido como um lugar rural.

Voltando à problemática do abastecimento de água: em 1938 constrói-se um fontanário no Ilhéu (no caminho do Ilhéu) e, em 1927, ter-se-ia construído um outro na antiga praça de Camões (que também remonta a esta data). Por sua vez, sabe-se que a praia do Vigário detinha um papel central e fundamental no quotidiano do povoado e, em especial, da comunidade piscatória: aqui, preparavam-se os aparelhos de pesca; lavavam-se (em poças formadas pelo caudal da ribeira) e secavam-se (sobre o calhau abrasante) as roupas; fazia-se extração de areia destinada à construção civil; as crianças brincavam junto às suas mães – juntando-se, diariamente, neste espaço dezenas de pessoas (img.s.l87a.l89). Devido a esta afluência de lavadeiras, em 1961, erigiu-se um lavadouro público nesta praia (há muito desejado), que veio a ser substituído por um outro, mais resguardado na margem da foz da ribeira do Vigário – este veio a ser destruído e *desactivado* em 1993, na sequência de um temporal.

As sucessivas alterações, transformações realizadas no largo da República e acessos a esta praia, a par da introdução de novas infraestruturas (rede de água, etc.), vieram a mudar significativamente as actividades aqui desenvolvidas – actualmente reduzidas, quase exclusivamente, a actividades balneares.(img.s.l94a.l96)

Em 1945, é construído o bairro do Ilhéu no local onde, até então, se encontrava instalado o forte de São Sebastião. Por essa altura, acreditava-se que, assim, resolviam-se grande parte dos problemas associados a este núcleo de pescadores – o que acabou por não se verificar, resultando na sua demolição no ano de 2004 (como já mencionado).

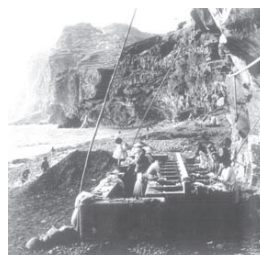
As comunidades piscatórias têm, por si só, características muito específicas, contudo, é importante referir que os pescadores camaralobenses (e principalmente do Ilhéu)

É possível ter um pequeno vislumbre do dia-a-dia do povo de Câmara de Lobos (lavadeira, etc.), no século XX, no vídeo: *Enjoying Madeira in 1967* (2).

Em: http://www.youtube.com/watch?v=TKDh8mX_apk



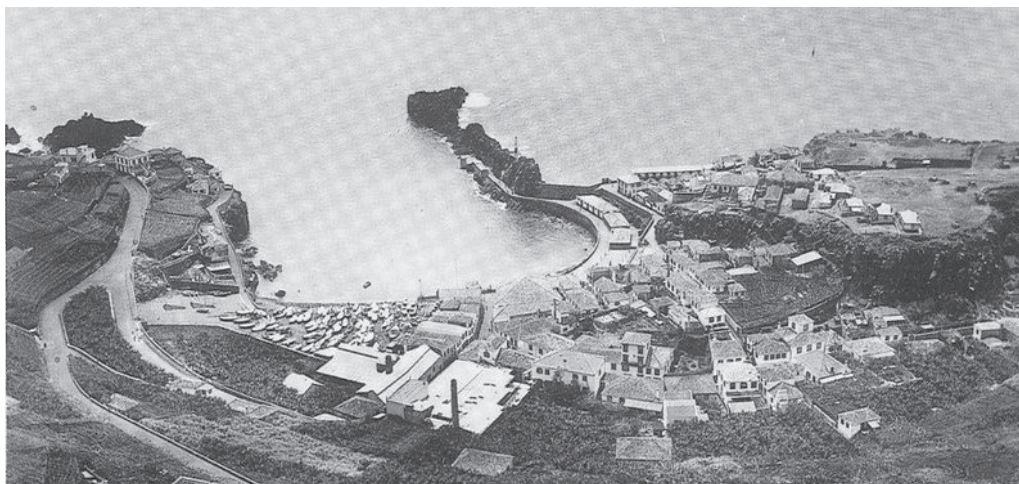
187- Lavadeiras.



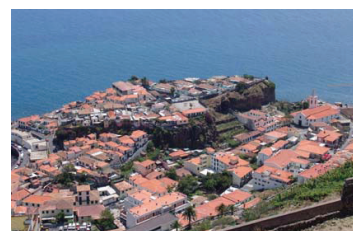
188- Lavadouro.



189- Preparação de aparelhos de pesca.



190- Baía de Câmara de Lobos em meados do século XX.



191 a 193- Evolução do povoado ao longo do século XX.



194 a 196- Largo da República e Ilhéu, ao longo do século XX.

possuem uma cultura, modo de vida e de estar muito peculiares e próprias. Assim, o que mais chamaria a atenção era o grau de pobreza, promiscuidade, prostituição (de crianças inclusive), imundice, aliteracia e alcoolémia encontrados no seio da comunidade. Do mesmo modo, como em qualquer sociedade, população, detinham uma forma muito peculiar de viver e estar no espaço – sempre em grande *ambiente de vizinhança* e com um evidente sentido de despreocupação e despudor. Era uma população que vivia muito o espaço público e o ar livre, uma vez que as actividades eram (sempre) feitas em conjunto e que as condições precárias das suas habitações, de pequenas dimensões, não permitiam viver o interior de forma cómoda – famílias inteiras viveriam e dormiriam numa única divisão, onde se misturavam casais com crianças e animais domésticos.⁸¹

Estes problemas foram, ao longo dos anos, expostos e discutidos por várias vezes e muitos foram os esforços feitos no sentido de resolver a situação. Contudo muitos dos planos, projectos, advindos destes, não foram postos em prática e os que foram, acabaram por não resultar como o esperado (pelas mais variadas razões) – como os acima expostos.

Por sua vez, aquela que, se calhar, resultou na maior mudança na *paisagem* desta Vila, foi a construção das ruas (ditas) dos Quintais, ou das **Levadas**: a primeira a ser erigida foi a rua Dr. João Abel de Freitas, em 1947-50; sendo que a do Padre Eduardo C. N. Pereira, só terá sido traçada em 1988. Tal como as suas primeiras denominações o denunciam, estas vieram ocupar os quintais das quintas e das casas que se encontram dispostas ao longo da rua Direita. Aqui existiam extensas plantações de vinhas irrigadas pela, já referida, **levada** da Castanheira cujo trajecto, corresponde agora à margem norte da rua mais antiga; por sua vez, a rua P. Clemente Pereira, veio a seguir a linha dos muros de suporte dos poios que existiam numa cota inferior a este canal.

No final do século, no ano de 1992, constroem-se as actuais instalações da Câmara Municipal, junto ao Largo da República. E, antes disso (em 1984), ergue-se o Mercado Municipal, na rua da Carreira – demolindo-se, para o efeito, o antigo engenho que ali existia. Neste século: fizeram-se, também, importantes alterações na Igreja Paroquial, ganhando a configuração que possui actualmente; e foram-se anexando vários edifícios à volta da primitiva capela do Espírito Santo pelo que, actualmente, já não se encontra em funcionamento como edifício religioso. O Farolim, existente no cais da Vila (cuja datação desconheço) remonta a 1929, apesar de já ter sofrido várias alterações.

Do século XIX para a actualidade, as principais diferenças registadas prendem-se com: os melhoramentos efectuados em todo o núcleo (quer a nível de (re) pavimentações, quer a nível de instalação de redes infraestruturais); a construção de novos arruamentos (nomeadamente o da Avenida Nova Cidade); a densificação das ruas dos Quintais e a construção de novos serviços (como a Biblioteca Municipal).⁸²

81- Aferição, descrição feita com base em relatos feitos por vários autores e num olhar instruído pelas ferramentas e instrumentos do campo disciplinar da Arquitectura.

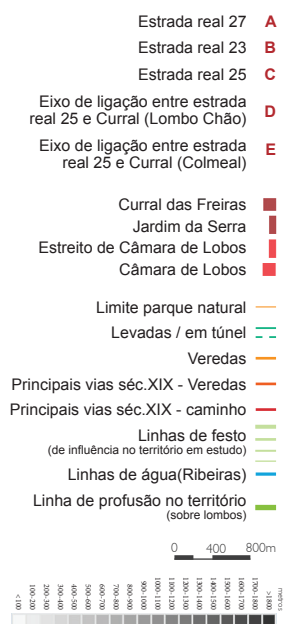
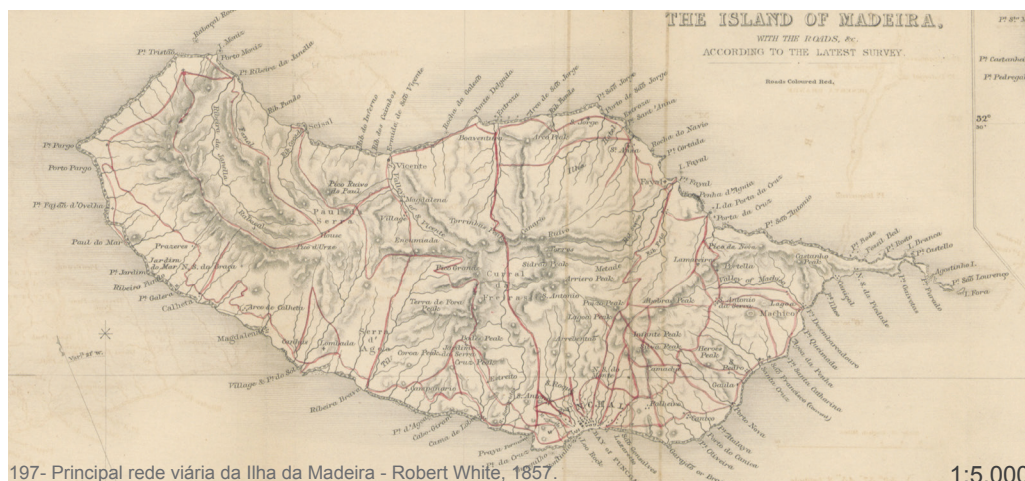
82- A elaboração deste capítulo, teve no Dicionário Corográfico de Câmara de Lobos (da autoria de Manuel Pedro da Silva Freitas) a principal fonte de informação.

Alás, devo referir que, este, constituiu um importante elemento de investigação, análise e de compreensão do território e seu processo de desenvolvimento.

3.2 Linha(s) de profusão no território

Optou-se por não tentar fazer uma reconstituição espaço-temporal dos núcleos dos **lombos**, por não se ter informação suficiente que lhe servisse de suporte; optou-se então,

0 2.5 5km



por usar estes como um (pequeno e sucinto) modelo da forma como foi feita a profusão dos assentamentos no território madeirense.

A criação da paróquia do **Estreito de Câmara de Lobos**, remonta ao ano de 1509⁸², pelo que foi um dos primeiros povoados a fixar-se no interior, nas **lombadas** deste território – a par dos de: Santo António(1557), São Roque(1579) e Monte(1565)⁸³(img.15, p.22). Estes três lugares posicionaram-se nas imediações do Funchal e sensivelmente à mesma cota que o **Estreito**. Já o **Jardim da Serra**, só surgiu como freguesia no ano de 1996, assim, as suas origens, proliferações distam cerca de 500 anos.

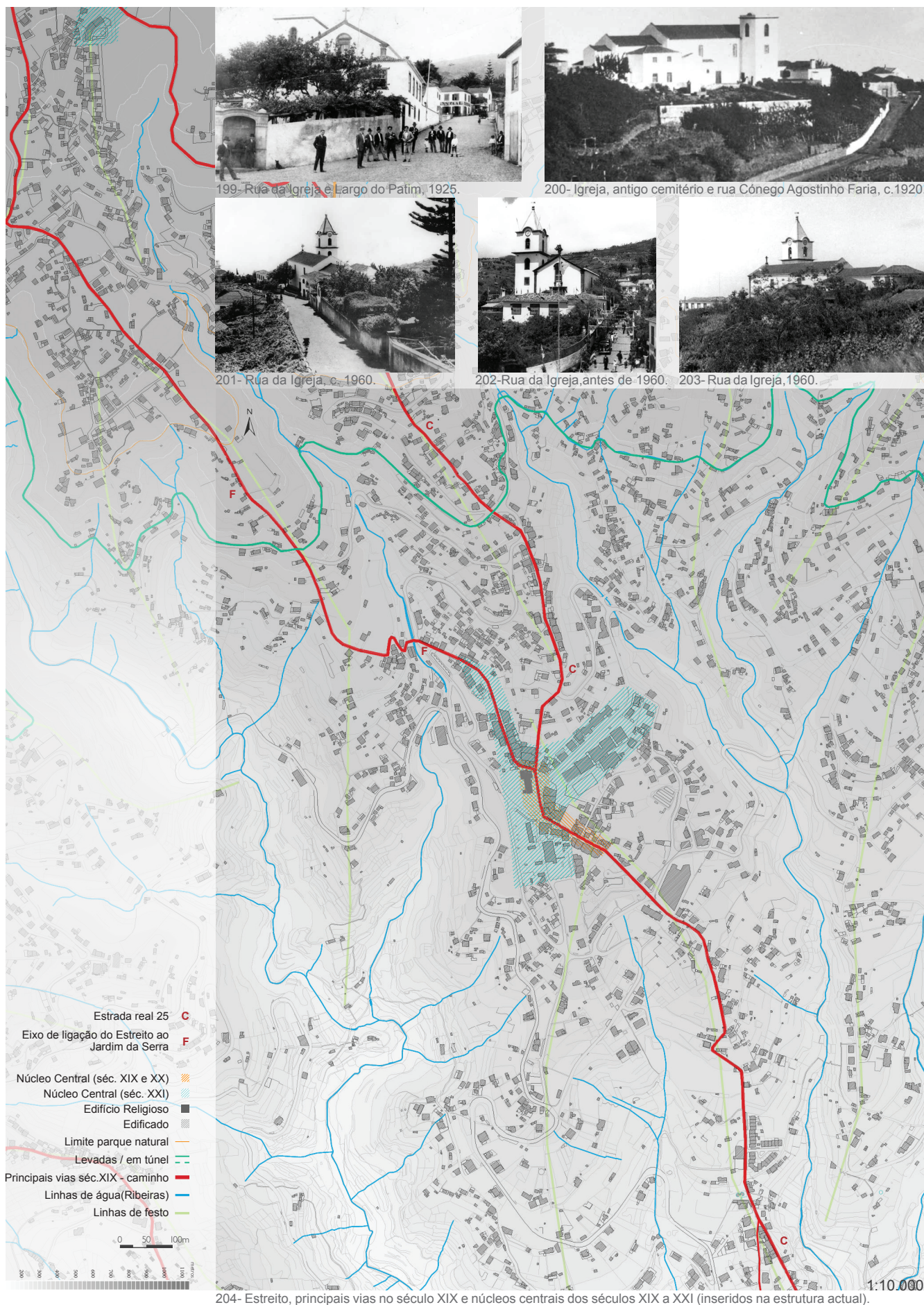
Posto isto, é pertinente tentar perceber como é que este *processo de profusão no território* se fez – tratando-se este de um *movimento*, é irrefutável a importância que os eixos (de ligação) detêm na fixação destes lugares. Contudo, será que são as vias que dão lugar aos assentamentos, ou são os assentamentos que definem o traçado daquelas? Procurou--se, assim, perceber qual a relação do posicionamento dos povoados do **Estreito** e **Jardim da Serra** com os eixos viários que percorreriam este território insular, aquando da sua origem.

83- RIBEIRO. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX – Estudo Geográfico*. 1985.

Relativamente aos *primórdios* da colonização e povoamento da Ilha, muito dificilmente se consegue encontrar informação cartográfica, sendo que os registos bibliográficos são aqueles que melhor nos conseguem dar, transmitir as pistas necessárias para uma melhor compreensão e realização deste estudo.

Deste modo, sabendo que os povoados iniciais posicionaram-se ao longo da costa sul, é (quase) certo que existisse, desde logo, um eixo litoral de ligação terrestre entre estes (como já referido). Por sua vez, com a *ocupação* da costa norte, teve-se que garantir o acesso (por terra) entre os lugares destas duas vertentes, pelo que para além do eixo litoral, foram surgindo outros, *perpendiculares* a este e atravessando o interior da Ilha – percorrendo, assim, a menor distância possível. Com as problemáticas inerentes ao acidentado do relevo, o traçado destes eixos seguiu, por excelência, as linhas (de festo) das longas **lombadas** (que partem quase da linha da costa até aos altaneiros montes) e, pontualmente, dos vales das ribeiras à volta dos quais, normalmente, se situavam as povoações. A representação (em plantas turísticas) dos principais eixos viários existentes na Ilha, em meados do século XIX

Analisando as referidas plantas do século XIX, observa-se que, pela faixa de território compreendida entre o núcleo piscatório de **Câmara de Lobos** e o centro serrano do **Curral**, passam três destas vias principais: uma correspondente à antiga estrada real 27lombos adjacentes (à margem nascente) da **ribeira dos Socorridos**, atravessa o vale do **Curral** (passando pelos aglomerados que o habitam), sobe ao maciço central montanhoso e volta a descer até ao vale da ribeira da Boaventura, desembocando na costa norte, na Ponta



Delgada; os outros corresponderiam às (já referidas) estradas real 23 – junto ao litoral e fazendo a ligação entre Funchal e Ribeira Brava, passando pelo centro histórico de **Câmara de Lobos** – e real 25, que atravessava as montanhas centrais na zona da **Encumeada**, partindo do Funchal, passando pelo **Estreito** e **Jardim da Serra** e indo até ao vale e povoação de São Vicente (estabelecida no séc. XV).

É necessário aqui referir que, apesar da estrada que ligava o **Curral** a Santo António (no Funchal) ser dada como o principal eixo de ligação a este núcleo serrano, a verdade é haveria dois outros eixos de importante relevo para este núcleo, que permitiam aceder-lhe a partir de vários pontos do território:

.assim, sensivelmente a meio do segmento da estrada real que ligava (e ainda liga) o **Estreito** ao **Jardim da Serra**, temos um outro arruamento, o caminho Velho da **Boca dos Namorados** que, passando pela boca deste nome, segue até ao vale da ribeira do **Curral das Freiras**, desembocando no sítio do Lombo Chão;

.passando-se pelo **Jardim da Serra** e seguindo montanha-acima pela estrada real 25, chega(va)-se à **Boca do Cerro** através da qual se tem acesso ao sítio do Colmeal (no Curral).

Observa-se, portanto, que os vários aglomerados que ocupam a cratera, ou vale do Curral se fixaram nas imediações, no seguimento destes eixos. Este seria, portanto e de facto, um real Grande Curral (como também era conhecido), que serviria de local de pastagem para gado vindo das várias partes da Ilha – salvaguardando que esta não seria a única actividade aqui desenvolvida.

Devido à data de origem e importância que acabaram por adquirir os aglomerados abrangidos por esta *fracção* da principal rede viária da Ilha do século XIX, acho muito plausível que estes eixos remontem à época da criação daqueles – até porque uma boa parte destes percursos era(é) feita por entre escarpas, em estreitas **veredas** esculpidas, escavadas ora na terra, ora nas rochas. Por sua vez, aqueles que seguiam **lombos** acima possuem uma dimensão e demais características que assim o denunciam.

O povoado de **Câmara de Lobos** surgiu, por se enquadrar num ponto da faixa marítima, propícia à fixação e à criação de um núcleo pesqueiro; o lugar do **Curral das Freiras** surgiu como terra de pastos e de refúgio de foragidos; assim, sabe-se que um e outro não deve (propriamente) a sua origem à proximidade de eixos viários – apesar de, posteriormente, estas terem vindo a desempenhar um papel fundamental na sua estruturação, organização e distribuição.

Já em relação ao **Estreito de Câmara de Lobos** e **Jardim da Serra**, as dúvidas atrás expostas urgem, persistem.

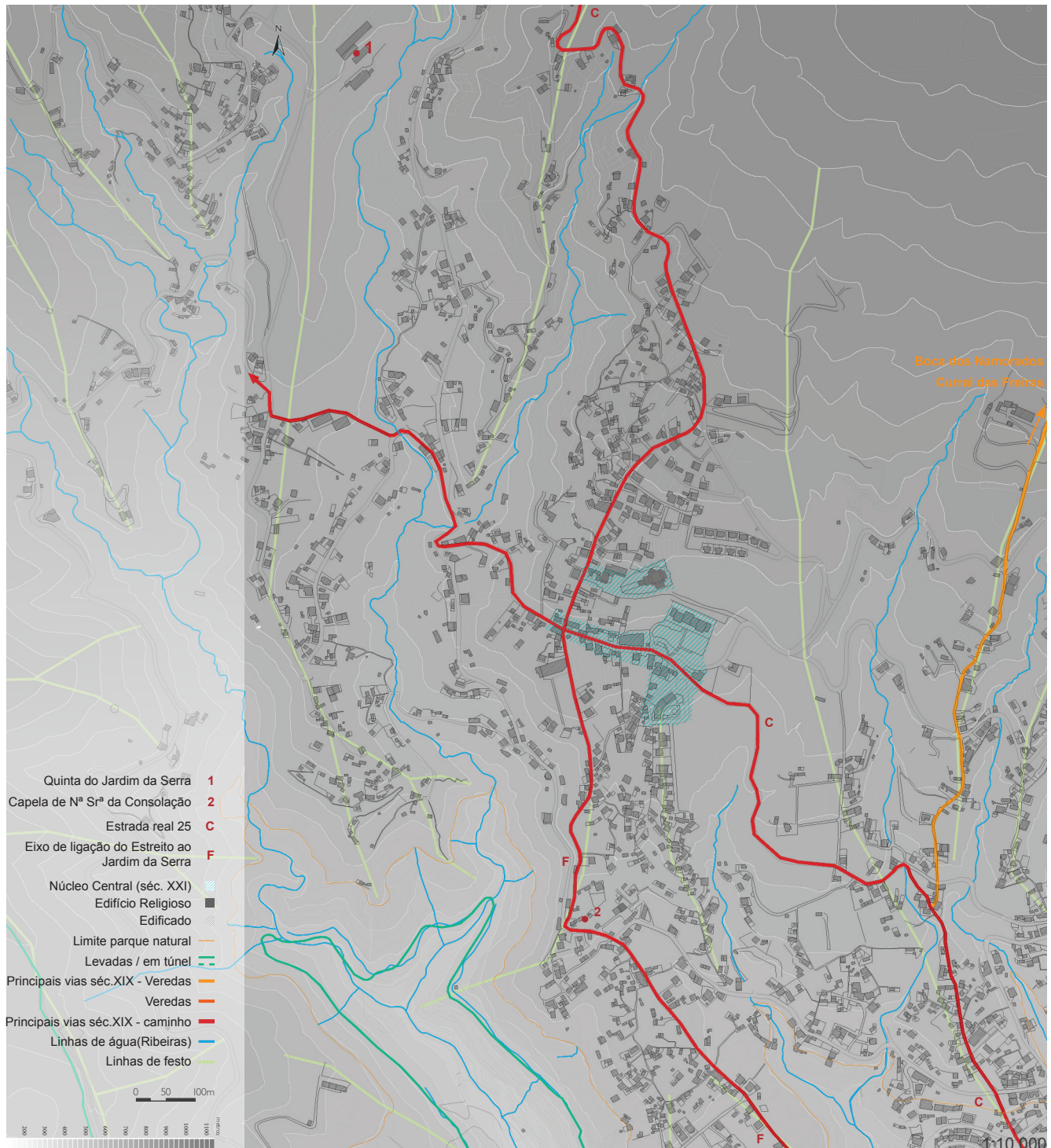
A origem do povoado do **Estreito**, encontra-se um pouco envolta em incertezas, no entanto, acredita-se que antes da criação desta paróquia, este seria o lugar onde existia um curato *com sede numa pequena ermida, construída em madeira, por frades franciscanos, no ano de 1440 [e] em 1460, esta capela já tinha um capelão permanente e foi, não só reconstruída em pedra e cal, como ampliada.*⁸⁴ Esta é, de facto, uma hipótese muito plausível: primeiro porque a informação que se tem é a de que, os povoados pertencentes à



205- Vista a partir do adro da Igreja do Estreito. Em cima à direita: caminho Velho do Fôro - via de ligação entre Estreito e Jardim da Serra. (s.d.)



206- Caminho da Azinhaga, actual rua Capitão Armando Correia, no Estreito - trecho de ligação ao Jardim da Serra, c.1920.



207- Jardim da Serra, principais vias do século XIX, inseridas na estrutura actual; e marcação do núcleo central actual.

capitania de Zarco (como é este o caso), surgiram devido à fixação de capelas à volta das quais se formou um aglomerado; depois, porque para além de se assentar sobre uma longa **lombada** – que se destaca em relação à sua envolvente – encontra-se estabelecida num *momento* em que esta adquire um declive mais suave e se subdivide em dois (em direcção à costa), formando, assim, um ponto (espécime miradouro) propício à fixação. Por outro lado, crê-se que, a toponímia, advém da *denominação de um lugar, situado nas proximidades ou local onde se encontra implantada a igreja paroquial e que, devido às suas características físicas ou orográficas, era conhecido por Estreito*.⁸⁴ – analisando a narrativa de Gaspar Frutuoso (datada do séc. XVI), diria que se tratava da denominação de um sítio, quinta ou fazenda, pois este afirma que [acima do Convento de São Bernardino] *estão os pomares do Estreito, que têm muita castanha e noz, e peros de toda sorte' muito doces, e vinhas e criações, e uma freguesia, que se chama o Estreito, de até trinta fogos, cuja igreja é de Nossa Senhora do Rosairo*.⁸⁵

84- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 14/05/2014).

85- FRUTUOSO. *Livro Segundo das Saudades da Terra*. (1586-1590) 1968. p. 122.

Posto isto, os **lombos** que facilitavam o transporte de pessoas e bens, também afiguravam os melhores sítios para fixação. A meu ver, a origem, importância e desenvolvimento que veio a adquirir o povoado do **Estreito** é, exactamente, devido à conjugação destes três elementos: uma posição estratégica no território; um edifício religioso que congregou um aglomerado; e um eixo viário com grande importância na estrutura e estruturação do território. Contundo, há ainda, um quarto elemento que permitiu que se pudesse *fazer valer* os anteriores: a bem afamada qualidade dos solos e produções agrícolas aqui desenvolvidas – importante impulsionador da economia e culturas locais.

Quanto à estrutura deste aglomerado, também é pouca a informação que se tem. Supõe-se contudo, que até o século XX, as ruas da Igreja e José Joaquim da Costa (segmento da estrada real 25 na passagem pelo Estreito) detinham a centralidade de actividades, funções e serviços deste povoado, pois era aqui que se encontravam: o edifício que albergava a Junta de Freguesia, uma escola primária e a Casa do Povo; o mercado municipal (agora inexistente); a biblioteca e alguns estabelecimentos comerciais.

Quanto aos restantes arruamentos, sabe-se que:

- .em 1920, constrói-se a rua Cônego Agostinho Figueira Faria, que passou a servir de ligação entre a estrada Monumental e o centro do Estreito – permitindo, assim, que se lhe pudesse aceder através de veículos motorizados. Aquando desta construção, viu-se necessário adaptar o Largo do Patim e a rua da Igreja ao trânsito automóvel pelo que, por essa altura, fizeram-se obras de alargamento e repavimentação deste arruamento;

- .em 1952, também já existiria a rua da Azinhaga, actualmente com a denominação de Rua Capitão Armando Pinto Correia;

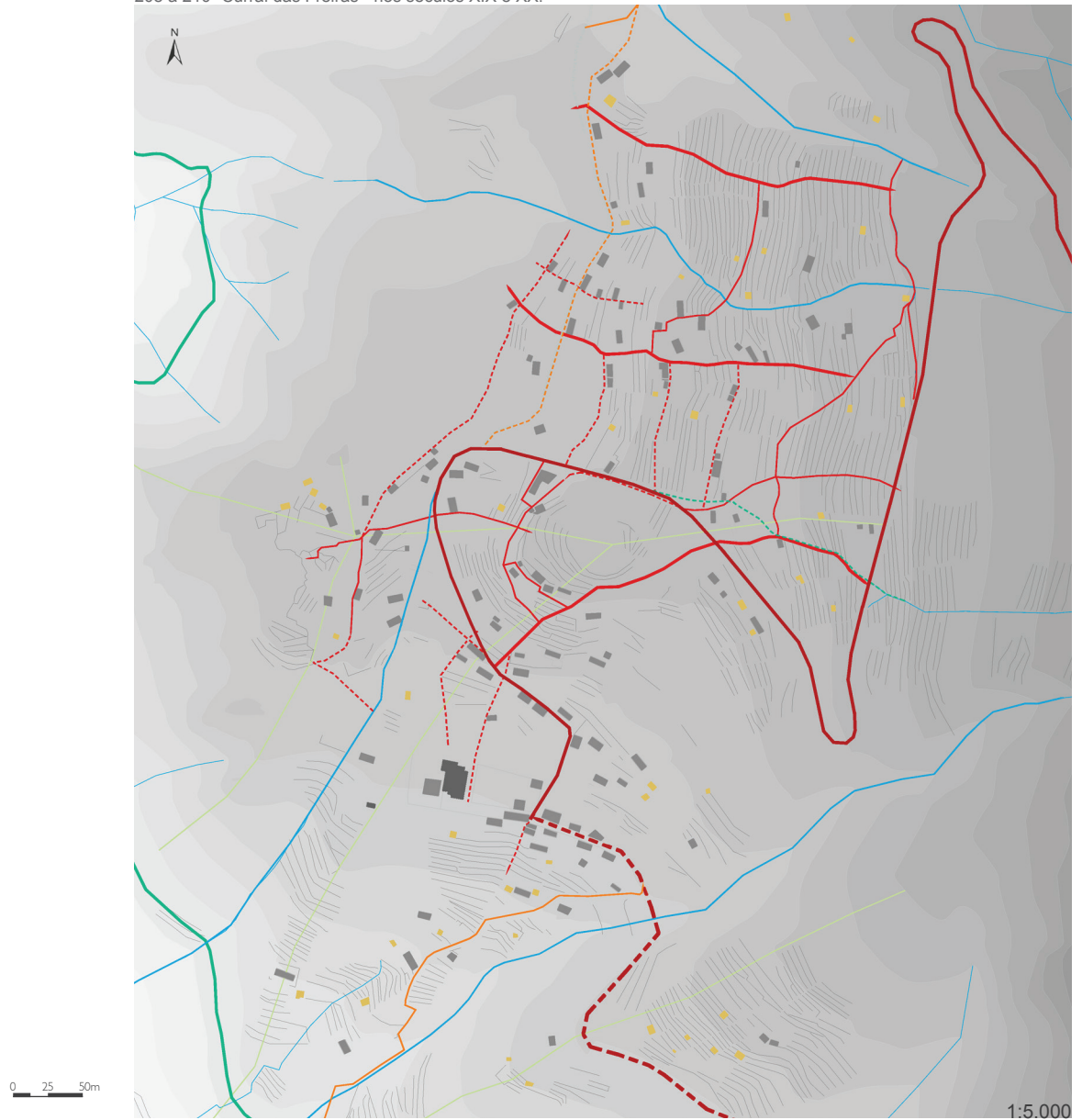
- .a construção da rua João Augusto de Ornelas deu-se por terminada em 1985;

- .a Alameda do Mercado, corresponde a um alargamento do antigo caminho do Cemitério que teria continuidade sobre a (segunda sub-)**lombada**, até ao Serrado da Adega – assim, a meu ver, este seria um dos mais antigos caminhos *com centro* neste núcleo;

- .as ruas do Passal e do Mercado, foram abertas em 2004 e 2005, respectivamente.

O que penso que representou uma enorme mudança na dinâmica e estrutura deste

208 a 210- Curral das Freiras - nos séculos XIX e XX.



208- Curral das Freiras - estrutura, séculos XIX e XX.



núcleo foi: primeiro, a construção das escolas aqui existentes: a do 1.^o ciclo, construída em 1982 e a dos 2.^o e 3.^o ciclos, erguida no ano de 1978 – atenção que a construção da rua João Augusto de Ornelas, já se encontrava em decurso, por esta altura (com início em 1872); e depois, já no século XXI, a edificação do Centro Cívico.

No que toca ao **Jardim da Serra**(img.207), a informação que se encontra, é ainda mais escassa. Sabe-se, contudo, que a sua denominação teve origem na quinta de Henri Veitch, construída no séc. XIX e que, por se situar no lugar da Serra (à época, na freguesia do Estreito) e ter um sumptuoso Jardim, acabou por tomar o nome de **Jardim da Serra**. Por sua vez, esta (e a projecção que acabou por ganhar) veio dar origem à denominação das suas zonas fronteiriças. De facto, este Jardim não se encontra nas imediações do, agora, núcleo central desta freguesia(img.207), pelo que a sua denominação deu-se, exactamente, por associação àquele que constitui um marco neste ponto do território. Todavia, o facto de o lugar de implantação desta quinta ter a denominação de Serra, dá-nos uma pista sobre a sua antiga configuração, *aparência* – esta corresponderia, portanto, a uma zona serrana.

Por outro lado, só aquando da sua criação (enquanto freguesia), é que se desenvolveu, aqui, um núcleo verdadeiramente central (no sítio das Corticeiras). Para isto poderíamos servir-nos de duas justificações: a primeira é a de que, em 1996, era aqui que se encontrava a igreja (sede) da paróquia de São Tiago – correspondente, sensivelmente, à mesma área abrangida pela freguesia do **Jardim da Serra**; a segunda é a de que, este é o ponto de confluência de dois importantes eixos que fazem a ligação com o restante território.

Mesmo assim, a inicial sede desta paróquia, terá sido na capela de N.^a Sr.^a da Consolação (img.219_6). Esta capela datará de 1684 e pertenceria a uma antiga fazenda – a sul e nas imediações do eixo que constituía uma das principais vias de ligação com o núcleo do **Estreito** (caminho Velho do Fôro).

Posto isto, diria que, aqui, as vias de comunicação têm, de facto, um papel fundamental na origem, fixação e organização de um núcleo – inicialmente uma zona serrana de passagem, cujas estruturas (agrícolas, religiosas, etc.) se desenvolveriam ao longo de eixos sobre **lombos**, acabou por ver na confluência de duas importantes vias, o local de eleição para a fixação de um núcleo central.

3.3 Curral das Freiras, núcleo serrano

Já se viu como e quando surgiu a ocupação da *cratera*, onde se enquadra o **Curral das Freiras** e a forma como os vários núcleos, que compõem esta estrutura serrana, se relacionam com os eixos através dos quais se acede a esta área *esconsa* do território Madeirense. Porém, mostra-se ainda necessário, tentar perceber como é que se processou a sua evolução e desenvolvimento.

Mais uma vez, na impossibilidade de se fazer um estudo, no terreno, muito mais aprofundado e detalhado (para este trabalho), para a compreensão da evolução deste povoado, utilizou-se os relatos, narrativas e imagens efectuados ao longo dos tempos sobre esta porção do território – mesmo sendo este, desde (quase) sempre, um reconhecido



211- Curral das Freiras no início do século XX.



212- Curral, c. 1960.

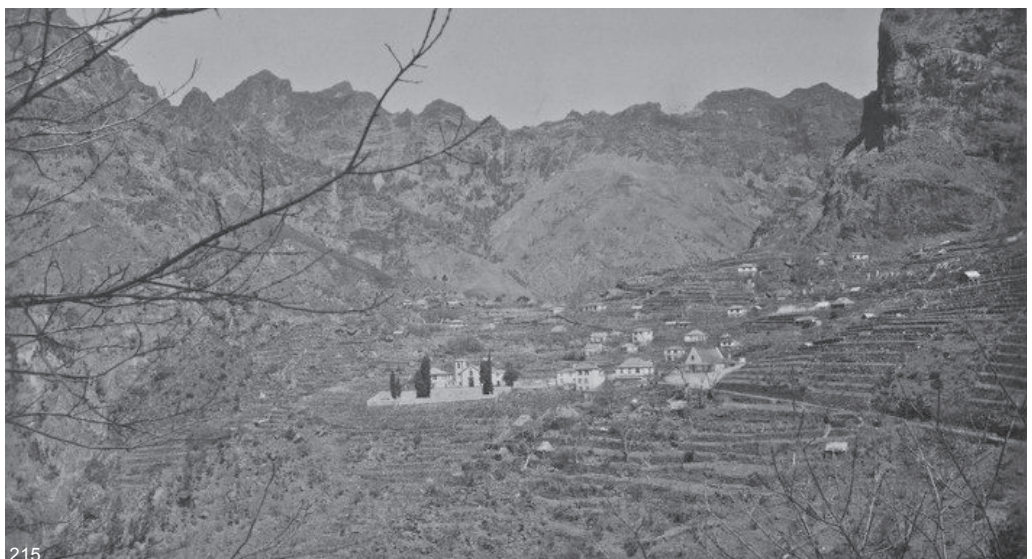


213

213 a 215- Curral das Freiras em meados do século XX.



214



215

ponto turístico da Ilha, a maior parte das referências a este sítio são *superficiais*, fazendo-se, normalmente, referência às suas características orográficas e pouco mais. Por sua vez, no que toca aos séculos XIX e XX, arriscou-se uma reconstituição da sua estrutura (img.s 208a210), através de estudos *in loco* e de ortofotomapas⁸⁶, que visaram uma tentativa de identificação das construções que datariam destes séculos ou de uma época anterior.

- Evolução no espaço e no tempo

Depois de os escravos e criminosos fugidos do povoado se terem fixado – *naquele longínquo e apartado êrmo, que a distancia e as dificuldades das comunicações, através de montes fechados de arvoredos e semeados de perigosos abismos, tornavam quasi inacessível*⁸⁷ – *começou-se o arroteamento e cultura das terras, e já por fins do século XV havia ali um pequeno centro de população de habitantes de morada fixa*,⁸⁷ no entanto, este núcleo teve um reduzido desenvolvimento, pois em 1794 era apenas de 110 o número dos seus habitantes⁸⁷.

Segundo consta, a primeira (e única) capela que aqui se fixou, localizava-se no aglomerado que hoje tem o nome de sítio da Capela, no entanto, desta só restam os registos toponímicos – do sítio e de uma **vereda** com a mesma denominação⁸⁸. Quanto à sua origem e fundação existem algumas contradições: uns afirmam que terá sido erigida segundo a vontade e encargo de um Frei e que em 1644 se encontrava acabada⁸⁹; outros relatam que a capela teria sido construída pelas freiras e levantam a dúvida relativa à sua possível construção numa data anterior ao saque francês.⁸⁷ Contudo, é certo que em 1790, aquando da criação da paróquia do **Curral** (resultante da desanexação de Santo António), esta teria sede na, então, capela de Santo António. Considero, portanto, que não seria totalmente descabido, afirmar-se que o sítio da Capela terá tipo, em tempos, um papel central e/ou relevante neste vale – até porque, este localiza-se nas imediações de dois córregos e num ponto onde se consegue aceder facilmente às duas margens da ribeira dos Socorridos – facilitando o acesso ao elemento água e a outras áreas do vale; para não falar da sua (relativa) proximidade com dois dos eixos de acesso ao vale. (Pese embora, o facto de a achada, onde se assenta o actual *núcleo central*, possuir características claramente mais propícias ao assentamento.)

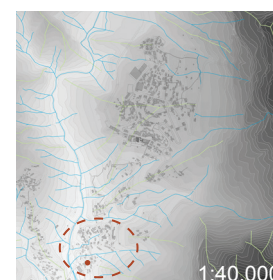
Por sua vez, a edificação da (nova) igreja e respectiva casa paroquial realizou-se entre os anos de 1784 e 1793⁹⁰, no sítio agora denominado de Casas Próximas (numa referência à proximidade do templo). Assim, para além das suas características favoráveis à fixação, esta *achada* passou a deter um importante *equipamento*, por si só, gerador de um enorme poder de *atração* e centralização (como já se viu) – gera-se, portanto, um novo *núcleo central*(izador).

Contudo, só depois da abertura do (primeiro) eixo viário, de acesso ao vale do **Curral** (em 1960), é que se verificaram mudanças realmente notáveis – como o comprovam as imagens ao lado e na página seguinte.

Analisando essas mesmas imagens, observa-se claramente o grau e carácter de dispersão em que esta povoação se encontrava disposta, não só nos anos anteriores à construção da *estrada*, como nos anos que se seguiram. Sendo que só, no final do século

86- Cedido pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente.

87- AUGUSTO DA SILVA; MENESES. *Elucidário Madeirense*. Vol.I. 1998. p. 656.



88- Sítio e vereda da Capela.

89- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 16/05/2014).

90- Contudo estes edifícios foram alvo de obras de melhoramento e alteração nas primeiras décadas do século XX, pelo que a sua configuração actual não corresponde à inicial.



As imagens ao lado não possuem datação, contudo, a associação de datas e a observação de um vídeo, de um casal britânico de férias na Madeira, datado de 1967, possibilitaram a sua localização no tempo.

Imagens em: *Enjoying Madeira in 1967 (1)*.
http://www.youtube.com/watch?v=TKDh8mX_apk

216 a 218- Curral das Freiras - final do século XX.



216



217



218

XX, início do XXI é que se começaram a assinalar mudanças realmente notórias e que alteraram por completo e definitivamente a *imagem campestre* deste núcleo – não se está, com isto, a querer dizer que se deixou de estar perante uma paisagem, estrutura rural e serrana; estamos sim, perante um núcleo serrenho, cuja importação de infra-estruturas e serviços, resultou na proliferação da população e consequente densificação de edificado.⁹¹ Por sua vez, na reconstituição (esquemática) da estrutura que este núcleo detinha no decorrer do século XX, conseguem-se identificar muitos dos aspectos analisados anteriormente, aquando do estudo da sua estrutura actual. Assim, como é óbvio, a estruturação agrícola do território continua a ter um papel fundamental na sua organização, sendo esta relação mais notória e evidente neste século. Por sua vez, observa-se que o eixo viário aqui introduzido só ganha maior influência na orientação e posicionamento do edificado na aproximação à Igreja e no trecho que corresponde ao actual caminho da Padaria. Por sua vez, com a análise das imagens relativas a este século, consegue perceber-se que este eixo continuava pela (agora) ladeira da Igreja e, chegando ao fim desta, seguiria para sudeste, continuando montanha abaixo na direcção dos sítios da Capela, Balceira, etc. (e cruzando-se com a vereda que faria e faz a ligação ao Funchal). Isto vem justificar o porquê de os edifícios do século XX, aqui existentes, terem uma amplitude e configuração muito distinta das do restante edificado do aglomerado – este seria, com certeza um ponto de confluência de serviços e possivelmente seria aqui que, à semelhança dos restantes aglomerados já estudados, se encontravam as instalações da Junta de Freguesia⁹².

No seu percurso entre a confluência(a norte) com a rua Eng. Jaime O. Camacho e o cruzamento com o caminho de Trás-dos-Picos, a estrada de então segue um trajecto que acredito que corresponderia ao de um pequeno córrego ou até mesmo de uma **levada**, pois este passa pelo *vale*, ou *vala* conformada pelas duas elevações de território aí existentes – a partir deste último ponto o *vale* ganha mais evidência, realce e segue, passando a poente da Igreja, até à **ribeira do Curral**. Por conseguinte, tendo em conta que esta *vala* permitia a travessia entre os dois picos, é possível que este trajecto já fosse utilizado antes mesmo da construção do arruamento. O segmento da via, que agora corresponde à estrada Cónego Camacho, que cruza com o extremo norte do caminho da Padaria e passa por detrás da Igreja, só terá sido construído no final do século XX e terminaria no ponto em que se volta a cruzar com aquele – assim, percebe-se a origem do largo, ou alargamento existente neste último momento, bem como, da (con)fluência de estabelecimentos comerciais.

No que toca ao edificado, gostaria de ter tido a oportunidade de ter aprofundado um pouco mais o estudo, de modo a conseguir perceber, diferenciar as construções referentes às diferentes épocas. Assim, só se afigurou possível e necessário, identificar aquelas que são seguramente anteriores ao século XX ou final do XIX. Percebe-se que o edificado se inseria em estreita relação com os terrenos agrícolas e, por excelência, nas proximidades das **levadas** – uma vez que estas dispunham da água necessária às actividades domésticas [atenção que os eixos assinalados como caminhos de pé-posto (incluindo os principais), na sua maioria, também se fazem acompanhar de **levadas** de rega].

91- Esta poderia, claramente, ser a descrição de um processo de criação de um novo núcleo, centro urbano, contudo, como já se referiu, o tipo de actividades, economia, culturas, vivências, dinâmicas aqui desenvolvidas continuam a ter um carácter marcadamente rural, serrano.

92- Em 1977, há a referência de a Junta de Freguesia se encontrar em instalações provisórias, não havendo, contudo, a indicação de onde. (Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 16/05/2014))

IV FORMA EDIFICADA

Neste trabalho, a análise do edificado não pretende ser exaustiva nem tão pouco procura encontrar tipos ou tipologias – pretende-se passar por estes elementos de uma forma operativa, no sentido de que, para o estudo que aqui se apresenta, é importante perceber a forma como os madeirenses foram *pejando* o território com as suas habitações, edificações e qual a relação destas com aquele. Aqui observa-se que a *população* foi quem foi tendo um papel fundamental na forma como o edificado e assentamentos se foram fazendo, tendo sempre em conta as funções a que se destinavam, *o espaço disponível, as condições atmosféricas e as condicionantes do relevo insular e aplicando os materiais disponíveis de origem natural [...] nas zonas do litoral ou do interior insulares, edificaram com engenho e arte, as suas habitações, os «palheiros» para albergar o gado, alfaías e mantimentos.*⁹³

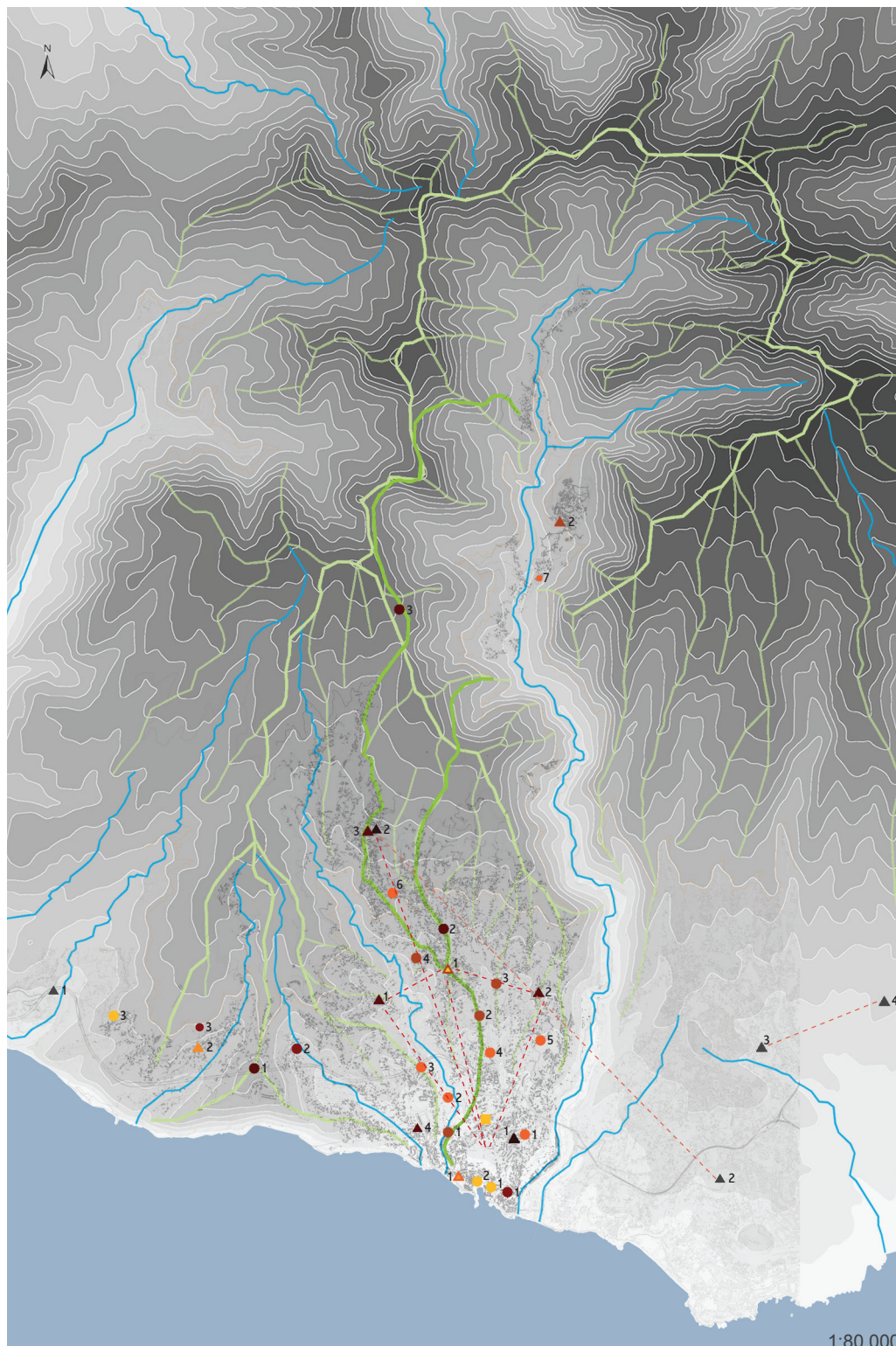
93- *Edificação tradicional*, no site *Madeira Quase Esquecida*, (consult. 20/05/2014).

Da mesma forma, tendo em conta a importância que se detectou terem os edifícios de cariz religioso, tornou-se premente *estudá-los* e *destacá-los* (como edificado de excepção) relativamente aos restantes, uma vez que também possuem um carácter especial, distinto por se destinarem a um culto e, portanto, ao uso público, colectivo.

1 – Edificado de excepção

1.1 Posicionamento e dinâmicas visuais

A importância dos edifícios religiosos, aqui relatada, foi evidenciada ao fazer-se o *levantamento* dos seus posicionamentos no território, como se observa na imagem ao



219- Edifícios religiosos no espaço e no tempo - dinâmicas espaço-visuais.
(datação referente ao ano de criação, construção dos templos - capela de Santo António, no Curral, é a única extinta)

lado, denotando-se também que:

.estes situam-se maioritariamente, na área de influência da principal rede de estradas de até o século XIX;

.assim, estas edificações acompanham o movimento do território e, portanto, da(s) **lombada(s)** (onde se inserem os *núcleos centrais* do Estreito e Jardim da Serra) e, consequentemente, das *linhas de profusão* nesta faixa de território;

.é no decorrer do século XVII que se constrói um maior número de templos – coincidente com a época de entrada (definitiva e efectiva) no território e consolidação dos lugares até então existentes.

Por sua vez, outro aspecto patente neste *cartograma* é a evidente relação entre os edifícios das paróquias existentes por entre estes **lombos**, situados: no **Jardim da Serra** (Igreja de São Tiago), em Garachico (Igreja do Bom Sucesso), no **Estreito de Câmara de Lobos** (Igreja do Livramento) e na Vargem (Igreja de N^a Sr^a da Encarnação). Apesar de remontarem a épocas distintas, a verdade é que estes manifestam algumas consistências, nomeadamente no que toca ao seu posicionamento no território⁹⁴ (estas características também se manifestam no restante território madeirense):

94- Estas características também se vêem manifestadas no restante território madeirense.

.situam-se sensivelmente à mesma cota (c.400m) e, curiosamente, sempre em pontos onde as **lombadas** ou **lombos** ganham uma ligeira elevação (pico) ou onde *fazem* uma rechã – formando, no seu conjunto, uma espécie de *coroa* de domínio sobre o território;

.as suas localizações permitem que se *consigam ver de umas para as outras* – excepto a igreja de São Tiago que não tem relação visual com as restantes (aqui mencionadas), mas tem-na com a Igreja de São Martinho, no sopé do Pico da Cruz (Funchal) e com o Pico da Torre.

Portanto, as igrejas dão-se a ver e *olham* sobre o território, ganhando um sentido figurativo e representativo da directriz da religião católica que defende que *Deus olha por todos vós*. Do mesmo modo, podemos associar este posicionamento **sobre** o território como uma manifestação de poder da Igreja – pretensão que remonta aos seus primórdios. Então, temos que, espacialmente, as Igrejas formam uma *coroa*, uma *linha de poder* que impõe o seu domínio sobre o território de sua influência e, ao mesmo tempo, abre-se para este, acolhendo-o no seu *seio*. É importante referir, que estas características não são, de todo, exclusivas ao território madeirense.

Outro aspecto a ter em conta é o de a maioria das capelas aqui existentes se encontrarem adossadas a solares ou nas imediações de antigas quintas, fazendas. Esta é, aliás, a verdadeira razão pela qual estas foram erigidas, como o explica Gaspar Frutuoso: *de Câmara de Lobos a uma légua está a quinta [...] em que tem um engenho e grandes casarias de seus aposentos, e sua ermida, perto da fazenda, com seu capelão, para que ouçam missa os que trabalham nela, para que cumpram com o precepto da Igreja os domingos e festas, e o mesmo se há-de entender de todas ou as mais fazendas da ilha, que estão fora da cidade e vilas, ou aldeias, porque todas têm suas igrejas para este efeito*.⁹⁵ Depreende-se, assim, que estes **lombos** seriam sobejamente ocupados por fazendas, reforçando-se, com isto, a premissa de que esta seria uma paisagem marcadamente rural, onde a quantidade e qualidade do vinho que aqui se produz (desde sempre), deram grande fama a estas terras

95- FRUTUOSO. *Livro Segundo das Saudades da Terra*. (1586-1590) 1968. p. 123.



220- Coroa de Igrejas Paroquiais e capelas pertencentes a fazendas - meados do século XX.



221- Coroa de Igrejas Paroquiais e capelas pertencentes a fazendas - 2014. (Anexos)



222- Coroa de Igrejas Paroquiais - vista a partir da via-rápida no troço Funchal-Câmara de Lobos.
[aliás, por isso mesmo, infelizmente, não se conseguiu enquadrar a imagem da melhor forma e a Igreja do Garachico acabou por ficar oculta pelo poste de iluminação; contudo este é um ponto de vista que considerou-se premente apontar].

Séc. XV
Séc. XVII
Séc. XVIII
Séc. XIX
Séc. XX

223 a 244- Capelas



223 e 224- Capela da Vera Cruz.



225 e 226- Capela de Nª Srª da Conceição.



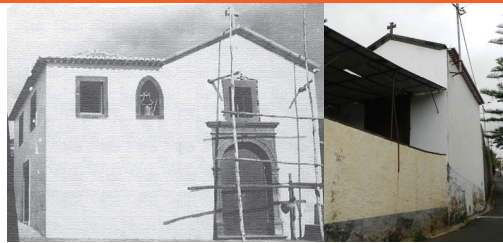
227 e 228- Capela de Nª Srª da Boa Hora.



229- Capela e Solar de de Nª Srª da Nazaré.



230 e 231- Capela de Nª Srª das Precs. (s.d.)



232 e 233- Capela de São João. (s.d. e 2013)



234- Solar e Capela de Nª Srª da Encarnação(s.d.)



235- Capela de Nª Srª da Consolação.



236- Capela de São Cândido.



237- Capela de Sant'Ana.



238- Solar e Capela das Almas.



239- Capela Nª Srª das Dores.



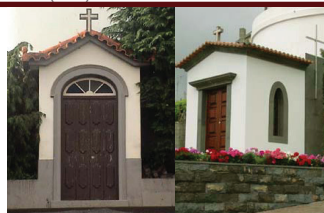
240- Quinta e Capela de Santo António. (s.d.)



241- Convento e Capela de Nª Srª da Piedade.



242- Capela de São Cristóvão.



243- Cap do Calvário.(séc.XX e 2013)



244- Capela Nª Srª de Fátima.(início séc.XX e 2013)

e despoletaram uma enorme afluência de senhorios e agricultores. Deste modo, tem-se que esta é a faixa do território madeirense onde se encontra um maior número de capelas.

1.2. Capelas, Igrejas e o Convento

Para além das características gerais já apontadas, é possível identificar outros aspectos comuns aos edifícios de cariz religioso, aos seus espaços e configurações.

No caso das capelas:

.(tal como nas igrejas) os adros ou pequenos espaços de recepção e de reunião de pessoas, são uma constante e é à volta destes que se desenrolam, por excelência, as comemorações e festividades religiosas;

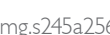
.estas não obedecem a uma norma criteriosa de orientação, no entanto, observa-se que, na sua maioria, posicionam-se ao longo dos arruamentos (permitindo um fácil acesso) paredes-meias com os seus limites e paralelamente a estes – por vezes são acedidas por pequenos caminhos secundários que acabam por servir de (único) espaço de recepção, adro;

.regra geral são de duas águas, pelo que as fachadas principais terminam em empena encimada por cruz;

.em alguns casos, fazem-se acompanhar de um pequeno campanário – ganhando diferentes formas e havendo a possibilidade de terem sido construídos à posteriori;

.de modo genérico, são construções muito simples, sem adornos para além dos que conformam os portais e, pontualmente, as janelas.

.outro elemento que têm em comum (principalmente as mais antigas), é o portal.

No que toca às igrejas, podem-se transpor algumas das características inerentes às capelas, como é o caso: da presença e importância dos, várias vezes mencionados, adros; das configurações e elementos simples; e, em alguns casos, dos portais (também das edificações mais antigas).

Por sua vez, aqui já se fazem notar (mais) as diferenças inerentes às suas diversas épocas de construção e, na sua maioria, já não correspondem aos edifícios inicialmente construídos, uns por vários processos de alteração e *acrescentos*, outros por renovações e reconstruções quase totais. Mesmo assim, possuem alguns aspectos em comum: a presença de torres sineiras, com relógio (que terão sido adossadas com o decorrer do tempo); os telhados de duas águas e, portanto, fachada em empena; os portais são encimados por janela ou pequeno óculo ou ambos.

O posicionamento destes templos também não obedece a critérios específicos, no que toca às suas orientações. No entanto, observa-se que no cimo das **lombadas**, orientam-se sensivelmente e preferencialmente de frente para a *paisagem*, isto é, (aproximadamente) de frente para a linha da costa (com excepção da Igreja do **Jardim da Serra** (a nova)), acompanhando, também o movimento e direcção das elevações onde se inserem.

É interessante referir que, segundo a historiadora Rita Rodrigues, as igrejas ou capelas, situadas nas periferias e em meios rurais, eram designadas por *igrejas dos montes*.⁹⁶ – denotando, à partida, o carácter dos sítios, lugares onde se inseriam.

96- RODRIGUES. *Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte I - Contributos para a sua história*. Em *Girão*. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011). p.7.

245 a 256- Igrejas



245 e 246- Igreja de São Sebastião.



247 e 248- Igreja de Nª Srª dos Remédios.



249- Igreja de Nª Srª da Graça.

250 e 251- Igreja de Nª Srª do Livramento.



252- Igreja Nª Srª do Bom Sucesso.

253- Igreja Nª Srª da Encarnação.

254- Igreja São Tiago (antiga).



255- Igreja de Santa Cecília.

256- Igreja de São Tiago (nova).

Séc. XVI
Séc. XVIII
Séc. XX
Séc. XXI

Igreja de São Sebastião

A primeira referência à igreja de São Sebastião (img.s257a260) é datada de 1560, contudo o edifício que chegou até os nossos dias (muito alterado) remonta ao século XVII. Aquando da sua construção teria apenas uma nave, sendo que no decorrer do século XX foi transformada em três⁹⁷ – esta transformação veio a alterar por completo a configuração do templo que antes tinha uma capela voltada para a *entrada* do caminho de São Bernardino; no lugar desta surgiu uma fachada (NE) enviesada que acompanha, assim, o curso da rua Direita.

As três naves longitudinais são acompanhadas por quatro capelas laterais e *desembocam* em capela-mor rectangular e mais estreita e baixa. Ainda no seu [da nave] extremo Sul, encontra-se adossada a torre quadrangular com sineiras de arcos de volta perfeita em todas as faces e encimados por relógios – curiosamente a torre não se situa junto à fachada principal, como se verifica nas restantes igrejas (em estudo). A torre sineira é ainda, *coroada por coruchéu piramidal revestido a azulejos azuis e brancos*.⁹⁸ Por sua vez, encontra-se adjacente a esta a sacristia que é acedida por uma porta lateral, no altar-mor – de frente para uma outra de acesso aos serviços paroquiais.

As suas fachadas são (como já referido) simples, sem adornos, encontrando-se rebocadas e pintadas de branco – como, de resto, se verifica nos restantes templos – *terminadas em beirais simples de telha de canudo assentes em cornijas de alvenaria*⁹⁸ e com embasamento em cantaria aparente. Na fachada principal encontra-se o elemento mais adornado encontrado em todo o seu exterior – o portal: também de cantaria cinzenta e de arco de volta perfeita, com chave relevada, assente em pilastras toscanas, com seguintes salientes em ponta de diamante, suportando friso e cornija.⁹⁸ Ainda na fachada principal, o portal é encimado por uma janela (como mencionado) rectangular de moldura simples.

Em relação ao seu interior também é importante mencionar a existência: de coro-alto, na nave central – por cima da porta – de madeira e sobre pilares, também, de madeira; e de dois *cadeirais das antigas confrarias em madeira, a meia altura, a enquadrar a entrada*.⁹⁸ De referir, também, que as naves encontram-se revestidas com silhares de azulejos policromáticos (img.260).

Este templo orienta-se no sentido nascente-poente, com a sua entrada voltada para o largo de São Sebastião e as suas traseiras adjacentes ao largo da República. Insere-se, assim, numa estrutura marcadamente urbana e num dos extremos da principal rua da Vila.

As suas dimensões enquadram-se inteiramente com a escala dos restantes edifícios das ruas que lhe são adjacentes – apesar de ter um papel e localização de destaque, não impõe a sua presença. A comprovar isso, vem o facto de a torre da igreja não ser vista a partir da rua Direita, só ganhando evidência no seu cruzamento com as ruas do século XIX e no próprio largo da República.

Igreja de Nossa Senhora da Graça

Não se sabe ao certo a data de construção desta igreja (img.s261e262), contudo é certo que em meados do século XVI já se fazia referência à Igreja de Nossa Senhora da Graça, no **Estreito de Câmara de Lobos**.⁹⁹ A vontade e necessidade de se construir um novo templo remonta, pelo menos, ao início do século XVII, contudo esta só viria a ser (re)construída em meados do século XVIII (tal como o foi a casa paroquial).⁹⁹



97-

98- SIPA:

<http://www.monumentos.pt/>
(consult. 21/05/2014).

99- RODRIGUES. *Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte I - Contributos para a sua história*. Em *Girão*. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011). p.7.



257 a 260- Igreja de São Sebastião.



261 e 262- Igreja de Nª Srª da Graça.

Este é um templo de nave única e o seu altar-mor também é mais baixo e estreito do que esta. A sua cobertura é de duas águas, pelo que a fachada principal também é constituída por empena – ladeada pela torre sineira de base quadrangular, ligeiramente recuada. A torre, à semelhança da anterior, é encimada por *coruchéu piramidal revestido a azulejos*, neste caso, brancos e cinzentos e as suas faces fazem-se, igualmente, *acompanhar* de sineiras e relógios – estes só foram instalados em 1937 e para o efeito fizeram-se obras de alteamento da torre.¹⁰⁰

100- Site: Câmara de Lobos -
Dicionário Corográfico (consult.
16/05/2014).

A sua fachada também é branca, contrastando com o cinza da pedra do portal e das pilastras que se prolongam até à cimalha. Por sua vez, o portal ganha as mesmas características descritas na Igreja de São Sebastião, também é encimado por janela rectangular – com a diferença de que aqui estes são mais ornamentados – *ostentada* por duas mísulas, é rematada por um frontão curvo.

No total tem três portas, duas transversais, *com treze palmos de alto e sete de largo cada* uma e a principal, sendo que esta *terá altura de vinte e cinco palmos e doze de largo*; (por cima desta) a janela tem *doze palmos de alto e seis de largo*.⁹⁹ Nas fachadas laterais existem, ainda, duas janelas rectangulares que iluminam a nave.

De referir também que, no final da década de 60 do século XX, se fizeram importantes obras nas imediações da igreja: demoliu-se a antiga casa paroquial de forma a aumentar o adro da igreja – conferindo-lhe um papel mais monumental – e construir-se (por baixo deste) um salão paroquial.

No que toca à sua organização espacial, não tive oportunidade de visitar, percorrer o seu interior pelo que não possuo informações suficientes para descrevê-la.

O seu posicionamento confere-lhe grande destaque – como já se mencionou, não só por ser o ponto central da estrutura radial deste núcleo, como também pela sua localização sobranceira.

Capelas do Espírito Santo e de Nossa Senhora da Conceição

A capela do Espírito Santo encontra-se, actualmente, encarcerada entre várias construções, pelo que já não tem acesso ao público. Contudo, ainda é possível distinguir a sua estrutura no meio do edificado: caracterizada pelas típicas duas águas, encimada por cruz de pedra e acompanhada de pequeno campanário (diria que bidimensional) que encima uma das suas paredes laterais.

Quanto à Capela de N^ª Sr^ª da Conceição (img.s264a267), devido ao seu posicionamento central na Vila, possui um aspecto e características mais abastadas e cuidadas do que as capelas ou *igrejas dos montes*.

Contudo, mantêm-se as características gerais: de planta rectangular, com a nave e a capela-mor(a nascente) a conformarem um volume único; telhado de duas águas; e pequeno campanário – aqui nas suas traseiras (do lado do varadouro), em cantaria cinza, ganhando destaque face o branco das fachadas. O portal também possui aspectos em comum com os já aqui transcritos, ganhando contudo mais requinte: *de arco de volta perfeita assente em pilastras com capitéis e bases relevadas, com frontão triangular encimado*



263- Capela do Espírito Santo.



264 a 267- Capela de Nª Srª da Conceição.



Distribuição em três níveis

268- Projecto de reabilitação e restauro do Convento de São Bernardino, de Victor Mestre.



269- Convento de São Bernardino (actualmente em obras).

*por cruz rematada por buçetes.*¹⁰¹ A completar a composição do seu frontispício em empena, tem-se: um embasamento de cantaria (que se prolonga à fachada sul); pilastras (a limitá-la); duas janelas com lintéis de volta perfeita a ladear o portal e uma terceira, rectangular, a sobrepujá-lo. Nas fachadas sul e nascente existem duas outras portas (uma em cada) de acesso ao seu interior, sendo que a virada para o varadouro vai dar à sacristia. No seu interior, possui um coro-alto e do lado do Evangelho, encontram-se o acesso (interior) à sacristia e o púlpito.

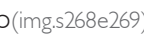
Esta capela insere-se no limite de um dos quarteirões que conformam um dos principais arruamentos da Vila – a rua de N^a Sr^a da Conceição –, sendo que as suas dimensões e alçados integram-se totalmente na linguagem, imagem dos restantes edifícios que a conformam – quer a nível da composição dos alçados, cujos vãos, materialidade, texturas e cores são idênticos, uniformes; quer a nível de cérceas e fachadas, que se alinham e ganham uma *continuidade de leitura*.

Esta volta o seu portal para a rua de seu nome e para o edifício dos antigos Paços do Concelho, pelo que este corresponderia a um (muito) importante ponto, não só do arruamento, como da Vila. Actualmente e espacialmente, essa importância não se faz sentir tanto, até porque a (total) integração da capela no restante quarteirão fá-la adaptar-se à malha, estrutura *local* sem que lhe seja conferido (grande) destaque espacial – só ganha alguma evidência pelos elementos (decorativos) das suas fachadas (alusivos à religião) e por ser a edificação que remata o quarteirão e que, portanto, tem três fachadas.

É importante referir, que tanto a capela do Espírito Santo, como a de N^a Sr^a da Conceição são as únicas que se alinham no sentido (canónico) nascente-poente, em detrimento de um posicionamento mais *moldado* ao território e *paisagem* – como o verificado nos restantes templos.

Embora em meio urbano, a *capela do Calhau* também se encontra junto ao mar e aos pescadores, pelo que ganha, assim, uma dualidade de sentidos – em contexto urbano e litoral.

Convento de São Bernardino

Como já se viu a existência do convento de São Bernardino remonta ao século XV, contudo o edifício que chegou aos nossos dias não corresponde ao inicialmente edificado, pois esse terá sido destruído por uma enchente da ribeira que o ladeia, ainda no terceiro quartel do século XV – altura em que foi reconstruído. Este é o *único dos cinco conventos franciscanos que subsiste na Ilha da Madeira*¹⁰² e encontra-se, neste momento, em processo de reabilitação e restauro – sob a alçada do arquitecto Victor Mestre.

Posto isto, este é um edifício de *planta longitudinal, irregular e complexa, composta pelo corpo dos dormitórios ao nível da calçada* [à cota superior, e pela] *antiga capela da Ordem Terceira* [que se encontra um pouco apartada da restante composição] e *igreja com nave e capela-mor*.¹⁰¹ Os volumes são marcadamente horizontais – com a torre da igreja a ganhar destaque (vertical) – e desenvolvem-se em três cotas distintas: os dormitórios com acesso pela Calçada do Convento; a capela a uma cota intermédia; e a igreja no nível inferior.

Como já se viu, à época da sua construção, encontrava-se em total isolamento, situado entre o vale da ribeira dos Vigários e elevadas rochas – daí a sua configuração e

101- SIPA:
<http://www.monumentos.pt/>
(consult. 21/05/2014).

102- Câmara de Lobos recupera
único convento franciscano
da Madeira, em <http://www.dnoticias.pt/>,
04/12/2012,
(consult. 21/05/2014).



270- Quinta do Jardim da Serra, construída no início do séc. XIX.



271- Quinta do Estreito, datada da primeira décadas do séc. XX.



272- Solar da Quinta de São João, (possivelmente) do séc. XVII ou anterior.



273- Forno da Cal.

organização espacial. Este isolamento vem demonstrar que, desde sempre, os colonos madeirenses intentaram uma entrada no território, tendo por base as mais variadas razões: neste caso pelo tipo de vida a que se votavam os frades franciscanos; houve outros, contudo, que o fizeram com a intenção de explorar as riquezas desta terra. Porém, aquilo que se denota é que, por esta ser uma *terra nova*, a igreja achou aqui, (mais) um território onde implementar a sua doutrina e, portanto, dar um grande paço na sua demanda de *espalhar a palavra de Deus por todos os cantos do mundo*. Por sua vez, o facto de os colonos se virem afastados da sua *terra-mãe*, do *mundo* que conheciam e rodeados por mar, fê-los agarrarem-se à religião como escape, como um elemento orientador.

1.3 Quintas

Para além dos edifícios religiosos, como edifícios, construções de excepção, também poderíamos falar de alguns solares e quintas por entre **lombos**.

No que toca aos solares e quintas, para além da referida relação com as capelas, algumas delas também viriam a servir de instalações para as primeiras escolas existentes nesta faixa de território: observa-se que a sua maioria situa-se na área abrangida pelo concelho do **Estreito**. Por sua vez, também situam-se em posições estratégicas, de relação com o território e seus terrenos de *domínio* – de preferência em pequenas elevações do território ou a meio das encostas dos **lombos** e **lombadas**. Aquelas que são mais (re)conhecidas são: a Quinta do Jardim da Serra, datada de cerca de 1820 (transformada em hotel); a Quinta de São João, provavelmente de época anterior à construção da capela do mesmo nome (1693) – também adaptada a turismo de habitação; a Quinta do Estreito, construída nas primeiras décadas do século XX – cuja casa terá sido mantida, mas a quinta em si foi transformada em complexo habitacional turístico.¹⁰³ As demais, quintas e solares encontram-se na sua maioria, e infelizmente, votadas ao abandono. Quanto às suas características (estruturais e afins), seria necessário um estudo exaustivo, que não se afigurou exequível nem necessário à construção, elaboração deste trabalho.

103- Site: *Câmara de Lobos - Dicionário Corográfico* (consult. 16/05/2014).

1.4 Forno da Cal

Torna-se, também, pertinente falar do Forno da Cal, em **Câmara de Lobos**, uma vez que é um exemplar de alguns dispositivos públicos existentes por toda a Ilha – como também o são os lavadouros que, aqui, infelizmente não chegaram aos nossos dias.

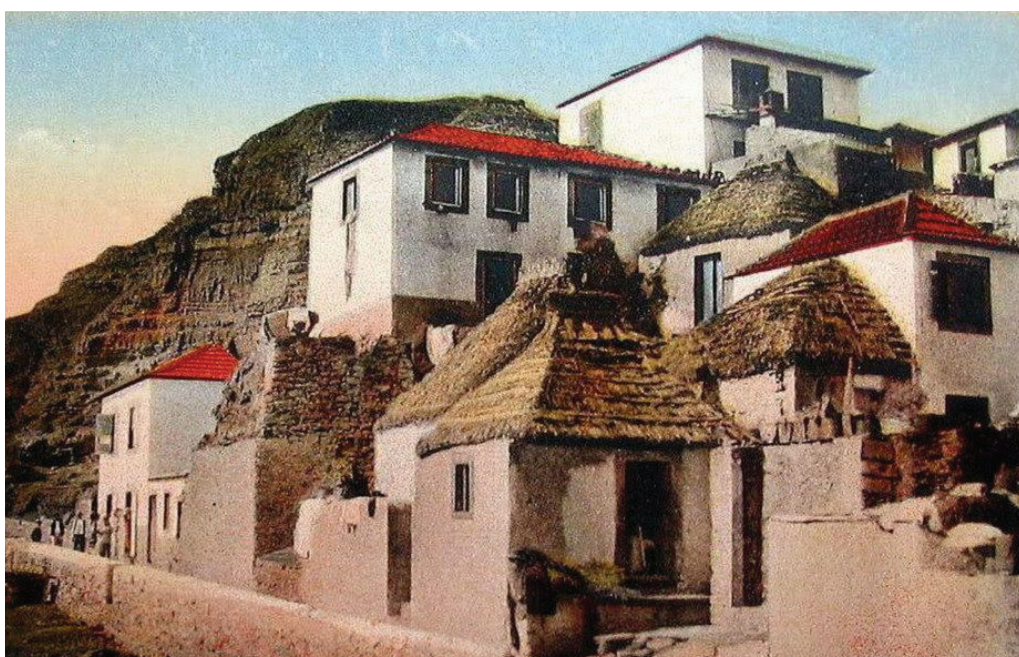
.segundo Rui Carita (como já mencionado) o Forno da Cal datará do final do século XVII ou início do XVIII, contudo o “Site dos Monumentos” dá o ano de 1835, como data de sua construção, referindo ainda que terá deixado de funcionar em 1960. O autor de “Vila de Câmara de Lobos” faz, aqui, a seguinte descrição desta construção: *O conjunto articula-se em dois edifícios anexos, havendo o forno e chaminé, propriamente dito, no alto do qual se colocava a cal a cozer, por uma porta ainda existente e dando para o caminho da Trincheira, e um outro edifício mais baixo, de um só piso, ao nível das salinas e por onde se alimentava o forno com lenha vinda de barco da foz da Ribeira dos Socorridos. Igualmente vinha de barco a cal virgem, que desembarcava nestas salinas, proveniente do Porto Santo.*



274- Casas de Colmo no Ilhéu (e Forte de São Sebastião). (final séc.XIX - início séc.XX)



275- Casas de Colmo no Ilhéu e bairro dos pescadores na Vila. (final séc.XIX - início séc.XX)



276- Construções de Colmo, rua Nova da Praia. (bilhete postal em circulação em 1900)

2 – Ao pé do mar

2.1 A casa de colmo

Actualmente, este *tipo* de edificação já não é encontrado nas imediações do núcleo piscatório de **Câmara de Lobos**, contudo, ao longo do estudo e análise das várias imagens que *contam*, mostram a história e evolução desta Vila, observou-se a sua presença, existência. Foi com algum espanto que me deparei com esta realidade, pois este género de construção é, habitualmente, associada aos campos, às aldeias e áreas rurais da Ilha. Do mesmo modo, a dúvida que se impôs inicialmente foi a de se estas construções seriam destinadas a habitação ou simplesmente para armazenar as *artes de pesca*. Contudo, devido aos vários relatos referentes à precariedade das habitações de pescadores no Ilhéu, acabou-se por perceber que estas seriam, efectivamente, utilizadas como habitações.

Por outro lado, numa análise mais cuidada acabei por deparar-me com esta passagem das “Ilhas de Zargo” (Vol.II, p.391) do Padre Eduardo C. N. Pereira¹⁰⁴: *As casas rurais, mais pobres e primitivas, sobretudo as serranas, são destes dois tipos: formato de cabana, armada de pedra solta, coberta de colmo, com uma porta e uma janela, idênticas às do litoral algarvio, habitadas por pescadores[...]*. Da mesma forma, segundo se sabe, no algarve de até o terceiro quartel do século XX, a sua orla litoral também seria *caracterizada pela presença, entre núcleos urbanos consolidados tradicionais, de um significativo número de aglomerados piscatórios de cabanas dispersas nos areais de forma mais ou menos aleatória*.¹⁰⁵ Tendo em conta o facto de se admitir que, este núcleo piscatório, foi *colonizado* por pescadores algarvios, é possível ter-se aqui as referências (culturais) que deram origem à fixação destas construções de pedra e colmo junto à orla marítima.

Por sua vez, a verdade é que os pescadores camaralobenses sempre foram referidos como uma *classe à parte da restante população*, e o(s) seu(s) bairro(s) ganhavam *notoriedade por serem velhos, sujos e miseráveis [sendo] sua feição característica e invencível contra o progresso e contra a lei*.¹⁰⁶ Assim, ganha evidência o porquê das suas habitações terem mantido, durante séculos (talvez) um aspecto tão rudimentar. Digo isto, porque as construções de pedra e colmo e a elementaridade construtiva e espacial inerentes a estas, correspondem à *base de toda a “pirâmide evolutiva”*¹⁰⁷ das habitações, edificações madeirenses – aliás, Victor Mestre, classifica-as precisamente como casas elementares. De cobertura de palha e paredes de alvenaria de pedra – algumas rebocadas e caiadas – estas seriam organizadas num único espaço, com tabiques improvisados a fazer a separação entre os pequenos compartimentos (quando os havia).

Na viragem para o século XX, também se encontram alguns exemplos de construções mais *sofisticadas, modernas* às quais se encontravam adossados pequenos volumes com cobertura de colmo – aqui a dúvida do seu tipo de utilização ou funcionalidade persiste, sendo contudo, possível que houvesse uma diversidade de usos: uns (mais independentes) poderiam ainda constituir habitações; outros (associados a outras construções) poderiam ser utilizados para arrumos.

Do mesmo modo, depois de uma análise mais abrangente, deparei-me com outras situações em que haveria este tipo de construções noutros núcleos litorais da

104- Curiosamente, toponímia atribuída à primeira rua dos Quintais construída no século XIX.



105- *Conversa sobre “Arquitecturas efémeras. Cabanas de pescadores no Sotavento Algarvio”*, em: <http://ciipcacela.wordpress.com/>. 07/06/2010 (consult. 22/05/2014).

106- PEREIRA. *Ilhas de Zargo*. Vol. II. 1940. p.212.

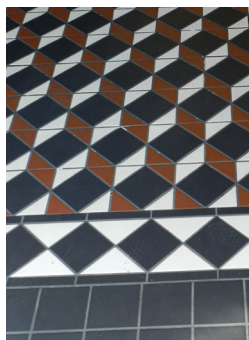
107- MESTRE. *Arquitectura Popular da Madeira*. 2002. p.99.



277- Casas, edifícios de duas frentes.



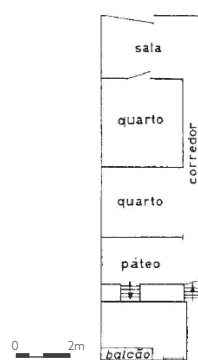
278- Edifícios de duas frentes, relação entre as composições dos alçados.



279 e 280- Edifício de duas frentes, Bar N°2.



281 e 282- Edifício de duas frentes, Bar do Mar.



283- Meia-casa, Caminha, Viana do Castelo.

Ilha¹⁰⁸ – embora em contextos distintos. Também acabei por perceber que, no início do século XX, ainda existiam em abundância (um pouco por toda a Ilha) edificações com estas características – facto para o qual muito contribuiu o grau de ruralidade a que os lugares, povoados madeirenses se encontravam votados.



108- Casas de Colmo, à beira-mar, na Ribeira Brava. (s.d.)

2.2 A casa na relação com as vivências piscatórias

Voltando às vivências piscatórias temos ainda, a particularidade do edificado que conforma o quarteirão onde se insere a capela de N^a Sr^a da Conceição. Aqui o edificado ganha características distintas das encontradas no restante aglomerado: para além de mais estreitos, os edifícios possuem duas frentes, tendo acesso através da rua de N^a Sr^a da Conceição e do varadouro. Esta é uma situação que também se verifica noutras comunidades pesqueiras portuguesas, como é o caso das *meias-casas* dos pescadores de Caminha¹⁰⁹ (Viana do Castelo)(img.283) – estas seriam, no entanto, casas térreas ao contrário das camaralobenses. Em ambas as situações as habitações voltam-se para uma via principal e para o mar, ou quintais, áreas onde se arranja e guarda os apetrechos da pesca.

109- CRUZ. Caminha: evolução e estrutura duma antiga Vila portuária. Em: *Finisterra- revista portuguesa de Geografia*. p.115.

Quanto às suas configurações espaciais, seria necessário fazer um estudo muito mais aprofundado para conseguir percebê-las. Contudo, o facto de as portas de acesso às duas frentes se encontrarem alinhadas, dão-nos a pista de que as circulações (pelo menos no piso inferior) se faziam lateralmente, num eixo que percorria o edifício de uma ponta à outra. Esta é, inclusive, a configuração que um dos bares, que agora aí *reside*, possui (img. s281 e282) – acredito que este possa ter mantido algumas características da antiga estrutura da habitação: nomeadamente o piso superior em madeira suportado por vigas, também, de madeira; a escada lateral e o pavimento do piso térreo em pedra rolada (como também era (ou é) típico de algumas construções mais antigas).

Procurou-se perceber a existência (ou não) de algum tipo de alinhamento ou desalinhamento destas portas com as dos edifícios que se encontram defronte para elas, contudo, não se consegue perceber (com clareza) a existência ou não de um *padrão* ou cuidado na escolha dos seus posicionamentos(img.278) – assim do outro lado da rua, a partir dos vãos das portas, tanto se olha directamente para o interior destas edificações (e para o varadouro) como se tem um *plano fechado* no seu alinhamento (situação mais verificada).

2.3 A Rua Direita e a *torre*

O edificado que conforma os alçados da rua Direita (ou de São João de Deus), têm uma imagem, linguagem que se pode dizer ser característica das mais antigas ruas dos vários núcleos seculares da Ilha – como em Santa Cruz, Ribeira Brava(img.286), Ponta do Sol, ou até mesmo em algumas ruas do Funchal (entre outros). Porém, não saberia datar com precisão as suas épocas de construção, sabendo apenas que são, com certeza, anteriores ao século XIX.

As suas fachadas alinhadas e adossadas umas às outras, pautam-se pelo ritmo e



284 e 285- Edifícios da rua Direita, Câmara de Lobos.



286- Principais arruamentos da Ribeira Brava, nos anos 60 - 70 do séc. XX.



287 e 288- Torre de ver o mar da antiga junta de freguesia de Câmara de Lobos.



289- Casa de Prazer e Torre, Câmara de Lobos.



290- Torres de ver o mar e Casa de Prazer, Funchal. (séc.XX)



291- Torres de ver o mar, nas proximidades do largo do Colégio, Funchal. (s.d.)

harmonia dos seus vãos e planos pintados a branco. Por sua vez, são edifícios que se projectam para a rua e desenham a rua – encontram-se em estreita relação.

Na sua maioria possuem instalações, no piso térreo que (actualmente) se destinam a estabelecimentos comerciais ou afins. Porém, alguns dos serviços que os foram ocupando ao longo dos anos, estenderam-se até aos demais pisos.

Por sua vez, há que ter em conta que até meados do século XX, estes também se encontravam adossados a quintais e terrenos agrícolas, pelo que se inseriam numa duplicidade de ambientes, vivências. Tenho algumas incertezas sobre a forma como estes edifícios conviveriam com estas duas realidades: se as actividades comerciais ou serviços se desenvolveriam só no piso térreo e voltados para a rua, com os pisos superiores a servirem de habitações que, por sua vez teriam acesso aos quintais? Se teriam ambos ligação a estes espaços? Se seriam edifícios autónomos e sem qualquer relação com as plantações adjacentes (o que não creio)? Ou até mesmo se, em alguma altura, terão servido apenas para fins domésticos? Eu diria que estaríamos perante a primeira condição enumerada, contudo deixam-se (assim) estas questões em aberto.

Um outro aspecto que se identifica como característico das edificações dos núcleos litorais são as *torres*(img.s287a291), que aqui se encontram representadas no edifício onde, entre os anos 1982 e 2012, se encontrou instalada a Junta de Freguesia de **Câmara de Lobos**(img.s287e288) – também não se tem conhecimento sobre a sua inicial origem ou data de construção. Estes elementos são uma constante por toda a Ilha, tendo um papel fundamental quer na arquitectura, quer na cultura locais: têm a designação de *torres* por serem elementos altaneiros e estreitos, por vezes, apenas com espaço suficiente para a escadaria que lhes acedem e, no piso superior, são rodeados de janelas – mais ou menos largas e em diferentes números. Estas tinham, quase exclusivamente, uma única função: a de se ter vista para o mar, é por isso, aliás, que também são conhecidas por *torres de ver o mar* ou *avista navios*. Esta constante necessidade de se ter algum tipo de ligação ao mar, é muito típica dos ilhéus – é uma forma de se sentirem ligados ao resto do mundo e, ao mesmo tempo, é um elemento que faz parte do seu dia-a-dia, da sua identidade pessoal e cultural.

3 – Nos lombos e na serra

3.1 A Casa de Prazer e o balcão

As casas de prazer(img.s292a295) são pequenas construções, com a dimensão de uma pequena sala, que se situam, geralmente, num dos extremos do jardim de uma quinta, adossadas aos seus muros e junto a um arruamento. Segundo consta, estas são de origem, autoria madeirense, sendo que é possivelmente uma derivação, adaptação das *Casas de Fresco* – cuja tradição, costume poderá ter sido trazido para a Ilha, pela comunidade britânica¹¹⁰ que aqui habitou durante o século XIX, uma vez que foi nesta altura que terão surgido.

Estas eram estrategicamente posicionadas de forma a ter uma boa visão sobre a paisagem, avistando-se, mais uma vez, o mar lá ao fundo.

De referir, que estas *salas* não seriam para fins menos próprios (como a sua designação pode anunciar), são assim denominadas por serem um espaço de lazer e por

110- É necessário também considerar a hipótese de terem sido trazidas pelos próprios colonizadores portugueses, uma vez que no século XVI já existiriam as Casas de Fresco nas quintas e jardins portugueses.



292- Casa de Prazer, casa com loja e balcão, trecho da antiga estrada real 25.



293- Casa de Prazer, cam. do Ribeiro Real, datada de 1944.



294 e 295- Casas de Prazer, na rua Dr. António V. Castro Jorge, no Estreito de Câmara de Lobos.



296- Balcões, Curral das Freiras - o de baixo: com banco corrido e sem vista para a paisagem.



297- Balcão (pequeno) com banco corrido, Estreito de Câmara de Lobos.

serem utilizadas para fins, actividades prazerosas como: ler, tomar chá, bordar, namoriscar, conversar; contudo a actividade que mais se praticava (e pratica) nestas casitas, é a coscuvilhice – isto porque, estando as casas mais afastadas da rua, estrada é aqui que as pessoas se reúnem e metem a conversa em dia, ao mesmo tempo que vão vendo as outras pessoas a passar lá fora.

Estes elementos arquitectónicos, por se quererem numa posição privilegiada, e pelas suas reduzidas dimensões, ganham a forma de pequena torre, cujas fachadas são peçadas de largas janelas. Por sua vez, há-os mais ou menos elaborados, com mais ou menos decorações e ornamentos e com as mais diversas formas – sendo, porém, a quadrangular e a rectangular as mais habituais.

A juntar às *casas de prazer* e às *torres de ver o mar*, temos os **balcões**(img.s296e297). Mais uma vez, estes elementos são pequenos mirantes, adossados às habitações e os quais eram utilizados *para socializar* e para actividades prazerosas.

Ao contrário dos anteriormente mencionados, os **balcões** são espaços descobertos, ao ar livre, pelo que muitas das vezes, a fim de minimizar o efeito das condições climáticas, eram encimados por latadas.

Estes elementos também ganham algumas variações, ou melhor, os madeirenses atribuem esta designação a diferentes situações: um balcão pode ser uma simples varanda larga num ponto elevado de uma habitação (espécie de mirante); ou um espaço tipo mirante (à mesma) mas com banco corrido a (quase) toda a volta.

Sendo típicas de toda a Ilha, estas estruturas também existem em abundância na faixa de território em estudo. Contudo as casas de prazer são encontradas, essencialmente, por entre **lombos**, uma vez que é aí que se situa a grande maioria das quintas; enquanto que os **balcões** existem um pouco por toda a parte e em todo o tipo de contexto (urbano, rural e serrano, mas mais nestes últimos).

De referir, também, que estes são elementos que se encontram intrínsecos à cultura madeirense, sendo recorrente, num edifício recente, verem-se reminiscências destes.

3.2 A casa em contextos rural e serrano

No que toca às casas rurais e serranas, a meu ver, seria possível dividi-las, separá-las em dois grandes grupos: as casas junto a arruamentos (nos lombos) e as casas inseridas em meio, estrutura rural, serrana – não se quer, com isto, dizer que só existem dois géneros de edificação (bem pelo contrário, e por vezes as características de umas são inerentes às outras), optou-se por esta divisão por questões operativas.

Ao longo dos arruamentos que encimam os **lombos**, encontram-se as mais variadas formas edificadas e com as mais diversas características, contudo destacam-se duas: a de uso unicamente habitacional(img.s298e299); e a de habitação no primeiro piso e comércio no piso térreo(img.s300e304). Por sua vez, estas não são todas iguais, contudo possuem algumas características em comum.

298 a 304- Casas nos lombos.



298- Casa nos lombos, antiga estrada real 25, Estreito de Câmara de Lobos.



299- Casa nos lombos com balcão, antiga estrada real 25, Estreito.



300- Casa nos lombos com loja e balcão, antiga estrada real 25, Câmara de Lobos.



301 e 302- Casa nos lombos com loja, cruzamento da antiga estrada real 25 com o caminho Velho da Boca da Corrida.



303- Casa nos lombos com loja, cruzamento de eixo viário com travessa da capela de N^a Sr^a da Consolação, Jardim da Serra.



304- Casa nos lombos com loja, cruzamento de dois eixos viários (com entrada lateral para piso superior).

305 a 306- Casas na serra.



305- Casa na serra inserida em estrutura agrícola, Curral das Freiras.



306- Casa na serra com balcão e latada, Curral.

No caso das habitações (de características tradicionais), regra geral: dispõem-se perpendicularmente às vias, seguindo o movimento dos muros dos **poios**; são de dois pisos e o acesso ao arrumamento é feito através de um pequeno terraço, varanda ou **balcão**, à cota do primeiro piso; separa-a da rua um muro, interrompido pelo portal da casa; acompanham-lhes sempre um espaço vivencial exterior (para além do balcão), geralmente coberto por latada – ao nível do piso térreo ou do primeiro piso ou em ambos – e um pequeno jardim – mesmo que formado por canteiros; nas suas proximidades existem ainda, as suas hortas. Desta forma, pode dizer-se que inserem-se totalmente num contexto rural – mesmo encontrando-se nas imediações dos *núcleos centrais*.

No caso das construções com dupla funcionalidade, normalmente: dispõem-se paralelamente à via; têm, obviamente, dois pisos (ou mais, mas muito raro); o acesso ao piso superior é feito por escadaria (acedida lateralmente ou com acesso através de portão na fachada voltada para a rua); algumas vezes o piso superior é ligeiramente mais recuado – formando-se uma varanda. Quando na confluência de dois arruamentos (que normalmente se encontram a cotas distintas) o acesso ao piso superior é feito a partir da via à cota mais alta, enquanto o estabelecimento se desenvolve ao nível inferior.(img.s 301 a304) Estas construções situam-se em arruamentos acompanhados por edificado mais ou menos disperso e as suas lojas, espaços comerciais encontram-se (na sua maioria) desocupados – isto deve-se, essencialmente, à progressiva *emergência*, eminência dos *núcleos centrais*.

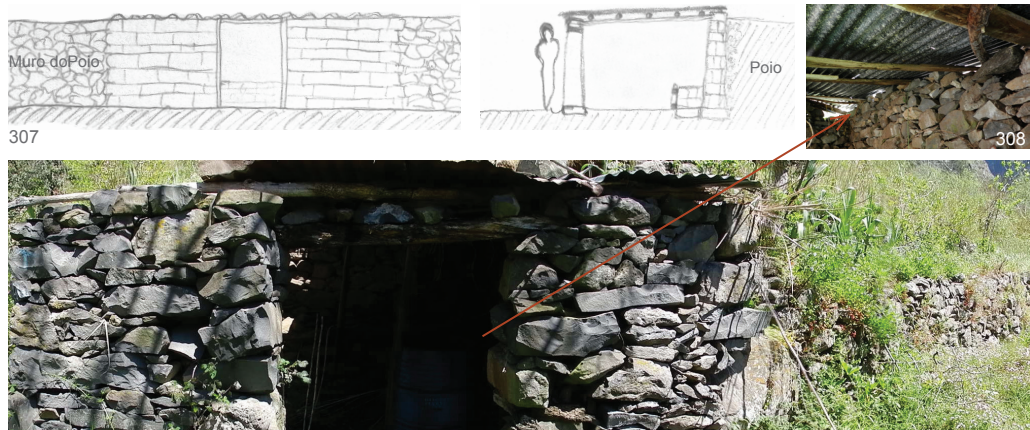
Como já se viu, no *núcleo serrano*, são os elementos agrícolas que estruturam o edificado, assim sendo tem-se que, na sua maioria: situam-se, paralelos(img.305) às **veredas** e **levadas**, ou na sua perpendicular(img.306), mas sempre a acompanhar os muros dos terrenos aráveis – uma vez que aproveitam as diferentes cotas, para *moldarem* os seus dois pisos habituais; a presença de **balcões**, latadas e jardins, também são uma constante. Por sua vez, umas encontram-se *embutidas* nos terrenos agrícolas, pelo que só têm uma frente; enquanto outras, elevam-se um pouco a cima destes(img.305), ganhando suas frentes. Algumas ainda, têm nas suas proximidades ou adossados pequenos palheiros ou lojas para arrumo das ferramentas agrícolas ou armazenamento de *produtos* da terra (img.316).

De um modo geral, estas edificações encontram-se numa estreita relação de proximidade de umas com as outras, ganhando, assim, as dinâmicas inerentes, próprias das pequenas aldeias.

3.3 Os palheiros

À semelhança do que acontece nos edifícios anteriores, estas construções integram-se totalmente na estrutura agrícola em que se inserem, repetindo-se um pouco por toda a parte da Ilha quanto tenha terrenos aráveis e ganhando as mais diversas formas.

Estas são estruturas, regra geral, muito rudimentares e cuja edificação e técnica construtiva remonta aos primórdios da colonização madeirense.



307 a 309- Palheiro adossado e embutido em muro de poio, Curral das Freiras.



310 a 313- Palheiro de duas águas com aproveitamento do desvão, Curral das Freiras.



314 e 315- Palheiro de duas águas com aproveitamento do desvão e acesso lateral a este, Curral.



316- Casa na serra com palheiro adossado, Curral.

De um modo muito generalizado, poderíamos dividi-las em dois géneros: aquelas que se encontram *embutidas* nos **poios**(img.s307a309); e as de duas águas que, muitas vezes, se encontram adossadas aos muros dos socalcos(img.s310a315) – ambas têm (na sua maioria) a premissa de aproveitamento dos muros já existentes, numa evidente forma de redução de esforços e meios e de aproveitamento de espaço.

No primeiro caso, estas construções *fundem-se* com o terraço que as abarca, ganhando quase o feitio de *furna*. Aqui, regra geral, só possuem uma *fachada*, em estreita relação de continuidade com os muros – denota-se, contudo, um maior cuidado, aparelhamento das pedras que conformam as paredes destes palheiros, em detrimento das dos socalcos. Estas construções ganham a altura dos muros que as comportam, por isso, por vezes, têm *pé-direito* reduzido. O seu único vão, abertura corresponde ao da porta e a sua cobertura, costuma ser de zinco – embora não acredite que esta tenha sido o seu primitivo tipo de cobertura. No seu interior, de frente para a porta, encontra-se uma manjedoura – formada por pedras – que ocupa toda a extensão do pequeno compartimento.

Na segunda variante, as estruturas são ligeiramente mais complexas: normalmente, de duas águas e fachadas laterais em empena; também não possuem vãos para além dos das portas; mantém-se a organização espacial, com a manjedoura ao fundo; são encontradas com diversos materiais a servir de cobertura, sendo que o tradicional, original seria o cobrimento em colmo – muitas foram substituídas por zinco, por uma maior facilidade de manutenção – contudo existem algumas que são cobertas por telhado. Esta estruturação (em duas águas), resulta numa outra forma de aproveitamento de espaço, uma vez que se utiliza o desvão como segundo *piso*, onde se armazenam produtos da terra ou ferramentas de trabalho agrícola. Em alguns destes casos, aproveita-se a estratificação do terreno, de forma a poder-se aceder a estes espaços (superiores) através de uma segunda porta. De referir, ainda, que estes palheiros eram (e são), muitas vezes, acompanhados por outras estruturas: como pocilgas ou pequenos currais exteriores.

Estas construções podem encontrar-se nas imediações das habitações, adossadas a estas ou no meio de vastos terrenos agrícolas, pelo que vão desde: o fazer parte integrante da organização espacial e estrutural das casas rurais e serranas; a serem volumes completamente autónomos e isolados. Quando *isolados*, ganham uma maior *dimensão*, pois correspondem quase que a uma (re)afirmação da presença humana por entre **lombos**, vales e montanhas.

Por sua vez, é possível identificar, por toda a Ilha, outras variantes destes dois géneros de palheiros, cuja principal diferença é o inserirem-se, adossarem-se no e ao próprio terreno rochoso. Assim sendo, temos aqueles que são (*meras*) furnas escavadas nas rochas(img.s317a320) e aqueles que (também derivados de um processo de escavação) aproveitam as formações rochosas para conformar as suas paredes(img.s321e325) – que, por sua vez, suportam a cobertura.

Actualmente, nesta(s) última(s) situação(s) encontram-se, mais comumente,



317 a 320- Furnas no Curral das Freiras.



321 a 325- Palheiros nos lombos, Ponta do Pargo (Calheta).

coberturas em zinco, contudo acredita-se que inicialmente o colmo seria o material de eleição. Do mesmo modo, também se depara com *interpretações* (mais) *modernas* dos tradicionais palheiros de pedra – com paredes em tijolos, blocos.

É importante referir que, na própria Ilha, as edificações aqui descritas, enumeradas adquirem muitas e diferentes variantes construtivas e de materialidade; havendo, mesmo, construções típicas, próprias de determinados lugares – como o caso das *populares* Casas de Santana^{III} (casas de meio-fio, com cobertura em colmo e estrutura em madeira). Contudo, as suas premissas e a forma como se organizam, no território, são semelhantes, idênticas.



111- Casa de Santana, de meio-fio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a análise visou a compreensão das várias dinâmicas espaciais e vivenciais, exercidas na Ilha ao longo do tempo e, para isso, foi necessário observar o território e sua paisagem a partir de várias escalas – partindo-se, de modo geral, do *todo* para o *particular*. Também se verificaram situações em que o *particular* se estendeu (ou estende) ao *todo*. Do mesmo modo, procurou fazer-se estas aferições tendo como ponto de partida as ferramentas e instrumentos do campo disciplinar da arquitectura que, como se percebeu, não se podem cingir apenas a uma observação (linear) do local, da construção – há que extrapolá-los para a percepção, compreensão do lugar, da sua morfologia, da sua essência e das pessoas que o habitam.

Assim, foi possível perceber as inúmeras alterações que foram surgindo na Ilha ao longo de cerca de quinhentos anos de presença humana – algumas dessas alterações terão sido progressivas e lentas, outras drásticas e repentinas; contudo, todas se pautaram por uma estreita relação e constante dualidade entre forma do território e forma construída e de vida. Por sua vez, é importante recordar que esta porção de terra foi uma das primeiras a ser colonizada (além mar) pelos portugueses, pelo que muitas das *aprendizagens* que aqui se fizeram foram, posteriormente, transpostas para outras colonizações. Um outro aspecto a reter é o da importância dos eixos viários (mais ou menos rudimentares), na forma como se foi apropriando e vivenciando o território madeirense.

Esta trata-se de uma pequena análise, cujas premissas teriam muitos mais aspectos a explorar. Ainda assim, este tipo de estudo ganha relevante importância no processo de aprendizagem de um arquitecto, na medida em que forma o seu *olhar* e informa os seus projectos. Isto é: possibilita *treinar, desenvolver* a maneira como o arquitecto observa, explora e estuda os locais de intervenção e respectivo *público-alvo*; e, consequentemente, permite a aquisição de competências, informações que se vêem, depois, rebatidas nos projectos. Desta feita, pode dizer-se que, com o decorrer deste trabalho, fui percebendo uma notável transformação na forma como passei a *olhar* para o território, espaços que me envolvem sendo que, não raras vezes, dei por mim a tentar *decifrar* os seus princípios de estruturação e de organização espacial, bem como a sua essência. Contudo, tenho plena consciência de que este corresponde a apenas mais um pequeno passo no longo percurso e processo de aprendizagem que ainda me espera.

Por outro lado, a sistematização deste tipo de *treino* (ou de estudo prévio) traria muitas *mais-valias* para o campo da arquitectura (e urbanismo), uma vez que permitiria, por exemplo, que houvessem menos situações de ruptura dos sistemas sociais e dos tipos de vivências das populações.

Neste trabalho e faixa de território deparámo-nos, precisamente, com um claro exemplo deste género de rupturas – advindas das consecutivas acções, tentativas de resolução do “problema social” do bairro de pescadores do Ilhéu. Ao longo do tempo, as *soluções* encontradas só vieram disseminar a situação, pois nunca se procurou perceber

quais as dinâmicas locais e a forma como esta comunidade vive o espaço.* Assim, destruiu-se um Forte para construir um bairro (1945), demoliu-se um bairro para construir um jardim (2004) e construíram-se novos bairros (1982, 2004) que resultaram, não numa solução, mas numa deslocação do *problema*.

* Não quero, com isto, dizer que o campo disciplinar da arquitectura tem a total capacidade de *resolução* destas situações – possibilitando, contudo, que estas tenham um menor impacto nos sistemas em que se inserem.

Por fim, é importante referir que, apesar de se ter utilizado este *excerto* de território como forma, meio de compreensão do seu todo, a verdade é que **Câmara de Lobos** não pode ser tido como representativo dos núcleos de pescadores madeirenses, nem **Curral das Freiras** modelo de povoados serranos – uma vez que o carácter de cada povoação depende, antes de mais, do sítio onde se implanta e a costa madeirense é tudo menos regular, tal como a *cratera* do **Curral** corresponde a um momento *especial*, singular deste território.

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

Img. 01. Posição do Arquipélago da Madeira no Oceano Atlântico, p. 8

(Desenho da Autora com base em foto-satélite – Google Earth, 2013)

Img. 02. Planta hipsométrica do Arquipélago da Madeira e divisões administrativas - Madeira, Porto Santo e Desertas (s/ Selvagens), p.8

(Desenho da Autora, 2014)

Documento que permitiu a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. 03. Planta esquemática de declives da ilha da Madeira, p.10

(Desenho da Autora, 2014)

Documento que permitiu a construção do desenho:

."Cartograma representativo das classes de declive na Madeira", em *GEORISCO: Análise, Gestão e Operacionalização do Risco, Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos*.

Img. 04. Planta esquemática de usos do solo, p.10

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Planta de Uso do Solo, em <http://mapas.geocidmadeira.com/>.

Img. 05. Hipsometria, (principais) ribeiras e linhas de fecho solo, p.10

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. 06. Localização e identificação dos povoados em estudo, p.12

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. 07. Divisão administrativa de Câmara de Lobos.(concelho, freguesias e sítios), p.14

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. 08. Carta da exposição solar do Concelho de Câmara de Lobos, p.16.

(Desenho da Autora, 2014)

Documento que permitiu a construção do desenho:

."Carta de Exposição Solar", em *GEORISCO: Cartografia de base e temática, Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos*.

Img.s 09. e 10. Portulano de 1339, por Angelino Dulcert, p.18.

(Portulano de Angelino Dulcert, Agosto de 1339, em <http://commons.wikimedia.org/>)

Img.s 11. E 12. Portulano de c. 1413, por Mecia de Viladestes, p.18.

(Mecia de Viladestes, 1413, em <http://commons.wikimedia.org/>)

Img. 13. Capitanias-donatárias da Madeira, na segunda metade do séc. XVII (a rosa - Funchal; amarelo - Machico), p.20.

(Mapa da Madeira de F. de Wit, segunda metade do séc. XVII, em <http://pt.wikipedia.org/>)

Img. 14. Povoações da Ilha no tempo e no espaço (a maiúsculas as actuais sedes de concelho), p.20.

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Mapa IV, em RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, (1949) 1985.

Img. I5. Povoamentos séc. XV, p.22.

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Mapa IV, em RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*.

Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, (1949) 1985.

Img. I6. Povoamentos séc. XVI, p.22.

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Mapa IV, em RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*.

Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, (1949) 1985.

Img. I7. Povoamentos séc. XVII, p.24.

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Mapa IV, em RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*.

Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, (1949) 1985.

Img. I8. Povoamentos séc. XVIII e XIX, p.24.

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Mapa IV, em RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*.

Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, (1949) 1985.

Img. I9. Assentamento linear, Santa Cruz (costa sudeste), (2011) p.26.

(Foto em http://www.ii.uib.no/~petter/mountains/I500mtn/Madeira/3998_madeira.jpg)

Img. 20. Cotas médias-altas de Câmara de Lobos e Funchal, p.26.

(Foto da Autora, 2013)

Img. 21. Aglomerado do Caniçal (nascente), (2011) p.26.

(Foto em http://www.ii.uib.no/~petter/mountains/I500mtn/Madeira/3995_canical.jpg)

Img. 22. Arco de São Jorge (costa norte), p.26.

(Foto da Autora, 2013)

Img. 23. Assentamento linear, Calheta (costa sudoeste), p.26

(Foto-satélite – Google Earth, 2010)

Img.24. Planta esquemática da distribuição do edificado, (2014) p.26

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Mapa VII, em RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*.

Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, (1949) 1985.

Img. 25. Cidade de Machico, (2011) p.28.

(Foto em http://www.ii.uib.no/~petter/mountains/I500mtn/Madeira/3996_machico.jpg)

Img. 26. Cidade do Funchal (2008) p.28

(Foto em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=639649&page=3>)

Img.s 27. a 29. Construção dos poios, p.30

(Desenhos à mão levantada da autora, 2014)

Img.s 28. a 35. Tipos de disposição de Muros de Suporte, p.30

(Desenhos à mão levantada da autora, 2014)

Img.s 36. a 40. Acessos aos poios, p.30

(Desenhos à mão levantada da autora, 2014)

Img.s 41 a 47- Construção da levada do Norte, (anos 40-60, do séc. XX) p. 32(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/levadas-e-veredas/>)**Img. 48. Sistema de rega (exemplo), p. 34**

(Desenho e fotos da Autora, 2014)

Img. 49. Pico do Areeiro, p.36

(Foto da Autora, 2014)

Img. 50. Levada Nova, Tabua, Ribeira Brava, p.36

(Foto da Autora, 2014)

Img. 51. Levada dos Piornais (à direita a Ribeira dos Socorridos), p.36(Foto de Jonathan Blair, National Geographic. em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)**Img.s 52. e 53. Levada secundária, Ponta do Pargo, p.36**

(Fotos da Autora, 2014)

Img. 54. Caminho do Palheiro (hoje asfaltado), Funchal, p.36(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/canarias-e-madeira/>)**Img. 55. Principal rede hidráulica: levadas e ribeiras, p. 36**

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira – Folhas de n.º I a n.º 14 (1:25 000), 2003.

Img.s 56. a 58. Veredas, p.38

(Fotos da Autora, 2013)

Img. 59. Principais veredas da Ilha, p.38

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira – Folhas de n.º I a n.º 14 (1:25 000), 2003;

.http://www.openstreetmap.org/#map=14/32.6894/-16.9742&layers=C

Img. 60. Rede de caminhos pedestres: levadas e veredas, p.38

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira – Folhas de n.º I a n.º 14 (1:25 000), 2003;

.http://www.openstreetmap.org/#map=14/32.6894/-16.9742&layers=C

Img. 61. Ribeira da Janela, Porto Moniz, 1940, p.40(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)**Img. 62. Calheta, c. 1943, p.40**(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)**Img. 63. Vale de Machico, déc. 70 do séc. XX, p.40**(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)**Img. 64. Ribeira dos Socorridos, déc. 70 do séc. XX, p.40**(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)**Img. 65. Cruzinhas do Faial, Santana, (s.d.) p.40**(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)**Img. 66. Estreito de Câmara de Lobos, (s.d.) p.40**(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 67. Câmara de Lobos (Picos da Torre e do Facho), 2013, p.40

(Foto da Autora, 2013)

Img. 68. Esquema geral do aproveitamento hidro-agrícola da ilha da Madeira, p.42

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.*Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira* – Folhas de n.º1 a n.º14 (1:25 000), 2003;

.“Esquema Geral dos aproveitamentos hidroagrícolas e hidroelétricos da ilha da Madeira”, em PORTUAL, Ministério das Obras Públicas. *O aproveitamento da água na Ilha da Madeira*, 1969.

Img.s 69. e 70. (Antiga)Estrada Real 27 (Santo António - Curral das Freiras - Boaventura), (s.d.) p.44

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 71. Abertura da Estrada do Curral, (c.1960) p.44

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img.s 72. e 73. Capela da Alegria, São Roque, Funchal (s.d.) p.44

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img.s 74. a 76. Caminho, estrada e via-expresso entre São Vicente e Porto Moniz (Ribeira do Inferno), (s.d.) p.44

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img.s 77. a 78. Pico do Rancho, Câmara de Lobos, (s.d.) p.44

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 79. Planta das áreas e densidades urbanas, na relação com as principais redes: viária(estradas e veredas) e hidráulica (ribeiras e levadas), p.46

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.*Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira* – Folhas de n.º1 a n.º14 (1:25 000), 2003; .<http://www.openstreetmap.org/#map=14/32.6894/-16.9742&layers=C>;

.Plantas de Ordenamento e Planta de Uso do Solo, em <http://mapas.geocidmadeira.com/>;

.Planta das Estradas da Madeira, em <http://www.estradasdamadeira.pt/>

Img. 80. Principal rede de estradas da Madeira, p.46

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Planta das Estradas da Madeira, em <http://www.estradasdamadeira.pt/>

Img. 81. Planta de áreas e densidades urbanas, p.46

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Plantas de Ordenamento e Planta de Uso do Solo, em <http://mapas.geocidmadeira.com/>

Img. 82. Rede de caminhos pedestres na relação com as áreas urbanas, p.46

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.*Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira* – Folhas de n.º1 a n.º14 (1:25 000), 2003; .<http://www.openstreetmap.org/#map=14/32.6894/-16.9742&layers=C>;

.Plantas de Ordenamento e Planta de Uso do Solo, em <http://mapas.geocidmadeira.com/>

Img. 83. Câmara de Lobos: distribuição e organização, p.48

(Desenho da Autora, 2013)

Documentos que permitiram construção do desenho:

.Planta de Terreno, in Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. 84. Caniço (1940), p.50

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 85. Caniço, p.50

(Foto da Autora, 2014)

Img. 86. Estreito de Câmara de Lobos (c.1949), p.50

(Foto em RIBEIRO. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*, (1949)1985.)

Img. 87. Estreito de Câmara de Lobos, p.50

(Foto da Autora, 2013)

Img. 88. Porto Moniz (c. séc. XX), p.50

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 89. Porto Moniz, p.50

(Foto da Autora, 2012)

Img. 90. Machico (1968), p.50

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 91. Machico, p.50

(Foto da Autora, 2014)

Img.s 92. a 94 Funchal visto do Pico dos Barcelos (década de 50, séc.XX), p.52

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 95. Funchal visto do Pico dos Barcelos, p.52

(Foto da Autora, 2014)

Img. 96. Planta esquemática com a área de influência do Pico do Facho e relação com pontos notáveis, p.52

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, Plantas de Ordenamento e Planta de Uso do Solo, em <http://mapas.geocidmadeira.com/>;

.Planta das Estradas da Madeira, em <http://www.estradasdamadeira.pt/>;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. 97. Paisagem em meio urbano - Câmara de Lobos, p.54 (Foto da Autora, 2013)

Img. 98. Paisagem em meio urbano no litoral vs Paisagem em meio rural nos lombos e lombadas - Câmara de Lobos, p. 54

(Foto da Autora, 2013)

Img. 99. Paisagem em meio serrano - Curral das Freiras, p.54

(Foto da Autora, 2013)

Img. 100. Paisagem em meio Rural - Estreito de Câmara de Lobos e Jardim da Serra (vista do Pico da Torre), p.54

(Foto da Autora, 2013)

Img. 101. Planta esquemática com a área de influência visual do Pico do Facho e Identificação de outros pontos com toponímia (Pico, Cabeço...) relacionada com o sistema de Vigias e/ou notáveis(com eminência e relevância na percepção e defesa do território) - especial atenção na leitura da costa de Câmara de Lobos e baía do Funchal, p.56

(Desenho da Autora, 2014)

Documento que permitiu a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. 102. Planta esquemática com a área de influência do Pico do Facho e relação com pontos notáveis, p.56 (Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I03. Planta esquemática de declives, p. 58

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

."Cartograma representativo das classes de declive na Madeira", in *GEORISCO: Análise, Gestão e Operacionalização do Risco, Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos*, 2011.

Img.s I04. e I05. Cortes pela linha de profusão no território(que liga a vila de Câmara de Lobos ao Curral das Freiras), p.58

(Desenho da Autora, 2014)

Documento que permitiu a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. I06. Relações de orientação marítima por reconhecimento visual, p.60

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img.s I07. e I08. Relações de orientação marítima por reconhecimento visual, p.60

(Desenho da Autora (2014), sobre perfis da costa madeirense de c. 1700-1900 (s.i), in <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/01/I-IA-92/9934-I-IA-92.jpg>)

Img. I09. Relações de orientação marítima por reconhecimento visual, (1864) p.60

(Exerto de: AZEVEDO, Bateria do Canaveal, 1864, in <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/>)

Img. I10. Câmara de Lobos - anfiteatro natural, p.62

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I11. Corte pelo Pico da Torre e Ilhéu, p.62

(Desenho da Autora, 2014)

Documento que permitiu a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. I12. Curral das Freiras - a cratera, p.64

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I13. Corte pela Achada, Curral das Freiras, p.64

(Desenho da Autora, 2014)

Documento que permitiu a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps.

Img. I14. Curral das Freiras, visto da Eira do Serrado, p.64

(Foto da Autora, 2013)

Img. I15. Câmara de Lobos – arruamentos, p.68

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I16. Ilhéu, p.70

(Foto da Autora, 2013)

Img. I17. Rua Direita e Ruas do século XIX, p.70

(Foto da Autora, 2013)

Img. I18. Ilhéu, visto do Caminho da Trincheira, p.70

(Foto da Autora, 2013)

Img. I19. Envolvente da Rua da Portada, a partir do Ilhéu, p.70

(Foto da Autora, 2013)

Img. I20. Baía de Câmara de Lobos, vista do Pico da Torre, p.70

(Foto da Autora, 2013)

Img. I21. Câmara de Lobos – estrutura, (2014) p.70

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img.s I22. a I27. Curral das Freiras – estrutura, (2014) p.72

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I28. Sítios da Seara Velha e do Lombo Chão, no Curral - edificado inserido em agrícola e meio serrano, p.74

(Foto da Autora, 2014)

Img. I29. Sítios da Balceira e da Capela, no Curral - edificado inserido em agrícola e meio serrano, p.74

(Foto da Autora, 2014)

Img. I30. Sítios da Achada e Casa Próximas, Curral - edificado inserido em estrutura agrícola e meio serrano, p.74

(Foto da Autora, 2014)

Img. I31. Ortofotomapa por entre lombos e lombada - cordões de estrutura aproximadamente linear, p.74

(Foto da Autora, 2013)

Img. I32. Por entre lombos (Este de Câmara de Lobos) - cordões de estrutura aproximadamente linear, p.76

(Foto da Autora, 2013)

Img. I33. Cordões de estrutura aproximadamente linear (dispersa), ao longo de estrada regional (Oeste de Câmara de Lobos, p.76

(Foto da Autora, 2013)

Img. I34. Sítio do Garachico, Estreito de Câmara de Lobos - cordões de estrutura aproximadamente linear, p.76

(Foto da Autora, 2013)

Img. I35. Câmara de Lobos - espaço público, p.78

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img.s I36. a I54 Espaços públicos de Câmara de Lobos, p.80

(Fotos da Autora, 2014)

Img. I55. Estreito de Câmara de Lobos - Espaço Público p.82

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I56. a I63. Espaços públicos do Estreito de Câmara de Lobos, p.84
(Fotos da Autora, 2013)

Img. I64. Jardim da Serra, p.84

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I65. Curral das Freiras - Espaço Público, p.86

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img.s I66 a I75- Espaços públicos do Curral das Freiras, p.88

(Fotos da Autora, 2014)

Img. I76. Câmara de Lobos - século XV, I:5.000, p.90

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I77. Câmara de Lobos - século XVI e XVII, I:5.000, p.94

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I78. Câmara de Lobos - século XIX, escala: I:5.000, p.96

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. I79. Câmara de Lobos - século XIX.Planta do Forte de São Sebastião de Câmara de Lobos (António Pedro de Azevedo Ten C.el, c.1864), p.96

(Em <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/>)

Img. I80. Câmara de Lobos - século XIX. Fortes da Ribeira dos Socorridos e Câmara de Lobos (António Pedro de Azevedo, c.1842-62), p.96

(Em <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/>)

Img. I81. Câmara de Lobos - final do século XIX p.96

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. I82. Câmara de Lobos, Frank Dillon, 1850, p.98

(Em <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/>)

Img. I83. Câmara de Lobos, Robert White, 1851 (publicação), p.98

(Em WHITE,Robert; BOTCHERBY, A.John. *Madeira, its climate and scenery:containing medical and general information*. Londo 1851, p.186 (fonte: <https://www.flickr.com/search/?q=british%20library%20catalogue>))

Img. I84. Cabo Girão, John Fredrick Eckersberg, 1852, p.98

(ECKERSBERG, John Fredrick. Cabo Girão, óleo, 1852, in <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/>)

Img. I85. Câmara de Lobos - século XX (cerca de 1983), escala: I:5.000, p.100

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps;

.Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*

.Planta em CARITA, Rui. *Vila de Câmara de Lobos: Centro Regional de Cultura*. Funchal: Cine Forum, 1983.

Img. 186. Câmara de Lobos antes da construção das ruas dos Quintais e do bairro do Ilhéu - bilhete postal das primeiras décadas do séc. XX, p.100

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img.s 187. a 189. Praia do Vigário, (séc.XX) p. 102

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 190. Baía de Câmara de Lobos em meados do século XX, p.102

(Fotos em <http://www.cm-camaradelobos.pt/>)

Img.s 191 a 193. Evolução do povoado ao longo do século XX, p.102

(Fotos em <http://www.concelhodescamaradelobos.com/>)

Img.s 194 a 196. Largo da República e Ilhéu, ao longo do século XX, p. 102

(Fotos em <http://www.concelhodescamaradelobos.com/>)

Img. 197. Principal rede viária da Ilha da Madeira - Robert White, 1857, p. 104

(Em WHITE,Robert; BOTCHERBY, A.John. *Madeira, its climate and scenery:containing medical and general information*. Londo 1857, p.359 (fonte: <https://www.flickr.com/search/?q=british%20library%20catalogue>))

Img. 198. Principais vias de comunicação no século XIX por entre lombos - linhas de profusão, escala: 1:80.000, p.104

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps; "A New Map of the island of Madeira", in WHITE,Robert; .BOTCHERBY, A.John. *Madeira, its climate and scenery:containing medical and general information*. Londo 1851, p.186 (fonte: <https://www.flickr.com/search/?q=british%20library%20catalogue>); .Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. 199. Rua da Igreja e Largo do Patim, 1925, p.106

(Foto Foto em RODRIGUES, Rita. "Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte I - Contributos para a sua história." Em *Girão: revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011). p.5)

Img. 200. Igreja, antigo cemitério e rua Cónego Agostinho Faria, c.1920, p.106

(Foto em RODRIGUES, Rita; LADEIRA, Paulo. "Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte II - Contributos para a sua história." Em *Girão: revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011) p.99)

Img. 201. Rua da Igreja, c. 1960, p.106

(Foto em RODRIGUES, Rita; LADEIRA, Paulo. "Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte II - Contributos para a sua história." Em *Girão: revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011) p.53)

Img. 202. Rua da Igreja, antes de 1960, p.106

(Foto em RODRIGUES, Rita. "Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte I - Contributos para a sua história." Em *Girão: revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*. dir. Manuel Pedro S. Freitas. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011). p.13)

Img. 203. Rua da Igreja, 1960, p.106

(Foto RODRIGUES, Rita. "Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte I - Contributos para a sua história." Em *Girão : revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011). p.9)

Img. 204. Estreito, principais vias no século XIX e núcleos centrais dos séculos XIX a XXI (inseridos na estrutura actual), p.106

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps; "A New Map of the island of Madeira", in WHITE,Robert; .BOTCHERBY, A.John. *Madeira, its climate and scenery:containing medical and general information*. Londo 1851, p.186 (fonte: <https://www.flickr.com/search/?q=british%20library%20catalogue>); .Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img. 205. Vista a partir do adro da Igreja do Estreito. Em cima à direita: caminho Velho do Fôro - via de ligação entre Estreito e Jardim da Serra, p. 108

(Foto em RODRIGUES, Rita; LADEIRA, Paulo. "Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte II - Contributos para a sua história." Em *Girão: revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011) p. 105)

Img. 206. Caminho da Azinhaga, actual rua Capitão Armando Correia, no Estreito - trecho de ligação ao Jardim da Serra, c. 1920, p. 108

(Foto em RODRIGUES, Rita; LADEIRA, Paulo. "Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte II - Contributos para a sua história." Em *Girão: revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos*. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011) p. 104)

Img. 207. Jardim da Serra, principais vias do século XIX, inseridas na estrutura actual; e marcação do núcleo central actual, p. 108

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção do desenho:

.Planta de Terreno, em Google Maps; "A New Map of the island of Madeira", in WHITE, Robert; BOTCHERBY, A. John. *Madeira, its climate and scenery: containing medical and general information*. Londo 1851, p. 186 (fonte: <https://www.flickr.com/search/?q=british%20library%20catalogue>); .Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*.

Img.s 213. a 215. Curral das Freiras em meados do século XX, p. 112

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img.s 216. a 218. Curral das Freiras - final do século XIX, p. 114

(Fotos em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 219. Edifícios religiosos no espaço e no tempo - dinâmicas espaço-visuais, p. 118

(Desenho da Autora, 2014)

Documentos que permitiram a construção dos desenhos:

.Planta de Terreno, em Google Maps; "A New Map of the island of Madeira", in WHITE, Robert; .Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*. .Informação in <http://www.concelhodecamaradelobos.com/>

Img. 220. Coroa de Igrejas Paroquiais e capelas pertencentes a fazendas - meados do século XX, p. 120

(Foto em RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, (1949) 1985)

Img. 221. Coroa de Igrejas Paroquiais e capelas pertencentes a fazendas - 2014, p. 120

(Esquema e foto da Autora, 2014)

Img. 222. Coroa de Igrejas Paroquiais - vista a partir da via-rápida no troço Funchal-Câmara de Lobos, p. 120

(Esquema e foto da Autora, 2014)

Img.s 223. e 224. Capela da Vera Cruz, p. 120

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 225. e 226. Capela de N^a Sr^a da Conceição, p. 120

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 227. e 228. Capela de N^a Sr^a da Boa Hora, p. 120

(Fotos da Autora, 2014)

Img. 229. Capela e Solar de de N^a Sr^a da Nazaré, p. 120

(Foto da Autora, 2014)

Img.s 230. e 231. Capela de N^a Sr^a das Preces (s.d.), p. 120

(Fotos em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/>)

Img.s 232. e 233. Capela de São João (s.d. e 2013), p. 120

(Fotos em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/> e da Autora, respectivamente)

Img. 234. Solar e Capela de N^a Sr^a da Encarnação (s.d.), p. I20

(Foto em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/>)

Img. 235. Capela de N^a Sr^a da Consolação, p. I20

(Foto da Autora, 2013)

Img. 236. Capela de São Cândido, p. I20

(Foto da Autora, 2013)

Img. 237. Capela de Sant'Ana, p. I20

(Foto da Autora, 2013)

Img. 238. Solar e Capela das Almas, p. I20

(Foto da Autora, 2013)

Img. 239. Capela N^a Sr^a das Dores, p. I20

(Foto da Autora, 2013)

Img. 240. Quinta e Capela de Santo António (s.d.), p. I20

(Foto em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/>)

Img. 241. Convento e Capela de N^a Sr^a da Piedade, p. I20

(Foto da Autora, 2013)

Img. 242. Capela de São Cristóvão, p. I20

(Foto da Autora, 2013)

Img. 243. Cap do Calvário (séc.XX e 2013), p. I20

(Foto em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/> e da Autora, respectivamente)

Img. 244. Capela N^a Sr^a de Fátima (início séc.XX e 2013), p. I20

(Foto em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/> e da Autora, respectivamente)

Img.s 245. a 256. Igrejas, p. I22

(Fotos da Autora, 2013)

Img.s 257. a 260. Igreja de São Sebastião, p. I24

(Fotos da Autora, 2013)

Img.s 261. e 262. Igreja de N^a Sr^a da Graça, p. I24

(Fotos da Autora, 2013)

Img. 263. Capela do Espírito Santo, p. I26

(Foto da Autora, 2014)

Img.s 264. a 267. Capela de N^a Sr^a da Conceição, p. I26

(Fotos da Autora, 2013)

Img. 268. Projecto de reabilitação e restauro do Convento de São Bernardino, de Victor Mestre, p. I26

(Projecto em <http://www.vmsa-arquitectos.com/home.html>)

Img. 269. Convento de São Bernardino (actualmente em obras), (s.d.) p. I26

(Foto em <http://www.cm-camaradelobos.pt/>)

Img. 270. Quinta do Jardim da Serra, construída no início do séc. XIX, (2013) p. I28

(Foto da Autora, 2013)

Img. 271. Quinta do Estreito, datada da primeira décadas do séc. XX, p. I28

(Foto em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/>)

Img. 272. Solar da Quinta de São João, (possivelmente) do séc. XVII ou anterior, p. I28

(Foto em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/>)

Img. 273. Forno da Cal, p. 128

(Foto da Autora, 2013)

Img. 274. Casas de Colmo no Ilhéu (e Forte de São Sebastião). (final séc.XIX - início séc.XX), p. 130

(Foto em <http://www.concelhodecamaradelobos.com/>)

Img. 275. Casas de Colmo no Ilhéu e bairro dos pescadores na Vila. (final séc.XIX - início séc. XX), p. 130

(Foto de João Francisco Camacho in <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 276. Construções de Colmo, rua Nova da Praia. (bilhete postal em circulação em 1900), p. 130

(Imagem em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 277. Casas, edifícios de duas frentes, p. 132

(Foto da Autora, 2014)

Img. 278. Edifícios de duas frentes, relação entre as composições dos alçados, p. 132

(Esquema e Foto da Autora, 2014)

Img.s 279. e 280. Edifício de duas frentes, Bar Nº2, p. 132

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 281. e 282. Edifício de duas frentes, Bar do Mar, p. 132

(Fotos da Autora, 2014)

Img. 283. Meia-casa, Caminha, Viana do Castelo, (s.d.) p. 132

(Planta em CRUZ, Maria Alfreda. "Caminha. Evolução e estrutura duma antiga vila portuária.", *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa. Vol. II, nº 3 (1967). p.115; E foto em TORRES BENTO, Paulo. *Ruas de Caminha, toponímia e história da vila da foz do Minho*. Junta de Freguesia de Caminha Agrupamento de Escolas Coura e Minho, Caminha: Atelier Rui Cunha design, 2009)

Img.s 284. e 285. Edifícios da rua Direita, Câmara de Lobos, p. 134

(Fotos da Autora, 2013)

Img. 286. Principais arruamentos da Ribeira Brava, nos anos 60 - 70 do séc. XX, p. 134

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img.s 287. e 288. Torre de ver o mar da antiga junta de freguesia de Câmara de Lobos, p. 134

(Fotos da Autora, 2013)

Img. 289. Casa de Prazer e Torre, Câmara de Lobos, p. 134

(Foto da Autora, 2013)

Img. 290. Torres de ver o mar e Casa de Prazer, Funchal. (séc.XX), p. 134

(Imagem em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img.s 287. e 288. Torre de ver o mar da antiga junta de freguesia de Câmara de Lobos, p. 134

(Fotos da Autora, 2013)

Img. 289. Casa de Prazer e Torre, Câmara de Lobos, p. 134

(Foto da Autora, 2013)

Img. 290. Torres de ver o mar e Casa de Prazer, Funchal. (séc.XX), p. 134

(Imagem em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 291. Torres de ver o mar, nas proximidades do largo do Colégio, Funchal. (s.d.), p. 134

(Foto em <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>)

Img. 292. Casa de Prazer, casa com loja e balcão, trecho da antiga estrada real 25, p. 136

(Foto da Autora, 2014)

Img. 293. Casa de Prazer, cam. do Ribeiro Real, datada de 1944, p. 136

(Foto da Autora, 2014)

Img.s 294. e 295. Casas de Prazer, na rua Dr. António V. Castro Jorge, no Estreito de Câmara de Lobos, p. 136

(Foto da Autora, 2014)

Img. 296. Balcões, Curral das Freiras - o de baixo: com banco corrido e sem vista para a paisagem, p. 136

(Foto da Autora, 2014)

Img. 297. Balcão (pequeno) com banco corrido, Estreito de Câmara de Lobos, p. 136

(Foto da Autora, 2014)

Img.s 298. a 304. Casas nos lombos, p. 138

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 305. a 306. Casas na serra, p. 138

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 307. a 309. Palheiro adossado e embutido em muro de poio, Curral das Freiras, p. 140

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 310. a 313. Palheiro de duas águas com aproveitamento do desvão, Curral das Freiras, p. 140

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 314. e 315. Palheiro de duas águas com aproveitamento do desvão e acesso lateral a este, Curral, p. 140

(Fotos da Autora, 2014)

Img. 316. Casa na serra com palheiro adossado, Curral, p. 140

(Foto da Autora, 2014)

Img.s 317. a 320. Furnas no Curral das Freiras, p. 142

(Fotos da Autora, 2014)

Img.s 321. a 325. Palheiros nos lombos, Ponta do Pargo (Calheta), p. 142

(Fotos da Autora, 2014)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUITECTURA

CARITA, Rui. *Arquitectura Militar na Madeira nos séculos XVI e XVII*. Vol.I. Funchal: Universidade da Madeira, 1998.

CARITA, Rui. *Introdução à arquitectura militar na Madeira: a Fortaleza - Palácio de São Lourenço*. Funchal: SRECDRAC, 1981.

FERNANDES, José Manuel. *Cidades e Casas da Macaronésia: evolução do território e da arquitectura doméstica nas ilhas atlânticas sob influência portuguesa, quadro histórico do séc. XV ao séc. XVIII*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura, 1996.

GALHANO, Fernando. OLIVEIRA, Ernesto Veiga. *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: D. Quixote, 1992.

GALHANO, Fernando. OLIVEIRA, Ernesto Veiga. *Arquitectura Popular em Portugal, Ilhas Adjacentes e Ultramar*. Vol. I. Lisboa: Editorial Verbo, 1968.

GOMES, João dos Reis. *Casas Madeirenses*. Colaboração artística de Edmundo Tavares. Funchal: Diário da Madeira, 1937.

MESTRE, Victor. *Arquitectura Popular da Madeira*. Lisboa: Argumento – Edições Estudos e Realizações, 2002.

TEIXEIRA, Cláudia R. Q.. *A arquitectura vernacular da Madeira: tradição, identidade e sustentabilidade*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009.

VASCONCELOS, Teresa. *Arquitectura na Madeira: Anos 30 do Século XX Contributos de Carlos Ramos e Edmundo Tavares, in trabalho apresentado ao Seminário de Organização e Legislação Autárquica, do Mestre em História e Cultura das Regiões*, Funchal, 2001.

GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

QUINTAL, Raimundo; VIEIRA, Maria José. *Ilha da Madeira: Esboço de Geografia Física*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, s.d.

IGEO, Instituto Geográfico do Exército: *Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira*. Folhas de n.º1 a n.º14 (1:25 000), Lisboa, 2003.

Georisco_ *Análise, Gestão e Operacionalização do Risco: Relatório Compósito do Plano Director Municipal de Câmara de Lobos*. Município de Câmara de Lobos: Departamento de Gestão e Ordenamento do Território, 1 de Julho de 2011

RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*. Trad. De Maria do Rosário P. Raposo, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1985.

SARMENTO, Alberto Artur. *Corografia Elementar do Arquipélago da Madeira*. 2ª ed., s.n., Funchal, 1936.

Cartografia impressa dos séculos XVI e XVII : imagens de Portugal e ilhas atlânticas. - Lisboa : C.N.C.D.P..

HISTÓRIA E CULTURA

ALBUQUERQUE, Luís de; VIEIRA, Alberto. *O Arquipélago da Madeira no século XV*, Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1987.

ARAGÃO, António, *A Madeira Vista por Estrangeiros: 1455-1700*. Funchal: SREC-DRAC, 1981.

AUGUSTO DA SILVA, Fernando; MENESES, Carlos Azevedo. *Elucidário Madeirense*, 3 volumes. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, 1998.

AUGUSTO DA SILVA, Fernando. *Vocabulário popular do Arquipélago da Madeira*. Funchal: Junta Geral, 1950.

BRANDÃO, Raul. *As ilhas desconhecidas: notas e paisagens*. Rio de Janeiro: Aillaud e Bertrand, 3.ª Ed., 1926.

BRANCO, Jorge Freitas. *Camponeses da Madeira, as bases materiais do quotidiano no Arquipélago (1750-1900)*. 1ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

COSTA, Manuel Rafael Amaro da. "O aproveitamento da água na Ilha da Madeira", *Das Artes e da História da Madeira*. Funchal. Vol. I, nº 4 (Novembro-Dezembro 1950), p. 18; Vol. I, nº 5 (Janeiro-Fevereiro 1950), p. 14-21.

COSTA, Manuel Rafael Amaro da. "Os Aproveitamentos hidráulicos da Madeira", *Das Artes e da História da Madeira*. Funchal. Vol. II, nº 11 (Março-Abril 1952). p. 6-13: il.

DIAS, Jorge; GALHANO, Fernando. *Aparelhos de Elevar a Água de Rega*. 2ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986. 1ª pub. 1953.

FERREIRA, Padre Manuel Juvenal Pita. *O infante D. Henrique e a descoberta e povoamento do Arquipélago da Madeira*. Funchal: [s.n.], 1960.

FERREIRA, Padre Pita. "Notas para a História da Ilha da Madeira: descoberta e início do povoamento", *Das Artes e da História da Madeira*. Funchal. Vol. IV, nº 22 (1956). p. 1-16.

FERREIRA, Padre Pita. "Notas para a História da Ilha da Madeira: descoberta e início do povoamento", *Das Artes e da História da Madeira*. Funchal. Vol. IV, nº 23 (1956). p. 11-25.

FRUTUOSO, Gaspar. *Livro Segundo das Saudades da Terra*. 2ª ed., Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1968.

LEITE, Jerónimo Dias. *Descobrimento da Ilha da Madeira*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1974.

NUNES, Eduardo. *Levada do Norte (Ribeira Brava-Câmara de Lobos). Reportagem da execução e da inauguração*. Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, 1952.

PEREIRA, Eduardo. C.N.. *Ilhas de Zargo*. Funchal: Câmara Municipal, 1940.

PEREZ, Damião. *A Madeira sob os donatários séc. XV e XVI*. Funchal: edição do autor, 1914.

PETIT, Eduarda Maria Sousa Gomes. *A Madeira na primeira metade de setecentos*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2009.

PICKENS, Andrew. *Madeira Illustrated by Andrew Picken, with a description of the Island*. Edição de Dr James Macaulay, M. A., 1840.

PORTUGAL, Ministério das Obras Públicas. *O aproveitamento da água na Ilha da Madeira*. Funchal: Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, 1969.

RODRIGUES, Rita. *Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte I - Contributos para a sua história*. Em *Girão* : revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos. dir. Manuel Pedro S. Freitas. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011).

RODRIGUES, Rita; LADEIRA, Paulo. *Igreja de Nossa Senhora da Graça do Estreito de Câmara de Lobos: Parte II - Contributos para a sua história*. Em *Girão* : revista de temas culturais do concelho de Câmara de Lobos. dir. Manuel Pedro S. Freitas. Estreito de Câmara de Lobos, Outubro 2011. Vol. II, nº 6 (2º semestre 2011).

SARMENTO, Tenente-coronel Alberto Artur. *Freguesias da Madeira*. 2.ª ed., Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo, 1953.

VIEIRA, Alberto. *A Madeira na rota dos Descobrimentos e expansão Atlântica*. Lisboa, 1988.

VIEIRA, Alberto (coordenação, com colaboração de Abel Soares Fernandes, Emanuel Janes e Gabriel Pita), *História e autonomia da Madeira*, Funchal: SER, 2001.

História da Madeira (1420-1566). 7 vols., Funchal: Secretaria Regional da Educação, Juventude e Emprego, 1989.

MONOGRAFIA

CARITA, Rui. *Vila de Câmara de Lobos: Centro Regional de Cultura*. Funchal: Cine Forum, 1983. Visitas guiadas; 4. Coord. e apoio da Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

LEITE, Luís Emanuel Melo. *Os Lugares da Povoação*. Povoação: Câmara Municipal da Povoação, 2004.

LOURENÇO, Luciano de. *Paisagens de socacos e riscos naturais em vales do Rio Alva*. Coimbra: NICIF - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006. p. 39-122.

MONTEREY, Guido de. *Câmara de Lobos (Ilha da Madeira)*. s.i.: Edição do autor, imp. 1976.

MONTEREY, Guido de. *Duas Ilhas em Contraste: Madeira e Porto Santo*. s.i.: s.n., 1974.

PAISAGISMO

CULLEN, Gordon; trad. de CORREIA, Isabel e MACEDO, Carlos. *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70, imp. 1996.

MATOS, Rute Sousa; orientação: CARAPINHA, Aurora. *A Reinvenção da Multifuncionalidade da Paisagem em Espaço Urbano: Reflexões*. Évora, 2010.

QUINTAL, Raimundo. *Levadas da Madeira: Caminhos da Água, Caminhos de Descoberta da Natureza*. s.i.: s.n., s.d..

URBANISMO

ARAGÃO, António. "Alguns Tópicos Para a Classificação Urbanística da Madeira", *Revista Ilenha* nº9, Julho-Dezembro, 1991.

CRUZ, Maria Alfreda. "Caminha. Evolução e estrutura duma antiga vila portuária.", *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa. Vol. II, nº 3 (1967). p. 77-153.

MADEIRA da SILVA, Maria Teresa Marques. *As Cidades das Ilhas Atlânticas de Origem Portuguesa e a Transferências de Modelos Urbanos do Continente Europeu*. em <http://www.anpur.org.br/>. Consult. fev. 2014.

PASSOS, José Manuel da Silva. *O bilhete postal ilustrado e a história urbana do arquipélago da Madeira*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

RODRIGUES, Maria I. V.; orientação: DOMINGUES, Álvaro. *Rabo de peixe: sociedade e forma urbana*. Porto: FAUP, 2012.

ROSSA, Walter. *A cidade portuguesa*. Em PEREIRA, Paulo. *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 1995.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

ARQUITECTURA

<http://www.monumentos.pt/>

<http://www.ultimasreportagens.com/madeira/teste%20l.htm>

GEOGRAFIA E CARTOGRAFIA

<http://madeira-gentes-lugares.blogspot.pt/2007/04/madeira-arquipelago-geografia.html>

<http://munwebgis.municipia.pt/geocid/viewer.aspx?serviceName=pdm>

<http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/bibliopac.htm>

<http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/newlayout.php?mode=imagebank>

<http://www.exercito.pt/Paginas/default.aspx>

<https://www.flickr.com/search/?q=madeira%2C%20British%20Library>

www.geocidmadeira.com

GERAL

<http://commons.wikimedia.org/>

<http://nesos.madeira-edu.pt/login/>

<https://pt.wikipedia.org/>

<http://rodcosta.blogspot.pt/>

<http://snig.igeo.pt/>

<http://www.zki.dlr.de/map/l304>

HISTÓRIA E CULTURA

<http://arquivohistoricomadeira.blogspot.pt/2009/03/cronologia-dos-acontecimentos.html>

<http://digitarq.arquivos.pt/>

<http://iga.igserv.pt/recursos-hidricos.html>

<http://madeira-gentes-lugares.blogspot.pt/2007/04/madeira-arquipelago-geografia.html>

<http://www.cm-camaradelobos.pt/>

<http://www.concelhodecamaradelobos.com/>

<http://www.fregestreitodecamaradelobos.pt/>

<http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>

<http://www.jf-curraldasfreiras.pt/>

<http://www.madeirarural.com/pt/freguesia-jardim-serra/>

<http://www.sra.pt/PRODERAM/index.php>

PAISAGISMO

<http://interior-novosterritorios.blogspot.pt/2012/02/aurora-carapinha-e-antonio-jimenez.html>

<http://ipsilon.publico.pt/artes/>

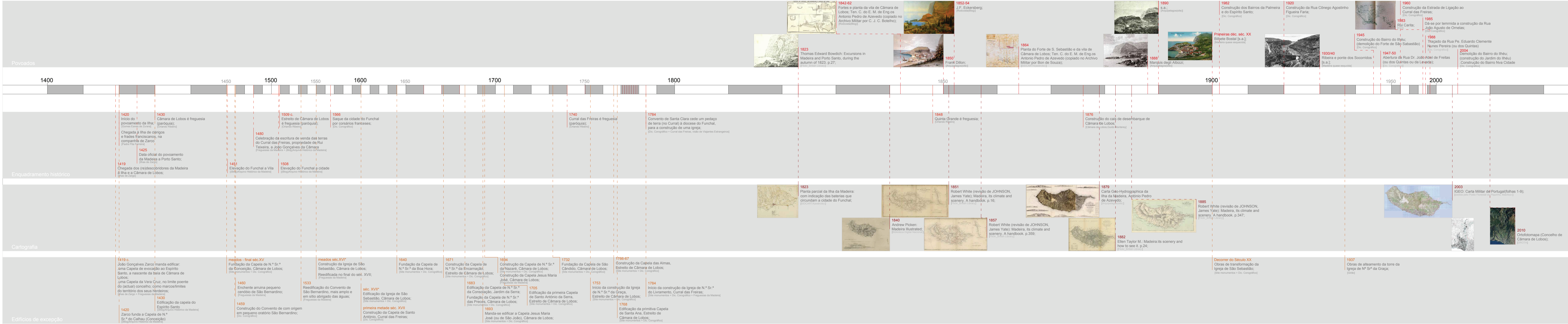
<http://voltaparafuso.blogspot>

<http://www.correiodoportop.pt/cultura>

ANEXOS

ANEXO I

CRONOLOGIA



Ilhas de Zargo- PEREIRA, Eduardo. C.N.L. *Ilhas de Zargo*.1940.

Freguesias de Madeira- SARMENTO, Tenente-coronel Alberto Artur. *Freguesias da Madeira*. 2.ª ed, Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo, 1953.

Site monumentos- SIPA (<http://www.monumentos.pt/>)

Dic. Corográfico- <http://www.concelhodecamadelobos.com/>

Câmara de Lobos, Guido Monterey- MONTEREY, Guido de. *Câmara de Lobos* (Ilha da Madeira).1976.

Rui Cárita- CARITA, Rui. *Vila de Câmara de Lobos/Centro Regional de Cultura*. 1983.

Orlando Ribeiro- RIBEIRO, Orlando. *A Ilha da Madeira até Meados do Século XX: Estudo Geográfico*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1985.

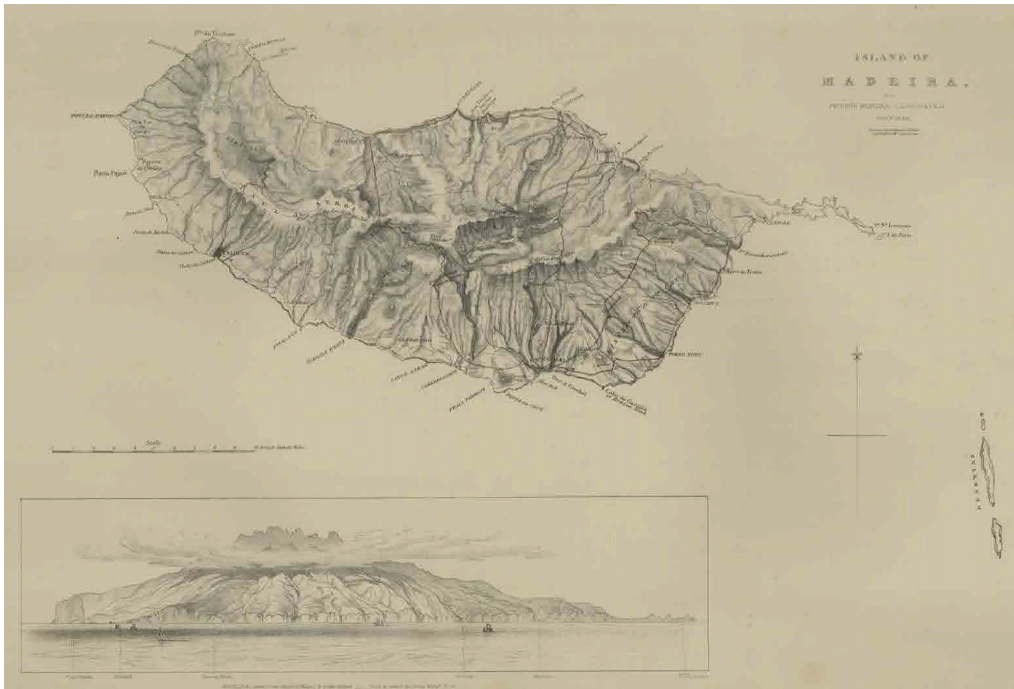
Padre Pita Ferreira- FERREIRA, Padre Pita. "Notas para a História da Ilha da Madeira: descoberta e início do povoamento", *Das Artes e da História da Madeira*. Funchal. Vol. IV, nº 22 (1956).

Curral das Freiras, visão de visitantes estrangeiros- ARAGÃO, António, *A Madeira Vista por Estrangeiros: 1455-1700*. Funchal: SREC-DRAC, 1981.

Madeira Quase Esquecida- <http://www.ilhas.org/madeira-quase-esquecida/>
SIDCARTA(exército)- <http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/>

ANEXO II

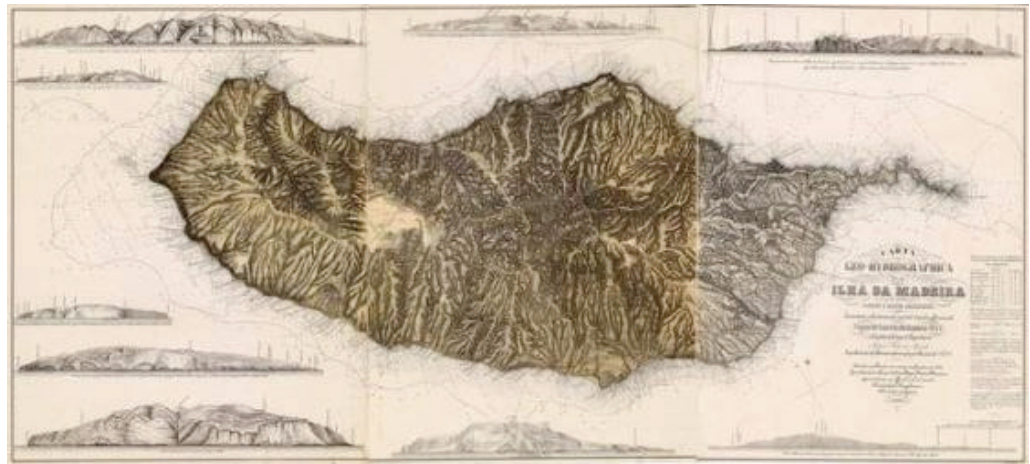
CARTOGRAFIA (de apoio)



Em PICKENS, Andrew. *Madeira Illustrated by Andrew Picken, with a description of the Island*. Edição de Dr James Macaulay, M. A., 1840.



Em HARCOURT, Edward Vernon. *A Sketch of Madeira; containing information for the traveller, or invalid visitor*, 1851. p.171



Carta Geo-Hydrographica da Ilha da Madeira, António Pedro de Azevedo, 1879.
Em <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/newlayout.php?mode=imagebank>



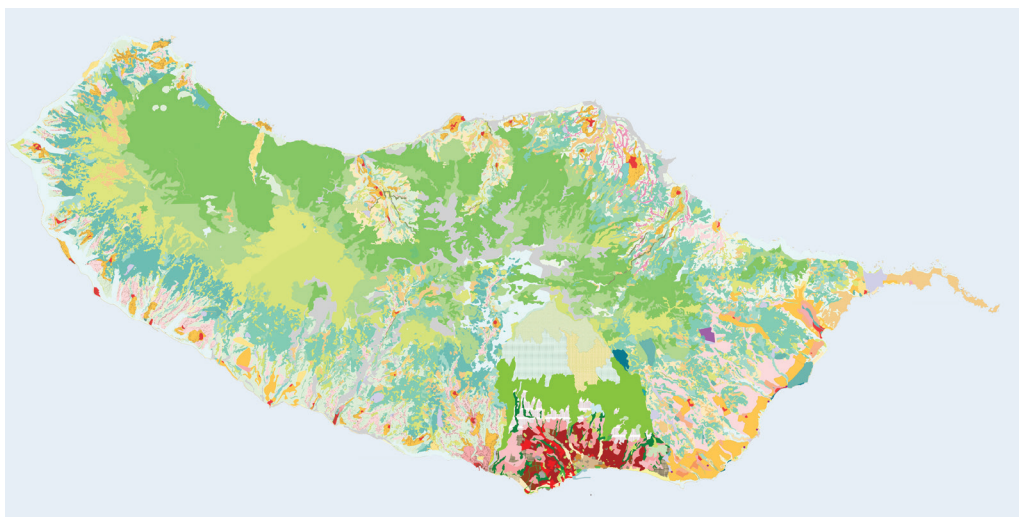
Carta Geo-Hydrographica da Ilha da Madeira, António Pedro de Azevedo, 1879.
Em TAYLOR Ellen M. *Madeira: its scenery and how to see it*. London 1882. p.24. (fonte: <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/newlayout.php?mode=imagebank>).



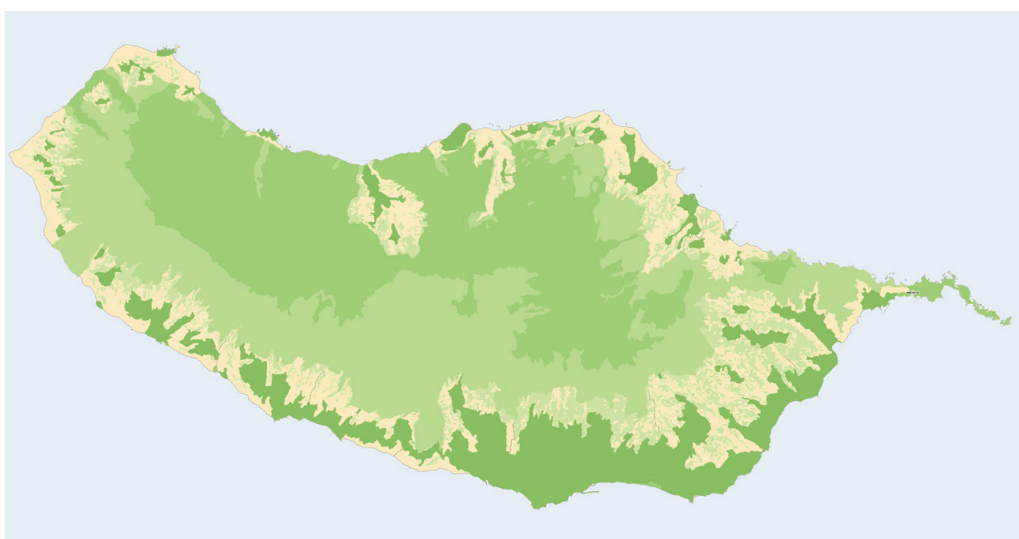
Digitalização de: IGEO, Instituto Geográfico do Exército – *Carta Militar de Portugal: Arquipélago da Madeira* – Folhas de n.º1 a n.º14 (1:25 000), Lisboa, 2003.



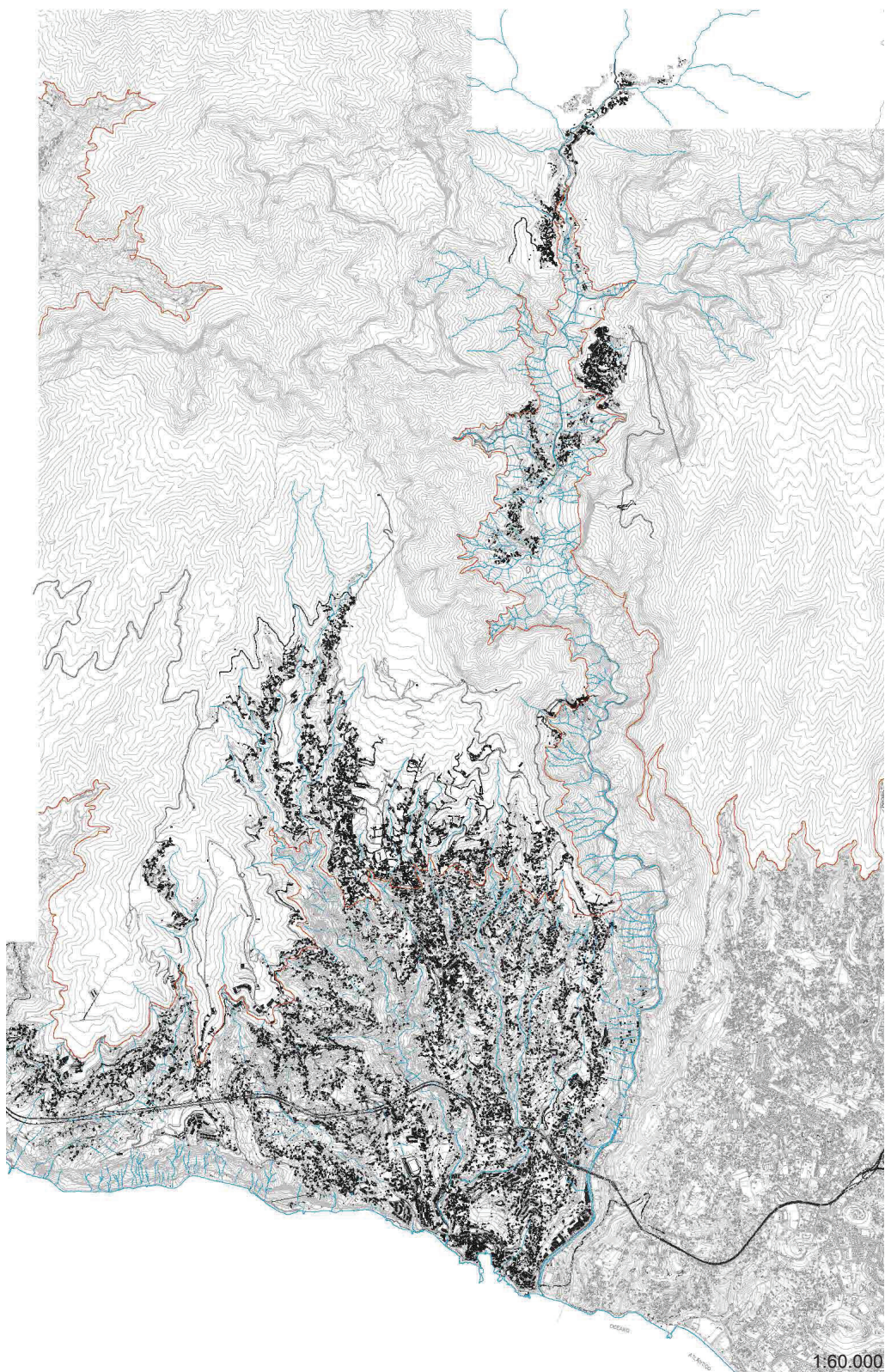
Planta de Terreno, em Google Maps (<https://www.google.pt/maps/>)



Planta de ordenamento do território.
Em <http://mapas.geocidmadeira.com/Viewer.aspx?servicename=pdm>.



Planta de uso do solo.
Em <http://mapas.geocidmadeira.com/Viewer.aspx?servicename=roteiro>



Cartografia, 2007.

Desenho da Autora (com base em Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*).



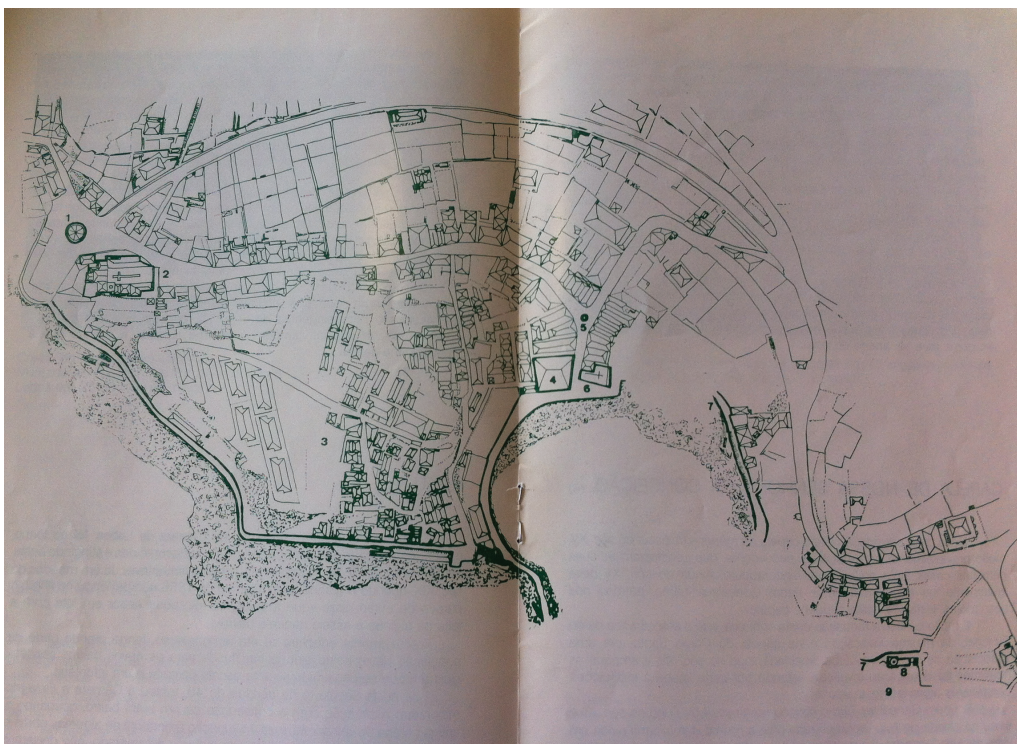
1:60.000

Ortofotomapa, 2003.

Informação Geográfica cedida pela Direcção Regional do Ordenamento do Território e Ambiente*

ANEXO III

POVOADOS



Planta da Baixa da Vila de Câmara de Lobos.

Em CARITA, Rui. *Vila de Câmara de Lobos/Centro Regional de Cultura*. Funchal: Cine Forum, 1983.



Câmara de Lobos, 1890.

Em <http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/newlayout.php?mode=imagebank>

ANEXO IV

ARGUÊNCIA

Introdução

Tratando-se este de um trabalho que marca o fim de um ciclo académico, fazia sentido, para mim, que refletisse o meu “eu” arquitecta e o meu “eu” enquanto pessoa. Assim, tendo em conta que o ambicionado era um estudo que reflectisse sobre as formas de assentamento na Ilha da Madeira, optou-se por escolher dois lugares com diferentes características geográficas e, portanto, com tipos de vivências e ocupação espacial distintas: ou seja, Câmara de Lobos, no litoral e Curral das Freiras, no interior da Ilha. Estes pertencem ao concelho de Câmara de Lobos que, desenvolvendo-se essencialmente no sentido Sul-Norte, se localiza numa faixa central do território Madeirense. Por sua vez, estes núcleos relacionam-se através de um circuito que engloba relações visuais, de alinhamento e, principalmente, por meio de percursos.

Câmara de Lobos situado numa pequena baía natural onde, em cerca de 1430, se fixou um dos primeiros núcleos de povoação da Ilha da Madeira; dispõe de características muito próprias, quer a nível espacial, quer a nível da cultura local própria da sua comunidade piscatória.

Curral das Freiras corresponde a um momento especial e de excepção no território madeirense: encontrando-se assente no interior da Ilha e inserido num vale conformado pelo maciço montanhoso central e pelos picos mais altos; Curral das Freiras ganha a configuração de uma cratera vulcânica, achando-se, assim e desde sempre, votado a um certo grau de isolamento — pelo que adquiriu vivências de cariz marcadamente serrano.

Por sua vez, o estudo dos assentamentos e povoados da Ilha requer uma leitura da sua evolução no espaço e no tempo, pelo que o objecto de estudo desta dissertação recaiu sobre aquelas que afiguram umas das linhas de profusão no território madeirense, aquando do seu processo de colonização e expansão territorial. Partindo da baía de Câmara de Lobos até à cratera do Curral, estas linhas são demarcadas por levadas e veredas, sobre lombos e poios (por entre picos) e sob a alçada de fachos. Apoiados nestas linhas que ligam a costa sul ao interior da Ilha, estão outros lugares como o Estreito de Câmara de Lobos e o Jardim da Serra.

Neste trabalho, a arquitectura madeirense na sua relação com o território — ou seja, essencialmente dispersa ou em cordões de estrutura aproximadamente linear — é tabuleiro de estudo sobre a paisagem domada, constituindo um vínculo de ligação entre Homem e Natureza. Faz-se, portanto, uma análise da paisagem e o estudo dos lugares, dos seus tecidos e das suas diferentes dinâmicas no espaço e no tempo, em paralelo com as vivências e usos que se foi dando ao território.

Desta feita, esta apresentação pauta-se por uma aproximação gradual ao objecto de estudo, partindo do geral para o particular e procurando abarcar todas as escalas de e com influência neste. Assim, começa-se com uma abordagem ao território de influência e inserção das linhas de profusão, sua paisagem e estrutura; em seguida, faz-se uma

breve leitura dos povoados e sua evolução no espaço e no tempo; concluindo-se com a enunciação de alguns aspectos característicos do edificado aqui presente.

Território

No estudo deste território, viu-se premente analisar e perceber a ou as paisagens que o conformam, e acabou-se por sectorizá-las em: paisagens inseridas em meio urbano; paisagens inseridas em meio rural e paisagens inseridas em meio serrano. Estas diferenciam-se essencialmente: pela sua posição no território, pela sua proximidade ou afastamento em relação aos núcleos centrais ou históricos; pelas actividades e vivências predominantes; e pela densidade de edificado de cada trecho do território.

Por sua vez, já se fez várias vezes referência a esta como uma leitura do espaço no tempo, exactamente porque o espaço que temos, que vivemos hoje é indissociável do seu passado e da sua História. Faz-se, portanto, uma breve passagem pela História deste território. Não no seu sentido lato, mas sim de forma a compreender a carga genética da porção de território em estudo. Assim, nesta dissertação fala-se de uma leitura do território, no tempo, e da presença do Homem neste, para que se compreenda o espírito do lugar.

Posto isto, temos que: O povoamento deste território insular foi iniciado do litoral para o interior, numa sucessão de fases de expansão e desenvolvimento. Por sua vez, os seus colonos vieram essencialmente: do Algarve e do Alentejo, para a costa sul; e de Entre-o-Douro-e-Minho, para a costa norte; Estes viram-se num território virgem, pelo que se depararam com a necessidade de escolher os melhores sítios para fixação. Nessa selecção, os lugares que resultaram nos pontos de eleição para a fixação de povoados detinham: condições favoráveis à aportagem (uma vez que o sistema de cabotagem era o principal meio de relação entre-povoações); enseadas e/ou vales de fácil acesso e propícios ao assentamento; e, mais importante, proximidade a linhas de água potável.

Por outro lado, as condições orográficas da Ilha acabaram por condicionar desde logo, as formas dos assentamentos e seu edificado, bem como as funções aí a desempenhar. Assim: junto à linha da costa e nas afluentes das ribeiras, os povoados fazem-se por aglomeração, geralmente à volta de um determinado ponto/ou porto de aportagem; no cimo dos lombos e lombadas, ganham a forma de cordões de estrutura aproximadamente linear, com os seus núcleos centrais a desenvolverem-se à volta de edifícios religiosos associados a quintas e fazendas. Em geral, os assentamentos são de carácter um tanto ou canto disperso e formam (no seu todo) uma espécie de cintura que rodeia quase a totalidade do perímetro da Ilha; contudo, é na costa sul, com melhores condições climáticas e orográficas, que se verifica uma maior densidade urbana e, portanto, demográfica.

Do mesmo modo, foi-se sentido a necessidade de trabalhar os componentes naturais deste território de forma a adaptá-los às actividades do Homem; e é aqui que ganham destaque elementos como os fachos, os poios, as levadas e as veredas. Estes fazem parte integrante da cultura e paisagem locais; contudo a sua importância recai sobre o facto de conformarem a cicatriz ou a matriz de estruturação e organização do território madeirense, para além de serem relevantes meios de apropriação do espaço domésticos.

Os fachos, pertencentes a um sistema de vigilância da costa, eram fixados em pontos estratégicos de onde se via e era-se visto de uma vasta área de território; ao mesmo tempo, encontravam-se sobranceiros aos povoados considerados de grande importância económico-social – como, aliás o anuncia o caso de Câmara de Lobos, sob a alçada do seu Pico do Facho.

Os poios, consequentes da necessidade de tornar cultivável o terreno antes rochoso e instável; são dispostos em ingremes escadarias de pequenos tabuleiros aráveis, o que resulta numa enorme paisagem cultural que se estende sobre achadas, lombos, fajãs e arribas. Estes são importantes elementos estruturantes do território porque, para além das suas “funções” atribuídas à actividade agrícola, também correspondem a um relevante meio de contenção de terras, evitando desmoronamentos e enxurradas. Assim, a estratificação do território em terraços aráveis, permitiu que o madeirense conseguisse alcançar e fixar-se em zonas antes instáveis, pelo que se percebe que, o seu principal papel na disposição do território prende-se com o facto de servirem de palco de recepção das actividades e vivências do Homem; tal como das suas edificações.

As levadas e veredas, estruturas lineares, detêm um papel marcante na distribuição e mobilidade madeirenses. As primeiras, canais de transporte de água, fazem-na chegar aos sítios onde escasseia e aos terrenos agrícolas. As segundas, caminhos de pé-posto, correspondem à mais antiga e primitiva rede viária da Ilha, fazendo-se deslocar através delas: pessoas, informações, bens, etc.. Estes dois elementos serpenteiam por todo o território insular, entre lombos, vales e picos, ganhando distintas formas e dimensões. As levadas, para além da utilização agrícola, também abastecem (ou abasteciam) muitas habitações e actividades domésticas.

Povoados – evolução no espaço e no tempo **Câmara de Lobos**

Inserido num ponto do território com claras características que se adivinhavam favoráveis às actividades marítimas, o povoado de Câmara de Lobos cedo abarcou um porto e um núcleo piscatório. Para tal, contribuíram:

.primeiro, as relações de orientação por reconhecimento visual – isto é, o maciço central da Ilha, devido ao seu carácter montanhoso e à sua elevada altitude, torna-se um importante ponto de referência para a navegação marítima; A sua associação a outros pontos do território permite, por meio de relações visuais, um claro posicionamento das embarcações e localização dos portos de aportagem.

.depois, a pequena enseada onde é possível aportar, carregar e descarregar as embarcações de forma segura;

.por fim, o pequeno anfiteatro de declive pouco acentuando; que permite o assentamento dos edifícios de apoio à navegação e de habitação dos pescadores;

Inserido em meio urbano, este povoado terá partido de uma estrutura linear – à semelhança do que se verificou nas outras cidades atlânticas de origem portuguesa que, segundo alguns autores: devem os seus primórdios à fixação de dois ou mais núcleos;

e por uma via, por um caminho que os unia. Esta via, mais tarde, terá servido de base à definição das suas malhas urbanas. Em Câmara de Lobos esse eixo corresponde à rua Direita ou de João de Deus e ainda detém uma relevância e centralidade que lhe conferem um papel central na actual estrutura do núcleo.

Segundo o Sargente-Mor Paulo Dias de Almeida, no séc. XIX(19) Câmara de Lobos, deteria o único porto existente a poente do Funchal e seria um dos lugares mais bem povoados e mais próximo da referida cidade. Assim, vê-se justificada a sua elevação a cidade e sede de concelho em 1835. No decorrer deste século, presenciou-se alterações significativas que poderão ter estado na origem desta elevação, como: a finalização da construção da Estrada Monumental; e a realização de importantes obras de melhoramento na Vila(no sítio da Vila), nas quais se verificaram preocupações com a canalização e fornecimento de água potável. Por esta altura, também se vêem manifestados os primeiros relatos de indignação relativos às condições em que a comunidade pesqueira do Ilhéu vivia.

No decorrer do séc. XX(20), a Vila ganhou, praticamente, toda a configuração que apresenta actualmente. É, neste século, portanto, que decorrem as maiores transformações deste povoado, passando a deixar de ser visto, sentido como um lugar rural. As principais alterações que levaram a essa transição, prendem-se com: a abertura das ruas Eduardo Clemente Nunes Pereira e Dr. João Abel de Freitas, coincidentes com as antigas levadas de irrigação dos quintais, plantações e engenhos da Vila; Por sua vez, em 1945, procede-se à construção do bairro do Ilhéu no local onde, até então, se encontrava instalado o forte de São Sebastião. Por essa altura, acreditava-se que, assim, resolvia-se grande parte dos problemas associados a este núcleo de pescadores – o que acabou por não se verificar, resultando na sua demolição em 2004, para a construção de um Jardim.

Posto isto, é possível identificar na actual estrutura da Vila de Câmara de Lobos, três tipos de assentamento, relativos a três épocas distintas e associados a três modos de vida diferentes: no Bairro dos Pescadores – com a sua configuração que possivelmente remonta ao séc. XV e com as suas ruas apertadas; na rua Direita, com o edificado disposto linearmente e de forma continua, onde ainda se sente a sua centralidade no dia-a-dia dos locais e visitantes; e nas ruas do séc. XX, já com a presença de edifícios de habitação colectiva e de serviços terciários.

Linhas de profusão – Estreito e Jardim da Serra

No decorrer deste trabalho, cedo se percebeu que a conformação do lombo, onde se inserem os núcleos centrais do Estreito de Câmara de Lobos e do Jardim da Serra, detém uma relevante importância na estrutura da malha e forma urbana desta porção do território. Uma vez que os lombos e lombadas são pequenas elevações do território com declive relativamente pouco acentuado e que, regra geral, seguem do interior da Ilha para o litoral; estes acabaram por surgir como lugares de eleição para o traçado de eixos viários e para a fixação de edificado – dando-se, assim, origem aos cordões de estrutura aproximadamente linear. Por sua vez, a definição ou proliferação

dos núcleos centrais destas estruturas, deveu-se a vários factores:

O núcleo do Estreito de Câmara de Lobos, data de 1509 e foi um dos primeiros a fixar-se no interior do território madeirense. Acredita-se que deve a sua origem à existência de um pequeno curato com sede numa pequena capela, o que é plausível, uma vez que defende-se que na capitania de Zarco (onde se insere este núcleo), os povoados surgiram devido à fixação de capelas à volta das quais se formou um aglomerado. Por sua vez, um fator que decerto contribuiu para o alcança da sua centralidade é o de se encontrar nas imediações de um dos principais eixos da antiga rede viária madeirense – a estrada real 25. Acredita-se, portanto, que a origem deste núcleo deveu-se à conjugação destes três elementos: uma posição estratégica no território; um edifício religioso que congregou um aglomerado; e um eixo viário com grande importância na estrutura e estruturação do território. Este é conformado por uma estrutura radial, tendo como ponto central a Igreja de Nossa Senhora da Graça.

O Jardim da Serra só surgiu como freguesia no ano de 1996, pelo que a sua criação dista cerca de 500 anos da do Estreito. Esta diferença temporal também se faz sentir na sua estrutura e génese especial pois, apesar de os seus princípios de origem serem idênticos, acabaram por ter configurações espaciais muito distintas. Desenvolvido a partir de um ponto de confluência de dois importantes eixos que fazem a ligação com o restante território – ou seja, a estrada real 25 e o eixo de ligação com o Estreito –, esta freguesia viu o seu núcleo central situado junto à antiga igreja da paróquia de São Tiago.

Posto isto, diria que nestes povoados, as vias de comunicação têm um papel fundamental na origem, fixação e organização de um núcleo.

Ainda no que toca aos eixos viários, a sua primitiva rede ou estrutura também terá tido importância numa escala mais geral, uma vez que quer fazendo a ligação entre povoados litorais, quer ligando as costas norte e sul; acabaram por, na convergência com outros aspectos, dar origem a assentamentos mais ou menos lineares, dispersos e centrais. É aqui, que entra a importância das linhas de profusão no território em estudo, pois correspondem ou abarcam eixos viários que partindo da baía de Câmara de Lobos, seguem até à costa norte, tendo como ponto de paragem o vale, a cratera onde se fixou o Curral das Freiras e passando sobre o lombo/ou lombos onde se fixaram os núcleos centrais do Estreito de Câmara de Lobos e do Jardim da Serra.

Observa-se, por sua vez, que os vários aglomerados que ocupam a cratera do Curral se fixaram nas imediações ou no seguimento destes eixos.

Curral das Freiras

Primeiramente este povoado terá tipo apenas o nome de Curral ou Curral da Serra pois acredita-se que a sua origem tenha sido determinada por este ser, inicialmente, um vasto centro de pastagens, frequentado unicamente por pastores com vida semi-nómada. Contudo, o seu carácter esconso despoleta uma sensação de proteção e envolvência, pelo que acabou por servir de lugar de abrigo para escravos e foragidos que formaram um pequeno núcleo populacional de habitação permanente e no final do

século XV já estava, legalmente constituído o lugar do Curral. Ainda no final do séc. XV passa a pertencer às freiras do Convento de Santa Clara(no Funchal), daí a sua actual denominação: o Curral das Freiras. Posto isto, votado ao isolamento imposto pelas muralhas de montanhas que o rodeiam, este núcleo inseriu-se, desde logo, num contexto serrano, tendo na agricultura o seu principal meio de subsistência.

Assim, é compreensível que a sua estruturação agrícola tenha um papel fundamental na sua organização espacial. Desta forma, veredas, levadas e poios têm aqui, mais do que nos restantes povoados, um papel fundamental na matriz do lugar. Este aspecto foi especialmente sentido, quando se fez uma tentativa de reconstituição da estrutura do Curral nos séculos XIX(19) e XX, contudo também se faz sentir actualmente. Como se vê nas imagens...

Edificado

Neste trabalho, a análise do edificado não pretende ser exaustiva nem tão pouco procura encontrar tipos ou tipologias. Para o estudo que aqui se apresenta, é importante perceber a forma como os madeirenses foram pejando o território com as suas edificações e qual a relação destas com os sítios onde se inserem.

No que toca aos edifícios religiosos e à sua relação com o território onde se inserem, depreendem-se os seguintes aspectos:

- .situam-se maioritariamente, na área de influência da principal rede de estradas de até o século XIX;

- .acompanham o movimento do lombo ou dos lombos onde se inserem os núcleos centrais do Estreito e Jardim da Serra e, conseqüentemente, das linhas de profusão nesta faixa de território;

- .as Igrejas existentes por entre lombos, conformam uma espécie de coroa, uma linha de poder que impõe o seu domínio sobre o território de sua influência e, ao mesmo tempo, abre-se para este, acolhendo-o no seu seio;

- .por sua vez, tanto as igrejas como as capelas são importantes pontos de confluência de pessoas e serviços, pelo que, juntamente com os seus adros, ganham um papel central na estruturação do território.

No que concerne ao edificado, tal como as formas de assentamento, no litoral, nos lombos e na serra vão ganhando configurações e espacialidades distintas, mantendo contudo algumas relações na forma como se relacionam com o território. Assim no litoral destacam-se: as casas de colmo que existiu em tempos no Ilhéu; e as casas de duas frentes; cujas configurações remontam, possivelmente, aos primórdios da colonização e à herança cultural dos colonizadores. Por sua vez, um pouco por todo o território, temos elementos como: as torres de ver o mar, as casas de prazer e os balcões. Estes destinam-se todos a actividades, essencialmente de lazer como olhar para o mar e/ou paisagem, ler, tomar chá, conversar... e encontram-se em estreita relação de observação e usufruto do território. As habitações em meio rural e serrano diferenciam-se segundo a sua proximidade e posição em relação aos eixos viários, e têm a vivência dos espaços

exteriores – os jardins, terraços, balcões, hortas – como fundamentais no seu dia-a-dia. Tem-se ainda, os palheiros de apoio às actividades agrícolas e pastorícias, cuja estrutura e espacialidade rudimentares apontam as características das primeiras edificações existentes neste território; estes também procuram uma maximização de espaço e economia de recursos, pelo que se adossam aos muros dos poios ou a formações rochosas.

Considerações finais

Esta trata-se de uma pequena análise, cujas premissas teriam muitos mais aspectos a explorar. Ainda assim, este tipo de estudo ganha relevante importância no processo de aprendizagem de um arquitecto, na medida em que forma o seu olhar e informa os seus projectos. Contudo, tenho plena consciência de que este corresponde a apenas mais um pequeno passo no longo percurso e processo de aprendizagem que ainda me espera.

Por outro lado, a sistematização deste tipo de treino (ou de estudo prévio) traria muitas mais-valias para o campo da arquitectura (e urbanismo), uma vez que permitiria, por exemplo, que houvessem menos situações de ruptura dos sistemas sociais e dos tipos de vivências das populações.

Por fim, é importante referir que, apesar de se ter utilizado este excerto de território como forma, meio de compreensão do seu todo, a verdade é que Câmara de Lobos não pode ser tido como representativo dos núcleos de pescadores madeirenses, nem Curral das Freiras modelo de povoados serranos – uma vez que o carácter de cada povoação depende, antes de mais, do sítio onde se implanta e a costa madeirense é tudo menos regular, tal como a cratera do Curral corresponde a um momento especial, singular deste território.

Fábia Freitas

23 de Julho de 2014

